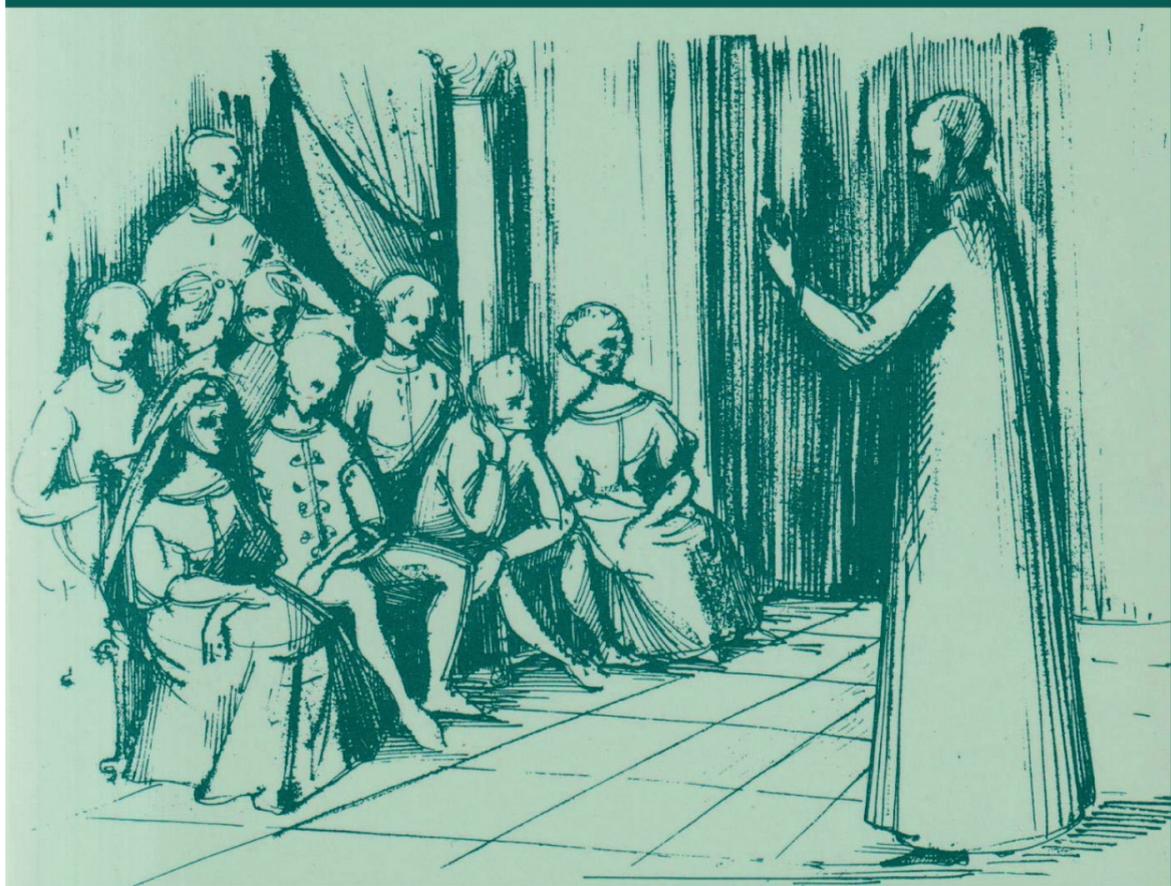
Antonio M. Gentili
Giovanni M. Scalese

PRONTUÁRIO PARA O ESPÍRITO

Ensinamentos ascético-místicos de Santo Antônio Maria Zaccaria

Antonio M. Gentili
Giovanni Scalese

PRONTUÁRIO PARA O ESPÍRITO

Ensinamentos ascético-místicos de Santo Antônio Maria Zaccaria

GENTILI, Antonio M. e SCALESE, Giovanni M., *Prontuário para o espírito.* Tradução de Pe. Hilário Passero sdb, São Paulo 1997.
Revisão da tradução e inserção dos textos de Santo Antônio Maria Zaccaria por Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP, Rio de Janeiro 2021/22. Revisão de parte da obra por Pe. Victor Baderacchi CRSP, São Paulo 2021/22/23.

ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA

AOS LEITORES

Esta é uma obra produzida para comemorar o centenário de canonização de Santo Antônio Maria Zaccaria (1897- 27 de maio = 1997) e publicada pela "Editrice Ancora" de Milão (Itália) em 1994. Foi traduzida pelo salesiano Pe. Hilário Passero em 1997, em São Paulo (SP) e só agora nos enchemos de coragem para tocar esta obra de espiritualidade importantíssima para nós, família zaccariana.

Antes tarde do que ninca, diz a mãxima popular. Que seja de proveito para todos nós, veteranos, gente de meia idade e, sobretudo, para as novas gerações de Barnabitas, Angélicas e Leigos de São Paulo. Afinal, ainda padecemos de uma certa crise de identidade congregacional e essa obra vai ajudar a encontrar, reencontrar e firmar esta mesma identidade para benefício de todos.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2021

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Perira CRSP

Aos Barnabitas e às Angélicas
que, em comunhão com os Leigos de São Paulo
e voltados para o Terceiro Milênio,
celebram o Centenário da Canonização
de Santo Antônio Maria Zaccaria,
para que tornem a descobrir a verdade
e a eficácia dos ensinamentos do Pai:
"Não lhes escrevi palavra alguma
que não tenha em si algo de especial.
Se o encontrarem, penso que lhes será
extremamente útil e de grande proveito».
(11109)

APRESENTAÇÃO

A Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo degolado, ou Barnabitas, percebeu desde sempre, pode-se dizer, com viva atenção e sensibilidade, a exigência de cultivar a própria memória histórica. É testemunha disso o zelo com que se conservou, ordenou e abriu aos estudiosos o Arquivo da Cúria Geral e se promoveu a atividade de pesquisa que a Ordem desenvolveu no decorrer dos anos. Merecem, no entanto, ser lembradas algumas iniciativas recentes, porque revelam a consciência viva nos Barnabitas, de que voltar a abastecer-se continuamente nas próprias origens é operação necessária. Necessária e vital.

Devemos assinalar antes de mais nada a edição dos
Escritos do Fundador, Santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539). Das Cartas e das Constituições não existe ainda uma edição crítica, mas há sim uma boa edição de ambos os textos na «Collana di spiritualità barnabítica» (Le Lettere, Bologna 1952; Le Costituzioni, Bologna 1954). Dos Sermões temos, entretanto, além da edição bolonhesa de 1952, também a edição crítica feita pelos Padres Giuseppe M. Cagni e Franco M. Ghilardotti, publicada no *Archivio italiano per la storia della pietà* de Giuseppe de Luca (Roma 1959, pp. 231-284). Tais escritos foram retomados na edição organizada pelo saudoso P. Virgínio M. Colciago, em 1975 (esgotada) e que, para as Cartas, foi substituída por uma edição em língua italiana moderna, publicada nesta mesma coleção em 1991.

Devemos ainda lembrar a série dos «*Quaderni di vita barnabitica*» (o primeiro foi publicado em 1972 e o oitavo e último em 1989), voltada para a vida e a espiritualidade de Zaccaria. Devemos, enfim, assinalar a constituição de um *Centro Studi*, em Roma, que iniciou em 1984 a revista «*Barnabiti studi*», com feição rigorosamente científica.

É neste quadro de vivo interesse pelas próprias origens e pela própria história que se situa o léxico preparado pelo Pe. Antônio M. Gentili, do já referido Centro Studi e autor de valiosas obras de his-

tória barnabítica e de espiritualidade, e pelo Pe. Giovanni M. Scalese, que já procedeu a pesquisas estimulantes sobre a doutrina do Fundador, publicadas nos «Quaderni» mencionados na página anterior. Esses dois autores colheram as palavras mais importantes usadas por Zaccaria em seus Escritos e esclareceram o seu significado mediante análise semântica, o contexto em que aparecem e suas fontes. Os vocábulos recuperam sua vitalidade, ressoam, ecoam, revelam uma história. Oferecendo repertório agradavelmente lexicográfico, Gentili e Scalese se propuseram a nos oferecer um instrumento útil para a leitura de textos, facilitando assim a abordagem da doutrina espiritual do Santo.

Distinguem-se neste léxico algumas palavras chave, nas quais se condensam, mais que em outras, os núcleos da espiritualidade de Zaccaria. Pensemos, para dar um exemplo, no binômio «tibieza-fervor» qu assume em Zaccaria uma importância intensa e constante. «Tibieza» é apatia, falta de transparência, contentar-se com pouco, nas coisas do espírito. Por isso, o Santo a chamou de «*peste*» (**cf. 10502**) . Ao tíbio, que vive de maneira desleixada e ambígua entre o Céu e o Inferno, contrapõe-se o «fervoroso». «Fervor» não significa «doce enlevo exterior»; é devoção verdadeira, «*vontade pronta nas coisas de Deus*». Para a «*renovação do fervor cristão*» Zaccaria fundou a Congregação dos Barnabitas, das Angélicas e também a dos Leigos de São Paulo, chamados nas origens «Maritati», «Coniugati» («Casados»). A «tibieza» é a «*maior inimiga de Jesus Crucificado*» (**cf. 10502**). Deve, por isso, ser destruída. A imitação do Crucificado e se conformar a Ele constituem o coração da espiritualidade zaccariana e o fim principal da Congregação paulina por ele fundada. O «caminho da Cruz» é outra palavra chave com que nos deparamos nestas páginas e leva ao essencial.

O «fervor» deve ser reavivado e aumentado mediante forte esforço ascético, o qual significa abnegação da própria vontade e desapego dos bens materiais. A espiritualidade de Zaccaria caracteriza-se por uma dimensão ascética austera que tende a arrancar pela raiz os vícios capitais, a debelar o amor próprio, a «refrear a língua», a «divagação

mental», a «curiosidade», a «dissipação». Zaccaria fala de mente «errática» que é preciso disciplinar com a prática da oração mental (veja-se o tema sobre a «Estabilidade da mente»).

Os autores explicaram não só o significado das palavras e relativas variedades semânticas. Perscrutaram também o seu interior, isto é, as fontes de onde as palavras se originam. Um trabalho levado a termo com escrúpulo, que nos permite inserir Antônio Maria no rol de uma rica tradição cultural da qual ele se nutre e vive. A esta tradição confluem vários filões: antes de mais nada, o filão bíblico, matriz de linguagens e figuras. As Constiauções recomendam com vigor o estudo da Sagrada Escritura: «*Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la, de modo a sondar e revelar seu sentido mais oculto, principalmente aquele que é útil para a formação pessoal*» (**30802**).[1]

Ao filão escriturístico segue-se o dominicano. Todos sabemos que a formação espiritual de Zaccaria é de marca nitidamente dominicana. Foi com os frades do convento de São Domingos, em Cremona, sua cidade natal, que Antônio Maria assimilou a filosofia e a teologia tomistas. Sua vida interior foi marcada por alguns autores dominicanos, dentre os quais se distingue Frei Batista Carioni de Crema (1460-1534), que inspirou Antônio Maria, médico já formado sacerdote, a fundar os Clérigos Regulares de São Paulo. Antes do Frei Batista, deve ser lembrada Santa Catarina de Sena, cujas Cartas e Diálogo da Divina Providência ecoam no contexto dos Escritos de Zaccaria. A expressão «*luz e fogo*», por exemplo, é tomada do epistolário desta grande santa. O Crucificado concede «a luz e o fogo», isto é, a verdade e a graça indispensáveis para obedecermos ao Evangelho . Na lista dos escritores dominicanos, cuja leitura recomenda, Zaccaria cita também Bartolomeu de Bragança e Domingos Cavalca, grande inspirador da santa mística sienense, com seu Espelho da Cruz.

O filão do monaquismo oriental contribui também para os Escritos de Zaccaria, tanto o eremítico quanto o cenobítico, com autores

como João Clímaco (A Escada do Céu), as Histórias dos Santos Padres, principalmente as escritas por São Jerônimo e pelo Abade Isaque de Nínive. Deste último, fora publicado em Veneza em 1500, pelo editor Boneto Locatello, a obra *Da Perfeição da Vida Contemplativa*, à qual, com grande probabilidade, Zaccaria faz referências.

O filão franciscano, menos avultado que os demais, é representado por São Boaventura e pelo livro *Espelho da Perfeição*, em que os autores reconhecem a obra do frade menor flamengo Henrique Herp. Não esqueçamos também a calorosa admiração que Antônio Maria devotava a Francisco de Assis.

O léxico se dirige, em primeiro lugar, aos membros das três famílias paulinas, aos quais oferece ocasião vital para meditar as palavras de Zaccaria (uma espécie de ruminação, para usar termo muito caro à tradição monástica), verificando deste modo a própria identidade espiritual e a própria fidelidade à intuição original do Fundador, isto é, à própria «memória fundante». Mas também os estudiosos de história do século XVI, (ou anos Mil e Quinhentos,) e de história da espiritualidade podem achar aí fecundos estímulos de reflexão.

Máximo Marcocchi,
Universidade Católica do Sagrado Coração,
Milão, Itália

---

[1] Cf. G. M. RIZZI, Il santo Fondatore e la Bibbia, in AV. VV., S. Antonio M. Zaccaria nel 450º della morte, «Quaderni di vita barnabítica», VIII, Roma 1989, pp. 95-119.

Veja-se, além dos artigos do presente léxico, G. M. CAGNI, «Lume e foco». Risonanze cateriniane tra i Chierici regolari di s. Paolo, in «Rassegna di ascetica e mistica» 21 (1970) 417-424.

INTRODUÇÃO

Estudante de medicina em Pádua no início dos anos 20 do século XVI, Antônio Maria anotava, em um caderno de folhas em ordem alfabética, algumas definições de Filosofia que encontrava no estudo dos grandes mestres medievais. Tendo-se formado em Medicina, não exercitou a profissão e - como atestam os contemporâneos - «entregou-se à vida do espírito». Intuindo a urgência da reforma que já agitava a estrutura eclesiástica (é de 1513 o Libellus ad Leonem e de 1517 a afixação das Teses, de Lutero) e que, na parte católica desembocaria no Concílio de Trento (1546-1563), Zaccaria promoveu em Milão a instituição de um grupo reformador que incluía sacerdotes, religiosos, religiosas entregues ao apostolado. Também leigos comprometidos, na maioria casados.

Escreveu discursos ou sermões, comentando sobretudo os preceitos do Decálogo, quando ainda estava em sua cidade natal, Cremona. Animava um cenáculo de reforma chamado *Amicizia* (da Amizade). Enviou cartas com que ia tecendo os fios do seu projeto. Redigiu, enfim, Constituições para o primeiro dos nascentes institutos, embora não chegasse a promulgá-las por causa da morte prematura que lhe ceifou a existência. Não se pode excluir que ele acariciasse, também na nova condição de pai e fundador, a idéia de oferecer a seus filhos um repertório de conceitos chave, que lhes inspirassem a vida espiritual. Na verdade, a partir de 1583, foi impressa, com seu nome, uma coleção de Ditos Notáveis, dispostos segundo grandes temas e em ordem alfabética. Tal coleção, que estudos críticos atribuem ao pai espiritual do Santo, Frei Batista de Crema, sem contudo excluir um papel ao menos redacional da parte de Zaccaria, não só lhe reflete amplamente a doutrina, como de fato constituiu até os inícios do século XX, a fonte na qual os discípulos de Antônio Maria puderam buscar o seu espírito. E isto porque os Escritos zaccarianos, aos quais aludimos acima, começaram a circular para nós somente em tempos mais recentes.

Ao nos referirmos aos ensinamentos que o Santo reuniu nos seus Escritos, também quisemos ficar bem seguros com um trabalho que consideramos totalmente aceito de bom grado pelo Zaccaria e até muito desejado por ele. Mas, de forma diferente da que o estudante de Meducuna colecionava nas aulas da Faculdade, o trabalho que estamos apresentando aos leitores é um *Prontuário para o espírito*, como se o

Sanro quisesse, por nosso intermédio, inculcar nas nossas almas várias indicações para um rápido aprendizado, com acesso direto e de resultado eficaz. De fato, a difusão das ideias se torna mais segura através de um dicionário que oferece informações sucintas e responde às exigências de uma consultação rápida e adequada.

Já dissemos de quais Escritos zaccarianos tiramos nossos dados. Trata-se de cinco exposições (escritas à mão em um caderno com folhas em ordem alfabética, como referimos há pouco) sobre os primeiros cinco Mandamentos, distribuídas numa primeira parte doutrinal e numa segunda, moral. O primeiro discurso ou sermão contém, em apêndice, uma «prática», ou seja, uma aplicação redigida para as religiosas. O último sermão ficou inacabado: falta-lhe a segunda seção. Outra série de sermões tinha como tema as «três causas da negligência e da tibieza no caminho de Deus» (**Cf. Sermão 6, segunda parte**), mas o Santo parou no primeiro Sermão. Podemos presumir que nesse meio tempo Antônio Maria se tenha transferido para Milão, a fim de levar adiante os «Três Colégios» postos sob o patrocínio do apóstolo Paulo: os Clérigos Regulares de São Paulo Apóstolo Degolado, As Angélicas de São Paulo Convertido e os Leigos ou Casados de São Paulo (segundo os nomes que foram assumindo em seguida). Resta-nos do Santo, enfim, uma Exortação à confiança em Deus e à imitação de Jesus Crucificado (**Sermão 7**), transmitida de viva voz, por uma das testemunhas do encontro que teve o pai com os primeiros discípulos, na festa de São Francisco de Assis, em 1534, ano seguinte ao da primeira aprovação da Ordem (18 de fevereiro) por Clemente VII. O texto teve a sua primeira redação no elegante latim do P. Gianantonio Gabuzio, que o acolheu na História da Congregação, onde se podem rastrear também algumas «sentenças espirituais» de Zaccaria, sentenças que nos chegam também por outras fontes, como as *Attestazioni* do P. Batista Soresina e o testemunho de uma Angélica anônima da família Sfondrati, autora da autêntica jóia da mais antiga literatura das famílias zaccarianas, com o título de *Memorie* (Memórias).

Depois dos Sermões vêm as Cartas, que chegaram até nós no exíguo número de onze, quatro das quais autógrafas. Abre a série uma missiva ao pai espiritual Frei Batista de Crema (31 de maio de 1530). Quatro cartas são enviadas aos Barnabitas, quer em Milão quer em missão (4 de janeiro de 1531; 8 de outubro e 3 de novembro de 1538; 11 de junho de 1539). Duas às Angélicas (26 de maio de 1537 e 10 de junho

de 1539) e aos leigos da Amicizia e do grupo dos Casados (28 de julho de 1531 e 20 de junho de 1539). A estas devem-se acrescentar dois bilhetes a pessoas diferentes, um dos quais sem data. Nos artigos deste Prontuário faremos referência também à primeira (de 133 cartas) que traz a assinatura «A.P.A.» e que, portanto, foi assinada pela Angélica Paula Antônia Negri (1507-1555). Sem data, mas remontando aos últimos anos de vida de Zaccaria, foi por ele redigida em nome da Angélica que costumava confiar a «escritores» a própria correspondência. Dada a sintonia de vida e de pensamento entre o pai fundador e a «madre mestra» - foi ela das primeiras a ser acolhida no segundo colégio paulino - podemos encontrar refletidos na carta os ensinamentos do próprio Zaccaria. Notamos, por fim, a distribuição desigual do tempo, com longos vazios, como também a concentração de três cartas no espaço de dez dias (10-20 de junho), às vésperas da morte do Santo, atingido por um irreversível «cansaço físico», a ponto de constituírem tais cartas um autêntico testamento espiritual.

O último dos Escritos zaccarianos é representado pelas Constituições que nos chegaram num exemplar antiqüíssimo, distribuídas em 18 capítulos, e um posterior, que trata «dos visitadores». No artigo do Prontuário que leva o mesmo nome podemos achar ulteriores informações sobre a origem e seu conteúdo. São elas que fundem o dado jurídico e disciplinar com o forte sopro ascético e místico, e representam a intenção de traduzir em norma de vida os anseios de reforma que agitavam o ânimo de Antônio Maria e de seus primeiros seguidores. Elaboradas a partir de um esboço de Frei Batista, as Constituições acolhem não poucas páginas de pura origem zaccariana e lhe guardam o precioso carisma em outro esxrito expresso no lema programático da «renovação do fervor cristão» (Carta aos Barnabitas de 3 de novembro de 1538) ou no convite a «anunciar a vivacidade espiritual e o espírito que dá vida a tudo» (Carta às Angélicas de 25 de maio de 1537, redigida às vésperas da primeira «missão» dos paulinos em Vicência).

Todo santo e todo mestre nasce num filão: faz parte de um corpo vivo em contínuo desenvolvimento, como é a Igreja. Representa o anseio de uma ininterrupta tradição. É preciso, por isso, situá-lo historicamente, ir à procura daquelas fontes a que mais freqüentemente se refere e aos modelos em que se inspira. Este esforço só relativamente árdua, porque o próprio Zaccaria se desdobra para oferérecer, no capítulo sobre o «estudo», inserido nas Constituições, uma série preciosa de

consultas a autores e a obras espirituais. Em nossa pesquisa ampliamos evidentemente a gama das referências mas estamos bem longe de julgá-las completas. Em cada caso, o *Prontuário* recolhe um tal volume de referências que mostra com evidência qual fosse a densidade cultural, qual a vital assimilação da doutrina bíblica, patrística e escolástica tenha influenciado um jovem intelectualmente muito preparadoado, dotado de memória tenaz e de espírito a um só tempo sensível e afiado. Não é, porém, este o lugar para traçarmos um perfil ainda que sumário da doutrina ascética e mística de nosso Santo, coisa aliás já tentada em outras frentes.Em todo o caso, o nosso esforço poderá oferecer uma ulterior contribuição a quem quiser aventurar-se no pensamento de um Santo que conheceu a curiosidade do saber, a árdua disciplina do estudo e as profundidades da meditação. Por seu intermédio nos sentiremos também impelidos a nos familiarizarmos com um patrimônio de doutrinas espirituais que língua e linguagem arcaicas poderiam cobrir de esquecimento, com o risco de adormentar as nossas próprias raízes.

Os artigos que se sucedem, naturalmente desiguais em seu tratamento, gostariam de apresentar uma informação sucinta mas completa dos assuntos que paulatinamente vão sendo enfrentados. Retomamos por isso, pensamentos e termos que assumem "coloridos" diferentes, segundo os variados contextos de que provêm. Recorremos, além disso, às oportunas referências, que convidam o leitor a deslocar a atenção para outros artigos que lhe podem oferecer uma visão mais ampla da doutrina de Antônio Maria Zaccaria. Dentre as informações úteis, capazes de levar à leitura direta dos Escritos do Santo, pensamos propor a lista dos nomes (correspondentes e outras pessoas) que aparecem nas Cartas (lista só disponível no original italiano). O livro traz, enfim, uma mostra bibliográfica. (só disponível no original italiano). Isto permitirá ampliar as pesquisas de outras pessoas. Fique claro, porém, que a primeira intenção destas páginas é a de ser um convite e um subsídio para a reflexão, de forma a redescobrir, se houver necessidade, e a degustar a «nomenclatura» do viver espiritual, freqüentemente desconsiderada num contexto cultural que vive do efêmero e não sabe ancorar-se no perene. Não se deve, pois, esquecer que nos 175 artigos destas páginas foi aferida a vida dos santos, de modo que Antônio Maria pode repetir-nos, como afirmava quinze dias antes de sua morte, escrevendo ao casal Bernardo e Laura Omodei: «*Não lhes escrevi palavra alguma que não tenha em si algo de especial. Se o encontrarem, penso que lhes*

será extremamente útil e de grande proveito” (**11109**).

Para encontrar os textos nos Escritos do Fundador

Anos depois da publicação do *Prontuário*, o Pe. Giovanni Scalese criou uma numeração que identica Cartas, Sermões e Constituições nos *Escritos* de Santo Antônio Maria Zaccaria
. Sendo assim, temos o número **1** para as Cartas, o **2** para os Sermões e o **3** para as Constituições. Em seguida, identificam-se com um número correspondente as 12 Cartas, os 7 Sermões e os 19 capítulos das Constituições/ Finalmente, colocam-se os números de cada parágrafo.

Vejam alguns exemplos:

11109 - um, onze, zero nove (é assim que se fala): Carta 11, par. 09
10502 - um, zero cinco, zero dois; Carta 5, parágrafo 2
20115 - Sermão um, parágrafo quinze
20423 - Sermão quatro, parágrafo vinte e três
30903 - Constituições, capítulo zero nove, parágrfo zero três
31825 - Constituições, capítulo dezoito, parágrafo vinte e cinco

E assim por diante.

Lembro que esta numeração foi adotada por nós na edição mais recente dos Escritos (1999) em Português
. Deve-se ao Pe. Sebastiião Noronha Cintra CRSP o trabalho cuidadoso de colocar a numeração no texto em nossa língua. Confesso que tem sido muito útil, facilitando a consulta aos textos e à pesquisa, bem como à produção de material didático para a formação dos candidatos à nossa família religiosa e também para os leigos.

Pe. Luiz Antônio

AÇÃO

«*O trabalho, não impedirá a elevação da mente e a ocupação espiritual, nem essas atrapalharão o seu trabalho*» **(10311)**

A ação é um termo que não define apenas o conjunto de atividades relativas aos deveres da profissão e da caridade, mas indica a própria vida espiritual no seu aspecto de compromisso e esforço pessoais. Na carta a Carlos Magni, advogado do foro de Cremona e membro (talvez o responsável) do cenáculo reformador da "Amicizia" (Amizade), Antônio Maria opõe à ação, que ele define como «exterior» [trabalho], uma dupla realidade: a «*elevação da mente*» e a «*ocupação espiritual*» (**cf. 10311**). Estes dois termos definem a um só tempo a oração e a ascese, elementos qualificantes do viver espiritual. Com a palavra ação/trabalho definem-se, portanto, âmbitos diferentes: exterior, se se trata de quanto fazemos no cumpri-mento de nossos deveres para com o próximo, e interior se nos referimos ao incessante trabalho que somos chamados a executar em nós mesmos.

Tal doutrina está claramente formulada nos antigos autores espirituais, gregos e latinos. Para referir-nos às fontes imediatas de Zaccaria, bastaria citar João Cassiano, que oferece páginas esclarecedoras sobre a relação entre o que os gregos chamavam *praxis* e *theoria* e os latinos *actio* e *contemplatio*. Lê-se, pois, nas Colações que «a profissão religiosa abraça as duas disciplinas», a ativa e a contemplativa. O exercício da *actio* - prossegue Cassiano -, se endereçada a nós mesmos, abraça por sua vez dois aspectos: cultivar as virtudes e extirpar os vícios. Se voltada para os outros, «subdivide-se em variadas profissões e modos de viver», que se exprimem sobretudo na prática da caridade.

Frei Batista de Crema, retomando o ensinamento de Cassiano,

faz consistir «a perfeição da vida ativa» em «cultivar muito bem o jardim da alma». Ele trata disso no *Espelho Interior* (p. 97r), em que desenvolve algumas sugestivas considerações visando à síntese das duas vidas, a «vida mista». A ela também se dedica um artigo nos *Ditos Notáveis*, em que se lembra que "*A vida mista é maravilhosa, mas, para quem abraça coisas opostas, a vida ativa usa a distração e a contemplativa a união*" (**Vida mista 6**). São Gregório Magno (Moralia, 28,33) já tinha organizado teoricamente a realidade da vida mista, reconhecendo-lhe como modelo o próprio Jesus Cristo.

ADAPTAR-SE (CONFORMAR-SE)

"Querem ser ouvidos?" Conformem-se aos seus pedidos" **(31010)**

Esse artigo trata de uma das condições fundamentais da oração (Oração), que Zaccaria relembra duas vezes nas suas Constituições. A primeira vez, no capítulo «Da oração»: «*Querem ser ouvidos? Conformem-se aos seus pedidos*». E explica: «*Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração. Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas; alegrem-se com as coisas ruins. Querem a paciência? Desejem tribulação e penas, porque não há paciência sem tribulação e pena*" (**31010**).

Ele torna a repetir o mesmo ensinamento aos noviços quando, assegurando-lhes que Deus «*cumprirá neles perfeitamente o que pedirem*», acrescenta: «*desde que façam tudo para se tornarem de acordo com o seu pedido*» (**31209**).

O mesmo ensinamento encontra-se nos *Ditos Notáveis*: «*Se você desejar ser ouvido nas suas orações, aprenda a se adequar ao seu pedido, porque você não conseguirá ser humilde se fugir das injúrias*» (**Oração 12**).

Não basta, por isso, rezar: é necessário estar disponível para re-

ceber de Deus o presente pedido. É preciso demonstrar com os fatos que desejamos verdadeiramente o quanto pedimos.

É oportuno também observar a importância que um santo contemporâneo de Zaccaria dá ao "petere id quod volo" (pedir o que desejo), isto é, acompanhar nossos pedidos a Deus com a correspondente determinação da vontade (cf... Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais).

ADULTÉRIO ESPIRITUAL

"*Ensine-lhes a abraçar de tal forma o "Lírio da Castidade", que se acusem de adultério espiritual...*" (**31210**)

O pensamento do Santo, formulado para os noviços nas Constituições, afirma assim: «*... caso descubram que puseram seu amor, de qualquer modo que seja, em coisas, em parentes, ou também no amor próprio, porque Deus é ciumento e proíbe todo e qualquer outro amor que não seja o seu*» (**31210**).

O ensinamento cristão, alicerçado no Evangelho, fala de um tríplice adultério, do corpo, dos sentidos (Antônio Maria fala também de «*olhos... adúlteros*» em **10705**) e do coração, quando o amor ao/à outro/a se perverte, se falsifica. Zaccaria aplica conceito análogo à relação entre a criatura e seu Senhor, relação esponsal que é, como bem demonstrou no Sermão 2: O amor espiritual nos faz correr atrás de Deus; sendo assim, Ele se torna o nosso Amado, isto é, Esposo. Afastar-se de Deus é, ao contrário, o mesmo que fornicar, mas, diferentemente dos amantes terrenos, que cortam relações ao se sentiem traídos, «*Ele o procura, o chama e o convida*» (**20205**).

É daí que deriva a advertência aos noviços, inspirada diretamente em Cassiano (Colações, 14,11), lá onde ele interpreta o mandamento «não fornicar» dizendo que deve ser observado também «espiritualmente», evitando a idolatria, a superstição, quer pagã, quer judaica (isto

é, a submissão à «lei»), inclusive a heresia. Se não é assim, tornamo-nos «adúlteros em relação a Cristo», para não dizer que «não só todos os maus pensamentos são uma fornicação» mas também os inúteis e que nos «afastam ainda que levemente de Deus». Frei Batista afirma de modo ainda mais explícito: o confessor deve ensinar a seus penitentes «que amem só a Deus; se tal não o fizerem, adulteram [manchlam-se de adultério] e ofendem grandemente a Deus» (Via di aperta Verità, p. 66v).

AGRADAR (CONTENTAR)

«*Procurem dar-me grande satisfação e lembrem-se de que, estando aqui ou fora, vocês têm a obrigação de dar-me satisfação*» (**10712**)

Trata-se de dois verbos sinônimos.

Agradar é antônimo de desagradar: «*Quando virem os superiores e todos os irmãos com receio de desagradar as pessoas de fora; até pelo contrário, procurando satisfazer-lhes as vontades...*» (**31715**); «*Ensine-lhes, ainda,* [o mestre] *a sempre agradar aos outros - mesmo que contra sua vontade*» (**31205**).

Contentar significa "tornar contente". Trata-se de expressões usadas com freqüência por Zaccaria, quer referindo-se a si mesmo, quer referindo-se aos seus colaboradores diretos: «*Minhas filhas, enquanto isso, eu peço a vocês que procurem trazer-me alegria*» (**10504**); «*... grande vontade que vocês têm de amar Cristo e de agradar a mim, um pai que tanto lhes quer bem*» (**10505**); «*E lhes peço que digam a eles que me façam alegre com o crescimento espiritual de todos nós*» (**10506**) «*alegrem nosso pai comum,... o padre superior, Tiago Antônio Morigia*» (**10509**); «*Reconheça também a obrigação que você tem de retribuir a eles, ou seja, que se sintam felizes por todos os cansaços que enfrentaram por sua causa» (10609); «... satisfarão o desejo de Frei Batista (nosso santo pai)*» (**10711**); «*... procurem dar-me grande*

satisfação e lembrem-se de que, estando aqui ou fora, vocês têm a obrigação de dar-me satisfação» (**10712**); «*Pobre de mim, se todos os meus filhos têm tão pouca preocupação em alegrar-me; teria sido melhor nunca tê-los gerado*» (**11006**); «*Se quiser agradar-me e me ver sempre pre-sente nos outros, eu lhe garanto que Cristo Crucificado o levará a tal grau de perfeição, que você despertará uma santa inveja nos filhos de São Paulo*» (**11010**); «*... peço-lhes que se es-forcem para dar-me esta satisfação*» (**11107**).

Agradar ao pai é um dever dos filhos (Filhos legítimos / bastardos). Zaccaria pensa, porém, que muito frequentemente seus filhos não cumprem esse dever, diferentemente do que faziam os discípulos de Paulo: «*Dionísio, o que você estava fazendo? E você, Timóteo, e você, Tito, qual era o seu comportamento em relação a Paulo? Vocês conservavam o amor e a presença de seu pai sempre em vocês e não tinham outra preocupação, a não ser fazê-lo feliz*» (**11007**).

ALEGRIA / GÁUDIO

«*Que Deus lhes conceda experimentar de uma vez por todas, esta verdadeira alegria interior"* (**20510**)

A alegria é uma das paixões listadas por Zaccaria no Sermão 5, junto com a tristeza, a ira e o amor. Por ser inclinação natural, não pode ser considerada má em si, porque tudo o que é natural vem de Deus. Seu valor moral depende do efeito bom ou mau que produz.

Como exemplos de alegria moralmente boa Zaccaria cita os de Zaqueu e do pai do filho pródigo: «*Merece elogio a alegria de Zaqueu ao receber o Redentor, que se convidou a si mesmo para ir à casa do próprio Zaqueu. E o pai de família, ao receber seu filho de volta: "Mas era preciso festejar e nos alegrar, porque esse seu irmão estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado"* (**20505**).

A respeito, porém, da alegria moralmente má acrescenta: «*E*

o profeta que fala de algumas pessoas que estão cheias de confusão quando se alegram com a prática do mal e se satisfazem com a perversidade". E o que se afunda e se perde nas delícias, nos prazeres da carne, no amor dos bens ou em quaisquer outras coisas terre-nas? " (**20510**): é esta a «felicidade do mundo» (**cf. 20704**), a alegria própria dos brutos, «*que têm a sua máxima felicidade na sensualidade corporal*" (**30506**)

O homem, ao contrário, deve aspirar a outro tipo de felicidade, a uma alegria toda espiritual, embora também neste campo se deva usar discrição: «*... as próprias consolações espirituais, que o homem deve procurar experimentar com toda a dedicação, precisam de ser consideradas com muito cuidado e discrição, porque, além de arrastá-lo a muitas imprudências, levam-no, também, a cometer coisas ruins. Por isso, a Sabedoria diz: "bebido em excesso, por vício ou desafio, o vinho traz amargura para a alma". (Eclo.31,29) mas, "traz vida para o homem, desde que você o beba com moderação". E, outro exemplo: "Se você encontra mel, coma apenas o suficiente, para não ficar enjoado e vomitar"* (**20510**).

Esta advertência, todavia, não vale para os principiantes; só para os proficientes: "*Caríssimo, isso eu não digo para você que, no momento, não me entende; mais tarde, você compreenderá a minha fala. Por enquanto, procure dar-me alegria tanto quanto lhe é possível (Fl.4,4); felizes os que se alegram no seu espírito e no seu cora-ção! Que Deus lhes conceda experimentar de uma vez por todas, esta verdadeira alegria interior. Amém. Que Deus o permita!*" (**20510**).

Há, além do «verdadeiro gáudio interior», também a alegria simples, profundamente humana, provocada pela docilidade dos próprios discípulos: «*Que alegria para São Paulo quando afirmava que os cristãos de Corinto tinham visto que era tudo verdade o que ele dissera a Timóteo e a Tito* » (**11004**). A mesma alegria Zaccaria reivindica para si perante seus filhos*: «... se encontrarem vocês tal qual eu os descrevi e do jeito que eu desejo, acreditem: isso me encherá de muita alegria »*

(**11004**)

A verdadeira alegria não é tanto fruto de êxito humano: «*Hoje, você vê que tudo está prosperando bem: não se alegre*” (**31810**).

O fruto da vida espiritual verdadeira, é difícil de alcançar: «*Que situação feliz! Tão difícil e vivida por tão poucos! Esta é a vida para a qual eu o convido e que você deve desejar ardentemente dia e noite. Para ela se orientaram todos os santos e sempre lhes agradou permanecer nela. Quem não a encontrou é louco e infeliz!* » (**20209**).

O preço da alegria é a renúncia e o sacrifício: “*Como se sentem felizes os bons cristãos, livres de todo apego, porque assim não poderão ser separados da sua alegria sem fim, nem pelo ferro, nem pelo fogo, nem pelas forças das profundidades, nem pelos Anjos, nem por criatura al-guma*” (**20415**). Modelo a imitar: Cristo, o qual «*em troca da alegria que lhe era proposta, ele se submeteu à cruz, desprezando a vergonha*» (Hb 12,2; **20715**). Mas o homem, que a exemplo de Cristo «*deseja tornar-se espiritual, ... começa fugindo dos elogios e, quando aparecerem, não se importa com eles e até se considera não merecedor deles e fica satisfeito com isso*» (**11104**).

A alegria deve caracterizar toda a vida do religioso:

- na castidade: «*deseja ardente e alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo*» (**30303**);
- na pobreza: «*Seremos felizes à medida em que a nossa mente se fundamentar no desejo da pobreza, a ponto de querermos ser pobres, não só para que não haja mais do que precisamos, mas também para que nos falte até o necessário*» (**30406**);
- na obediência: «*... fiquem alegres e se sintam honrados tendo que fazer como os outros que-rem*» (**31208**);
- na humildade: «*Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas; alegrem-se com as coisas ruins*» (**31010**);
- na generosidade: «*Sejam generosos e alegres em dar e emprestar*» (**30404**);

- na hospitalidade: «*Recebam os de fora, cuidem deles e os orientem com bondade e alegria*» (**30705**);
- no perdão: «*Irmãos, abracem, de bom grado e alegremente, estes penitentes voluntários*» (**31308**).

AMIZADE COM DEUS

«*Se você fizer assim, produzirá frutos para Deus, ... e, por isso, será verdadeiro amigo e ministro de Deus*» (**20327**)

As relações do homem com Deus são descritas por Zaccaria comoinimizade, servidão e amizade.

Inimizade. O homem nasce inimigo de Deus; depois do pecado original esta é a sua condição: «*O homem era um inimigo e não gostava de Deus*» (**20412**). Mas Deus não o abandonou, antes veio "ao encontro de seu inimigo para obrigá-lo, pela força do amor, a amá-lo de novo (**cf. 20412**). Com nossa inimizade não impedimos a bondade de Deus: Ele nos concede muitos bens «*e não exige nada em troca*» (**20302**). Isto não obstante, o homem continua a ser-lhe «infiel, mentiroso e inimigo» (**cf. 20303**). A condição para receber o dom da amizade com Deus é para o homem o reconhecimento desta sua condição. Isto é possível graças à virtude da humildade: «*Por causa dessa humildade, o homem reconhece que suas atitudes o fazem inimigo de Deus*» (**31812**). Tíbios são os que rejeitando a amizade de Deus permanecem seus inimigos: «*Mas vocês, que se dizem fervorosos, pelo amor de Deus, não cometam tal injustiça: enriquecer os inimigos de Deus com o patrimônio de Cristo!*» (**31704**).

Servidão. Tal condição pode ser considerada quer em sentido positivo, quer em sentido negativo.

a) O serviço de Deus é a condição natural do homem: «*Quando Ele diz "Senhor", refere-se ao governo do mundo, porque não há senhor sem*

súditos...» (**20119**). O governo é um dos benefícios divinos, junto com a criação e a «*libertação dos pecados*» (**20119**. Atributos de Deus), e por isso é grande privilégio ser considerados servos de Deus. São especialmente servos de Deus todos os que se lançaram para a vida de perfeição: «*É, sem dúvida, grande vergonha pa-ra os servos de Deus dizer: para mim, é suficiente honrar a Deus até aqui*» (**31245**). Zaccaria descreve esta condição com várias referências ao Evangelho: a parábola dos talentos (**20303**), a do servo cruel (**20311**), a do administrador (**20404**) e o versículo do evangelho de João: «*Nenhum empregado é maior que o seu patrão*» (**20703**). Nem sempre, todavia, os homens correspondem à honra recebida: tornam-se «*empregados infiéis e mentirosos*» (**20313**).
b) De outro ponto de vista, considera-se a servidão em sentido negativo, como uma condição da qual fomos libertados. O paradigma desta libertação continua sendo a saída dos hebreus do Egito: o Egito torna-se praticamente sinônimo de escravidão (**cf. 20103.19**). A lei que Deus deu ao homem é uma lei «*de liberdade de espírito e não de escravidão*» (**20110)**. Especialmente, a «lei de Cristo» diferencia-se da «lei antiga», justamente porque «*os escravos têm leis, diferentes dos homens livres*» (**20115**); aí se torna claro que os «escravos» são os judeus e os «livres» os cristãos. Os próprios paulinos, se não quiserem «obedecer como empregados mas sim como filhos», devem aprender a governar-se por si mesmos, sem leis exteriores, conservando a lei no coração (**10706**).
Amizade. Na última ceia, Jesus confidenciou aos seus discípulos: «Eu já não chamo mais vo-cês de empregados» (Jo 15,15; 20314). A amizade com Deus é, por isso, dom seu. Dom que todavia se deve merecer com a observância dos mandamentos (Ordem da vida espiritual): «*Se você fizer assim* [Se você observar o terceiro mandamento]*, produzirá frutos para Deus, cumprirá sua promessa, será agradecido à bondade divina, fará sempre ação de graças e, por isso, será verdadeiro amigo e ministro de Deus. Então, onde Ele estiver, você também estará*» (**20327**). A amizade com Deus é a condição para alcançar a perfeição:

« *Ele só dá o bem da perfeição, o seu gosto e o conhecimento dos seus segredos a seus amigos e discípulos fiéis*» (**20313**). À semelhança de Abraão (Jt 8,22 Vg), Paulo pode ser considerado «*o verdadeiro amigo de Deus*» (**20314**). Quando há a amizade com Deus, tudo se torna relativo; até o mal pode favorecer a vantagem espiritual: «*o bem e o mal são proveitosos para os amigos de Deus*» (**20519**; cf.. Rm 9,28; Via do meio). Onde melhor se exprime a amizade com Deus é a oração. A oração é, fundamentalmente, entreter-se com Deus como se fosse um amigo (**cf.10306.09**); consiste em «*orar a Deus*» (**31003**) «*tal como faríamos com um nosso amigo*» (**10309**); **cf. também 31003**: "*do mesmo modo que um amigo faz com o outro amigo*". Tal conceito de oração já estava presente em João Clímaco (Escada do Céu, 28,188) e o encontramos também em Frei Batista de Crema (Via de aperta Verità, p. 112r; Espelho Interior, p. 60r).

AMOR

«*Para nós, amar é coisa natural*» (**20112**)

Trataremos aqui apenas do amor como inclinação natural do homem. (Para o amor de Deus e do próximo: cf. Caridade.)

O amor é uma paixão, isto é, uma das «tendências naturais», um tanto do «*que vemos normalmente nas pessoas de todas as gerações*» (**20501**). Aliás, para o homem, «*amar é coisa natural*» (**cf. 20112**). O amor é a lei profunda, gravada no coração do homem, uma lei que nada exige de desproporcional às suas forças (**cf. 20110 ss**).

No Sermão 2, Zaccaria distingue entre amor natural (como o da mãe pelos filhos), amor desonesto (o que só busca o prazer físico) e amor espiritual (isto é, o amor como ato da vontade, que deseja o bem do outro) (**cf.20203-05**). Nos dois primeiros sermões, ele afirma um princípio importante: «*O amor nasce do conhecimento"* (**20212**), em que podemos amar as coisas nunca vistas, mas não as inteiramente des-

conhecidas (**cf. 20110 e 20208**). Reencontramos a mesma afirmaçãonos *Ditos Notáveis*: «*O primeiro princípio do amor consiste no conhecimento*» (**Amor 1**), que repetem ao pé da letra a Suma Teológica, I.II, 27,2.

No Sermão 4, ao contrário, é lembrada outra grande verdade: «O amor carrega o fardo». Isto é: «*Caríssimo, quem poderia passar por tantos perigos, cansaços, preocupações, desgostos, sem o alicerce do amor? Qual seria aquele peregrino que poderia caminhar, rápido e prudente, por um caminho tão estreito e difícil, sem ter nenhuma satisfação? Qual seria aquele amante tão louco que seria capaz de abandonar a sua amada, se não arranjasse outro amor? Nós, pois, embriagados pelas coisas visíveis e sempre presentes e, mais ainda, necessárias, como poderíamos deixar de amá-las, se outro amor mais forte não nos arrastasse?*» (**20414**). Então concluimos: «*o não gostar de uma coisa nasce do amor por outra*» (**20414**). Sendo assim, é impossível ao homem não amar; o homem só deixa de amar quando se enamora por coisa maior. Já dissera Cassiano: «os desejos das coisas presentes não se poderão reprimir ou extirpar se em [seu] lugar ... se não puserem outros, portadores de salvação... Se desejarmos, pois, despojar o coração das concupiscências da carne, devemos introduzir em seu lugar as alegrias do espírito» (Colações, 11,5). Da mesma forma se expressou Isaque de Nínive, outro autor familiar a Zaccaria: ninguém «pode desprezar um amor enquanto um desejo mais excelente ... não se contrapuser àquelas coisas consideradas agradáveis e das quais o homem está possuído» (Discorsi ascetici, 35).

O amor caracteriza a economia da nova aliança: os judeus «*eram guiados pelo medo e nós pelo amor*» (**20115**). Este amor deve caracterizar , sobretudo, os filhos de Paulo: suas regras não são «*leis de temor, mas de puro amor*» (**31401**); para eles «*a observância regular não pretende sobrecarregar, mas suavizar e levar à observância da lei, não com força, mas pelo amor*» (**31706**). O amor permite até ações que de outro modo seriam reprováveis: «*Os santos promovem sedições, porém*

amando» (Gregório Magno, Homiliae in Evangelia, 2,34,2; **cf. 31703**). Os *Ditos Notáveis* dedicam ao «Amor» o primeiro capítulo, com 55 frases.

AMOR PRÓPRIO

"*As raízes* [dos defeitos] *são o amor próprio e as outras paixões*" (**31715**)

Amor próprio desordenado

«A raiz de todo o mal é o amor a si mesmo», afirma categoricamente São Tomás (in 2Tm 3,2; 3,1). Ele explica na Suma Teológica (I.II, 77,5) como, do amor próprio, deriva a trípli-ce concupiscência de que fala a Primeira carta de São João (2,16).

Zaccaria se reporta à doutrina tradicional que vê, no amor (desordenado) de si mesmo, a vitória da subversão no homem após a culpa original, pelo que se exprimem no amor próprio a ruptura e a traição ao amor para com Deus. Quem se deixa condicionar por ele, cai no adultério espiritual, como é lembra aos noviços (**cf. 31210**).

Por isso, se o homem quiser voltar ao amor de Deus, só «*afastando-se de todas as criaturas*» (**20611**), inclusive «*de si mesmo*» (**20414; cf. 30901-02**). É evidente que Zaccaria, ao mostrar a seus ouvintes sobre qual ódio estava falando, considere apenas o ensinamento do Evangelho sobre a renúncia: «*O não gostar do pai e da mãe, do marido e da esposa, dos filhos e filhas, das irmãs e irmãos, dos próprios bens, do dinheiro e de tudo o que se possa ver; e ainda tem mais: o não gostar de si mesmo!*» (**20414**). Mas enquanto nos *Ditos Notáveis* se afirmaa que «*O amor próprio só pode ser removido pelo seu contrário: o ódio [desprezo] de si mesmo*» (**Amor 26**), Antônio Maria julga, com visão mais positiva e «humanística», que «*o não gostar de uma coisa nasce do amor por outra*» (**20414**). Quer dizer: o melhor caminho para não gostar de si mesmo ou, em outras palavras, para «quebrar a própria

vontade» (Domínio da vontade) consiste no cultivo do amor para com Deus. «Ó verdadeiro amor de Deus - exclama Frei Batista -, quão poderoso e útil és tu para mortificar todo amor próprio e revigorar o homem no ódio de si mesmo (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 60r). E como o amor de si leva ao desprezo de Deus, assim o amor de Deus levará ao desprezo de si mesmo. Santo Agostinho já o ensinara ao tratar da origem das duas cidades, terrena e celeste (De Civitate Dei, 14,28).

Sobre o ódio de si como antídoto contra o amor próprio e como condição para desenvolver o amor de Deus, Frei Batista se detém amplamente na Via di aperta Verità (pp. 98v, 106r, 108r, 109r, 110r) em que O chama de «santo», «perfeito», «verdadeiro» e «grande». Segue-se daí que o verdadeiro amor a si mesmo [consiste] em odiar-se a si mesmo (Filosofia Divina, p. 19r).

Fica patente o caráter paradoxal assumido por tal linguagem, como se pode provar ao ler a célebre página de São Bernardo na qual trata da «dúplice lepra do coração: a vontade própria e o próprio conselho» (Sermo 3 in tempore Resurrectionis, 3).

Legítimo amor de si mesmo

Existe enfim um amor próprio legítimo, subentendido no mandamento que prescreve amar ao próximo como a si mesmo. O nosso Santo se refere a este amor quando convida o homem a defender-se de tudo o que o impeça «*de ir a Deus*», começando por si mesmo, pois, como afirma Crisóstomo, «nemo laeditur nisi a seipso: ninguém se lesa a si senão por si mesmo» (Sermão 6; cita-se aqui uma célebre homilia intitulada Quod nemo laeditur nisi a seipso, PG 52/3,459-80). Zaccaria volta à mesma advertência na regra dos noviços, em que recomenda «*temer o maior inimigo, que está no íntimo, que está "dentro deles": por que, quem é nocivo para mim e para você, senão nós mesmos?*" (**31229**).

ANÁTEMA

«*E o amor ao próximo é tão necessário, que Paulo desejava ser separado de Cristo por causa de seus irmãos*» (**20423**) ???

Antônio Maria recorre à autoridade de São Paulo para sustentar com firmeza a absoluta necessidade do amor, mesmo à custa da própria salvação, estando todosprontos para sacrificá-la, paradoxalmente, em favor da salvação dos outros. O texto mais antigo a respeito da «caridade levada até ao paroxismo», segundo a forte expressão da Carta aos Hebreus 10,24, encontra-se no livro do Êxodo 32,31a.32: «Moisés disse: "Este povo cometeu um pecado gravíssimo... Agora, porém, ou perdoas o pecado deles; ou me riscas do teu livro». São Paulo retoma semelhante atitude quando afirma, referindo-se aos Hebreus: «*Sim, eu gostaria de ser amaldiçoado e separado de Cristo em favor dos meus irmãos de raça e sangue*» (Rm 9,3).

A expressão anátema [maldição] no Antigo Testamento indicava total destruição dos inimigos de Deus e dos seus bens, enquanto no Novo Testamento assume o significado de maldição. Batista de Crema apresentou teoria sobre a «excessiva caridade» (ou seja, o amor de quem está de tal modo votado à doação de si pelo próximo, que está disposto a renunciar até ao amor de Deus) e escreveu pequeno tratado sobre como se devam entender as afirmações de Moisés e de Paulo acima referidas. É um defensor do «amor puro» («que o teu amor seja táo puro que deixes até Deus por amor de Deus») e corrobora a própria teoria reportando-se aos antigos doutores do Oriente e do Ocidente, e aos grandes teólogos e místicos da Idade Média. Além de tratar disso na Via di aperta Verità (pp. 140r-155r), o dominicano o fez também na Filosofia Divina, em que comenta as palavras de Jesus: «não há maior caridade do que dar a própria vida pela salvação do próximo» (pp. 59v-61r; cf... Jo 15,13).

Antônio Maria traduziu coerentemente em sua vida o ideal de uma grande, excelente, excessiva caridade, como a define seu pai espi-

ritual.

ANJOS

«*As criaturas espirituais também foram criadas para se unirem a Deus e não para terem o homem como fim. Mas, se até elas são enviadas para estarem a serviço dos homens ...***» (20601)**

Os anjos foram criados por Deus (**cf.20101**). O anjo «*é espírito e não corpo e dificilmente sai de onde está*» (**20202**). Sendo espírito, não lhe é vedado contemplar a Deus (**20202**).

As criaturas espirituais foram criadas «*para se unirem a Deus*» (**20601**); são, todavia, «*enviadas para estarem a serviço dos homens*» (**20601**). Os anjos, em parceria com os homens e com os próprios demônios, cooperam para o bem dos predestinados (**cf. 20604**). As contínuas inspirações e ministérios dos anjos (**cf. 20105**) estão entre os tantos auxílios com que a bondade divina dota o ser humano.

No Sermão 2, Zaccaria, para ilustrar o princípio segundo o qual «*Deus começa do alto e, depois, desce*», afirma que Deus «*introduz a sua luz nos Anjos e, depois, nos profetas, pelo ministério dos anjos*» (**20215**). Enquanto, no Sermão 6, para provar que Deus manifesta seus benefícios quase sempre «sob algum véu sensível», lembra que também «*os Anjos apareciam aos homens numa forma semelhante aos homens ou sob outra forma, conforme a situação* (**20604**).

Uma coisa, porém, o anjo não podia fazer: reconciliar o homem com Deus. E isto «*porque o anjo não fez pecado e não podia assumir a carne humana*» (**20412**; cf... Boaventura, Sermones dominicales, 1,4, em que provavelmente se inspira o trecho zaccariano relativo à intervenção salvífica de Deus). E mais: o anjo, como de resto todas as demais criaturas, não poderá nunca privar o cristão de sua alegria (cf... Rm 8,38-39). Por fim, a linguagem angelical desaparece diante da caridade (cf... 1Cor 13,1).

Antônio Maria relembra aos Barnabitas que, «*por ter de comer e beber, considere-se indigno da conversação com os anjos*» (**30506**), e os convida a tratarem em suas reuniões, ou conferências, entre outras coisas, também do «*auxílio da Providência de Deus e dos anjos*» (**30901**). Os *Ditos Notáveis* dedicam o capítulo 30 [na edição em Português são 5 frases na página 111] à «**Tentação angélical**», isto é, à influência positiva dos anjos sobre as almas.

APOSTOLADO

"*... apóstolas, não só para acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pes-soas, mas também para destruir esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predo-mina nos nossos dias: a Dona Tibieza*" (**10502**)

Nos Escritos zaccarianos não se encontram os termos apostolado e apóstolos aplicados aos seus seguidores, mas unicamente o apelativo «*apóstolas*», atribuído às Angélicas na véspera da missão de Vicência. E isto já indica novidade e modernidade na visão pastoral de Zaccaria que vê a mulher (e os leigos) num plano de paridade com os sacerdotes, chamados todos aos «santos e fervorosos cansaços» da evangelização (**cf. 10502**), cujo principal objetivo é constituído pela idolatria, ameaça radical à integridade da fé, a respeito da qual Antônio Maria já alertara as enclausuradas de Cremona, elas também convidadas a gastar seu tempo «*para ajudar o próximo*" (**20135**).

A mais antiga reflexão sobre as páginas zaccarianas referia-se aos capítulos sobre o relaxamento dos costumes e sobre as qualidades do reformador (Constituições 17 e 18 respectivamente) para ilustrar os critérios do Santo; bem sabemos, porém, que tais páginas se refe-rem, propriamente, à reforma interna da vida religiosa. Antônio Maria tampouco advertiu a exigência de traçar um "corpus" de ensinamentos relativo ao apostolado, preferindo antepor a prática à teoria. Só nos res-

ta, portanto, ‘filtrar’ seu ensinamento mediante a releitura de todos os Escritos.
Os pressupostos. A prática apostólica do Santo parte de uma intuição contemplativa: «*Se você tem um amigo querido, apreciará também as coisas que lhe agradam e que ele aprecia. Ora, co-mo Deus tem tanto amor pelos homens - e sempre teve - você seria muito cruel e mostraria um amor muito fraco por Deus, se não se importasse com o homem, que Ele resgatou por um preço tão elevado*!” (**20419**). Em outras palavras, o homem custa caro a Deus; caro como um bem adquirido em tempo de carestia... E isto impele os «embriagados amantes» de Deus (**cf. 20414**) a considerar-se «eternos devedores» do próximo (**11110**; no Sermão 4 ele cita Eclo 17,12: «Unusquisque mandavit Deus de proximo suo - Deus confiou a cada um o seu próxi-mo»).

O próximo, com efeito, como repetidamente sublinha o Santo, é o meio que permite ao homem exprimir operosamente o próprio amor a Deus (Meio do homem). «*Coragem, irmãos!*» - ressoa a primeira proclamação apostólica dirigida por Zaccaria aos «co-fundadores» Morigia e Ferrari -. «*corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus*» (**10216**).

Já no tempo das catequeses aos Amigos do cenáculo reformador, Zaccaria intuíra que o tempo em que vivia era o «*tempo da promessa de transformação dos homens e das mulheres*» (**20607**). Tal intuição tomará corpo na fundação dos Colégios paulinos: «*Se vocês soubessem quantas promessas de renovação foram feitas a tantos santos e santas! E todas elas vão acontecer nos filhos e filhas de nosso pai*” (**10711**).
O programa. Na visão global que Zaccaria está elaborando acerca dos aspectos caracterizantes do novo Instituto, o apostolado ocupa o vértice de uma trilogia que tem como ponto de referência Deus, nós e o próximo. Podemos ler sua primeira formulação, calcada no exemplo de São Paulo (e de Frei Batista) que «*nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante*

das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total» (**10505; cf... 31608 e 31801**). Zaccaria anseia por seguidores «*preocupados com o crescimento do próximo*» (**31004**), que não deixem de «*crescer sempre por meio dos outros*» (**31013**) e que disso alimentem um «*desejo infinito*» (**10505**)! Ganhar o próximo é especificado posteriormente pelas expressões «*grande perfeição*» (**11109**) (seria suficiente o final da Carta 11, endereçada ao casal Omodei, para explicitar essa ideia; **- cf 11109-10**) e «*pura utilidade*» (**cf. 31608 e 31801**) ou de «*bem espiritual*» (**11204**). Zaccaria deseja, por conseguinte, que se «penetre», se «*penetrem profundamente os corações*», isto é, se trabalhe interiormente para enriquecer as almas de «*verdadeiros valores*» (**10602**; usa o verbo «messedare = bagunçar», isto é, remexer de tal forma a alma e os valores, que se tornem uma coisa só. É preciso «levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo» (**cf. 10502**), ao cultivo do «domm mais precioso, que é o ... espírito», dirá aos leigos do Grupo da Amizade (**cf. 20214**). Veremos como isto será também o primeiro dever do apóstolo.

A referência ao Crucificado é central no projeto apostólico do Santo. «*Minhas queridas filhas*» - diz a segunda proclamação dirigida às Angélicas -, «*desfraldem suas bandeiras, pois dentro em breve o crucificado as enviará para anunciarem, por toda parte, a vivacidade espiritual e o Espírito que dá vida a tudo*» (**10503**). O Crucificado precede e acompanha toda iniciativa apostólica; é ele que nos confia «em todos os momentos» as almas (**cf. 10607**) que devemos, por nossa vez, «*levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo e ao Cristo Crucificado*" (**10502**). Os primeiros historiadores guardam memória de semelhante estratégia, quando afirmam que « aos recém-convertidos Antônio Maria propunha, como único modelo, Jesus Cristo Crucificado» (Gabuzio, História, p. 77); ou quando lembram como ele «advertisse seus irmãos que, ao converter as almas, se interessassem por prendê-las ao Crucificado ... » (Attestazioni do P. Soresina), convencido de que, se se enamorassem dele, tornar-se-ia fácil a renúncia ao mal e a conseqüente

adesão à «disciplina cristã».

O fundamento de Paulo. É sabido que no tempo de Zaccaria difundira-se a exigência de voltar à "apostolica vivendi forma", isto é, a um estilo de vida que repropusesse a experiência dos Apóstolos. É significativa neste sentido a alocução dirigida pelo Santo aos discípulos da primeira hora no «capítulo das lágrimas» de 4 de outubro de 1534, que marcou o verdadeiro batismo do novo Instituto (**cf... Sermão 7**). Destaca-se nele a contínua referência ao Apóstolo, porque é «*no alicerce de Paulo*» que Zaccaria pretende fundar seu projeto de reforma: «*Fiquem, então, firmes e certos de que, sobre o alicerce de Paulo, vocês não construirão prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras preciosas (1.Cor. 3,12) e o céu, com seus tesouros, se abrirá para vocês e seus irmãos*" (**10604**).

Trata-se daquele Paulo - assim o Santo afirma para os Barnabitas - «*que queria fôssemos plantas e colunas de renovação do fervor cristão*» (**10711**). E conclui: «*Filhos e plantas de Paulo, alarguem os seus corações (2Cor.6,13), pois quem os plantou e ainda planta, tem o coração maior e mais aberto que o mar e não sejam inferiores à vocação para a qual foram chamados (Ef.4,1). Se vocês quiserem, serão, desde já, herdeiros e filhos legítimos do nosso santo pai e dos grandes santos e o Cristo Crucificado estenderá suas mãos sobre vocês*» (**10712**).

O apostolado dos paulinos situa-se, portanto, na esteira do apostolado de Paulo e o continua e o repropõe para a época moderna, porque se trata de produzir, a um só tempo, os frutos de Paulo e os nossos: «*Ó querido pai, você suou e sofreu e nós recebemos os frutos, você carregou a cruz e nós descansamos demais! Pois agora, nós faremos crescer os seus frutos e os nossos também, aceitando e carregando a cruz*» (**10711**). Esta situação se realiza também no relacionamento entre Zaccaria e seus discípulos: ele partilha o «ônus» do apostolado conosco, que continuamos sua obra! É o que se pode deduzir da Carta 6: «*Filho caríssimo (Bartolomeu), nós carregamos juntos o peso da missão que você está carregando agora; creio que você já percebeu isso. Nós nem*

poderíamos deixar de ficar juntos em todos os momentos, pois estamos aí sentindo tudo junto com você" (**10606**).

A estratégia. A estratégia apostólica delineada por nosso Santo tem como ponto de partida uma intensa ascese: as «*penas*», as «*provações*» (**10505**), os «*cansaços*» (**10609**), «*o desprezo de si mesmo*» (**31818**), têm como finalidade «*conservar a graça divina*» (**20105**), isto é, ser receptáculos do Espírito Santo, que nos faz «*com uma vida de acordo com a de Cristo*» (**10504; cf. 20201**), (e torna a plasmar-nos à sua imagem, e nos plasma a imagem dEle), de forma a apresentar-nos como seus imitadores ao nosso próximo. Tudo isso exige trabalho ascético cuidadoso que Zaccaria, às vésperas da estreia apostólica das famílias paulinas, ilustra pormenorizadamente às Angélicas (**cf. 10504**).

Se é importante ganhar a nós mesmos, não o é menos importante conquistar os outros: a primeira conquista tem por objetivo a segunda. «*Gostaria que ela ficasse parecida comigo* – pede o Santo que digam a Lucrécia -: *que não cuide só do seu progresso espiritual - o que seria muito pouco - mas que se comprometa para que as outras aproveitem do mesmo jeito que ela*». (**10612**).

A afirmação é muito surpreendente se pensarmos que é dirigida a uma monja, de clausura. E à Priora das Angélicas, que está trabalhando na missão em Vicência, ele diz: «*... o que Jesus Crucificado lhes prometeu é que as forças de vocês irão penetrar os corações até o mais profundo. Será que vocês não vêem que Ele lhes abriu as portas com suas próprias mãos? Portanto, quem os impedirá de penetrar intimamente nesses corações, de mexer com eles e de trabalhá-los, até que fiquem enriquecidos com verdadeiros valores? Ora, ninguém! Seja quem for, nem o demônio, nem criatura alguma*» (**10602**). E isto porque não só a vida ascética anima o apostolado, mas o mesmo apostolado é uma forma extraordinária de ascese. Isso João Clímaco já dizia, quando aconselhava a não diminuir o esforço no ministério devido aos próprios limites, pensando que tudo quanto pregamos aos outros, o dizemos antes de mais nada a nós mesmos (Escada do Céu, 26, 148). Nesta pers-

pectiva é iluminadora a Carta 12, em que a Negri lamenta que «*mesmo depois de grande esforço para ajudar o próximo, eu nada tinha conseguido*» (**11202**). O ter perdido por consequência «*o primeiro fervor de ganhar o próximo*», a privou das «*luzes*» e do «*conhecimento*» da própria vida interior: «*quando eu procurava acender nos outros essas luzes e esses conhecimentos, eu os melhorava em mim*» (**11203**). A certeza, pois, do bom andamento dos outros assegurava-lhe também o próprio progresso. «*E teria sido bem melhor pra mim o ter-me prejudicado, ao menos em parte, enquanto me preocupava com o bem dos outros, porque não teria perdido esta luz interior, do que, ao deixar de lado o próximo, ter perdido esta luz que me alimentava por dentro e que iria, por fim, ajudar-me a sacudir a poeira dos meus defeitos*» (**11203**). «*E agora - conclui - tomei a decisão de esquecer-me de mim mesma e de dedicar-me ao bem espiritual do meu próximo. E assim, espero que, gastando-me pelo próximo, o Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor que me animavam*» (**11204**).

O pó a que se refere a Angélica não é só o pedágio que pagamos à ação apostólica: ela comporta «*cansaço*» mais de uma vez lamentado pelo Santo (**10618 e 11110**), esforço (relembrem-se as saudações «*ao incansável Sr. Camilo» Negri*, **11014**), «*dor* [peso]» , «*mal uma pessoa se mexe e já está cansada, mal se senta para conversar com os outros aumenta esta dor*», escreve Zaccaria referindo-se a Paula Antônia Negri, **10908**), e, enfim, perseguição (<u>Provas</u>).

As obras. Já estamos em condições de apreciar «*o peso da missão*» (**10607**) com que Zaccaria e seus Três Colégios lutaram pela reforma. Renovação da catequese, da pregação centrada em Jesus Crucificado (cf... Gabuzio, História, p. 76); animação do culto litúrgico, reconduzido ao esplendor e à sobriedade; intensificação da prática sacramental, sobretudo eucarística. O gênio pastoral de Zaccaria conheceu duas expressões, fundamentadas e justificadas na tradição cristã: as Quarenta Horas e o toque dos sinos às quinze horas de sexta-feira, em memória da Paixão do Senhor. Pode-se aplicar a Antônio Maria o quanto ele

escreveu a um de seus mais valorosos colaboradores, Frei Bono: «*nunca lançou as redes sem apanhar aquela quantidade de peixes bons e grandes!*» (**10613**).

APÓSTOLOS

«*Começamos a seguir, embora de longe, os passos dos santos apóstolos*" (**20711**)

Ter conhecido «*a força da pregação e do exemplo de vida dos apóstolos*» (**20608**) é uma das provas que demonstram que o homem foi feito apenas para ir a Deus (Caminho de Deus).

O modelo de vida inaugurado pelos apóstolos continuou exercendo grande influência na história da Igreja e nele se inspiraram sobretudo os movimentos de reforma. Isto explica porque o primeiro historiador da Congregação apresenta a "apostolica vivendi forma" como ponto de referência dos institutos religiosos da Idade Moderna (pós Idade Média), dentre os quais a família zaccariana.

Os filhos de Paulo, que se puseram a seguir, ainda que de longe, os passos dos apóstolos (**cf. 20711**; Gabuzio, História, p. 54), não podem retroceder perante as dificuldades. «*Paulo, o sábio Doutor dos povos, se apresenta como exemplo de desprezo, a si e aos seus colegas apóstolos, quando diz: "nós somos loucos por causa de Cristo", "somos amaldiçoados e abençoamos; perseguidos e suportamos, caluniados e consolamos...*» (**10709**) "*Será que somos mais sábios do que os apóstolos?*" (**20710**), pergunta-se Zaccaria. Aliás, a condição ordinária do apóstolo é a cruz: «*Diziam os Apóstolos: e Deus nos manda carregar, cada dia, a nossa cruz*» (**20135**).

Os fervorosos, que na reforma da Congregação se separam dos tíbios, nada devem temer, mesmo que não tenham «*prestígio e simpatia, pois assim acontecia com os apóstolos*» (**31610**). O que importa é que os apóstolos foram beneficiados pela amizade de Cristo (cf. Amiza-

de com Deus): «*Jesus falou a seus apóstolos: "Eu já não chamo vocês de empregados, ... eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai*» (Jo 15,15; **20314**).

ARIDEZ

«*Aprendam isso durante o tempo da aridez: olhem e reparem muito bem dentro de vocês, se ainda está viva a semente da boa vontade*» (**31241**)

A aridez espiritual é apenas o «exílio do coração» de que fala a Imitação de Cristo (2,9,1). O estado de aridez pode, segundo o ensinamento de Cassiano (Colações, 4,3), derivar da própria negligência, da tentação do demônio, ou de Deus, que deseja a um só tempo radicar-nos na humildade e aumentar em nós o desejo de si. Catarina de Sena, por sua vez, sublinha que, quando Deus se afasta de uma alma, não a priva de sua graça, mas somente das ressonâncias sensíveis que a própria graça pode despertar em nós: «Subtraio-me quanto ao sentimento para que [a alma] se feche na casa do conhecimento de si, onde adquirirá toda a perfeição» (Diálogo, 63 e 64). Antônio Maria oferece como critério de discernimento, entre a aridez virtuosa e a defeituosa, a presença ou não na alma da «*semente da boa vontade*» e acrescenta: assim sendo, «*não tenham medo, nem sejam relaxados, porque lhes falta um ardente desejo exterior e a devoção, porque Deus está com vocês de um modo muito mais verdadeiro e amoroso do que com tantos outros de coração cheios de consolações*» (**31241**). E depois conclui: «*Saibam, pois, ó noviços que é dever dos corações magnânimos querer servir sem recompensa e querer combater sem remuneração*» (**31242**). Pergunta-se a respeito a Imitação de Cristo (2,11,3) se não se devam considerar como «mercenários os que sempre pedem consolações». Em tudo isso Zaccaria repete o ensinamento de Frei Batista: «Encontrando-te árido e seco, pede a Deus que, se lhe aprouver, se dê a ti mesmo. E, se o não quiser, verifica

se o não terias impedido, por tua culpa ou negligência; retorna a Deus mais humilhado ..., dizendo-lhe com alegria: "Não é o consolo que busco, mas a Ti. Quero por isso fazer tudo o que fazia. E até mais ...". Deste modo, vê o Senhor o teu coração magnânimo ...». Isto agrada a Deus muito mais do que se trabalhássemos com gosto interior. «Não penses», portanto, «que Deus te haja abandonado; ao contrário, abraçou-te ainda mais» porque persistes em trabalhar virtuosamente, mesmo «não sendo ajudado por outro subsídio» (Filosofia Divina, p. 7r).

Gregório Magno ensinava, enfim, que a "ariditas mentis" nos vem quando os nossos pensamentos estão voltados para a «terra»; ao passo que se os dirigirmos para o «céu» seremos invadidos por «íntimo deleite» (Homiliae in Evangelia, 2,38).

ARTES MÁGICAS

«*Você não dá prioridade às magias, aos encantos e ao conhecimento do futuro pela astrologia, mas você tem curiosidade de saber os segredos de coisas sem importância: segredos que não são seus*» (**20129**)

Zaccaria conhecia perfeitamente a natureza da superstição que muda frequentemente de forma e que São Tomás (Summa Theologiae, II.II, 92, 2) mostrou em quatro itens: o culto a Deus prestado de modo errôneo (as «*orações supersticiosas*» das religiosas, **20129**); o culto a criaturas ou idolatria propriamente dita («*Você tem muito afeto às criaturas*», **20130**); a adivinhação, com que se perscruta o futuro de modo humanamente indevido, querendo arrebatar com curiosidade os segredos de Deus, «*segredos que não são seus*» (**20129**); enfim, os assim chamados conhecimentos, relativos aos astros e aos sonhos, e, mais geralmente, a prática das magias e das feitiçarias.

Ainda que a reflexão teológica, embora alertando quanto à superstição e à instrumentalização demoníaca, reconheça uma autêntica aproximação à ciência dos astros e dos sonhos (Summa Theologiae,

I,115,4; I.II,9,5; II.II, 95,5, atribui aos astros uma «influência indireta»; Summa Theologiae, II.II, 95,6 admite o recurso aos sonhos), Zaccaria segue a linha das Escrituras que proíbem semelhantes práticas (Dt 18,10-12).

Mais que no plano teórico, Antônio Maria põe-se no plano pastoral, consciente não só da ignorância, que está na base de toda prática supersticiosa, mas também do contexto cultural de seu tempo, contexto invadido por crises de consciência, por ímpetos «espirituais» indevidamente avaliados, pelo pulular de novas correntes religiosas. Isto para não dizer que Zaccaria é um homem não só de formação teológica mas também de formação humanística e científica, pouco inclinado, por isso, a reconhecer valor objetivo a um «saber» que ordinariamente se considera irracional. Contra «**Sonhos e aparições**» também se pronunciam os *Ditos Notáveis*.

ASCENDER / CRESCER / SUBIR

«*Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!*» (**31245**)

Trata-se de um termo técnico usado por Zaccaria para descrever o progresso espiritual. Esse verbo pertence ao campo semântico da escada (Ordem da vida espiritual): «*Por que você não sobe até o sótão? Porque-você não achou a escada* (**20113**). "*O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro pa-ra o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante*" (**20114**).

Encontramos este verbo em quase todos os Sermões: «*O homem, querendo subir, começa de baixo pra cima*» (**20215**); «*a causa da minha imperfeição e o motivo de eu não chegar ao equilíbrio da minha mente é a minha língua*» (**20217**); «*Vivendo o segundo mandamento... [você] chegará facilmente à perfeição*» (**20219**); «*Preso a esses três laços, você sairá com facilidade do poço da miséria e da imperfeição,*

como aconteceu com o profeta Jeremias (Jr.38,13) e chegará ao máximo da santificação" (**20316**). «*Caríssimo, veja em que triste situação se encontram os maus cristãos, diante desta caminhada com que se confrontam* [para crescer]*!*" (**20415**); «*Você quer chegar à perfeição?* [crescer, subir]» (**20424**); «*Muitos santos fizeram esta distinção entre coisas necessárias e aconselhadas: dessa forma ficavam sempre animados para a ação; e, em seguida, quase que estabilizados, pudessem subir, pouco a pouco, até a perfeição*» (**20619**).

Nas Constituições, Antônio Maria lembra aos noviços o dever de subir à perfeição: «*Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!*» (**31245**), expressão esta que faz ecoar o ensinamento de Frei Batista: «Sobe, que sempre acharás como subir» (Espelho Interior, p. 51r; veja-se também Correr).

ASCESE

«*Pelo amor de Deus, ajudem-me de perto ...*» (**10214**)

Falta nos Escritos de Zaccarias o termo «ascese», amplamente documentado nas fontes a que se refere. Temos, porém, seu equivalente: antes de mais nada, na palavra «*esforço*».

O esforço é indispensável na vida segundo o Espírito e abraça quer a dimensão interior, quer a propriamente física (que é, afinal, o sentido literal do termo grego). Bastaria lembrar que o «*verdadeiro fervor pode também ser adquirido com propósitos renovados, firmes e frequentes»,* isto é, renovar com firmeza os próprios propósitos; e também a exigência de *«esforços violentos ou corporais*» (**31243**; **cf. 20422**, em que o Santo estabelece que, devido ao enraizamento corporal das paixões, elas que «têm origem no corpo, ... precisam de "remédio corporal, de orientação e de estímulos corporais».

A ascese pertence ao âmbito da ação, que constitui com a oração seu polo «interior». Antônio Maria fala, de fato, de «*frequente elevação*

da mente» (**10307.09.11**) como sendo motivo de expansão apostólico--caritativa. A própria oração, se não estiver acompanhada do esforço ascético, «*terá pouco valor e importância*» (**10312**). Zaccaria diz isso em carta a Carlos Magni, na qual ilustra magistralmente a íntima relação entre oração e ascese, fazendo consistir esta última no conhecer e combater «*aquele defeito que como comandante geral, chefia os outros que existem em você*» (**10313**) [Em outra tradução, defeito é vício (predominante) e comandante é capitão].

Página análoga, que exemplifica o exercício ascético, acha-se na primeira carta às Angélicas. Dela retiramos mais uma explicitação: os frutos da ascese coincidem com a ação do Espírito Santo em nossos corações. Na verdade, seguindo as indicações que o santo oferece a elas como «*pai em Cristo, aliás, ... espírito em Cristo*» (**cf. 10510**), ele mesmo verifica que as suas «*queridas filhas*» «*receberam de verdade Aquele que ensina a justiça, a santidade, a perfeição: o Espírito Santo Paráclito*» (**10504**). A ascese apresenta-se, enfim, com variedade de termos equivalentes. Nela exprime-se o esforço humano em «sinergia» com a graça divina, ou o exercício das virtudes procurando conseguir a vitória de si mesmos.

Em termos negativos, a ascese comporta a purificação das más inclinações (**cf. 20422**): «*É necessário que* [o homem] *se, liberte*» - se purgue, diz um médico! - «*de todas as paixões*», pratique constante mortificação, em que se traduz o «*martírio diário*» (**cf. 20409**). Centrada no próprio aperfeiçoamento, a ascese é sinônimo de transformação do homem velho em novo (**cf. 20322**), que é o verdadeiro homem espiritual. É sinônimo de transfiguração crística operada pelo Espírito Santo, como Zaccaria sublinha repetidamente quando deseja que as Angélicas vivam uma «*vida de acordo com o exemplo de Cristo*» [= segundo o modelo de Cristo»] (**10504**) ou quando leva os que cultivam a «vida espiritual verdadeira» a exclamarem: «*Querem ver um exemplo concreto de Cristo? Olhem para nós*» (**20201**).

O esforço ascético, para conseguir «*todas as virtudes e ... che-*

gar ao máximo delas» (**31244**), serve-se, além da oração, dos instrumentos clássicos, bem conhecidos de Antônio Maria, que os fez próprios e os propôs a seus discípulos. Trata-se do «silêncio», ou seja, do culto da interioridade; da «vigília», em que se exprime a vigilância; e do «jejum» ou sobriedade de vida.

A partir deste conjunto de dados podemos concluir que, em Antônio Maria, há uma visão ascética realista e só aparentemente negativa, que compreende a dimensão interior e exterior da pessoa e, ao mesmo tempo, vigorosa e rigorosa. Sua abordagem é, no mínimo, entusiasmadora, totalmente positiva, formulada no final do Sermão 1 com esta expressão lapidar: «*Esforcemo-nos em observar, antes de mais nada os Mandamentos de Deus e, depois, chegaremos à liberdade de espírito*» (**20128**).

ATRIBUTOS DE DEUS

«*Nenhuma pessoa de bom senso e de conhecimento poderia imaginar que, aquele que é a bondade, quisesse o mal, que o máximo da sabedoria pudesse ignorar algumas coisas e que o Todo Poderoso falhasse!*» (**20502**)

Podemos distinguir duas séries de atributos (ou nomes) divinos: os que são inerentes à própria essência de Deus e os que descrevem suas operações ad extra.

Atributos essenciais. Deus «*é o Ser vivo e verdadeiro*» (**20101**). Partindo da definição escolástica de Deus, Zaccaria retoma também a enumeração tradicional dos atributos divinos: [oni]potência, sabedoria, bondade (Summa Theologiae, I, 25; 14; 6). Trata-se dos atributos do ser enquanto ser e, portanto, com maior razão, do Ser divino.

No Sermão 1, para demonstrar que «*a causa do nosso pequeno crescimento espiritual (cf. a voz Proveito) não é Deus*» (**cf. 20107**), Antônio Maria retoma justamente os três atributos divinos fundamentais:

«*Nada é impossível para o Todo-poderoso*» (**20101**); «*E então, caríssi--mo, você ainda acredita que Deus, o máximo da sabedoria, tem falhas que não o deixam conduzir o que Ele mesmo fez?*» (**20104**); «*Você nem poderia imaginar, se ainda tiver um pou-quinho de bom senso, que Deus, na sua bondade infinita tivesse decidido livremente criar o céu, os elementos da natureza, os animais, as plantas, os minerais e as pedras para o homem, ... e depois abandonasse o homem?* (**20105**). E conclui: «*Ah! Meu caro! De quem será a culpa do seu pequeno cresci-mento espiritual? Você já viu direitinho que não é por incapacidade de Deus que isso acontece, porque para Deus nada é impossível e não há quem se oponha à sua vontade...*» (**20112**).

Encontramos procedimento semelhante no Sermão 5, quando Antônio Maria quer demonstrar que as paixões não são más, porque feitas por Deus: «*Nenhuma pessoa de bom senso e de conhecimento poderia imaginar que, aquele que é a bondade, quisesse o mal, que o máximo da sabedoria pudesse ignorar algumas coisas e que o Todo Poderoso falhascxcxse!*» (**20502**).

Atributos operativos. A ocasião para especificar os três atributos ope-rativos fundamentais de Deus é a exposição do primeiro mandamento: «*Caríssimos, ao começar a falar assim, Deus se refere aos bens da criação, ao governo do mundo, à salvação do homem. Quando Ele diz: "Eu sou"- "Eu sou me enviou até vocês" - e quando diz: "Eu sou o Deus de vocês", refere-se à criação; porque, quem pode fazer alguma coisa do nada, a não ser aquele que é? Criar não significa outra coisa, a não ser fazer do nada e produzir alguma coisa pra que ela exista. Quando Ele diz "Senhor", refere-se ao governo do mundo, porque não há senhor sem súditos... E, quando diz "que fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão", Deus se refere ao grande dom da libertação dos pecados e do domínio do mal e, também, da salvação*» (**20119**).

Reencontramos a mesma apresentação no Sermão 3. Criação, governo e libertação são os três motivos da gratidão (Reconhecimento) do homem para com Deus: «*Todas as criatu-ras têm obrigação para*

com Deus, mas principalmente o homem, porque Deus o criou, o go--verna e o liberta dos contratempos e perigos...” (**20308**). Se, porém, prestarmos bastante atenção, perceberemos que entre as duas séries de atributos existe estreito relacionamento.

A onipotência exprime-se antes de tudo na criação: Deus «*é Aquele que tirou do nada tantas criaturas espirituais e corporais*” (**20101**)

Na sabedoria está o governo da criação: «*Deus constituiu as pessoas naquela harmonia maravilhosa que você mesmo pode ver. Repare como o homem, criado livre, é conduzido pela Providência, de tal modo que o obriga e o incentiva sem forçá-lo e sem nenhum constrangimento*» (**20103**); “attingit a fine usque ad finem et disponit omnia suaviter - *Porque a sabedoria de Deus chega com vigor a todas as partes do universo e o governa com justiça (Sb.8,1)*» (**20104**).

A salvação humana depende da bondade: «*Você nem poderia imaginar ...que Deus, na sua bondade infinita ..., tenha entregue ao homem seu próprio Filho, para servi-lo, para resgatá-lo e para morrer por Ele ... e, depois abandonasse o homem?”*» (**20105**).

AVANÇAR / PROGREDIR

«*Não progredir ... é parar, é voltar pra trás”* (**20623**)

Trata-se de um conceito chave da espiritualidade zaccariana. O esforço contínuo é uma exigência intrínseca da vida cristã: «*A vida espiritual exige que você não volte atrás e que não pare. Mas, tendo saboreado aquela doçura divina, cresça a cada dia*» (**20206**). O esforço é tão importante que, se você se descuidar, não só não fica parado, mas regride. «*Não progredir é recuar*» (**31237**); «*Não progredir é falhar*» (**31820**); «*E não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás*» (**20623**). O “non progredi, regredi” ou o “nolle proficere, deficere est” constitui uma afirmação que atravessa toda a história da espirituali-

dade. Lembra-o, por exemplo, São Gregório Magno com a comparação da barca (Vida espiritual, graus). Julga o célebre doutor que a Sagrada Escritura é como uma vara com que «medimos cada ação de nossa vida, para ver quanto progredimos ou deixamos de progredir» (In Ezechielem, 2,7). Igualmente Cassiano, quando escreve que «a alma não pode estacionar: ou cresce em virtude ou fenece. Não ganhar é perder: quando se apaga o desejo de progredir, avizinha-se o perigo de retroceder» (Colações, 6,14). São Bernardo, enfim, retoma várias vezes o tema em seus Sermões (Sermo 2 in festo Purificationis, 3) e em suas Epístolas (cf. 254,4 e 385,1).

A exigência do progresso contínuo deve ser inculcada desde o noviciado: «*Ensine aos No-viços não só o modo de conservar, mas também o de aumentar seu fervor de noviços*» (**31237**). Esta é uma das condições da reforma: «*É preciso que você se proponha avançar cada vez mais e em coisas mais perfeitas ...* (**31820**). *Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros*» (**31821**). Mas isto é uma exigência intrínseca também à vocação dos leigos: «*Eu não digo que façam tudo num dia só e sim, que a cada dia façam um pouco mais*» (**11105**).

Zaccaria exoressa a mesma idéia usando outros verbos, como ascender e crescer).

A idéia de avanço, está contida numa expressão especialmente cara a Zaccaria, expressão tirada do Salmo 83,8: «De virtute in virtutem» (traduzida na Liturgia das Horas por «[Caminharão] com ardor sempre crescente»). Nós ancontramos no Ser-mão 3: «*Eles caminham de fortaleza em fortaleza até verem Deus em Sião*" (**20322**); no Sermão 7: «*Deus, na sua misericórdia, nos tirou do mundo, mesmo sem mere-cimento nosso, para que, ao servi-lo, passemos de fortaleza em fortaleza*" (**20707**); na Carta 2: «*Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo degrau por*

degrau, chegue à perfeição" (**10202**)

(Cume/ápice). Tal expressão já fora usada por Cassiano: «Deus convida-nos a subir de um cimo para outro ainda mais alto. Quem buscou a felicidade e a perfeição no temor de Deus passará, como diz a Escritura, de virtude em virtude, isto é, de perfeição em perfeição, quer dizer: progredirá do temor à esperança, ouvindo em seguida o convite de Deus a chamá-lo a estado ainda mais santo: à caridade» (Colações, 11,11). Reencontra-se a mesma expressão também nos Ditos Notáveis: «*De vez em quando, a alma reclama que não lhe permitem crescer de virtude em virtude, como se Deus estivesse ausente*» (**Falar em excesso 6**).

AVAREZA

«*Paulo diz que a ambição é causa e raiz de todo mal e sobre a avareza diz que " é própria dos idólatras*» (**20127**)

A avareza ou cobiça/ambição (há entre os dois termos certa diferença, mas aqui podem-se tomar como sinônimos) é, antes de tudo, uma das paixões.

Dela fala Zaccaria no Sermão 4 em que afirma que «*a avareza atinge os bens materiais e outras coisas visíveis e corporais*» (**20422**), pelo que precisa "*de remédio corporal, de orientação e de estímulos corporais*». (**20422**)

No Sermão 5 o «amor aos bens materiais» está no elenco das outras paixões que, muito embora sejam em si boas, porque criadas por Deus, podem prejudicar «*quando mal controladas*» **cf. 20512**).

Em segundo lugar, a avareza é um dos pecados contra o primeiro mandamento, enquanto faz parte das «representações» e «semelhanças» (que camuflam Deus) feitas pelo homem e adoradas em lugar do verdadeiro Deus: «Você está apegado aos seus pertences ...".

Paulo diz que a ambição é causa e raiz de todo mal e sobre a

avareza diz que " é própria dos idólatras". E Jesus disse que a caridade acaba quando a avareza domina. E Paulo diz que, nos tempos atuais, quem vai dominar são os homens soberbos, "metidos", desenfreados, avarentos e seguidores somente de suas opiniões)» (**20127**).

A avareza é um pecado que afeta não só os seculares, mas também as religiosas: «*Você está cheia de avareza: tem medo de ficar sem ar e sem chão para pisar. Você pensa que pode ficar doente por muito tempo e, por outro lado, a pobreza do mosteiro...*» (**20136**). "*Não vou acrescentar mais nada sobre a avareza, ... quero que considerem o que a Bíblia conta a respeito dessas atitudes de avareza: são casos de mortes horríveis ...!* (**20137**). Ao exemplificar, o Santo parece inspirar-se em Cassiano (Ao bispo Castor, Filocalia, 1,137) que lembra os mesmos casos de Giezi, de Judas, de Ananias e Safira.

Não se devem confundir avareza com o respeito e o cuidado zeloso pelas coisas comuns que são, ao contrário, sinal de pobreza: «*Cada um conserve e guarde as coisas da casa - não por avareza, mas como consagradas a Deus - de tal modo que julgue cometer sacrilégio se, por sua negligência, quebrar alguma delas, ou deixá-las apodrecer, estragar ou perder-se*» (**30404**).

Detalhe da página 20r do caderno manuscruto do jovem Antônio Maria Zaccaria contendo anotações de Filosofia. Este caderno foi posteriormente usado para que o Santo escrevesse seu 3o Sermão. O original está conservado no Arquivo do Centro de Estudos históricos dos Barnabitas em Roma.

B

BASTA

«*Para mim é suficiente* (basta) *honrar a Deus até aqui*» (**31245**)

Este é o lema dos tíbios. Zaccaria, em seus Escritos, cita "basta" várias vezes: «*Chega* (Basta)*, desde que eu me salve e observe os mandamentos de Deus, desde que salve a minha alma, para mim está bem bom: não me interessa uma santidade maior*» (**20620**); «*Para que confessar-me várias vezes? Basta uma vez por ano!*» (**20620**) «*Para mim é suficiente* (basta) *honrar a Deus até aqui*» (**31245**); «*Assim está bom, não fiquemos preocupados com uma perfeição maior*» (**31715**).

Encontramos basta (e seus sinônimos) também nos escritos de Frei Batista de Crema (Via di aperta Verità, p. 21r; Filosofia Divina, p. 76v; Espelho Interior, pp. 8v; 54r; etc.) e, antes dele, na Epistola 254 de São Bernardo ao abade Guarino. Expressões semelhantes aparecem também nos Ditos Notáveis: «*Se você quiser ficar livre do perigo da impaciência, não fale como muitos dizem: 'Para mim, é suficiente não reclamar [lamentar]' mas seja paciente a mais não poder...*» (**Paciência 7**); «*Estas são as palavras dos tíbios: 'Eu não quero ser santo, basta que eu vá para o céu', 'Não me preocupo com tanta perfeição, basta que eu viva como os outros, não é preciso crescer tanto na virtude...*» (**Tibieza 25**).

O argumento dos tíbios é extremamente perigoso, porque contradiz uma das leis fundamentais da vida espiritual - a do crescimento contínuo - segundo a qual «não progredir é regredir» (cf. <u>Avançar</u>). Isto leva Zaccaria a exclamar: «*Coitados! Não enxergam em que perigo se acham*» (**20620**). O homem não pode impor limites a si mesmo no progresso espiritual porque «*o tamanho da perfeição é infinito. Assim,*

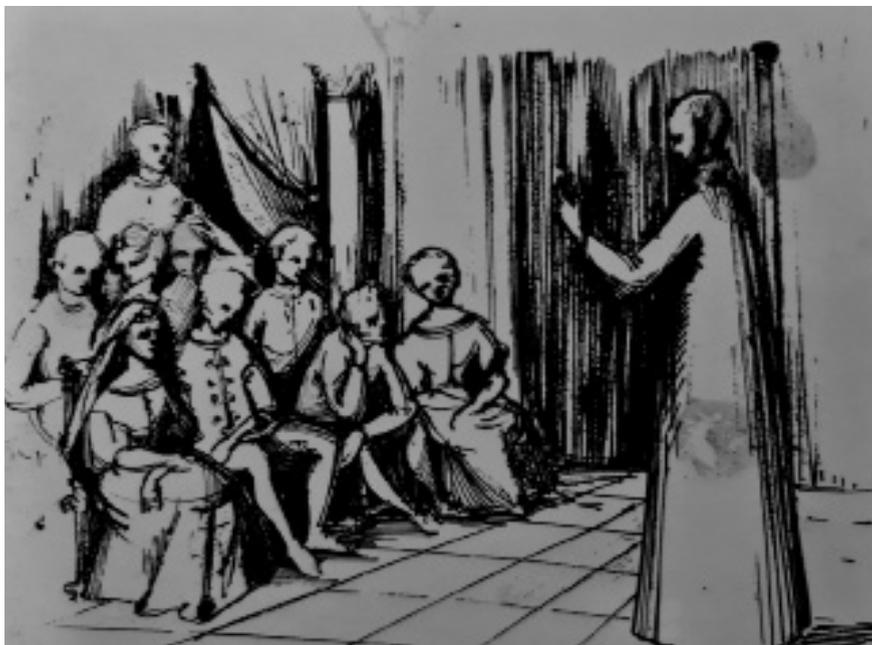
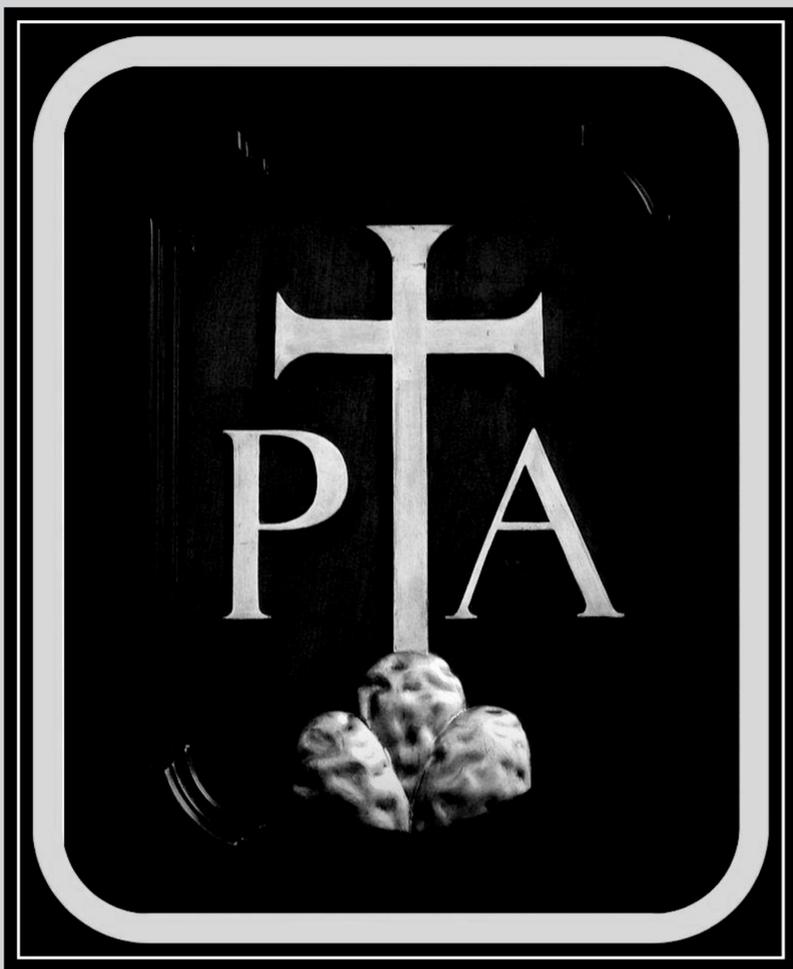
pois, evite pensar que é suficiente o que você fez no começo» (**31821**). "*Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!*" (**31245**).

BEM-AVENTURANÇA

«*Você é feliz! Porque "felizes os que são perseguidos por causa da justiça..." (Mt.5,10)*» (**20431**)

Antônio Maria Zaccaria considera o espírito das bem-aventuranças como norma de conduta cristã. Essa norma tem em si boa dose de anticonformismo. Agir para agradar ou ser agradados - «*andare a "complacebo*», escreve Zaccaria, sublinhando expressão usual do seu tempo, encontrada, por exemplo, em Frei Batista quando escreve «andar dietro a "placebo" (correr atrás de um placebo, de um paliativo) - subverteria a lógica evangélica. Assumindo-a na sua radicalidade, o Santo reconhece esta realidade nos seus sermões aos leigos; com isso, vamos ao encontro de perseguições; mas é então que se colhe a bem-aventurança. Quem se recusasse a seguir esta norma, «*não estaria falando nem como um bom cristão, e nem mesmo como um bom cidadão*» (**20431**), donde se deduz que as bem-aventuranças devem permear também a vida social. A bem-aventurança das provações sofridas pelo Reino foi lembrada por Antônio Maria aos religiosos, durante os dias cruciais de outubro de 1534, quando propôs aos discípulos perseguidos o dilema: ou estultos com Cristo ou sábios com o mundo! Por outro lado, está muito viva em Zaccaria a convicção de que a bem-aventurança constitui o porto de chegada da aventura humana e cristã. O homem na verdade foi criado à imagem e semelhança de Deus para «*conservar a sua graça e ser o sujeito das bem-aventuranças*» (**20105**). Este conceito é caro a Zaccaria, que o retoma em termos quase análogos em suas últimas exposições sobre o Decálogo: *«E Deus, que fez os céus e o universo para o homem, que fez o próprio homem à sua imagem e*

*semelhança (Gn.1,27), destinando-o à felicidade eterna” (***20502***)*.

O tema da bem-aventurança é familiar aos santos, que o repropõem segundo suas numerosas facetas. Também Antônio Maria tem, por isso, uma «sua» bem-aventurança: «*Encontrei o amado da minha alma. Agarrei-o e não vou soltá-lo...” (Ct.3,4). Ah! Que abraços doces! Felizes os que neles se encontraram e neles descansam!*» (**20207**). Mais uma bem-aventurança: «*Felizes os que se alegram no seu espírito e no seu coração! Que Deus lhes conceda experimentar de uma vez por todas, esta verdadeira alegria interior. Amém. Que Deus o permita!*» (**20510**).

Santo Antônio Maria Zaccaria ensinando aos leigos
Desenho que ilustra a capa do Prontuário em italiano, editado em 1994

«Não progredir ... é parar, é voltar pra trás”
(20623)

C

CÁRCERE / PRISÃO

«*... de forma alguma, passe pela cabeça de vocês obrigar alguém a praticar a virtude sob a ameaça de prisão ou de torturas corporais*» (**31303**)

No capítulo 14 de suas Constituições, em que trata «das penas», Zaccaria volta a insistir: «*Irmãos, façam de tal modo que não haja prisões, nem qualquer outro tipo de torturas entre nós...*» (**31401**); na verdade, ele julga supérfluo recorrer a punições quando não nos deixamos «violentar pelo amor». Nas orientações para os visitadores ele também lembra que os defeitos devem ser enfrentados «*não com a prisão ou outras penitências, mas é preciso arrancar as raízes em tudo*" (**31902**).

A instituição [cárcere, prisão] a que se refere Antônio Maria é muito antiga. Vigorava, de fato, na vida monástica, a prática da «excomunhão»: comportava a exclusão da vida de comunidade e a privação da Eucaristia. Cassiano trata deste assunto nas Instituições Cenobíticas (2,16: a exclusão da oração) e seu ensinamento é retomado na Regra beneditina (capítulo 23) e volta a aparecer na Escada do Céu de João Clímaco. No seu tempo, já temos a passagem do cárcere-excomunhão para o cárcere-reclusão. Ele fala, de fato, de uma «parte do mosteiro ... chamada cárcere e nem um pouco convidativa» (4,30). Na consideração seguinte ou discurso, ele retoma o assunto, tratando da penitência, e da «compunção que traz alegria» que ela deve produzir, visto que o cárcere mirava, a um só tempo, punir e corrigir. Tal pena foi codificada nas regras dos institutos antigos e modernos, e aparece nos Cânones Penitenciais em vigor no tempo de Zaccaria e nos séculos seguintes, pode-se dizer, vigoraram até o advento das supressões do século XIX.

As orientações de Zaccaria são proféticas e remontam à

corrente mais interiorizada da ascese, àquela «*prisão voluntária - em que não havia nem porta nem fechadura*» praticada pelos «*Santos Padres*» (**31307**) no incessante exercício da mortificação pessoal. É o caso dos «*penitentes voluntários*» (**31308**). A recusa de qualquer sistema de coerção reside na íntima persuasão de que «a virtude busca intensamente o homem voluntário (cf. Suma Teológica, I.II, 56,3), o contrário o faz hipócrita: "*o que nós,* - realça o Santo - *condenamos*» (**31303**). Daí a prática, sobre a qual Zaccaria insiste tanto, isto é, a de afastar (Penas) quem não pretenda ser virtuoso, antes que forçá-lo com medidas repressivas.

CARIDADE

«*Só uma coisa faz você adquirir e aumentar o amor de Deus e crescer neste amor ... Quer saber o que é? É o amor ao próximo!*» (**20418**)

Antônio Maria dedica à Caridade a primeira parte do Sermão 4. Os *Ditos Notáveis* dedicam-lhe o segundo capítulo.

Amor de Deus. Caridade é antes de mais nada «o amor ao Senhor Deus». A tese do sermão é que «*só a caridade vale; todas as demais virtudes, sem a caridade, não valem nada*». E para demonstrar sua tese, Zaccaria faz uma longa exemplificação, servindo-se de 1Cor 13, e conclui: «*Se a eloquência não serve, porque vem da sabedoria dos discursos humanos; se a ciência não serve, porque incha de orgulho; se a fé não serve porque, sem as obras, está morta; se as próprias obras não servem, quando não estão marcadas pelo amor, é necessário viver esse amor, que é o amor de Deus; é por ele que você é agradável a Deus*» (**20411**). Estas últimas palavras revelam o motivo profundo da necessidade da caridade: sem ela o homem não agrada a Deus. É a caridade (que se identifica com a "gratia gratum faciens" e, portanto, com a Graça santificante) que torna o homem agradável a Deus e o habilita a tornar-se sujeito de todas as outras virtudes.

Para demonstrar, depois, a necessidade da caridade, Antônio Maria passa a falar do «caminho da caridade», que pode ser percorrido em dois sentidos. Já foi percorrido de cima para baixo: «*Você quer ver uma coisa? O Filho do homem veio a esta terra para trazer o amor!*» (**20412**); «*Que extraordinária compaixão! Que amor imenso! Deus humilhou-se tanto para que o homem voltasse a amá-lo e assim, pudesse salvar-se!*» (**20412**). Mas o «caminho da caridade» deve também ser percorrido em sentido contrário, de baixo para cima. O «*caminho certo que leva ao céu*» (**20413**) é um «*caminho tão estreito e difícil*» (**20414**) que não pode ser percorrido «*sem ter nenhuma satisfação*» (**20414**), sem sermos aliviados pelo amor: «*Não é possível passar por estas dificuldades e carregar esse peso sem amor, porque o amor é que carrega o peso*» (**20416**). Por isso, podemos concluir: «*Sem o amor de Deus nada se faz. Logo, todas as coisas dependem desse amor*» (**20416**)..

Amor ao próximo. Caridade é, em segundo lugar, o amor ao próximo. O amor de Deus é sacramento (sinal e instrumento) do amor de Deus: «*Só uma coisa faz você adquirir e au-mentar o amor de Deus e crescer neste amor; além disso, faz com que ele apareça clara-mente, quando, de fato, existe em você. Quer saber o que é? É o amor ao próximo!*» (**20418**)... O amor ao próximo, por sua vez, abraça amigos e inimigos, segundo a seguinte regra: «*amar a Deus sobre todas as coisas e, por amor dele, amar a todos: amar os amigos nele e amar os inimigos por amor dele*» (**20323**); afirmação tirada diretamente de Gregório Magno, que escreve: «Caritas vera est amicum diligere in Deo et inimicum diligere propter Deum» (Homiliae in Evangelia, 1,9; 2,27,1; 38,11; cf. Moralia, 22,1,22). O amor ao próximo traduz-se nas obras de misericórdia, que o Santo evoca nestes termos: «*... dê de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, veste o nu, acolhe o peregrino e visita o doente, liberte o preso; cuide de seu trabalho, faça-o por amor de Deus, aja corretamente! Escolha o que for melhor, faça o bem e o amor seja em tudo a sua motivação* » (**20326**; **cf. 20423**, em que ele fala do «julgamento final»).

Zaccaria detém-se demoradamente a ilustrar a necessidade da mediação humana em nossas relações com Deus e conclui retomando seu pen-samento: «*Caríssimo: se Deus é espírito e o homem matéria: por isso só podemos chegar a Deus por meio de outro homem, se Deus costuma agir no homem, por meio de outro homem, se o homem deve ser curado de maneira natural, humana, se as paixões do homem são de origem corporal: por isso deve livrar-se delas por meio de outro homem. Se isso ainda não for suficiente, pelo menos ouça o seguinte para se convencer de que o amor do próximo mostra o amor de Deus: Deus fez-se homem justa-mente para isso*» (**20423**) (Encarnação). Uma aplicação prática deste princípio é a caridade apostólica, lembrada por Gabuzio (História, p. 76) com um episódio tocante: «Certo dia, depois da morte de Antônio Maria, o Pe. Soresina, vencido pela preguiça, quem sabe também pelo cansaço, deixou para mais tarde a confissão de um doente. Na noite seguinte, antes de adormecer, ouviu claramente a bem conhecida voz de Zaccaria: "Senhor Batista, meu bom irmão, o que é feito daquela caridade que o nosso Paulo nos ensinou? Por que você se descuidou daquela alma?"».

CASTIDADE

«[O religioso] *deseja ardente e alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo*». (**30303**)

Dentre as reflexões de índole espiritual que nos chegaram da parte do Santo Fundador, esta é absolutamente a primeira. Remonta à juventude de Zaccaria e, mais precisamente, a quando, pelos 20 anos, redigia um prontuário de sentenças filosóficas num caderninho de apontamentos. Lê-se na letra C: «*Castitas maxime adiuvat in acquisitione scientiae* - A castidade é o maior auxílio para a aquisição da ciência [do conhecimento]». Remete em seguida à letra E, para a palavra Exercício [espiritual]. Antônio Maria herdou uma tradição que de Aristóteles,

mediante Averróis, chegou até Tomás de Aquino (em que o jovem estudante universitário se inspira). O Doctor communis retoma-a nestes termos: «Abstinência e castidade são ótimas disposições para a perfeição do processo cognitivo» (Suma Teológica, II.II, 15,3). A afirmação encontra-se nos autores dominicanos. Assim afirma Catarina de Sena: «Nenhum pecado é tão abominável a ponto de tirar a luz da razão quanto este. Reconheceram-no também os filósofos, não pela iluminação da graça, que não tinham, mas porque a natureza lhes dava um tal lume, que viam este pecado ofuscar o intelecto. Por isso, alguns deles, para melhor estudar, mantinham-se continentes (Diálogo, 32).

Antônio Maria considera a Castidade como um valor, tanto para a vida conjugal quanto, obviamente, para a vida religiosa. Desde seu primeiro sermão sobre o decálogo, chama a atenção dos leigos para a grandeza do sacramento do matrimônio, lembrando que «a castidade e a conduta ilibada», isto é, a pureza de vida, é «vontade de Deus». Conseqüente-mente a vida conjugal deve ser vivida no «temor» do Senhor e «*não se perca, como fazem as pessoas vulgares. Lembre-se de que a castidade e o bom comportamento são vontade de Deus*» (**20126**). Análogas insistências são retomadas na Carta 11, endereçada ao casal Omodei, indicando-lhe como meta de vida sinceramente «espiritual»,«*deixa de lado relações sexuais sem amor e corta tudo que é feito só por sensualidade, para dar dignidade à castidade*» (**11104**). Como em todas as virtudes, é necessário progredir também na Castidade. Zaccaria volta ao tema referindo-se aos religiosos, aos quais recomenda que «*cresçam na virtude da Castidade (fugindo de tudo o que a ela se opõe), de tal modo que corpo e mente*» - note-se esta junção! - «*não sejam manchados por tais males*» (**30302**): sendo esta última expressão extraordinariamente plástica, ainda que não muito fácil de interpretar. É, enfim, interessante notar que nas Constituições para os noviços o Fundador não se detém em casuísticas, mas, [como num voo de Píndaro], capta, no amor exclusivo a Deus, o que constitui os cumes da Castidade, de modo que (alguém) se mancharia de «*adultério espiritual*» se em tal

amor se relaxachasse (**cf. 31210**).

Passando a enfrentar os «sinais da ruína dos costumes», isto é, os sintomas de decadência na vida religiosa, Zaccaria esclarece como «a primeira e imaculada Castidade já começou a ofuscar-se e a se enegrecer» (**31711**). A este propósito, ele não motiva a sua tese denun-ciando desvios no âmbito da sexualidade propriamente dita, mas fala de recreios intermináveis e litigiosos, de tolerância com a tagarelice e com o jogo, de requintes no vestir e no cuidado dos ambientes («*passarinhos, vasinhos de flores»*!), de «*frequentes conversas com gente de fora, com bons companheiros e freirinhas*» (**31712**), trecho em que conversação significa freqüência excessiva (**cf. 31712**). Não se esqueça que também aos olhos dos antigos ascetas «a murmuração faz a Castidade desaparecer» (João Clímaco, Escada do Céu, 10,83). Conseqüentemente, a exortação à Castidade figura entre as tarefas do visitador a quem compete o ofício de fazer «*visitas freqüentes, minuciosas e diligentes*», que despertem novo ímpeto à vida religiosa (**cf 31901ss**).

COMBATE ESPIRITUAL

«*... inexperiente nas batalhas espirituais*» (**31225**)

Um autor, cujas obras foram consultadas por Antônio Maria, nos dá a seguinte descrição do combate espiritual: Spiritualis pugna, quomodo sit pugnandum daemones, mundum et carnem - A batalha espiritual é o modo como se deva combater contra os demônios, o mundo e a carne» (Boaventura, Expositio in Hexaemeron, 13).

Que a vida do homem sobre a terra seja um «serviço militar», está escrito na Bíblia com caracteres garrafais (cf. Jó 7,1) e em toda a tradição. Paulo, o mestre mais direto de Zaccaria, apresenta a aventura cristã como «luta» (Ef 6,10-20, com a famosa descrição da armadura de Deus) e como «combate» (cf. 1Cor 9,24-27; Fl 3,12; 2Tm 2,5; Hb 10,32), e Antônio Maria relembra «*as arma ofensivas e defensivas da*

justiça» (2Cor 6,7; **20517** e **cf. 20706**), convidando os seus, num momentos de grave angústia, a «correr para o certame que nos é proposto» (Hb 12,1), olhos fixos no Cristo que um antigo livro apócrifo define como «nosso verdadeiro e intacto atleta» (Atos de Tomé, 4,39).

Meditando na história de Israel que «sempre vencia e sempre devia combater», o Santo considera que, quanto às paixões, «*combatê-las e vencê-las é uma grande vantagem*» (**20520**), um grande prêmio. Por isso, ele expõe a seus seguidores toda a estratégia espiritual, a começar pelos noviços os quais são chamados a servir a Deus «*sem salário*» e a «*combater sem recompensa ou remuneração*», tornando-se deste modo cada vez mais hábeis nas «*batalhas espirituais*» (**31225**), que armam ciladas para os seus caminhos.

Também a vida religiosa é apresentada como una luta. Os Barnabitas são comparados a soldados: «*Não seria conveniente que nas fileiras de tão grande Chefe* [Paulo] *houvesse "soldados covardes e desertores*» (**20717**). «É preciso combater», observa Antônio Maria, escrevendo em nome da Angélica Negri. Só assim alcançaremos nossas metas; e após termos lutado muito, não devemos «deixar os grandes esforços pelos menores empreendimentos» (**Cf. 11202-03**). Tal luta se mostrará inevitável acerca da reforma dos costumes. De fato, «*os tíbios levantam batalhas cruéis contra os fervorosos*» (**31807**). Por isso, o reformador deverá escolher colaboradores adequados e «*esta batalha será a mais dura entre todas as outras*» (**31826**). Em meio à luta, o Santo se dá conta pessoalmente de que as perseguições «a*umentam os nossos merecimentos*» [nossa coroa] (**20706**), aquela coroa com a qual a «*Suprema Providência*» entende «*coroar muitos comandantes*» nas fases cruciais da história (**31819**). "*Quem se aborrece pelo cansaço trazido pelas contrariedades ou pelo arrastar-se do seu trabalho, saiba que já entregou a vitória ao seu inimigo, antes mesmo de começar*» (**31809**).

Orientações semelhantes são dadas, em plano individual, aos leigos, chamados a «*dominar, diminuir e até eliminar*» (**20514**) as suas

más inclinações. Carlos Magni, por exemplo, deverá esforçar-se “*para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral*» e acabar com ele, esforçando-se também «*para acabar com os outros que aparecerem, do mesmo jeito que faz quem deseja matar o comandante do exército inimigo, que fica protegido no meio de suas tropas: tendo os olhos sempre voltados para o que é o mais importante, abra caminho até ele, matando todos os que estiverem na frente* (**10313**; Vício «*comandante geral*»).

A maléfica trilogia - como foi definida - de demônio, mundo e carne, aflora, ainda que só por alusões, nos Escritos zaccarianos. Antônio Maria prescreve que o mestre dos noviços seja bom conhecedor das «*batalhas diabólicas*» (**31205**) e adestre os seus discípulos para as «*batalhas espirituais*» (**31225**). Ele reúne os leigos no Cenáculo da Amizade, porque são chamados “a deixar o mundo em segundo plano”, para superarem seus “limites e defeitos” e conseguirem a vitória sobre si mesmos (**cf. 20608**). É preciso, enfim, que se tenha “*pequena estima de si mesmo*” (**20518**), contrariando «*tentações*», «*prazeres da carne*» e «*sensualidade sem amor*» (**10904, 20510, 11104**) que derivam do que está marcado em nós pela fraqueza e inclinado ao mal. Porque tal é o sentido da expressão bíblica carne.

Como se dizia, na literatura espiritual, o clássico tema do combate tinha grande destaque no tempo do nosso Santo. Bastaria citar o Enchiridion militis christiani de Erasmo de Rotterdam, publicado em 1503 (cf. edição preparada por A. ERBA, L’umanesimo spirituale. L’Enchiridion di Erasmo di Rotterdam, Studium, Roma 1994), e o celebérrimo Combate Espiritual, do teatino Lourenço Scupoli, de 1589. Scupoli, como se sabe, herda e continua a tradição de Batista de Crema e de sua obra maior, *Conhecimento e Vitória de Si Mesmo*.

Os primeiros Paulinos fizeram sua essa linguagem aguerrida. As Constituições de 1579 dizem a respeito dos Barnabitas: «Eo [=Paulo] quasi duce, Deo militare sunt professi». A Angélica Negri escreve inúmeras cartas «aos generosos e magníficos filhos de Paulo santo, os

quais militam por Jesus Cristo sob a bandeira de Paulo».

COMPUNÇÃO

“Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração.» (**31010**)

A compunção do coração é um dos maiores temas da espiritualidade. Trata-se de uma espécie de ferida interior, permanente, que associa a «dor» pela própria experiência do pecado e a ternura do coração, perante a justiça e a misericórdia de Deus. Embora com pequenas diferenças, dela falam os autores consultados por nosso Santo. Vale por todos a referência à Imitação de Cristo (ainda que não citada no capítulo 8 das Constituições entre os livros propostos aos Barnabitas) que lhe dedica o capítulo De compuntione cordis (1, 21): «Entrega-te à compunção do coração, e encontrarás a devoção». Os *Ditos Notáveis*, que dedicam à compunção o capítulo 5 (na edição em Português), a definem como: «*A Compunção é uma doçura sensível da mente causada quer pelo demônio, quer pela natureza, quer por inspiração divina*.» (**Compunção 1**).

Zaccaria afirma antes de tudo que a compunção é indispensável para nos afeiçoarmos à oração mental. É, pois, importante para isso, «*criar, na sua mente, pensamentos de compunção*», absorvendo-os dos mistérios da paixão de Cristo e das «*dores de Nossa Senhora*» (**31009**). Para esta mesma finalidade devem orientar-se as imagens sagradas, isto é, «*despertem devoção*» (**30105**). De fato, seguindo ensinamento tradicional (cf. Cassiano, Colações, 1,18), Antônio Maria já afirmara que a mente mói o que se lhe mete dentro (Estabilidade da mente). É preciso, porém, distinguir entre compunção interna e externa, sensível. Antônio Maria convida os noviços a «*não deixar a oração, mesmo que não sintam consolação*» exterior; ele deseja, antes, que a rejeitem como qualquer outra consolação divina, «*julgando-se indignos*» dela (

cf.**31213**). Por outro lado, a compunção é uma atitude fundamental da alma que anseia por Deus. Por isso, é necessário conhecer-lhe as fontes (**cf. 30902**; sobre elas Cassiano, Colações, 9,26) também se deteve. É necessário além disso, entender como podemos alcançar a compunção. Neste sentido, Zaccaria é lapidar na sua sentença: «*Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração*» (**31010**).

O próprio Frei Batista recomendava a leitura de obras como Espelho da Cruz (Estudo) que «induzem à compunção». Qualquer pesquisa no texto sagrado seria infrutífera «se não se estivesse antes bem instruído no caminho da compunção» (Via di aperta Verità, p. 78v).

CONFERÊNCIA

«*Fiquem sabendo, irmãos, que toda vez que vocês se descuidarem dessa santa reunião, tudo cairá em decadência, mas se continuarem a realizá-la, não por hábito, mas com carinho e boa vontade, todas as coisas serão prósperas para vocês.*» (**30907**)

A praxe monástica conhecia três fontes de onde a vida espiritual tira seu alimento: as Sagradas Escrituras, as exortações a cargo do Abade e as reuniões ou conferências. Antônio Maria acolhe a tradição e dedica a tais conferências todo um capítulo - o nono - das Constituições. O termo 'colação' (tradução literal do italiano: collazione) significava originalmente a reunião da comunidade voltada para uma revisão cotidiana («*diariamente*» **30901**) da própria vida com enfoque espiritual, e também disciplinar. A mesma palavra passou depois a indicar o próprio conteúdo das reuniões e tornou célebre a obra com o mesmo título de João Cassiano, que São Bento recomenda na sua Regra (42,3) e, influenciado pot ele, Antônio Maria realça quando trata «dos estudos» (Constituições 8). E porque, na prática monástica, à reunião era feita depois da refeição, o termo passou a indicar (na Itália) refeição matinal. (Redeição leve ou café da manhã).

Antônio Maria destaca categoricamente a periodicidade (diariamente), a duração (ao menos uma hora) e a obrigatoriedade («*com a presença obrigatória de todos...*» **30901**) dessa conferência, estabelecendo-lhe akém disso o conteúdo e as modalidades. Quanto ao conteúdo, atribui-lhe em primeiro lugar «*a extirpação das raízes dos vícios*» e o «*modo de adquirir as virtudes verdadeiras e reais*» (**30901**). Cassiano também destaca este tema em suas Conferências, em que fala de «adquirir a perfeição das virtudes, erradicando todos os vícios» contrários (20,8). As Conferências servirão, além disso, para aprofundar o conhecimento das intervenções divinas, angelicais e diabólicas em nossa vida (sobre este assunto, cf. os quatro artigos sobre «**Tentação**», nos *Ditos Notáveis*, pp. 111-119 da edição em Português). Esses artigos trarão luzes sobre a «ruína dos costumes» e sobre os «sinais» que a causam. Ajudarão a conhecer as boas e as más «inclinações» de nosso ânimo. Outros temas serão a relação fervor-tibieza, compunção-aridez, sem excluir as reflexões sobre o andamento da sociedade civil e o seu crescimento espiritual (**cf. 30902**).

Quanto às modalidades com que se devem desenvolver as Conferências, o Santo adverte que não se transformem em academia ou contenda, no que ele entrevê sinais de ruína da vida religiosa: « ... *quando vocês perceberem que o que se fala nas Reuniões é mais especulação e disputa do que coisas morais e práticas*» (**31715**). Antônio Maria prefere, em outras palavras, o estilo próprio dos Santos Padres e quer também que se ouça «*o parecer dos mais jovens e simples*» (**30905**), como já dizia São Bento (Regra, 3,1). Nosso Santo prescreve, enfim, que de tais reuniões ou conferências se faça uma relação, para que possam ser lidas «*após algum tempo*» (**30906**) para maior proveito dos indivíduos e da comunidade. O capítulo termina com a frase citada no início, em que «*boa vontade*» remete para o texto paralelo das regras dos noviços, nas quais o Santo fala de «*anseio*» na busca de ajuda nas conferências, nas exortações, e nas Escrituras. Mas «*boa vontade*» indica o desejo ardente de não perder uma só migalha do pão divino que

nutre a alma, a qual sente o gosto deste pão, como quando saboreia um alimento; ao passo que «*anseio*» exprime solicitude e esforço para ser assíduo na meditação da Palavra de Deus, para buscar as conferências, não, porém, as suportando como algo inevitável ou, pior ainda, entediante, mas como algo de que se participa ativamente.

CONFIANÇA

«*Que eu encontre ... gente que conseguiu uma fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil, mas certas de que esta confiança nunca será abalada por presunção ou vanglória*» (**10504**)

Nos Escritos zaccarianos, a palavra «fidúcia» encontra-se mais comumente expressa pelos termos «confiança», «confiar». Confiar é a qualidade que deverá brilhar, antes de mais nada, no Reformador (Reforma). O esforço para colocar a cruz acima da tibieza, em favor dos bons costumes, jamais poderá diminuir (**cf. 31802**).

A «*coragem*» do Reformador é eficazmente expressa pelo lema e programa: «*Decida tornar-se aquilo que você ainda não é*"(**31802**). Dentre os requisitos que acompanharão sua ação, encontramos em segundo lugar a magnanimidade: «*É preciso que você tenha um coração grande e ânimo generoso*» (**31806**), de tal forma a não ter medo de coisa alguma (**cf. 31808**). E em oitavo lugar ele diz claramente: «*É preciso que você confie sempre na ajuda divina*» (**31822**), a tal ponto que você «*reconheça que Deus jamais lhe faltou*» (**31823**). E quanto mais você se vir contrariado, tanto mais fortemente deverá confiar: "*Ó reformador, haverá contrariedades, mas, quanto mais elas forem violentas, tanto mais você deverá ter confiança*" (**31825**).

Esta exigência se reflete na norma para os noviços, os quais haverão de afastar de seus corações todo o temor «*em todas as coisas*», (**31228**) porque «*tendo um tal temor*» será impossível «*chegar ao máximo da perfeição*» por se verem «*carregadus com muitos pesos*»

(**31229**). O único temor que devem cultivar é o relativo a si mesmos, o qual gera uma santa desconfiança, e isso os impulsionará a pôr em Deus toda a sua ou confiança.

É o que praticava o próprio Zaccaria. «Confiando no divino auxílio, repetia como o Apóstolo: "Omnia possum in eo qui me confortat - Tudo posso naquele que me dá força" (Gabuzio, História, p. 80). O Santo transmitiu aos seus seguidores grande confiança, como se pode deduzir de algumas cartas: aos Paulinos em missão e ao responsável, Pe. Bartolomeu Ferrari, convidando-o a confiar» naquele Deus que operou maravilhas em Paulo e em Ma-dalena (**cf. 10601**); aos Barnabitas, cuja vocação obedece a «*promessas ... feitas a tantos santos e santas! E todas elas vão acontecer nos filhos e filhas de nosso pai* [Paulo]» (**10711**).

Um convite à confiança também foi feito aos leigos, que podem confiar no auxí-lio» que lhes é dado por quem não os pode «abandonar: "*Ainda não sabe que não vamos abandoná-lo? Você já deveria saber, por experiência, da ajuda que lhe damos sempre*" (**10801**).

CONFISSÃO

«*... confessar-se é mais do que fazer o trabalho de jardineiros, que se limitam a podar e cortar os pequenos galhos e os raminhos das árvores [sem] arrancarem as raízes ...*» (**31224**)

Nos escritos de Antônio Maria faz-se referência à tradicional disciplina eclesiástica que estabelece para os fiéis a confissão pelo menos anual (**cf. 20620**) e, para os religiosos, semanal (**cf. 30102**). É verdade, porém, que Zaccaria alerta sobre fazer o estrito necessário quanto aos Sacramentos, próprio dos tíbios («*para que confessar-me várias vezes? Basta uma vez por ano!*», **20620**), e sobre uma prática sacramental farisaica («*não se orgulhe por causa ..., das suas confissões ...*" **20126**). Além disso, a confissão, pelo menos a interior diante de Deus, diz res-

peito aos modos concretos de santificar os dias festivos, quando somos chamados a refletir sobre os nossos pecados e sobre os benefícios dispensados generosamente por Deus (**cf. 20324**; Exame de consciência). Mas é nas prescrições para os noviços (cf. **31219-24**), no segundo dos sete parágrafos em que apresenta suas diretrizes, que Zaccaria se detém mais longamente sobre o tema das confissões. Os noviços «*não se confessem por costume*” (**31219**), isto é, por puro hábito. (Usando a mesma linguagem, diríamos hoje que uma confissão não pode ser uma cópia xerográfica de outra.) Não basta, além disso, somente a «*recitação dos pe-cados*» (**31220**), sem que a acompanhe o desejo do arrependimento, da satisfação, da repa-ração posterior. Evite-se na confissão cair no escrúpulo ou deixar-se bloquear pela vergonha. O mestre deverá, enfim, ensinar aos noviços não só o modo de confessar-se mas também o de extirpar os vícios de que se reconheçam culpados, citando como exemplos bem significativos, a soberba e a gula. Só mediante tal incansável trabalho de erradicação, os noviços terão «*a sua consciência menos angustiada, mas em paz ... e colherão o fruto da mente pura*» (**31224**). De fato, a confissão sacramental, unida à «*contrição interna do coração*» (**31301**), lava as culpas, mas a extirpação de suas raízes implica em manifestá-las ao próprio guia espiritual (**cf. 31301**; Manifestação / abertura de consciência). «A penitência corta [as ervas daninhas dos vícios]. Depara-te, porém, sempre com a barba - ou seja, com as raízes -, capaz de fazer germinar» novos brotos, escreve Catarina de Sena (Carta 213). A confissão, pois, como também sublinha Frei Batista no pequeno tratado com o mesmo título inserido na Via di aperta Verità (pp. 54r-80v), não pode ser separado da necessidade de recorrer, a todos os recursos da ascese.

Notamos, para concluir, que, de acordo com a praxe em vigor no tempo de Antônio Maria, e só modificada a partir de 1913, o Mestre dos noviços era também o confessor deles.

CONHECIMENTO

"O homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conheciment de Deus» (**20215**)

O conhecimento em geral. O conhecimento é uma das principais atividades do homem e o distingue dos animais. «*O conhecimento, isto é, a ciência é tão importante, que todos a desejam*» (**20404**); o homem é feito para conhecer, não pode considerar-se satisfeito enquanto sua sede de conhecimento não for satisfeita. É tanta a importância do conhecimento que, seguindo a Vulgata (Is 5,13), Zaccaria atribui à falta de conhecimento a escravidão dos hebreus no Egito: «*Por que o povo de Deus foi levado como prisioneiro? Porque não teve o conhecimento*» (**20113**).

Por ser um seguidor da psicologia aristotélico-tomista, Antônio Maria descreve o conheci-mento como um processo que vai do exterior ao interior (dos sentidos às idéias):«*De fato, você pode compreender que toda a sua realidade interior vem do exterior, porque o amor nasce do conhecimento; por isso, é possível amar coisas nunca vistas, mas não as que são totalmente desconhecidas... O conhecimento do seu interior e da sua mente vem do exterior*" (**20212**).

Não falta, porém, uma referência à gnoseologia platônico-agostiniana: É Deus «*que dá a ciência a cada homem e o ilumina*» (**20502**).

O conhecimento de si. «*O homem deixa o exterior e penetra em seu íntimo*» (**202**). Muito mais importante que o conhecimento exterior é o conhecimento de si.

O homem que envereda pelo caminho da perfeição é «chamado especialmente a conhecer-se a [si] mesmo» (**cf. 20212**). Os noviços devem aprender «*o conhecimento e a beleza do homem interior*» (**31231**), que consiste em «*conhecer a saúde e a doença, a fraqueza e a fortaleza, a perfeição e a imper-feição do homem interior, de forma que possam ver quando progridem e quando regri-dem*» (**31233**).

Um dos aspectos da finalidade principal dos filhos de Paulo é «*o*

conhecimento de nós mesmos e a vitória sobre nós mesmos» (**31901**); (trata-se exatamente do título de uma obra de Frei Batista de Crema).

Condição para alcançar tal conhecimento é a humildade: «*Por causa dessa humildade, o homem reconhece que suas atitudes o fazem inimigo de Deus*» (**31812**). O exame de consciência ajuda a «*conhecer os seus principais defeitos*» (**10313**), de modo que «*o homem pode tirar lições dos males cometidos ou dos bens que ele deixou de fazer: uma delas é um profundo conhecimento da sua pequenez e miséria*» (**20518**). Uma humildade falsa pode, contudo, levar a perder «*as luzes e a consciência do meu comportamento interior*» (**11203**; Luz e fogo).

O conhecimento de Deus. O conhecimento do homem é tal «*que não tem fim e que nem pode acabar neste mundo*» (**20607**). O homem, na verdade, é feito para conhecer a Deus. Como é isto possível? «Naturalmente», isto é, em virtude das faculdades humanas. «*Você conhece a Deus naturalmente através das criaturas e as coisas invisíveis através das visíveis*» (**20208**). Há até algumas criaturas que «*são de maior utilidade ainda para a inteligência do homem do que qualquer outro uso que se faça delas, confirmando as palavras de Paulo*» (**20601**). Por este caminho, porém, (Caminho das criaturas), "*o homem "quase nunca chegava ao conhecimento verdadeiro de Deus*» (**20603**), pelo que Deus indicou outro caminho: «*Os santos dizem que, se você quiser conhecer a Deus, só há um caminho, isto é, o "caminho da separa-ção"!*» (**20610**).

Há, contudo, mais um caminho para chegar ao conhecimento de Deus, o caminho da interioridade: «*o homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conhecimento de Deus*» (**20215**). Isto é possível graças a uma iluminação divina particular: «*Você conhece a Deus naturalmente através das criaturas e as coisas invisíveis através das visíveis; você compreende Deus apenas através de figuras e de sombras pela luz sobrenatural do Antigo Testamento; mas você o vê claramente na luz do Novo Testamento (2Cor.3,18): você pode falar e conversar com Ele e pode chamá-lo realmente de um Deus na*

terra» (**20208**). É neste sentido que o Santo recomenda aos noviços de chegarem, mediante a oração, ao «*conhecimento e à familiaridade com Deus*» (**cf. 31217**).
A vaidade da ciência. É pela imitação de Cristo, pela vitória de si mesmo e o controle das paixões que o homem pode adquirir uma ciência capaz de "*convencer muitos filósofos*" (**30805**; cf. Filosofia). Apesar disto, «*a ciência é tão importante, que todos a desejam...* [mas] *vale muito pouco ... E isso não vale só para o conhecimento das coisas do mundo, mas até mesmo para o conhecimento dos segredos de Deus: é como ter o espirito profético ... Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas, se eu não tivesse o amor, eu não seria nada*» (**cf. 20404-07**). «*A ciência não serve, porque incha de orgulho*» (**20411**)

Os *Ditos Notáveis* dedicam à Ciência espiritual o capítulo 3 (na edição em Português).

CONSELHOS / PRECEITOS

«*Não enxergam em que perigo se acham. Não observando o que é aconselhado, arriscam-se a não observar nem os mandamentos*» (**20620**)

A perfeição da caridade é a finalidade da existência humana e cristã. Tratando desse tema, Santo Tomás pergunta a si mesmo se tal perfeição comporta a observância dos preceitos, ou seja dos mandamentos, e dos conselhos. Ele responde que «de maneira principal e essencial ela consiste nos mandamentos; de maneira secundária, está, subordinada e instrumentalizada (quer dizer, está como meio) nos conselhos» (Summa theologiae, II.II, 184,3). Portanto, quando se fala de preceitos, referimo-nos ao decálogo; quando se fala de conselhos, alude-se a toda uma série de estímulos que nos chegam do Evangelho para vivermos o extraordinário. Estes últimos, de fato, têm a finalidade de

conduzir «melius et expeditius - melhor e mais agilmente» à consecução da bem-aventurança (Summa theologiae, I.II, 108,4). Simplificando, pode-se dizer, com Zaccaria, que os preceitos situam-se na ótica do Antigo Testamento e os conselhos, na do Novo.

O fato de que «*algumas coisas são necessárias e outras só são aconselhadas*» (**20618**) não significa que as primeiras sejam obrigatórias e as segundas facultativas, tal que, de alguma forma, se tornem supérfluas. A razão é bem outra e obedece à exigência de se proceder na «*ordem devida*» (**cf. 20113**; Ordem da vida espiritual) e com a necessária gradualidade. A perfeição, portanto, deve ser buscada muito mais na adesão fervorosa aos conselhos do que na observância estrita dos preceitos: Se o homem for infiel, Deus «*não lhe fará aquilo que havia prometido. Não lhe dará a perfeição, nem a manifestação particular da sua bondade por causa da sua miséria e nem a graça de viver os conselhos*» (**20312**). Também a este propósito podemos lançar mão de uma expressão lapidar de Tomás de Aquino: «A observância dos preceitos sem os conselhos está voltada para a observância dos conselhos com os preceitos» (Summa theologiae, II.II, 189,1).

Na verdade, Antônio Maria sempre se reporta à doutrina da Escolástica quando afirma que os conselhos, por sua vez, aplainam, de alguma maneira, o caminho em vista da própria observância dos preceitos; porque no dizer do Doutor angélico, «os preceitos são melhor observados por meio dos conselhos» (Summa theologiae, II.II, 189,1). Deve-se isso ao fato - é São. Tomás a sublinhá-lo - que os conselhos, por exemplo, de rezar pelos inimigos ou de renunciar a tudo pelo Evangelho, dispõem o ânimo a observar os mandamentos quando nos pedem para não matar ou não roubar (Summa theologiae, I.II, 108,3). Exemplo de ensinamento semelhante encontra-se também em Catarina de Sena: «Como os conselhos se entrelaçam com os mandamentos, ninguém pode observar a estes sem guardar aqueles», se não materialmente «ao menos espiritualmente» (Diálogo, 47). Compreendemos, por isso, o alerta de Zaccaria dirigido aos tíbios: «*Coitados! Não enxergam em que*

perigo se acham. Não observando o que é aconselhado, arriscam-se a não observar nem os mandamentos» (**20620**).

«*Esta distinção,(do jeito que você entende), foi feita com a finalidade de afastar a tibieza e a negligência do caminho de Deus*» (**20620**) e deixa amplo espaço para o instinto natural. Este faz o que pode e, por isso mesmo, arranca pela raiz o perigo de cair na tibieza que acaso surgisse como reação diante das exigências da vida cristã. Comecemos, pois, a fazer o bem, que necessariamente se há de fazer. Sendo assim, vamos ficando melhores (**cf. 20620**).

É sintomático, por fim, que Antônio Maria ministre às religiosas uma catequese à parte da ministrada aos leigos. Pareceria óbvio reservar aos leigos a explanação dos mandamentos, enquanto que às religiosas conviria muito mais a ilustração dos conselhos. O Santo, porém, insiste: «*... você não observa a regra, porque ainda não começou a observar a lei antiga, principalmente o primeiro mandamento*» (**20138**).

CONSOLAÇÃO / DESOLAÇÃO

«*... as próprias consolações espirituais, que o homem deve procurar experimentar com to-da a dedicação, precisam de ser consideradas com muito cuidado e discrição*» (**20510**)

Mesmo com poucas pinceladas, Antônio Maria delineia a doutrina clássica das «consolações espirituais». Reconhece-lhes a positividade. E afirma que é muito importante desejá-las. Mas é necessário que isto brote do discernimento («discrição»). O discernimento nos ajuda a não nos perdermos «*na falta de firmeza*» e a não incorrer em coisas nocivas, pois é fácil tomar por consolações divinas as satisfações humanas, e pôr-se com facilidade em busca das próprias consolações (cf. Carta 2) em vez de aguardá-las exclusivamente vindas de Deus.

Antônio Maria diz aos principiantes: «*Ame com todas as forças aquêle que criou você*» (**20516**). Mas relembra a quantos enveredam

pelo caminho da perfeição religiosa que Deus está perto: «*Deus está com vocês de um modo muito mais verdadeiro e amoroso do que com tantos outros de coração cheios de consolações*» (**31241**); contanto que haja, é claro, em seus corações «*a semente da boa vontade*» (**31241**). A contemplação de Cristo virá despertar a liberdade absoluta do coração, livrando-nos da busca de fáceis emoções espirituais, dessas que Antônio Maria define como «*um fervor constante e intenso*» ou espiritual (**10504**) em todas as coisas. Cristo, na verdade, deixou «*todos os bens terrenos, abraçando as desonras, renunciando às consolações espirituais e temporais e aceitando toda desolação e abandono não somente por parte dos homens, mas também do Pai*» (**20615**). E ainda mais: a verdadeira fonte de nossa consolação será o Cristo Crucificado, como afirma Zaccaria a respeito da Angélica Paula Antônia Negri, a qual «*não quer parecer que já tem o consolo do Cristo Crucificado*» (**10911**).

Frei Batista de Crema ensinava que desejar e buscar as consolações é um entrave ao verdadeiro «gosto espiritual», tanto nas orações quanto nas obras. Idem quando se desejam, a um só tempo, consolações espirituais e temporais, ou seja, humanas. Não é preciso dizer que, às vezes, é o próprio Deus que está na origem da desolação interior ou aridez de espírito, pela qual produz em nós frutos extraordinários de purificação (como escreve nas primeiras páginas da Filosofia Divina).

CONSTITUIÇÕES

«*Em nome de Deus, iniciamos as Constituições dos Filhos de São Paulo Apóstolo, com os acréscimos correspondentes às suas Regras*» **(30000 - Introdução)**

Redigir o texto de princípios e normas que regem a vida dos próprios seguidores é sem dú-vida um dos cuidados dos fundadores. Gabuzio (História, p. 44) sustenta que Zaccaria pediu a Frei Batista

que fizesse para ele uma formula “ac quasi delineatio”, ou seja, um esboço, cujo texto depois ele mesmo redigiu, mas não promulgou. Este texto chegou até nós, entretanto, num exemplar muito antigo com o título de Costituzioni dei Figliuoli di san Paolo apostolo (Constituições dos Filhos de São Paulo Apóstolo). Tais Constituições supõem uma Regra, pois obrigava à praxis da época a fazer referência a uma das quatro grandes codificações da vida consagrada, que levam o nome de Basílio, Agostinho, Bento e Francisco. Na verdade, as Constituições atribuídas a Antônio Maria Zaccaria declaram desde o “incipit” conter «acréscimos correspondentes às suas Regras». Zaccaria trata de tais «acréscimos», ou seja, dos sucessivos aditamentos ao texto inicial das Constituições, no capítulo 16; enquanto que, no capítulo 11, lembra com clareza a distinção entre as duas: «*Leiam para eles a Regra ou as atuais Constituições*» (**31101**). (A referência a Regra e Constituições se encontra também na Prática do sermão sobre o primeiro mandamento, endereçada, como sabemos, às religiosas do convento agostiniano de Santa Maria Annunziata. **cf. 20129-38)**

Fossem quais fossem, portanto, as regras a que Zaccaria se refere, pode-se deduzir de uma Reformatio ou súplica que o Fundador, juntamente com Bartolomeu Ferrari, dirigiu ao Papa, ao que parece, em 1533, sob pressão sem dúvida de Frei Batista, que, como bom dominicano, seguia a regra de Santo Agostinho... Se, por causa da morte de Carioni, a Reformatio não teve prosseguimento, pelo menos as Angélicas conservaram a memória desta ligação: de fato, lemos na vida de uma delas que São Paulo apareceu a Antônio Maria dizendo-lhe que tomasse, como fundamento de seus institutos, a regra de Santo Agostinho. E é por isso que a clássica iconografia zaccariana apresenta o Apóstolo entregando ao Santo o livro da Regra, com a inscrição que, traduzida, fica assim: «A todos os que observarem esta regra, paz e misericórdia» (Gl 6,16).

Esclarecida a relação entre Regra e Constituições (e alertados sobre um erro certamente involuntário acrescentado posteriormente, que

se acha no capítulo 19 em que se lê: «*... que não se oponha ao que já se disse e ainda vamos dizer na regra*» (**31901**), em que o termo Regra passa por Constituições. Não será demais acenar às “ordens” ou “ordenações escritas” (**cf. 10703-04.06.10; 31608, 31701.06-07, 31901**), que se teriam trnasformado nos «acréscimos» previstos no texto primitivo das Constituições, do qual se falou acima.

Como se trata de um livro escrito, ou, pelo menos, organizado por duas pessoas, é oportuno descobrir, por quanto possível, a paternidade diferente dos atuais capítulos . Seja suficiente notar que o estilo de Zaccaria aparece inconfundível quando se passa do dado jurídico à exortação espiritual ou à reflexão ascética, lembrando em cada caso que testemunhas contemporâneas do Fundador asseguram que os capítulos sobre os noviços (12), sobre os sinais da ruína dos costumes (17) e sobre o reformador (18) eram sem mais nem menos atribuídos ao Fundador (carta do Pe. Nicolau d’Aviano, de 10 de outubro de 1570). O texto das Constituições não só revela duas pessoas, diferentes, mas também redações sucessivas. De fato, encontramos uma primeira conclusão no fim do capítulo 16, quando se fala de «*tudo o que foi escrito neste capítulo e em todo o livrinho das Constituições*» (**31612**); e uma segunda conclusão, doxológica, no fim do capítulo 18: “*Para louvor e honra de Jesus Cristo, que morreu na terra e reina vivo no céu. Amém*» (**31829**) (texto tirado da liturgia pascal). Por último, o capítulo 19 termina com: «*Amém. Demos graças a Jesus e a Maria!*» (**31911**).

Entrando agora mais diretamente no mérito de nosso assunto, lembro que Antônio Maria mostrou-se arredio a promulgar leis escritas, preferindo que «*estivessem gravadas em nossos corações*» (**10703**). Revela-se aqui «*a obediência leal e simples*» (**cf. 11005.09.11**), que interioriza a lei e na qual se exprime uma atitude filial, não servil (Carta 7; Lei; Obediência; Observância).

Como resulta dos antigos “Atti capitolari”, isto é, das relações das reuniões comunitárias, o esboço de Zaccaria foi submetido a várias revisões como, aliás, o Santo previa, em vista de um texto definitivo.

Este texto ficou pronto em 1552, em obediência aos decretos do Concílio Tridentino, mas sofreu mudança total com a redação das Constituições de 1579, sob os auspícios de São Carlos Borromeo. Foi nessas últimas Constituições que o padre d'Aviano queria que fossem inseridos os capítulos das Constituições zaccarianas a que se fez referência acima.

Se as Constituições de 1552 são o primeiro texto legislativo dos Clérigos Regulares (a que pertenceram depois os Teatinos e Barnabitas, Jesuítas, Somascos, Clérigos Regulares da Mãe de Deus, Clérigos Regulares Menores de Caracciolo, Escolápios), as Constituições zaccarianas refletem ainda a fase de transição entre o modelo monástico-canònico e a nova fórmula de clérigos que vivem em comunidade e sob uma Regra. Assumem, além disso, e codificam o ideal franciscano da contínua reforma do próprio instituto, do que davam exemplo os Capuchinhos da mesma época.

CONTEMPLAÇÃO

«*Eu não me admiro que ainda não entenda o que seja oração e nem o que seja contemplação*» (**20324**)

É só no Sermão 3, dedicado à santificação dos dias festivos, e no Sermão 5, quando afirma que a ira «*afasta da contemplação de Deus*» (**20511**), que Antônio Maria fala ex professo de contemplação. Ele lembra, a este propósito, o clássico esquema da Lectio divina: «*A meditação não é suficiente; é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, contemplar*» (**20324**). No capótilo 12 das suas Constituições, ele se refere explicitamente às «*lições da Sagrada Escritura*» (**31231**), em que lição se confunde com o termo latino lectio. A Lectio divina, como indica a mesma citação, parte da leitura da Bíblia, que o Fundador considera, junto com a Eucaristia, expressões "extrinsecas" da conversão a Deus, como se dá sobretudo nos dias de

preceito. Extrínseco faz referência a práticas "exteriores", em contraposição às interiores. Entram nesta esfera a meditação, a oração e a contemplação. Semelhante distinção encontra-se também no capítulo que Antônio Maria dedica à oração, no qual ele fala de «*oração exterior ou vocal*» e de «*oração interior*» (**31003**), que se exprime nos três graus acima citados. Zaccaria declara que não se admira se seus ouvintes ignoram o que seja oração; e mais ainda contemplação. É de fato mais fácil limitar-se tão só à meditação ou reflexão mental («*A meditação é mais familiar para o homem do que a oração e a contemplação*», *Ditos Notáveis*, **Meditação, 4**). Por outro lado, sobretudo a oração e a contemplação, estão muito mais ligadas ao afeto e à intuição. E, mais que objeto de aprendizado teórico, elas são fruto de experiência direta: ou as praticamos - parece afirmar o Santo - ou nunca as aprenderemos.

Por último, vamos relembrar que Zaccaria se refere ao grande modelo de oração monástica, ainda que pareça advertir o risco com que foi marcada a prática espiritual de reduzir a Lectio divina, e mais geralmente a oração interior, apenas ao momento meditativo (aliás, podemos dizer que essa tendência se repete também nos nossos dias). Deve-se isto outrossim ao fato de que existe crescente dificuldade quando se passa da oração «exterior» à oração meditada e contemplada. A primeira é alimento dos principiantes. A segunda dos experientes (**cf. 31005-08**). A terceira é dos perfeitos (Vida espiritual, graus). Nem se deve esquecer que o «*exercício mental da Meditação*» (**31212**) e a oração que impregna o coração de afetos (**Cf. 31212**) conduzem por sua natureza à contemplação, que é «*conhecimento de Deus e à familiaridade com Ele*» (**31217**). Antônio Maria pôde aprender tudo isso diretamente de Gregório Magno, quando este afirma : «Amor ipse notitia» (Homiliae in Evangelia, 27,4). Dedicamos à contemplação um capítulo nos *Ditos Notáveis* (pp. 28-31).

CONVERSÃO

«*Santificação quer dizer converter-se a Deus interna e externamente*» (**20324**)

Zaccaria usa o termo conversão com dois significados diferentes, um forte e outro fraco.

No primeiro significado, conversão indica uma mudança radical de vida, da incredulidade à fé, do pecado à graça: «*depois de ter visto a transformação do mundo sob o cristianismo*» (**20608**); «*... ao falar do homem mau, dizia que, se ele se converter do mau caminho e fizer o bem, Deus será misericordioso com ele e o perdoará*» (**20516**). Caso particular deste primeiro tipo de conversão é o de Paulo: «*Você sabe que Paulo, quando foi pela primeira vez a Jerusalém ...*» (**10902; cf. 10502.06**). Pode haver uma conversão pela metade, a dos tíbios: «*O tíbio - ou seja, o fariseu - age as-sim: ao se converter, abandona os pecados maiores, mas não se preocupa com os menores*» (**11102**).

No sentido mais fraco, conversão é sinônimo de "*voltar-se para Deus*", abandonar alguma coisa para dar atenção somente a Ele. Fala-se de conversão neste sentido no Sermão 3: «*Deus manda que você respeite e santifique os dias de festa*» (**20320**). Santificar os dias de festa é o que prescreve o 3º Mandamento. Pois bem, «*Santificação quer dizer converter-se a Deus interna e externamente. Caríssimo, você se converte a Deus internamente, quando medita nos seus pecados ou nos benefícios que Deus lhe dá ...*" (**20324**). "*Você se converterá a Deus, lendo a Bíblia, recitando ou cantando salmos e, mais ainda, oferecendo-lhe sacrifícios ... O homem também se converte externamente praticando os mandamentos e, principalmente, aprendendo a Verdade e o Evangelho e pregando-o aos outros*» (**20325**).

Como vimos, existem segundo Zaccaria dois tipos de conversão: a interna e a externa. A conversão interna coincide praticamente com a meditação, a oração e a contemplação; a conversão externa exprime-se numa série de práticas de piedade e obras de miseri-córdia corporal e

espiritual. Dentre todas, exerce papel especial «*o Santo dos santos*", a Santíssima Eucaristia: «*o maior de todos: a Santíssima Eucaristia*» (**20325**).

CORAÇÃO (QUARTO DO)

«*Cada um, em casa ou fora dela, procure estar recolhido no "quarto" do seu coração e daí não sair*» (**30704**)

Diante das exigências da vida cristã é preciso ter um cuidado muito atento com os sentimentos (guarda do coração) como explica Antônio Maria aos leigos no sermão sobre a tibieza (**cf. 20619**). E às religiosas ele lembra que «*a religião é conservar o coração*» (**20133**). Zaccaria buscou em Gregório Magno a expressão «quarto do coração». O santo Doutor da Igreja escreveu que «os Santos sempre voltam à intimidade do coração, buscam a morada interior» (Moralia, 8, 24,41). Santa Catarina de Sena também fala do «quarto», definindo-o como "quarto do próprio conhecimento...», no qual a alma adquirirá todas as perfeições» (Diálogo, 1 e 64).

A vocação e a dignidade do coração são, ao mesmo tempo, o templo de Deus. Antônio Maria se refere a isto quando fala da santificação, a única que faz do coração um belo templo de Deus (**cf. 20321-24**). É daí que nasce o propósito inculcado pelo santo nos membros do Grupo da Amizade (Amicizia) de Crenona: «*Quero ter Deus sempre no meu coração*» (**20226**). O coração, além disso, é a morada natural da oração: «*quando você rezar, entre no seu quarto"- isto é no seu coração ...* », diz o Santo, parafraseando a célebre afirmação de Jesus (**20216**). Nasce também de uma oração incessante, porque - assim escreve o Santo- «*o Espírito sempre lhe sugere a lembrança de Deus, mesmo quando você está dormindo. Porque, se você dorme e seu coração está vigilante*» (**20207**). É sintomático observar que a função do coração é especialmente sublinhada no Sermão 2, que trata da «*verdadeira vida*

espiritual» (**cf. 20201**).

Feito morada do Deus vivo, o coração se transforma em oráculo capaz de guiar-nos pelo caminho de Deus: «*Interrogue o seu coração, que ele lhe responderá*» (**20110**, que evoca Jr 31,34).

CORREÇÃO FRATERNA

«*Se você soubesse como a correção fraterna é necessária ...*» (**20319**)

Antônio Maria Zaccaria considera falta de bom senso pensar que nós não devamos nos preocupar com os pecados dos outros. Deus nos pedirá contas severas tanto dos pecados dos outros como dos nossos, porque "*Deus proíbe todos os pecados; não somente os seus, mas também os dos outros que você defende, desculpa e nem se preocupa em corrigir*» (**20319**). Zaccaria volta a insistir neste pensamento no Sermão 4, dirigindo-se aos ouvintes e dizendo: «*E você, verifique se está cuidando direito de todos os homens com uma boa palavra, com exemplos de vida e com gestos concretos, porque Deus impõe, a cada um, deveres para com o seu próximo, principalmente para com os que estão aos seus cuidados e, mais ainda, para com os jovens*» (**20435**). Ainda no mesmo sermão, Zaccaria afirma que não vivemos o quarto mandamento (do amor aos pais), se não agradecemos àqueles que nos corrigem (**cf. 20430**).

A tradição espiritual dá grande importância à correção fraterna: se não corriges teu irmão, manchas-te com sua própria culpa; mas se, ao contrário, o reconduzes ao bom caminho, salvas-te com ele também a ti mesmo (cf. Tg 5,20). Tomás de Aquino afirma que «corrigir a quem erra é como dar uma esmola espiritual» (Summa theologiae, II.II, 33,1). Frei Batista também fala de «esmola espiritual» ao afirmar que, quando vemos os defeitos dos outros, não nos escandalizamos nem nos indignamos, mas rezamos pelos irmãos que erram (cf. Via di aperta Verità, p. 5v)

CORRER

«*São poucos os que vão por este caminho, porque "como é estreita a porta e apertado o caminho que levam para a vida*» (**20210**)

Antônio Maria é um santo de extraordinária força de vontade, adquirida à custa de esforços incessantes; por isso, ele concebe a vida espiritual de modo dinâmico. Esta realidade fica evidente pelo uso dos verbos caminhar, aumentar, crescer, subir, aos quais se põem afastar-se, retroceder, fornicar, isto é, trair o Senhor. Bastaria lembrar como na Carta 12 se fale de «*inspirações*» (**cf. 11204**) para indicar a vida espiritual, e Zaccaria exigia do Pe. Soresina que corresse, isto é, que se comportasse, com todos, de modo «*autêntico e simples*» (**11011**). Zaccaria emprega o verbo correr da mesma forma que o Apóstolo Paulo o emprega. «*Todos correm, mas só um ganha o prêmio, quer dizer: poucos*» (**20210**), parafraseando 1Cor 9,24. Ele expressa a mesma ideia de Fl 3,13-14 da forma seguinte: «*cresça a cada dia, esquecendo o passado e se voltando para o futuro*» (**20206**); e Hb 12,1: «*Cristo ... correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer*» (**10214**). Se «*são poucos os que vão por este caminho* [que querem correr]» (**20210**), que nós, discípulos de Zaccaria "*elevemos muitas vezes, os olhos de nossa mente a Deus*» (**10309**). E se todo cristão é chamado a ir «*livre para Deus*" e a correr "*na glória e no desprezo, para a abundância e para a penúria, com frio e sem agasalho, tidos como impostores e, no entan-to, dizendo a verdade*" (**20614**; Via do meio), os religiosos, com muito mais razão, se esforçarão para correr "*como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus*» (*10216*; Meio humano). Expressão semelhante, mas com enfoque feminino, encontra-se em Catarina de Sena: a alma, «como que enamorada, corre, se for preciso, a dar a vida pela salvação das almas... Não pode dar a Deus o amor e as graças que dEle recebeu, mas pode muito bem dá-los ao próximo, já que não os pode dar a Deus» (Cartas, 83).

Notaremos por último que o «*correr para*» supõe o «*correr do homem interior*» (**cf. 31232**), isto é, a capacidade de adentrar-se em si mesmo e sondar as profundezas da alma com a finalidade de torná-la «adornada»; apta, portanto, a assumir os compromissos do apostolado e do serviço.

COSTUMES

«*... que sinais precedem a ruína ou o nascimento dos bons costumes e dos maus; ...*» (**30902**)

O termo costumes só aparece nas Constituições ou em contexto que trata da vida religiosa (**cf. 20131**) e é acompanhado quase sempre pelo adjetivo «bons». Costumes é a tradução do latim *mores*, que encontramos na expressão "conversatio morum" da Regra beneditina: «Prometa o que deve ser recebido [no mosteiro] ... a conversão de seus costumes» (58,17). Trata-se de assumir uma conduta conforme os ditames da disciplina religiosa ou, em outras palavras, de adquirir o que se definiu como «comportamento monástico».

Ao introduzir na Igreja novos institutos de vida consagrada, Zaccaria demonstra solicitude especial para garantir a eles a disciplina e o fervor. Prescreve, pois, que se aprofunde nas Escrituras o que for adequado para a «*edificação dos bons costumes*». Nosso santo prescreve o mesmo no que se refere às demais leituras, nas quais se detém ao tratar «do estudo» (**cf. 30803**). Ele dispõe, além disso, como assuntos principais das Conferências, que se indague a respeito dos sinais que precedem «*a ruína ou o nascimento dos bons costunes e dos maus*» (**30902**), dedica a eles um capítulo inteiro (**Constituições 17**) e apresenta as qualidades do «reformador dos bons costumes» (**Constituiçôes 18**). Decreta, enfim, que o visitador se esforce «*em plantar e inserir os bons costumes, mas em inserir, introduzir e incrementar as raízes desses mesmos bons costumes*» e, ainda, «*as razões e as causas pelas*

quais devemos inserir em nós mesmos tais virtudes» (**31905**).

Note-se que os capítulos 17 e 18 das Constituições se revestem de grande importância na história da reforma, porque delineiam a situação dos institutos religiosos no tempo de Zac-caria e apresentam ques critérios fundamentais deveriam orientar a renovação da vida consagrada.

CRESCER

"Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar» (**11002**)

Trata-se de uma das metáforas usadas por Zaccaria a fim de indicar o progresso na vida espiritual (subir; Avançar).

Encontramos esta metáfora aplicada às Angélicas: «*Por isso, em vez de crescer na perfei-ção, elas cairiam, talvez, no inferno do pior relaxamento*» (**10912**). Aplica-se também aos Barnabitas: «*Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar*» (**11002**) e aos casa-dos: «*... a cada dia façam um pouco mais, ... e façam isso pelo desejo de viverem valores cada vez maiores, de diminuírem as imperfeições e de fugirem do perigo de cair na tibie-za*» (**11105**).

No Sermão 6, Zaccaria serve-se desta imagem para ilustrar o princípio que «não progredir é parar, é voltar pra trás»: «*... o homem na vida espiritual: ou ele cresce pela virtude ou, se não crescer, permanece no vício*» (**20623**).

CRUCIFICADO

«*Diga-lhes que o Apóstolo Paulo lhes apresenta um Cristo Crucificado em todos os sentidos, não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas*» (**10914**)

A Angélica Anônima, em suas Memórias, falando do Zaccaria,

assegura: «*seu esforço era para se fazer alheio ao mundo [louco], sendo um verdadeiro imitador do Crucificado e de São Paulo, de quem era extremamente devoto*» (**Memórias, p. 15**). Ao iniciar a experiência dos Barnabitas, Zaccaria reuniu «*alguns homens, servos de Deus, para viver a vida apostólica, fundados no desprezo do mundo, na santa simplicidade, na mortificação e na imitação do Cristo Crucificado*» (**ibid., p. 14**). «*Foi tendo em mira a mortificação, o desprezo pelo mundo, a vitória sobre si mesmo e sobre as próprias paixões, que o santo Padre fundou esta Congregação, a fim de imitar o Cristo Crucificado, cuja imagem, exatamente através da imitação, chegou a esculpir em si próprio e no coração de seus filhos espirituais de ambos os sexos*s» (**ibid., p. 16**). Lembra ainda a Angélica Anônima que, «*estas eram suas próprias palavras: "Por amor do Crucificado", "Para imitatação do Crucificado". E estes eram os vocábulos que se difundiam em casa: "O amor do Crucificado", "Para imitar o Crucificado, de graça abracemos os opróbrios", vocábulos que aprendiam com seu Padre*» (**ibid., p. 15**).

Antônio Maria mostra toda a sua devoção ao Crucificado ao começar todas as suas cartas com o monograma grego *IC XC+,* primeira e última palavra de «*Jesus Cristo Crucificado*». As Constituições também começam com o mesmo monograma e todas as páginas dos Sermões têm, no alto, o mesmo monograma: eles se abrem com as invocações *yhs. Maria + e Jesus + Maria*. O sermão inédito de Antônio Maria, datado de 13 de novembro de 1538, conservado em Guastalla, traz o monograma *IC CYC+*.

«O Crucificado» é como Zaccaria indica preferencialmente o Senhor Jesus, de tal forma que quase sempre se torna simplesmente sinônimo de Cristo.

Cristo, segundo o Apocalipse, é «o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim» (Ap 22,13): Ele é a origem e o fim de todas as coisas. Isto se reflete também em nosso modo de falar. Basta verificar a análise gramatical do texto.

O Crucificado» é com freqüência o sujeito das proposições; é Dele que partem todas as iniciativas: «*... vamos ficar calados: o próprio Cristo Crucificado vai fazer o resto*» (**10401**); "*Minhas queridas filhas, desfraldem suas bandeiras, pois dentro em breve o cru-cificado as enviará para anunciarem, por toda parte, a vivacidade espiritual e o Espírito que dá vida a tudo*» (**10503**); «*Tenham a certeza que o Cristo Crucificado tomará a iniciativa antes que vocês falem e estará ao seu lado em todas as palavras e boas intenções*» (**10602**); «*Ora, o limite que Jesus Crucificado lhes prometeu é que as forças de vocês irão penetrar os corações até o mais profundo (cf. Hb 4,12)*» (**10602**); «Faça *tudo o que puder para dar atenção às pessoas que lhe foram confiadas e que Jesus Crucificado lhe confiará daqui pra frente*» (**10606**); «*Jesus Crucificado sempre foi genero*» (**10608**); «*Além do mais, digam a todas que estamos com elas e que Jesus Crucificado nos obriga a dedicar--lhes todo o nosso afeto*» (**10612).** «*Filhos e plantas de Paulo, alarguem os seus corações ... e o Cristo Crucificado estenderá suas mãos sobre vocês*» (**10712**); «[A Angélica Negri] *não quer parecer que já tem o consolo do Cristo Crucificado*» (**10911**); «*... eu lhe garanto que Cristo Crucificado o levará a tal grau de perfeição, que você despertará uma santa inveja nos filhos de São Paulo*» (**11010**); «*... eu conheço os frutos que o Crucificado quer produzir em vocês*» (**11107**); «*... o Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor que me animavam*» (**11204**); «*O Cristo Crucificao quer ... que apareçamos para o mundo como infames*» (**Atas capitulares de 15 de maio de 1551**, in Primavera Barnabítica p.65, trad. Em Portuguès, Rio de Janeiro 2017).

O Crucificado pode ser complemento na proposição e, portanto, finalidade da ação hu-mana.

A vida espiritual consiste em ir ao Crucificado: «*Observando tudo isso, você chegará à intimidade com o Cristo Crucificado*» (**10316**).

O apostolado é visto como quem leva as almas ao Crucificado: «*Minhas queridas filhas, desfraldem suas bandeiras, pois dentro*

em breve o Crucificado as enviará para anunciarem, por toda parte, a vivacidade espiritual e o Espírito que dá vida a tudo» (**10503**). Antes de mais nada, o sentido do apostolado segundo Zaccaria consiste exatamente nisto: «Exortava seus irmãos para que, ao converter as almas, mais do que se cansar com outras coisas, zelassem para que elas aderissem ao Cristo Crucificado; porque uma vez que alguém se apaixone pelo Crucificado, detestará depois por si nesno, e abominará, toda e qualquer vaidade» (Attestazioni do Pe. Soresina; cf. Gabuzio, História, p. 77). O conteúdo da pregação cristã não pode ser outro senão o Crucificado: «*Diga-lhes, portanto, que o Apóstolo Paulo lhes apresenta um Cristo Crucificado em todos os sentidos, não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas*» (**10914**; cf. 1Cor 1,23; 2,2).

A oração é fundamentalmente um conversar com o Crucificado: «*Experimente, então, meu caro amigo, dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado, por um espaço de tempo curto ou longo, conforme a oportunidade, como você faria comigo*» (**10306**). Também a oração de pedido é dirigida ao Crucificado: «*Temos rezado ao Cristo Crucificado, pedindo que ...*» (**10802**); «*... pedirei ao Crucificado que me tire deste mundo, para que você não me traga tanta angústia!*» (**11011**). Da mesma forma, a oração de intercessão é dirigida ao Crucificado: «*Eu tenho rezado sempre por você diante do Cristo Crucificado ...*» (**10301**); «*Confio a vida de cada uma ao Cristo Crucificado, por meio de seus santos ...*» (**10506**).

A vida cristã pode ser resumida em: «*Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele*» (**11106**).

Alcançamos a sabedoria «*na verdadeira imitação de Jesus Crucificado*» (**30805**).

A caridade, entendida como amor a Cristo, pode ser definida como «*grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado*»

(**10505**; Generosidade); compreendida como amor ao próximo, ela não é senão amar e contemplar eternamente no Cristo Crucificado os pró-prios irmãos (**cf. 10306.16**).

Por fim, a tibieza é «*esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias*» (**10502**).

CRUZ

«*Deus nos manda carregar, cada dia a nossa cruz*» (**20135**)

A cruz de Cristo. Por duas vezes, Zaccaria cita o texto de Hb 12,2: «Ele, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a Cruz, desprezando a ignomínia». Uma das citações está na exortação de 4 de outubro de 1534 (**cf. 20715**); a outra é anterior à primeira e está na Carta 2, referindo-se ao mesmo texto com certa liberdade: «[Cristo] *correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer*» (**10214**). A idéia de correr é tirada de Santa Catarina de Sena: «Cristo, levado pelo amor, aceitou a obediência e correu para a morte ignominiosa da cruz» (Diálogo, 135); «Pela qual obediência correste, como apaixonado, para a ignomínia da cruz» (Orações, 10); «Por nossa salvação correu, como enamorado, para a morte ignominiosa da santíssima cruz» (ibid. 19).

A cruz de Cristo deve tornar-se, para o cristão, objeto de meditação. É preciso que o cristão leia continuamente e transforme em obras [o livro da] «*memória da cruz de Cristo*» (**11109**). Frei Batista de Crema diz assim: «De ora em diante não sejas, querido leitor, apenas cristão por hábito e mecanicamente. Leva sempre na memória a doce paixão de Cristo» (Filosofia Divina, p. 32).

O reformador deve colocar com coragem a cruz acima da tibieza, em favor dos bons cos-tumes (**cf. 31802**). Escolha, porém, com atenção os companheiros de reforma, «*porque são pouquíssimos os que querem realmente carregar a Cruz de Cristo e aceitar os insultos*» (**31826**).

A cruz do cristão. O cristão não pode contentar-se apenas com a contemplação da cruz de Cristo; deve, além disso, carregar sua própria cruz. E isto vale, sobretudo, para os religiosos. «*A religião é uma cruz contínua e, pouco a pouco, por tua causa somos condenados à morte todos os dias", diziam os apóstolos; e "Deus nos manda carregar, cada dia a nossa cruz". "Será que você é discípula de Cristo? Carregue a cruz*» (**20135**).

Parece que Antônio Maria repetia com freqüência a frase paulina: «Qui Christi sunt discipuli, carnem suam crucifigere debent cum vitiis et concupiscentiis - Os que pertencem a Cristo devem crucificar sua carne com suas paixões e concupiscências» (cf. Gl, 5,24; Gabuzio, História, p. 79). Andar pelo caminho da cruz é a vocação do cristão.
O cristão não é um masoquista que vai em busca da cruz porque lhe agrada sofrer. Abraça-a porque sabe que somente pregado nela encontrará a paz: «[O Espírito Santo] *não vai deixar vocês errarem, mas lhes ensinará todas as coisas e não as deixará esmorecer, ficando sempre com vocês e não as deixará carentes, dando-lhes todo o necessário, de modo especial, uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz*» (**10504**).

Os *Ditos Notáveis* dedicam à cruz as últimas frases do capítulo sobre a "Paciência" (**Paciència 51-54**).

CULPAS

«*Quem peca abertamente, acuse-se da mesma maneira e aceite a penitência; digo mais: ele mesmo a escolha para si*» (**31304**)

Entre as instituições clássicas da vida consagrada figura o capítulo ou reunião comunitária das culpas. Na esteira de Basílio e Agostinho, a Regula Monasteriorum de São Bento (capítulo 46) estabelece que quem comete faltas externas «se apresente logo ao abade e à co-muni-

dade», enquanto que para os pecados da alma que permanecem ocultos fará referência «só ao abade ou aos anciãos espirituais». Nos séculos X-XI o capítulo das culpas assume fisionomia típica: tornase uma espécie de momento ritual na vida cenobítica. Se em tempos modernos, institutos como o dos jesuítas substituíram-no pelo uso de admoestações públicas e pelo exame de consciência, o capítulo das culpas, entretanto, continua com a praxe generalizada em vigor, que se cumpre regularmente. Acrescentemos, para completar, que paralelamente à estruturação do capítulo das culpas foi-se instaurando o assim chamado das «censuras», no qual cada um denunciava as faltas percebidas nos outros. De tal capítulo (que não consta na regra zaccariana) não há mais traço nos atuais ordenamentos: considera-se resgatado pela prática da correção fraterna pessoal e comunitária, verdadeira «fornalha em que se queimam os pecados».

Antônio Maria acolhe a praxe tradicional e dedica ao «dizer e fazer voluntariamente [a acusação] das próprias culpas» (**cf. 31307**) o capítulo 13 das Constituições. Ele apresenta uma dupla abordagem da culpa: a sacramental (Confissões) que, unida à interna contrição do coração ... lava» as manchas do pecado, e a que chamaremos ascética, orientada a extirpar a raiz das culpas, o que se alcança com sua manifestação (Manifestação/abertura de consciência). Nestas considerações se reflete o ensinamento dos Santos Padres. João Clímaco escreve assim: «Chagas manifestadas em público não gangrenam; saram» (Escada do Céu, 4,18).

As faltas evidentes, ou externas surgem sobretudo, no capítulo das culpas; elas devem ser acusadas com espontaneidade e sinceridade, sob pena de expulsão para aquele que finge ou oculta a própria culpa. Mas o ideal a que tende Zaccaria vai além da manifestação pública dos próprios defeitos. Ele convida os seguidores a se corrigirem «*através de muito esforço e de prisão voluntária*», tornando-se "penitentes voluntários», como os antigos Padres que, ao refletirem sobre seus pequenos defeitos, «*julgavam-se companheiros dos demônios e dos que crucifi-*

caram o Cristo» (***31307***). Aos noviços ele recomenda «*aumentar a sua culpa, porque esses defeitos foram a causa da morte de Cristo*» (**31219, cf. 31401-03**). Todos os Santos Padres eram «justos e penitentes» e «o aguilhão do defeito ... impelia-os ao máximo da perfeição». Tais penitentes voluntários, prescreve Zaccaria com sadio realismo psicológico, devem ser acolhidos: «*...abracem, de bom grado e alegremente estes penitentes voluntários e os exortem no Senhor a sempre crescerem na virtude*» (**31308**). A livre decisão de fazer penitência é mais de uma vez destacada por Antônio Maria quando convida à autopunição, de modo que «*qualquer outra penitência dada pelos outros lhe pareça leve, diante daquela de que se julgou merecedor*» (**31304**).

Depois das culpas, Zaccaria trata das penas, as quais podem tornar-se inevitáveis e salutares (depois da terceira admoestação!), embora ele não queira estabelecer «*leis de temor, mas de puro amor*» (**31401**). Ele de fato recomenda que se puna de tal forma que o culpado «*aceite mais o arrependimento voluntário do que a pena que foi dada*» (**31405**), sobretudo se se trata de negligência ou fragilidade.

CUME / ÁPICE

«*De que serviria a alguém ter muitas virtudes, se lhe faltasse uma? De que serviria ter todas as virtudes e não se esforçar para conseguir o máximo delas?*» **(31244)**

É característico de Zaccaria não se satisfazer com meias medidas, mas sempre exigir o máximo de si e dos outros. Esta exigência exprime-se entre outras coisas pelo uso recorrente de expressões relativas ao campo semântico da montanha, tais como "ápice", "cume", tomados em seu sigmificado metafórico de "grau máximo" a ser conquistado.

A mutabilidade do homem existe para que possa alcançar gradualmente o «sumo grau da virtude» (**cf. 10202**). Até os defeitos podem

impulsionar «*ao máximo da perfeição*» (**31307**).

Os noviços não devem satisfazer-se por terem muitas virtudes, mesmo que lhes falte uma só; nem podem contentar-se com «*ter todas as virtudes e não se esforçar para conseguir o máximo delas*» (**31244**). Eles são exortados a desejar e buscar *"a total e completa perfeição*» (**31244**). A virtude e seu ápice coincidem com «*a beleza do homem interior*» (**31231**), que nada mais é senão a veste nupcial: é impossível entrar na casa de Deus sem ela (**cf. 31232**).

Antônio Maria conhece «o cume da perfeição» (**cf. 11107-09**), isto é, o que Deus deseja de seus filhos e «*os levará a uma grande perfeição*» (**11109**): para ele é insuportável que um só desses seus filhos não aspire ao sumo grau: «*O que ganhará, atrasando seu caminho para a perfeição?*» (**11010**).

Nas conferências ou colações, os filhos de Paulo devem tratar sobre «*a perfeição da vida e o máximo das virtudes*» (**30901**), como também procurem saber quais são «*as causas do fervor ou da tibieza, quais as suas características e o grau a que chegam*» (**30902**)

O reformador não pode limitar-se «*a mudar os maus costumes; e ainda: é muito pouco re-formar os bons costumes, se você não se esforçar para levá-los ao máximo*» (**31821**), janais se esquecendo que o *"tamanho da perfeição é infinito*» (**31821**). As expressões «cume da virtude» e «sumo ápice» são familiares a Frei Batista (Via de aperta Verità, pp. 8v; 20r; 165v; 166r; Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, pp. 133r; 163v; Espelho Interior, p. 72v). Nos *Ditos Notáveis* lê-se: «*A discrição sempre leva ao mais alto e ao máximo das virtudes; mas você não poderá ser discreto se não se esforçar muito para chegar ao máxi-mo de todas as virtudes*» (**Discrição 25**); «*Sabemos que um Mestre é bom quando ele consehuiu conduzir alguns discípulos ao máximo das virtudes e à perfeição*» (**Mestre 5**).

CURIOSIDADE

«*Fiquem sabendo que é melhor ler pouco e mastigar bem o que lemos, que ler superficialmente e às pressas muitas coisas e muitos autores, pois isso é, antes, satisfazer a curiosidade que estudar*» (**30804**)

Prevenir-se contra a curiosidade, quando essa ameaça à capacidade de estudar, remete à clássica página da Summa theologiae de Santo Tomás (II.II, 166 e 167). Podemos definir a curiosidade como «típica incapacidade de deter-se sobre o que se nos apresenta. Ela evita a contemplação serena, dominada como está pela inquietação e excitação que a impelem à novidade e à mudança. Nessa agitação permanente, a curiosidade busca continuamente a própria distração». Se tivesse sido contemporâneo de Heidegger, Zaccaria teria tomado esta definição do filósofo alemão, transcrevendo-a para seu caderninho de pensamentos filosóficos.

Por causa disso, Zaccaria é especialmente cuidadoso para estimular o estudo, dedicando ao assunto o capítulo 8 das Constituições. Os critérios, que ele quer que seus discípulos sigam rigorosamente, podem ser assim sintetizados:

- proibição de ler livros de hereges e cismáticos, obras relativas às artes liberais (o célebre Trívio, constituído pela gramática, retórica e dialética; também o Quadrívio, constituído pela aritmética, geometria, música e astronomia e «*à poesia e filosofia de muitas palavras*» (**30801**);
- a preferência pela Sagrada Escritura, pelos doutores da Igreja e Santos Padres;
- a recomendação de livros apropriados para a «*instrução e formação de bons costumes, da perfeição da vida, da verdadeira imitação de Cristo*» (**30803**).

Já que a capacidade de estudar é uma virtude, nós a adquirimos com a prática. Na verdade, Antônio Maria já havia afirmado que é indo «*à escola,* [que se] *acaba com a ignorância*» (**10603**). Analogamente, ele exige dos seus discípulos uma contínua atualização a fim de que

progridam naquela «*ciência espiritual*» que «*descarta a curiosidade e a filosofia inútil que tão ardentemente é abraçada pela ciência carnal*» (*Ditos Notáveis*, **Ciência espiritual 27** e **Tibieza**).

Indicações mais precisas, sobre o que deveria versar a reflexão dos seus seguidores, foram fixadas no citado capítulo das Constituições que será retomado no artigo Estudo.

«Deus nos manda carregar, cada dia a nossa cruz»
(20135)

D

DEMÔNIO

«[Vocês] *falarão* [sobre] ... *os enganos do demônio*» (**30901**)

Antônio Maria introduz sua fala sobre o demônio ao tratar do primeiro mandamento: «*O demônio, aliás, foi o primeiro que se afastou de Deus*», pelo que, manchando-se de soberba, tornou-se «*um espírito sujo*», ao qual «*Deus resiste*». Nos soberbos podemos ver a manifestação humana do comportamento demoníaco (cf. **20122**). E também nos mentirosos. «*E a mentira - mesmo a que não traz prejuízo ao próximo - é o contrário de Deus*» (**20225**).

Além disso, Satanás (termo que não ocorre nos Escritos zaccarianos) é apresentado como espírito tentador e enganador (**cf. 10602.06.12; 10701.02; 31225.28**). Quanto a este segundo aspecto, Zaccaria alerta as religiosas sobre «*sonhos e desilusões*», que o maligno suscita naqueles que «*querem explorar a grandeza de Deus*» (**20129**). Um alerta análogo diz respeito aos noviços, cujo mestre deve ser «*bom conhecedor dos enganos e das batalhas diabólicas*» (**31205**) para conscientizar e treinar os próprios discípulos, pois é principalmente a eles que o «*demônio fecha a boca*» e ameaça: «*Noviços! Considerem bem o seguinte: em nenhuma outra situação vocês são mais sutilmente enganados pelo domônio por causa da habilidade que ele tem de fechar-lhes os lábios e a boca (este demônio, por causa dos efeitos que provoca, é conhecido como demônio "fecha a boca"). E, por isso, o demônio lhes mostra algumas imperfeição dos Mestres*» (**31225**). Trata-se de uma expressão tirada dos escritos de Frei Batista, quando ele escreve que «este capitão, não manifesto, escondido em teu coração, se chama capitão fecha boca» (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 116v).

Por outro lado, mesmo que Deus entregasse os noviços «*nas mãos de demônios*», não deveriam temer, como não temeu o monge que provocou o diabo com um cacho de uva, para ver se lhe mandava alguma tentação de gula (**cf.10904**), que João Clímaco cita em Escada do Céu, 26, Apêndice, 165. « Mas, se, contudo, eles querem ou devem ter algum temor, se lembrem de que o seu maior inimigo» são eles mesmos, segundo a célebre fala de João Crisóstomo: «*quem é nocivo para mim e para você, senão nós mesmos?*» (**31229**. A homilia de Crisóstomo, com título latino Quod nemo laeditur nisi a seipso, é texto familiar também a Frei Batista, que o cita no Espelho Interior, p. 49v). Analogamente, João Clímaco não quer que o monge desertor da cela ponha a «culpa nos demônios» pela interrupção da oração contínua: «esqueceria que é exatamente ele o demônio tentador de si mesmo» (Escada do Céu, 27, 179).

Tal como os noviços, o próprio reformador dos bons costumes sofre o assédio das tentações mais violentas e insidiosas. São as tentações do «demônio da tarde», proverbialmente considerado como o mais perigoso: a "*peste que devasta ao meio-dia*" (**31808**).

A ação do maligno revela-se especialmente insidiosa na oração sem fervor. É este o ensi-namento unânime dos Padres do deserto: «*o demônio costuma emporcalhar as orações sono-lentas*» (**31215**). Por isso o Santo quer que se evite, sempre e em todo o lugar, a divagação, «*pois vocês sabem que o demônio costuma vencer os que se distraem*» (**30702**).

Os *Ditos Notáveis* também insistem sobre o mesmo tema: «*Ó homem, não ande fora de si mesmo, pois o demônio o espera fora da porta para raptá-lo pela distração*» (**Distração 7**).

Os Ditos se detêm amplamente sobre o tema tentação: angelical, diabólica, divina e humana , respectivamente (pp 111-121).

Por fim, Zaccaria considera os tíbios como demônios, a ponto de chamá-los «*demônios in-visíveis*» (**31807**), expressão que se acha em João Clímaco, quando se refere aos «diabos visíveis e invisíveis» (Es-

cada do Céu, 4,20; e também em Catarina de Sena, Orações, 21). Frei Batista, por sua vez, fala de «diabos encarnados» (Via de aperta Verità, p. 6r e Conhe-cimento e Vitória de Si Mesmo, p. 130r. **Cf**
r. Ditos Notáveis, Furor 11). Antes dele, afirma Santa Catarina: «Jamais confieis em vós ... Se Deus não nos impede [de cair], seríamos demônios encarnados» (Cartas, 190) e Zaccaria afirma o mesmo (

DESEJO

"Deus dá o desejo e a capacidade da ação, conforme a sua benevolência; aliás, Ele dá até mais do que o homem possa desejar» (**20309**)

Vamos tratar, nesse ponto, somente a respeito do desejo relativo à vida espiritual, na qual ele desempenha um papel de primeiro plano.

O homem, em geral, deseja possuir o que não tem. O desejo é mola propulsora. Se o homem nada desejasse, não estaria sequer disposto a receber o que lhe fosse doado, porque não lhe veria a utilidade. O desejo é a condição primeira para receber e apreciar um presente. O desejo é a parte do homem na obra de Deus. O mesmo desejo, porém, é presente de Deus: «*E agora, caríssimo, se você me perguntar o que deve fazer para sua vida dar frutos, eu lhe digo: dê tudo o que há em você, porque todo bem vem do alto (Tg.1,17); dê também do que você não tem, mas deseja ter, porque Deus dá o desejo e a capacidade da "ação, conforme a sua benevolência" (Fl.2,13); aliás, Ele dá até mais do que o homem possa desejar; de acordo com as circunstâncias*» (**20309**).

Existe um «*desejo da carne*» (**20512**) e um desejo do espírito, isto é, o «*desejo de saborear a Deus*» (**20607**). Este desejo, diferentemente do primeiro, é inextinguível: «*É um alimento que, se alguém o come, quer mais ainda; e é uma bebida que quem experimentou, quer bebê-la de novo*» (**20206**).

O desejo é proporcionado à capacidade do homem: «*Diga-me*:

você deseja apenas uma parte da santidade, ou toda ela? Você deseja só alguns bens, ou todos os que você poderia ter ou não ter? Só alguma ciência e não mais? E assim por diante, em todos os outros seus desejos. Todos querem, cada vez mais, alcançar o fim; o fim da sua vontade é o bem e, por isso, você o deseja totalmente e não só um pouquinho» (**20622**). As Angélicas devem ter «*tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total*» (**10505**): elas nutrem «o desejo de Paulo e sua vida» (**cf. 10913.14**).

O mestre ensine aos noviços «*a cultivarem o verdadeiro Amor e o desejo da total e com-pleta perfeição*» (**31244**).

O desejo não basta para alguém sentir-se realizado na vida espiritual: «*Jamais algum Noviço e também nós, irmãos, pense ter feito muito, mesmo tendo as coisas que foram citadas acima em grau de ardente desejo: porque, quanto mais pagamos, tanto mais ficamos devedores de coisas maiores ainda*» (**31245**).

Não é só o bem que devemos desejar. Na vida espiritual, as mesmas realidades em si negativas podem tornar-se objeto de desejo: a pobreza (**30406**) e a falta do necessário (**31211**); humilhações (**31812**); perseguições, desprezo, opróbrios (**31218**); a própria morte (cf. **20615)**.

DEUS PAI E MÃE

«*Deus ... se mostra tão amoroso, como filho, pai e mãe*» (**20205**)

Devia ser familiar a Antônio Maria a contemplação de um Deus pai e mãe ao mesmo tempo»: «*Deus, ainda mais, pois Ele se mostra tão amoroso, como filho, pai e mãe e sempre está com você; e se você se separa dele, Ele o procura, o chama e sempre o convida*» (**20205**) (Esse trecho lembra adultério espiritual em **31210**). Em **20304** ele afirma que «*Deus é muito mais do que uma babá ou que um professor, pai*

e mãe». Antônio Maria sente-se tocado pela «*ternura*» e «*doçura*» de Deus (**20304** e **20205**), considerando «suave e feliz» o governo que Ele exerce sobre suas criaturas (**20304**).

A afirmação de que Deus vai além de pai e mãe nos leva à conclusão de que Antônio Maria via Nele, refletidos, transparentes e assimilados de maneira excelente nos estudos teológicos, os atributos humanos.

Santo Tomás afirma, com Dionísio Areopagita, que tais qualificações se aplicam a Deus "excellentiori modo" (Summa theologiae, I,13,3), isto é, de modo supereminente. E Zaccaria diz: «*Deus não é isso nem aquilo, mas é algo mais excelente*» (**20610**). E, por isso, é «*muito mais que pai e mãe*» (**20304**).

DEVER

«*Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!*» **(31245)**

Zaccaria não fala dos direitos do homem, só dos deveres. Na mentalidade atual, isto poderia parecer uma enorme limitação. Entretanto, se refletirmos bem, daremos conta de que esta é a condição natural do homem: por ser criatura, antes de mais nada tem deveres. Os direitos não são outra coisa que a liberdade, reconhecida ao homem por seus semelhantes, liberdade essa de ele poder cumprir os próprios deveres. O homem tem deveres para com Deus e para com o próximo.

O dever do homem para com Deus. É o tema central da primeira parte do Sermão 3. Antônio Maria utiliza uma série de expressões para falar deste dever: fruto, reconhecimento, prêmio, salário, tributo, estipêndio, obrigação, dízimo, dívida, restituição. É como se o homem tivesse uma dívida para com Deus, um tributo a pagar, juros a devolver. O motivo são os benefícios generosamente distribuídos por Deus: a criação, o governo, a salvação (Atributos de Deus). Satisfazemos tal dívida com

o reconhecimento, a gratidão, e em particular com a observância do terceiro mandamento.

A idéia da dívida é retomada por Zaccaria no capítulo 12 das Constituições (**31245**): «*Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!*». O proveito espiritual não é escolha opcional do homem; é seu grave dever. A santificação pessoal nada mais é que fazer frutificar em si os dons de Deus; disto um dia seremos chamados a prestar contas (Mt 25, 14-30; **cf. 20303**). E à medida que avançamos na vida espiritual maiores devedores nos vamos tornando, «*quanto mais pagamos, tanto mais ficamos devedores*» (**31245**). A este propósito Antônio Maria insiste num ensinamento tirado da tradição dominicana. Dirigindo-se a Deus, Catarina de Sena escreve: «Tu amas [a alma] ... e ela por dívida Te ama» (Orações, 21). Igualmente Frei Batista: o homem, ao receber dons e graças, «torna-se cada vez mais devedor» (Espelho Interior, p. 52v).

O dever do homem para com o próximo. Zaccaria trata desse dever no Sermão 4: «*Sabendo, pois, que é impossível para o homem fazer uma coisa boa, senão fizer todo o possível para cumprir seus deveres para com seu irmão, para com o seu próximo, ...*» (**20424**). O homem tem deveres para com os pais, vivos ou defuntos, com os filhos, com os superiores, com os benfeitores, com os que nos corrigem fraternamente, com as autoridades, com os eclesiásticos, com os idosos, com os fracos, com os trabalhadores; praticamente, com todos: «*Você deve respeitar todos os homens, porque todos têm a mesma origem e criação que você e devem ser amados, porque são da mesma espécie..*» (**20434**). «*Por isso, quero ter para mim este amor, o que vou conseguir s4 viver o quarto mandamento*» (**20437**).

O dever dos filhos de Zaccaria para com seu pai espiritual. Também a paternidade espiritual cria nos discípulos um dever de reconhecimento para com os que os geraram: «*... pro-curem dar-me grande satisfação e lembrem-se de que, estando aqui ou fora, vocês têm a obriga-ção de dar-me satisfação*» (**10712**; Agradar/contentar).

DEVOÇÕES

«*Todas as horas sejam rezadas de maneira lenta e cuidadosa, sem canto e sem órgão, mas façam esforço para que seja com toda devoção*» (**30101**)

O tema da devoção é desenvolvido cuidadosamente no quarto parágrafo das normas para os noviços (**cf, 31231-36**), onde devoção e fervor são sinônimos. Zaccaria explica aos noviços as razões pelas quais Deus costuma «*providencialmente fazer sumir o fervor e a devoção exterior*»[1] (**31238**). Se não fosse assim, deveríamos concluir que em vez de fervor autêntico se trataria de «*fogo de palha*» e de *"espírito inconstante"* (**cf. 31111 / 31239**). Antônio Maria nos convida, depois, a nos dedicarmos à «*verdadeira devoção, que outra coisa não é senão a pronta vontade para fazer as coisas de Deus*» (**31240**), repetindo São Tomás em Summa theologiae, II.II, 82,1; (**cf. também** *Ditos Notáveis*, **Devoção 1**).

Dotados de semelhante devoção, os noviços não mais se «limitarão» às coisas que são da bondade de Deus, pois as dificuldades que surgirem não lhes trarão tristeza e sim alegria. Isto supõe que esteja viva em seus corações «*a semente da boa vontade*», que é exatamente «*a pronta vontade para fazer as coisas de Deus*»; que sirvam a Deus com magnanimidade, sem esperar por recompensasas; que aumentem o fervor, mediante propósitos renovados, firmes e frequentes (**cf. 31238-43**), em que não falte a mesma exigente disciplina do corpo, que se exprime por «*esforços violentos ou corporais*» (**31243**).

[1]Razões indicadas: é um dom de Deus que exige como contrapartida a humildade; é preciso buscar em si mesmo a causa pela qual a devoção e o fervor vêm a faltar; sua ausência suscita maior compreensão para os que se encontram em idêntica situação; aprendemos a arte do discernimento dos espíritos; compreendemos como a distração é causa de aridez; temmos a prova do fervor autêntico, se ele persiste mesmo no tempo de aridez.

Não devemos esquecer também que a força do Espírito Santo (**cf. 31243**) sempre coopera com a devoção do discípulo, ainda que em medidas diferentes, como se lê nos *Ditos Notáveis* (**Ciência espiritual 32**), os quais reservam ao tema um artigo inteiro.

A propósito da oração, não podia faltar a referência à devoção. Antônio Maria prescreve que Liturgia das horas se recite toda inteira (por quanto possível) «*com toda devoção*» (**30101**; Liturgia).

A devoção, unida à intenção e à experiência, é indispensável para alcançar o estado de oração (**cf. 31006**), isto é, para chegar à oração contínua ou ao permanente estado de oração, como Zaccaria apresenta em **10309-11**.

«*Elevação da mente*» exprime com eficácia singular a dupla atitude indispensável à oração: a devoção e a atenção. Sobre esta última, o pai espiritual de Antônio Maria costumava insistir, com ênfase particular, ao falar das «três atenções que se deve ter na recitação da Liturgia das Horas e [na] oração» (Via diaperta Verità, p. 35r/v) ou quando escreve que «a verdadeira e perfeita oração começa com grande atenção, mas termina em esquecimento muitíssimo atento» (Espelho Interior, p. 60v), porque, esquecendo-nos de nós mesmos, imergimos em Deus.

Sobre o «modo de alcançar a devoção e conservá-la», Batista de Crema redigiu um «tratado» que depois incorporou na Via di aperta Verità (pp. 81-129).

DISCRIÇÃO / DISCERNIMENTO

«*Que eu encontre gente que ... não veja seu próprio interesse e não pense em si, mas consiga o bem dos outros, comportando-se de maneira discreta e madura na açao*" (**10504**)

Discrição pode passar por discernimento. Zaccaria fala várias vezes da «*virtude da discrição*» no capítulo 12 das Constituições. Ele quer que seus seguidores guardem em seu proceder «*discrição e matu-*

ridade contínua» (**cf. 10504**). A discrição deve estar à frente não só do esforço ascético (**30506**: "*Quem souber dominar a gula com discrição, vencerá a soberba e, sem dúvida alguma, fará progressos*») e a ousadia mística também: (**20510**: «*... as próprias consolações espirituais, que o homem deve procurar experimentar com toda a dedicação, precisam de ser consideradas com muito cuidado e discrição*»). Neste contexto, nos deparamos com os preciosos tempos da aridez: aprendemos por estes e nestes tempos «*a virtude da discrição*» (**31238**). Além disso, Antônio Maria julga que o mestre de noviços deva estar «*cheio de discrição prática*» (**31205**) e considera que as pessoas mais indicadas para fazer a reforma são os verdadeiramente fervorosos e discretos, gente «*cheia de olhos na frente e atrás», porque a luz do discernimento os impedirá de ser «nem por demais precipitados, nem demorados*» (**31805**). Exi-ge-se a discrição sobretudo dos que são chamados a deliberar sobre a expulsão dos que parecem estar manchados por graves males morais (**cf. 30302-03**). Não é sem razão que se chamam discretos (<u>Oficiais</u>) os que são convocados para tais decisões

O discernimento é, na verdade, a faculdade interior com que detectamos as moções do Es-pírito Santo em ordem ao cumprimento perfeito da vontade de Deus em nós. Implica também numa clara distinção entre espírito divino, humano e diabólico (<u>Espíritos, variedade de</u>).

Zaccaria teve, como Mestres de discernimento, João Cassiano (Colações, 1 e 2; especialmente 1,23 com a linda página sobre as quatro espécies de discernimento), João Clímaco (Escada do Céu, 26) e Santa Catarina de Sena (Diálogo, 11, qiamdo ela fala da «luz da discri-ção»). «Discrição» é também um artigo dos *Ditos Notáveis*: afirma-se ali que ninguém poderá alcançar o ápice de todas as virtudes se não se entregar com afinco à prática da discrição (**cf. Discrição 25**). Ter esta virtude é ter «*olhos na frente e atrás, embaixo e em cima, à direita e à esquerda. Por causad dessa virtude, o homem se torna muito semelhante a Deus*» (**Discrição 12**).

DISTRAÇÃO / DISSIPAÇÃO

«*...se até na distração, o homem se une a Deus, quanto mais nas outras situações e nos momentos de recolhimento*» (**10305**)

Escrevendo ao leigo Carlos Magni (Carta 3), homem comprometido civil e religiosamente, Zaccaria afirma que a distração é o estado habitual em que a pessoa vive naturalmente evasiva intelectualnte e, por isso, não fica ligada à uma coisa só. Mas ela pode, apesar disso, manter-se unida a Deus, mediante intensa e afetuosa oração (trata-se da confabulação espiritual, durante a qual tratamos Deus como amigo; **cf. 10306.09**), mediante a «*freqüente elevação da mente*» (**10307**). Quanto maior for o risco de nos afastarmos de Deus, será muito mais necessário cultivar o recolhimento. Por isso, o Santo alerta os religiosos, lembrando-lhes que, «*nas viagem e em outros lugares, evitem a distração e a curiosidade*» (**30702**), e que façam o mesmo ao se dedicarem à oração.

Se, portanto, desejarem realmente a compunção - que para Zaccaria é sinônimo de devoção e de fervor – os religiosos devem fugir da distração (**cf. 31010**), pois a dissipação (curiosidade), como relembra às Angélicas, é fonte de relaxamento (**cf. 10910.12**); ele põe de sobreaviso os Barnabitas, dizendo que «*o demônio costuma vencer os que se distraem*» (**30702**). No ensinamento de Antônio Maria, a distração é também a situação normal do homem: pois, entregue ao cumprimento dos seus deveres, não pode pensar diretamente em Deus (**cf. 10308**). Nos *Ditos Notáveis* (**Vida mista 6**) vemos que a «*vida ativa usa a distração e a contemplativa, a união*”; e que o ideal é saber manter-se unidos» a Deus, mesmo se distraídos pelas próprias ocupações. E vice-versa. Parece que Antônio Maria repita este conceito quando escreve a Carlos Magni: «*...se até na distração, o homem se une a Deus, quanto mais nas outras situações e nos momentos de recolhimento*» (**10305**).

DIVINIZAÇÃO

«*... você o vê claramente na luz do Novo Testamento (2Cor.3,18): você pode falar e conversar com Ele e pode chamá-lo realmente de um Deus na terra*» (**20208**)

Antônio Maria conhece a impressionante afirmação do Salmo 81,6 que o Evangelho de João 10,34 fez sua: «Eu disse: vós sois deuses», e que o Santo assim comenta: «*O homem é Deus enquanto, por suas obras, fica parecido com Deus e O imita, na medida em que isso é possível ao homem"* (**20131**). O que torna o homem semelhante a Deus é a liberdade, em virtude da qual, «*apoiada pela graça de Deus, ... o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar!*» (**20515**).

Zaccaria confirma esta afirmação com a autoridade das Escrituras e o testemunho dos santos: «*E Deus disse, pela boca do profeta Davi: "Eu declaro: embora vocês sejam deuses e todos filhos do Altíssimo ... Muitas vezes, os santos são chamados de deuses na carne, ;;;*» (**20515**). Sobre tais convicções deverá ter influído sem dúvida o vigoroso ensinamento de Frei Batista, que assim exaltava a vontade do homem: «Não sabes tu que a vontade do homem é quase onipotente?» (Filosofia Divina, p. 127r). E ainda: «Se bem atentares, verás que nisto [= no livre arbítrio] o homem é quase um deus e onipotente» (Via de aperta verità, p. 84v).

É sobre esta afinidade que se fundamenta a vida espiritual, mas ela compromete o homem a fazer germinar e crescer as sementes da vida divina que guarda em si. É o que afirma Zaccaria no Sermáo 2 (**20208**). Invadido pela «luz sobrenatural» da graça, o homem goza da visão e da intimidade divina: «*... você o vê claramente na luz do Novo Testamento (2Cor.3,18): você pode falar e conversar com Ele e pode chamá-lo realmente de um Deus na terra*». Este «estado feliz» é a meta a que são convidados os membros do Cenáculo da Amizade, de Cremona.

DOÇURA*

«.. felizes os que vivem mergulhados naquela doçura eterna!» **(20205)**

Doce é o adjetivo que Antônio Maria usa com freqüência quando se dirige aos seus filhos e filhas espirituais: Angélicas (**10501.03**: doces=queridas, amáveis); Angélicas ou, mais provavelmente, Barnabitas («*Meus santos* [doces] *filhos em Cristo*»: **10601**); Barnabitas (**10700**); Sr. Ferrari (**10607**) e Soresina [= Sr. Battista] (**10800**); *querida Paulinha e minha querida Faustina* (**10612**); Dona Laura [Omodei] (**11101**); senhor Francisco Cappelli (**11200**). «*Ó querido Pai*» é o apóstolo Paulo (**10711**).

A doçura é uma caraterística da vida espiritual: «*... felizes os que vivem mergulhados naquela doçura eterna!*» (**20205**); «*Ah! Que abraços doces! Felizes os que neles se encontraram e neles descansam!*» (**20207**). Doce é também a Providência divina: «*Ele governa você com tamanha ternura [doçura] que, para salvá-lo, quis dar a própria vida*» (**20304**). A idéia de doçura acompanha também a meditação da Paixão do Senhor: «[O livro da] *memória da cruz de Cristo*» (**11109**); a «*Compaixão da Morte ou da* [doce] *Paixão de Cristo*» (**31009**; expressão encontrada em Frei Batista de Crema, Filosofia Divina, p. 32).

A doçura espiritual é a compunção: por ela sabemos que «*uma coisa é fervor e devoção exterior e outra é o fervor e a verdadeira devoção*» (**31237**). Por isso, também as humilhações nos tornam doces: «*Quem não considera os insultos como um doce alimento, quem não gosta de beber escárnios, quem não deseja e não procura ardentemente a humildade não se meta a ser reformador de costumes*» (**31811**).

Sobre a doçura vivida por Antônio Maria, a Angélica Anônima afirma em suas *Memorias*, quando fala de uma *verdadeira caridade* sem limites para com suas filhas (Memórias, p.15).

** Nem sempre usamos as palavras doçura/doce nos Escritos em Português. São substituídas por sinônimos em vários trechos.*

DOMÍNIO (CONTROLE) DA VONTADE

«*...o fato de não terem o controle de suas vontades, as levaria ao desleixo*» (**10913**)

«*... mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas*» (**10913**) é a condição indicada por Zaccaria às noviças das Angélicas não só para o crescimento espiritual delas, mas também para encarnarem o modelo de vida a elas oferecido pelo seu grande patrono, o apóstolo Paulo. Tudo que Antônio Maria recomenda às Angélicas, isto é, que caprichem no domínio da própria vontade (**cf. 10913**), ele indica o mesmo aos noviços barnabitas como o primeiro de seus deveres: que eles aprendam «*a dominarem as suas vontades*» (**31208**). Este preceito está fundamentado na ascese cristã, como se lê, por exemplo, na Imitação de Cristo: «Aprende a dominar todas as tuas vontades» (3,12,2).

O domínio da vontade faz parte da busca do «*mais alto grau de perfeição*» (**31246**) a que são chamados tanto os leigos (**cf. 20606-07**) quanto os religiosos (**cf. 31901**), e é sinônimo de domínio de si mesmo, liberdade interior e disponibilidade para com o próximo.

É supérfluo acrescentar que a renúncia a si mesmos é parte integrante das exigências mais urgentes do Evangelho.

DUPLICIDADE / SIMPLICIDADE

«... o Espírito Santo afasta-se do coração dos fingidos... Deus fala aos simples» (**20224 ... 20226**)

Gabuzio (História, p. 76) dá testemunho de que Antônio Maria detestava a hipocrisia. Quando soube que Soresina, a quem confiara

seu «*tesouro*», se comportava de maneira fingida com seu superior, o Pe. Morigia, isso era para o santo como uma punhalada no coração (**cf. 11005**). «Fingimento e duplicidade» são causa de muitíssimos males, a ponto de o Espírito Santo se afastar dos corações fingidos, enquanto a mentira, mesmo a que «*não traz prejuízo ao próximo ... destrói todo o fundamento da vida espiritual*» (**20225**), porque «*é o contrário de Deus*» (**20225**). Ficou célebre, a este respeito, a reprimenda do Santo: «*Homens dos tempos modernos, como vocês são mentirosos! Paulo nunca quis dizer uma mentira, ... (cf. Fl 3,8) E quanto a vocês? Prefiro ficar calado. A mentira contraria a Deus, que é a primeira verdade; ela é filha do demônio (Jo.8,44); uma única mentira é suficiente para que você perca todo o crédito ... Então, caríssimo, fuja dela! Fuja! Eu repito!"* (**20225**).

À duplicidade opõe-se a simplicidade ou lealdade (termos freqüentemente unidos). Soresina, que não tinha com Morigia a mesma simplicidade que usava com Zaccaria, é convidado pelo santo «*a comportar-se de maneira leal e simples para com todos*» (**11009**). Aos Barnabitas ele recomenda: «*Comprometam-se com atitudes de humildade e de simplicidade*» (**10711**). Eles devem ser tidos como «*pessoas simples, fervorosas, preocupadas com o crescimento do próximo, não assustadas com a violência das paixões ou das tentações*» (**11004**). «*A imitação da bondade e da simplicidade cristãs*» está entre os fins da Congregação (**31901**), tanto que os noviços devem «*chegar à simplicidade*» (**31226**), não julgando ninguém. Eles devem observar o que se prescreve nas Constituições, sendo assim «*eles se tornarão simples como pombas e prudentes como serpentes*» (**31227**).

A simplicidade é, ao mesmo tempo, condição e efeito da união com Deus: «*Deus fala com quem é simples*» (**20226**); «*... o seu espírito, apegando-se a Deus, torna-se mais simples e mais espiritual*» (**20202**). De fato, a simplificatio cordis, ou seja, a simplicidade de coração, é um aspecto qualificante do homem espiritual.

Enfim, quando Antônio Maria, numa carta testamento escrita 25

dias antes de sua morte, saúda de modo particular cada um dos irmãos da comunidade, além de unir ao nome um adjetivo que identifica a fisionomia interior de cada pessoa («*fiel*», «*humilde*», «*sofredor"*, «*incansável*», «*agitado*»), ele escreve também «*simples*» (**11014**).

A simplicidade parece ser a melhor preparação humana para a habitação divina: «*Eu quero ser, sempre e em tudo, autêntico, simples e aberto. Desse modo, terei meu coração preparado para Deus. Que Deus, por sua graça, se digne permanecer em mim e fazer em mim o seu templo. Amém*» (**20226**).

DÚVIDA

«*Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa*» (**10204**)

A dúvida é uma grave doença espiritual. Ter «*idéias duvidosas e pouco claras» é sinal de imperfeição"* (**10908**). A dúvida bloqueia o crescumento espiritual: «*... sinto-me incerta quanto ao comportamento dos outros e quanto à situação espiritual deles e acabo duvidando, no meu íntimo, que nem sequer tenho a coragem de dar um passo à frente*» (**11203**); «A fa*lta de firmeza, antes de mais nada, atrapalha o homem: ele não progride, ... isso quer dizer que ele não faz o bem agora, porque se preocupa com o futuro, nem se prepara concretamente para o futuro, porque perde tempo agora e não acredita no futuro. Querem saber com quem este homem se parece? Com quem tem a pretensão de amar duas coisas opostas. É igual àquele que quer caçar dois coelhos ao mesmo tempo: um foge e o outro escapa! Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa*» (**10204**). Como se vê, a dúvida quase se identifica com a indecisão, sendo ao mesmo tempo, efeito e causa: «*Quem quiser apontar as tristes consequências e as causas da falta de firmeza, vai levar mais de um ano; a verdade é que, se o mal fosse só esse, já seria até demais, porque, enquanto o ho-*

mem fica duvidando, não consegue fazer nada» (**10208**). Na origem de tudo está a tibieza, porque «*o homem indeciso, na hora de dar conselho a respeito de algum problema, é capaz de falar todas as razões que existem, mas não sabe decidir quais as certas. E então, nunca diz o que deve ser feito e o que deve ser deixado; por isso, se antes a dúvida era pequena, depois se torna grande e, assim, nós nunca nos decidimos*» (**10207**).

Como vencer a dúvida?

Antes de mais nada, levar em conta a experiência: «*Meus santos filhos em Cristo, de que vocês estão duvidando? Ainda não perceberam que, nesta missão, nunca lhes faltaram recursos para dar aos que estão precisando? Não existe nada de mais certo e que mais faça aumentar a segurança, do que a experiência*» (**10601**).

Em segundo lugar, pode-se vencer a dúvida com a oração: "*Rezando, você procure dialogar com Cristo a respeito de tudo o que acontecer, até sobre as dúvidas e dificuldades, especialmente nos momentos das maiores incertezas, dizendo para Ele o que está a favor e o que atrapalha as suas decisões. Faça isso da maneira mais breve possível, dizendo-lhe a decisão que parece ser a melhor ou, então, perguntando ao Cristo o que Ele acha a respeito. Certamente que Ele não lhe negará sua opinião, se você insistir; aliás, eu lhe garanto que Ele atenderá os seus pedidos*» (**10303**).

É preciso, além disso, esquecer-se de si e comprometer-se com o bem espiritual dos outros: «*... tomei a decisão de esquecer-me de mim nesna e de dedicar-me ao bem espiritual do meu próximo. E assim espero que gastando-me pelo próximo, o Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor que me animavam; e finalmente agirei com segurança e não ficarei mergulhada nas dúvidas que me faziam desconfiar de todas as inspirações que apareciam; ... espero chegar a distinguir concretamente o qie é verdadeiro do que é falso, e o que é certo do que é duvidoso*» (**11204**).

É preciso, enfim, confiar na presença, na comunhão e na soli-

dariedade espiritual do Pai: «*Filho caríssimo, nós carregamos juntos o peso da missão que você está carregando agora; creio que você já percebeu isso. Nós nem poderíamos deixar de ficar juntos em todos os momentos, pois estamos aí sentindo tudo junto com você. Por isso, não tenha medo de errar e a mais ampla liberdade que lhe demos é a garantia de que suas coisas terão um final feliz*» (**10607**).

... ***não tenha medo de errar e a mais ampla liberdade que lhe demos é a garantia de que suas coisas terão um final feliz.*** **(10607)**

«... o seu espírito, apegando-se a Deus, torna-se mais simples e mais espiritual»
(20202)

«.. felizes os que vivem mergulhados naquela doçura eterna!»
(20205)

E

ELEVAÇÃO DA MENTE

«*... É elevar nossa mente, pedindo o dom do conselho ...*» (**10209**)

Elevação da mente a Deus é a definição clássica da oração, formulada por João Damasceno e retomada por Santo Tomás (Summa theologiae, II.II, 83,1). Antônio Maria usa esta definição escrevendo a Carlos Magni («*... se nós quisermos estar com Deus ..., o jeito é elevar, muitas vezes, os olhos de nossa mente a Deus, por pouco ou por muito tempo, tal como faríamos com um nosso amigo*», **10309**) e ao casal Omodei («*Ora,quem deseja tornar-se espiritual... eleva o pensamento ao Cristo ao longo do dia*», **11104**). «*Elevar a mente*» é um aspecto determinante da oração, que se apresenta como a ponte entre a meditação e contemplação (**cf. 20324**). O ideal é se esforçar «*para desenvolver uma reflexão pessoal*» (**30805**); «*É preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará*» (**31822**). Estes aspectos vamos encontrar nos *Ditos Notáveis* (**Devoção 5**: «*... o devoto fica com a mente sempre sintonizada com Deus e voltada para Ele*». A razão disto é indicada pelos mesmos *Ditos*: «*Este ciúme [espiritual] é aquêle que faz a mente ficar sempre fora do ar* [elevada]» (**Ciúme espiritual 5**)

Antônio Maria estuda com profundidade o comportamento da mente humana na vida espi-ritual e mais especificamente na oração, quando fala da mente estéril, distraída (**cf. 10910**), va-

zia (desnorteada) (**cf. 20218**), e a deseja equilibrada (estável) (**cf. 20217**), devota (**cf. 30104**), livre de fantasias e pura (sem mancha) (**cf. 31213/31216**; estabilidade da mente). Sobre este último aspecto, João Clímaco insiste, recomendando que a mente seja disciplinada «de modo que não se perca em fantasias» (Escada do Céu, 28,190). Isso será possível se «se mantiver afastada toda fantasia que perturba o recolhimento» (ib. 192).

ELOQUÊNCIA

«*... a eloquência não serve, porque vem da sabedoria dos discursos humanos"* (**20411**)

Zaccaria trata da eloqüência na primeira parte do Sermão 4. Aí ele praticamente desenvolve uma reflexão sobre o hino à caridade de São Paulo (1Cor 13).

A eloqüência é «*uma grande qualidade e muito importante, principalmente para manter o povo em paz e para governá-lo*». Como prova da afirmação ele cita os exemplos de Moisés e Jeremias. «*... essa qualidade, no entanto, é muito pouco útil e até prejudicial sem o amor, porque é como uma árvore cheia de folhas, mas com pouquíssimos frutos*». A referência dirige-se claramente à figueira estéril do Evangelho (Mt 21,18-19; Mc 11,12-14.20-21) (**cf. 20401**).

Exemplo de pessoas eloqüentes, mas sem a caridade, são os fariseus, «*aqueles que Cristo apontou como os que andam pelo mundo inteiro para conseguir um seguidor para eles (Mt.23,15), ou seja, um cristão; como os que levam os outros a um modo de vida espiritual: eles abrem as portas para os outros e os educam, mas não ensinam a si mesmos*» (**20403**). Por isso a eloqüência não servee, porque vem da sabedoria dos discursos humanos, ou seja, parte de uma sabedoria que se apóia exclusivamente em palavra humana e não na Palavra de Deu

ENCARNAÇÃO

«*Que grande bondade! Que amor sem fim! Deus que se faz homem! E por que? Para reconduzir o homem a Deus*" (**20606**)

O mistério da Encarnação é com freqüência considerado por Zaccaria como argumento decisivo em suas explanaçõesações.

Antes de mais nada, a Encarnação prova e demostra que o homem foi criado para ir a Deus (Caminho de Deus): «*Deus, no seu amor imenso achou que ainda era pouco! Tanto é verdade, que Ele, que é a eternidade, a luz, a incorruptibilidade, o mais profundo de todas as perfeições, quis se aproximar do tempo, das trevas, da corrupção e do monte de imperfeições! Que grande bondade! Que amor sem fim! Deus que se faz homem! E por que? Para reconduzir o homem a Deus, para ensinar-lhe o caminho, para iluminá-lo com a sua luz*» (**20606**).

A Encarnação demonstra também que para ir a Deus é necessária a caridade: «*Você quer ver uma coisa? O Filho do homem veio a esta terra para trazer o amor! ... Deus veio do céu à terra: ele, sim que podia, sabia e devia, porque se fez homem verdadeiro, inocente e sem mancha. Além disso, vindo ao encontro do seu inimigo, obrigou-o, com a força do amor, a amá-lo de novo*» (**20412**); «*... foi necessário e conveniente que o Filho de Deus descesse do céu para mostrar o caminho do amor e, mais ainda, do amor de Deus*» (**20416**); «*Deus fez-se homem justamente para isso; Cristo disse: "o meu mandamento é este: amem-se uns aos outros como eu amei vocês" (Jo.15,12)*» (**20423**).

Em terceiro lugar, a Encarnação prova que o meio de amar a Deus é amar o próximo (**cf. 20424**); «*Se isso ainda não for suficiente, pelo menos ouça o seguinte para se convencer de que o amor do próximo mostra o amor de Deus: Deus fez-se homem justamente para isso; Cristo disse: "o meu manda-mento é este: amem-se uns aos outros como eu amei vocês" (Jo.15,12)"*» (**20423**)

Além disso, a Encarnação é uma das provas de que a causa de

nosso pequeno proveito es-piritual não é Deus, já que Ele fez todo o possível para ajudar-nos: «*Você nem poderia imaginar ... que Deus, na sua bondade infinita tivesse decidido livremente criar o céu, os elementos da natureza, os animais, as plantas, os minerais e a pedras para o homem ... e, coisa ainda maior e [mais] maravilhosa dentre tudo o que Ele fez: que tenha entregue, ao homem, o seu próprio Filho, para servi-lo, para resgatá-lo e para morrer por Ele ... e, depois, abandonasse o homem?*» (**20105**).

A Encarnação está entre os argumentos que demonstram a bondade das paixões humanas: «*E Deus, que fez os céus e o universo para o homem, que fez o próprio homem à sua imagem e semelhança (Gn.1,27), destinando-o à felicidade eterna; e, mais ainda, mandou seu Filho feito homem, para a salvação do mundo (Fl.2,7) e o condenou à cruz no lugar do homem; tem sentido o próprio Deus implantar no homem o princípio do mal, o desastre total, a morte?*» (**20502**).

ESCRÚPULO

«[Os] *escrúpulos me estimulavam a considerar que, tudo o que queria fazer ou falar, vinha do orgulho*» (**11202**)

Na pena do Fundador, esta definição que descreve o escrúpulo, exprime uma experiência que a Angélica Paula Antônia Negri, autora da carta 12, manifesta a um amigo sincero dos institutos zaccarianos: Francisco Cappelli, nobre de Verona (**cf. 11201/02**). É nas prescrições para os noviços que Antônio Maria se detém longamente sobre o escrúpulo.

O escrúpulo é uma patologia típica da vida espiritual: atormenta a alma com uma contínua e obsessiva dúvida sobre a bondade da conduta da própria alma e sobretudo quanto às intenções que a motivam. O limite entre fineza interior e escrúpulo é muito sutil. Educar para a fineza comporta o risco de cair no escrúpulo. Por isso, Zaccaria fala dele

aos noviços, recomendando, antes de mais nada, que, «*tendo-se confessado, não continuem escrupulosos, ... sabendo que o fato de não deixar os escrúpulos é um ato que procede da soberba, que faz acreditar em si e não nos outros*» (**31222**), isto é, no próprio guia espiritual. Zaccaria diz mais: «*saibam, porém, que com tais escrúpulos, vocês nunca farão progresso, e - depois de algum tempo, deixando de freiar os escrúpulos e o remorso de consciência - cometerão com licenciosidade todos os defeitos que quiserem*» (**31222**). Mas, além da docilidade, há um remédio ainda mais sutil, ilustrado nos *Ditos Notáveis*: «*A perfeita devoção elimina tudo o que é duvidoso e escrupuloso e traz em si a liberdade e a alegria interior*» (**Devoção 4**). Zaccaria também indica o mesmo remédio quando afirma que «*A oração impede de errar a quem quer andar e conduz com grande facilidade quem quer progredir*» (**31814**).

Ainda sobre o escrúpulo, continuam clássicas as anotações de um santo contemporâneo de Zaccaria, Inácio de Loyola (cf. Exercícios Espirituais, nn. 345-52: «Notas para identificar e entender os escrúpulos e as insinuações do nosso inimigo»).

ESPÍRITO SANTO

«E a unção do Espírito Santo lhes ensinará tudo» (**31610**)

O Sermão 2 oferece magnífica visão da vida espiritual e de sua interação com a Santíssima Trindade. Na vida espiritual, ocupa lugar de destaque o Espírito Santo, que suscita íntima adesão no espírito do homem. No ensinamento zaccariano o papel do Paráclito é o de mantér desperta no coração a lembrança de Deus, porque é espírito de amor (**cf. 20201**). Deus é o primeiro mestre de vida espiritual: «*Aquele que ensina a justiça, a santidade, a perfeição: o Espírito Santo Paráclito. Ele não vai deixar vocês errarem, mas lhes ensinará todas as coisas ..., ficando sempre com vocês* (**10504**). E é consolador: Rle não deixará esmorecer; virá ao encontro de nossas necessidades abastecendo-nos

de todas as coisas e dando-nos, sobretudo, «*uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz*» (**10504**). Estes dois aspectos são retomados nas Constituições: «*E a unção do Espírito Santo lhes ensinará tudo e tomará conta de vocês*» (**31610**).

Como o Espírito Santo «está sempre conosco» (**cf. 10504**), devemos educar-nos a acolher a sua ação. Pelo dom do conselho nos é dada a certeza de que seguindo as inspirações do Espírito, não vamos errar. Porque o «*Espírito Santo chega logo ao mais íntimo das pessoas, não fica na superfície*» (**10206**; Instinto espiritual). É preciso, além disso, saber discernir quando a força do Espírito Santo coopera com a devoção do discípulo (**cf. 11203)**; e nos *Ditos Notáveis*: *Se ela* [a doutrina] *não está no mestre, não poderá infundir-se no duscípulo. Nesse caso, quem age é o Espírito Santo*" (**Ciência espiritual 32**), mesmo que o discípulo não tenha um guia à altura da situação. Os noviços, além disso, deverão aprender «*em quais pensamentos devem enraizar-se e os ritmos e harmonias do Espírito Santo neles*» (**31234**). O conceito de que a alma é como um instrumento musical ativado pelo Espírito Santo encontra-se, por exemplo, na homilia de Gregório Nazianzeno: «[A alma é] um instrumento musical tocado pelo Espírito Santo, que canta a glória e o onipotência divina» (Oratio in laudem Basilii Magni, 43,67). Um antecedente mais imediato desta doutrina encontra-se nos *Ditos Notáveis* (**Conremplação 17**): «*Só o contemplativo conhece e escuta a harmonia interior o Espírito Santo opera na alma e obedece a diversas vozes e movimentosdo mesmo Espírito*». Neste contexto, o Espírito Santo é o inspirador secreto da oração, Aquele que nos faz lembrar "*de ninguém mais do que de Deus*» (**20201**), sobretudo atualizando as Escrituras, que são o segundo livro, depois do das criaturas, livro querido por Deus, para que pudéssemos mais facilmente ir a Ele e dele nos lembrássemos continuamente (**cf. 20604**).

Não podemos deixar de observar também que o bom êxito da ação do Espírito Santo e o ponto mais alto da vida espiritual, que está no testemunho que Zaccaria expressa assim: «*ser um exemplo vivo de*

Cristo»: «*... o Espírito Santo dá a todos o testemunho de que são filhos de Deus (Rm.8,16) e de que são um exemplo vivo de Cristo*» (**20201**) e *«São Barnabé ... agiu em relação a Paulo, que desejaria ser pessoalmente e de maneira transparente um exemplo vivo do Cristo Crucificado*» (**10901**).

ESPÍRITOS (VARIEDADE DE)

«*Que eu encontre: gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento*» (**10504**).

Entendemos por «espíritos» as inclinações da alma e a influência que elas exercem sobre a sensibilidade e a vontade. Na Carta 5, Zaccaria acena a duas inclinações: o fervor e a tibieza. Ele fala em outros trechos dos Escritos de «espírito inconstante» em contraposição à autêntica devoção, a que chama de «*fervor divino*» (**cf. 31238**). Fica evidente pelo contexto que neste caso se trata de alterações de humor, que devem ser firmemente enfrentados, para não expor a própria vida a exaltações ou a depressões que enfraquecem o equilíbrio interior e comprometem a ação externa.

Quando, porém, se tratar de inclinações interiores diferentes e às vezes até opostas, convem submeter tais espíritos a um oportuno discernimento. É por meio do discernimento que se abrem nossos olhos interiores e nos tornamos capazes de enxergar a verdade profunda de toda a realidade. Merece atenção, portanto, o que escreve João Clímaco num capítulo da Escada do Céu, bem conhecido de Zaccaria, que aí foi buscar o episódio do monge que «*ofereceu ao demônio um cacho de uvas*” (**10904**). Diz João Clímaco: «Os ventos da alma submersa pelas paixões sacodem os sentidos do coração; os [ventos] da alma proficiente a agitam apenas superfícialmente e, logo logo, voltarão a dar espaço

à inércia, aliás, nunca fica incomodada; quanto aos perfeitos: lêem na alma os sinais da consciência, quer os divinos, quer os do diabo» (Grau 26. Apêndice, 171).

ESTABILIDADE DA MENTE

«.. *o motivo de seu fracasso e da sua mente andar desorientada é que a sua língua não é correta e disciplinada*» (**20213**)

Antônio Maria provê para que, entre os possíveis assuntos das conferências espirituais (colações), esteja o de saber com profundidade quais sejam as causas «*da divagação ou estabilidade*» (**cf. 30902**) da mente. Êle está bem consciente da dificuldade de «*equilibrar ar a mente*» (**cf. 20217**), pois ela está «*sempre em movimento*», é semelhante a «*uma roda d'água que não para de girar*» (**20218**). Trata-se de uma imagem clássica, que se encontra em João Cassiano, o qual compara a mente a um moinho em que se põe «trigo, cevada ou joio... Uma coisa – acrescenta Cassiano - está fora de dúvida: só será moído o que for colocado no moinho. O mesmo acontece com nossa alma» (Colações, 1,18). Gregório Magno se exprime da mesma forma quando fala da mente, não só como «pedra de moinho» (Moralia, 6,16) mas também como água que flui e reflui (Regra Pastoral, 3,14). Frei Batista, por sua vez, introduz a variante do «moleiro prudente», que não gira em vão o seu moinho, mas coloca nele o trigo bom (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 198v).

Visto que o espírito «*dificilmente sai de onde está*» (**20202**), torna-se possível disciplinar a oscilação da mente, orientando-a só para Deus. Valem também sob este aspecto os bons votos feitos pelo nosso Santo aos seus dois primeiros colegas: «*O Deus da paz e de toda graça os guarde e lhes conceda aquela firmeza e decisão em tudo o que fizerem e desejarem, como eu gostaria*» (10201). Volta a emergir aqui o que Zaccaria aprendera de João Clímaco, isto é, que «o princípio da oração são as primeiras tratativas com Deus feitas com brevíssima ora-

ção, o que afasta já na nascente qualquer outro pensamento; o momento seguinte é aquele que mantém a mente fixa naquilo que se diz ou se pensa; o ponto de chegada ou oração perfeita é o arrebatamento estável em Deus» (Escada do Céu, 28,189). Zaccaria prescreve, por isso, que nunca se crie «*na hora da Oração, nenhuma imaginação fantasiosa*» (**31213**), seguindo também quanto a este aspecto as recomendações de João Clímaco: «Disciplinar a mente para não fantasiar» (190 e 191). Por outro lado, para «esvaziar a mente de fantasias» e para «recolher» o «fruto de uma mente pura», é preciso extirpar as raízes dos vícios, evitando decididamente «julgar» (**cf. 31224**) e, mais geralmente, falar «*sem um controle interior e exterior*» (**10913**). Ao mesmo tempo devemos cultivar a devoção, porque os pensamentos se dirigem para onde vai o coração. Zaccaria prescreve de fato que todos os Ofícios divinos (Liturgia) se rezem com todo esforço possível «*para que seja com toda devoção*» da mente. (**30101**).

Contemporâneo de Zaccaria, Frei Batista ensina que a vitória sobre si mesmo conduz a «um estado de quietude mental» por meio do qual se alcançará um «acesso fácil à contemplação» (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 136r). Dentre as causas que tornam a mente «volúvel» (cf. Via de aperta Verità, «Sobre adquirir e conservar a verdadeira devoção», p. 103r), deve ser lembrada a paciência nas tribulações (Ditos Notáveis, **cf. Paciência 39**). Por outro lado, a incapacidade de «refrear» os próprios pensamentos é «princípio de todos os males» (*Ditos Notáveis*, **Paciência 39**) e é «por causa dos muitos pensamentos» que a tentação diabólica penetra na alma (*Ditos Notáveis*, **cf. Tentação diabólica 7**).

O exercício da meditação é decisivo para a disciplina da mente. Eis como é definida nos *Ditos Notáveis,* **Meditação 1**: «*A meditação éa firmeza da mente, freia as divagações e recolhe todos os pensamentos* ...». Daí vem, quer a prática da oração que Antônio Maria faz consistir na «*freqüente elevação da mente*» e na conversa familiar com Cristo (**10309**; **cf. 20324**: «*elevar a mente e fazer oração*»); quer a experi-

ência da contemplação, que se realiza completamente na «suspensão da mente» que identifica o noviço não menos do que o religioso experiente e não deve faltar nos leigos (**31240**: «*... nas mentes de vocês estarão tão elevados*», e **31815**: «*A Oração e a Meditação mantêm o homem forte* [elevado] *diante de Deus e, por isso, ele sabe o que convém fazer ou deixar de fazer*»). Esta linguagem é bebida diretamente da Regra Pastoral de Gregório Magno, que a reutiliza tratando do perfil do pastor, «puro no pensamento, exemplar na conduta, discreto no silêncio, útil na palavra, próximo de todos na compaixão, sobretudo elevado [suspensus] na contemplação, companheiro pela humildade de quantos praticam o bem, intrépido por zelo e justiça contra os vícios dos culpados, sem abandonar a vida interior no meio das ocupações exteriores e sem descuidar-se das necessidades exteriores na solicitude pela própria interioridade» (2,1). Reencontramos a mesma linguagem nos *Ditos Notáveis:* «*Só pode ser chamado de devoto aquêle que segue a Deus só com seus próprios meios; porém o devoto fica com a mente sempre sintonizada com Deus e voltada para Ele*» (**Devoção 5**); «*Este ciúme é aquele que faz a mente ficar sempre fora do ar, impedindo tudo o que é necessário para o verdadeiro amor*» (**Ciúme espiritual 5**).

ESTUDO

«*... deleitem-se, de modo particular e especial, na leitura de livros que tratem de assuntos de instrução e formação de bons costumes*» (**30803**)

Além do que se encontra sob o item curiosidade, será útil, antes de mais nada, voltar à lista dos livros e respectivos autores que, após a referência inicial à Sagrada Escritura e às obras dos doutores da Igreja e dos santos Padres, Antônio Maria recomenda a seus filhos. Trata-se, na verdade, de textos cuja referência é constante nos artigos de nosso Prontuário.

Abre a lista João Cassiano (360-435c) com as *Colações*

e as *Instituições Cenobíticas*. Segue-se a História dos Santos Padres ou *Vitae Patrum*, com especial referência às de São Jerônimo (347c-420c). De João Clímaco (575c-650c) é citada a *Escada do Céu*, enquanto que de Isaque da Síria, ou de Nínive, (séc. VII) citaremos o *Livro da Perfeição da Vida Contemplativa* e os *Discursos ascéticos*. Seguem-se outros dois títulos que completamos com a citação dos respectivos autores: o *Espelho da Perfeição* de Henrique Herp (+ 1477) e o *Espelho da Cruz* de Domingos Cavalca (1260/70-1342). De Bartolomeu de Bragança (1200c-1270) cita-se a *Expositio Cantici Canticorum*. Quanto a São Boaventura de Bagnoregio (1221-1274), Zaccaria deixa-nos indecisos na escolha: citaremos o *De triplici via* ou *Incendium amoris* (Vida espiritual, graus). De Santa Catarina de Sena (1347-1380) citamos diretamente *Cartas e Diálogo*. Fazemos, enfim, referência a Batista Carioni de Crema (1460c-1534), cujas obras são: *Via de aperta Verità, Filosofia Divina, Conhecimento e Vitória de Si Mesmo e Espelho Interior*, a que acrescentamos - embora a questão da paternidade seja complexa - os *Ditos Notáveis*.

A par destas indicações, que podem revelar-nos algumas, mas não todas as fontes de que Zaccaria absorveu o saber espiritual, devemos também considerar as indicações de método que ele nos oferece. Sua finalidade é a aquisição da verdadeira ciência, coisa que se aprende muito mais imitando o Cristo e vencendo-se a si mesmo do que aplicando-se à leitura de muitos livros. Esta, porém, será bem feita, pois «*é melhor ler pouco e mastigar bem o que lemos, que ler superficialmente e às pressas muitas coisas e muitos autores*» (**30804**). A leitura de livros e autores ensinará a escrever livros mesmo a quem «*não seja muito adiantado nos estudos*» (**30805**). Se não for assim: «*saber muitas coisas* [é] *motivo de orgulho*» (**10913**; **cf. 10314**) e a verdadeira reforma seria inútil. De fato, se o estudo não estiver impregnado de forte espiritualidade (a esse respeito, são muito claras as orientações oferecidas a Carlos Magni, homem culto e profissional. **cf. 10307-12**), viria a ser um obstáculo à reforma dos bons costumes. (**cf. 31608**) e um álibi para não

obedecer e, em última análise, «*para fazer tudo o que quer*» (**31708**).

Em tudo que Zaccaria nos ensina, podemos encontrar os vestígios nas obras de seu pai espiritual. Frei Batista e, seja que se leia e estude «não para saber, mas para fazer» o que se aprende (*Via de aperta Verità*, pp. 40v e 110r). Sobre este aspecto ele se detém longamente no capítulo 26 do tratado sobre a «Verdadeira devoção» (ibid., pp. 110v-111r), onde insiste que é preciso estudar não para saber, mas para fazer a vontade de Deus. Citamos ainda uma última passagem: «Sabe que é bem preferível familiarizar-se com um só livro, entendê-lo perfeitamente, ruminá-lo e esquadrinhá-lo diligentemente, a querer ler» muita coisa, mas superficialmente. «E isto seria uma simples curiosidade» (ibid., p. 27v).

EUCARISTIA

«*Você se converterá a Deus, lendo a Bíblia, recitando ou cantando salmos e, mais ainda, oferecendo-lhe sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus, do seu interior: unindo-o a Deus; o maior de todos: a Santíssima Eucaristia*» (**20325**)

A Eucaristia, no pensamento de Antônio Maria, é o sacramento da conversão. Nisto ele retoma o pensamento de Tomás de Aquino, que afirma: «O efeito específico deste sacramento é a conversão do homem em Cristo, que o leva a dizer com o Apóstolo: Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim» (In 4 Sent., 12,2,1). E como aqui está presente o «*Santo dos santos*», segue-se que nada pode santificar» mais do que a Eucaristia (**cf. 20325**). É daí que nasce o convite insistente para participarmos da Eucaristia; «*pelo menos uma vez por semana*», afirma Zaccaria, citando Santo Agostinho. No Sermão 6, Zaccaria se refere «*àquêles que comungam com freqüência*» (**20620**). E nas Constituições, capítulo 1 está prescrito que a Eucaristia se receba «*aos domingos e festas de preceito*» (**30102**) (Preceito festivo).

Frei Batista também incentiva a comunhão semanal, a partir do magis tério de Santo Agostinho, para tornar fundamental a comunhão diária (cf. o tratado «Da Comunhão», em Via de aperta Verità, e a Summa theologiae, III,80,10).

Antônio Maria parece subentender a doutrina das duas mesas quando escreve que a conversão a Deus se realiza lendo as Escrituras e oferecendo o sacrifício da Missa. Tal sacrifício por sua vez supõe outros dois: o «*sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus;do seu interior: unindo-o a Deus*» (**20325**). Este duplo esclarecimento é de grande importância, porque mostra sob quais condições a prática eucarística pode dar frutos. Há, na verdade, um modo não autêntico de referir-se à Eucaristia, ou antes, dois: um de tipo mágico, quando se presume que receber a *Santíssima Eucaristia* tem efeito milagroso (**cf. 20125**: quando você se orgulha de suas orações, jejuns, confissões e comunhões); e outro quando se banaliza a comunhão, recebendo-a por «*costume*» (**cf. 31715**). Contra esta última atitude Frei Batista polemiza repetidamente no escrito citado acima. Zaccaria vai mais longe ainda: atribui ao abandono deste sacramento «*que o homem tenha fracassado e se tenha tornado medíocre*» (**20325**). Percebe-se aí uma lembrança de Santa Catarina de Sena: «Se Deus te fez homem, por que te tornares bruto?» (Orações, 16).

A disciplina religiosa que Zaccaria estabelece para os seus seguidores contempla, quando fosse violado o voto de pobreza, a interdição da Eucaristia por um ano inteiro, exceto na Páscoa: o relacionamento incorreto com bens materiais torna o homem indigno de partici-par de bens espirituais (**cf. 30403**).

Quanto à Missa, a celebrar-se segundo o rito romano, «*além da Missa conventual*» ou da comunidade, durante a qual por norma se dava a comunhão a todos, não se podiam celebrar «*mais de duas ou três*»: mas para atender aos irmãos e não à comodidade das pessoas de fora (**cf. 30102**). De fato, um dos sinais de decadência dos religiosos consistia em atender aos leigos com missas a seu bel-prazer, em cla-

ra contradição com o calendário litúrgico ou «*fora do nosso costume, só para agradar ou até para lucrar alguma coisa*» (**31715**). Até as Religiosas buscavam obter dinheiro junto a pesoas de fora para encomendar missas: «*Você ainda desejaria mandar celebrar umas Missas, ...*» (**20136**). Por estes motivos, o Santo prescreve que se celebre sem espórtula, orando pelos mortos ou por alguma pessoa com necessidade espiritual e material, mas sempre por amor a Deus», para evitar «*negociar com o sangue de Cristo*» (**cf. 30105**).

EXAME DE CONSCIÊNCIA

«*Você se converte a Deus internamente, quando medita nos seus pecados ou nos benefícios que Deus lhe dá*» (**20324**)

Exame geral

O exame de consciência, entendido como observação habitual e cuidadosa do próprio interior, é prática universal que se perde no tempo. Como exercício ascético estruturado, é de data mais recente. Desconhecido da tradição monástica, o exame de consciência passa a ser prática imposta com a chegada da *Devotio moderna* e, de modo mais abrangente, com a importância que a meditação foi ganhando com o novo clima espiritual advindo após a Idade Média. Na verdade, o exame de consciência nada mais é do que o último compromisso do dia.

O guia espiritual de Antônio Maria dava muita importância ao exame de consciência, quando escrevia: «Com tal exame e conhecimento de ti mesmo adquiririas tanta luz de discernimento e tanto lume divino que serias todo luz» (*Filosofia Divina*, p. 8v). Para favorecer tal intento o dominicano escreveu um livrinho de sessenta e dois capítulos; «neles o homem vai-se espelhando progressivamente, para ver qual grau de perfeição já tenha alcançado e até a qual ele possa e deva chegar» (*Espelho Interior*, Introdução).

Em suas catequeses, Zaccaria convida com insistência a sondar

a própria consciência: «*interrogue o seu coração*» (**20110**), e é precisamente aos leigos que ele oferece algumas preciosas indicações a esse respeito. O exame de consciência deve ser feito ao menos uma vez por semana; é um modo de santificar o dia festivo (Santificação): «*Caríssimo, você se converte a Deus internamente, quando medita nos seus pecados ou nos benefícios que Deus lhe dá; por isso, você santifica a festa quando medita, dentro de si, sobre esses benefícios e examina sua consciência sobre os pecados dos dias anteriores. Quantos não fazem isso, nem nos dias de festa, nem nos outros dias! Até que você tem alguma desculpa nos outros dias, por causa de suas ocupações; mas quem lhe poderá perdoar desta falta nos dias de descanso e distante das ocupações? Ninguém!*» (**20324**). Além de preparar para a confissão, o exame de consciência pode ter também um valor em si mesmo: «*E se não quiser louvar a Deus, reconhecendo o seu erro abertamente, faça-o, ao menos mentalmente*» (**20324**). O exame de consciência, além disso - que, como dissemos antes, não é outra coisa senão uma forma de meditação - é a condição indispensável para a oração e a contemplação: «*Se você não faz isso, eu não me admiro que ainda não entenda o que seja oração e nem o que seja contemplação*» (**20324**

Exame particular

O exame de consciência de que falamos até agora é comumente chamado de geral, porque abarca todos os aspectos da nossa conduta. Mas há outro tipo de exame, chamado de particu-lar, que se orienta para o conhecimento e a superação dos próprios defeitos. Dele trata o Santo com Carlos Magni: «*... na meditação, na oração, nos pensamentos, esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral, chefia os outros que existem em você. Querendo acabar com ele, esforce-se também para acabar com os outros que aparecerem, do mesmo jeito que faz quem deseja matar o comandante do exército inimigo, que fica protegido no meio de suas tropas*» (**10313**).

Dentre os defeitos, além do vício predominante, que é o «*co-*

mandante», não nos descuidemos dos vícios externos, típicos do nosso comportamento. É o que Santo Antônio Maria relembra às Angélicas, convidando-as a a ser «*gente que procure fazer com perfeição os trabalhos mais humildes, ocupando-se deles com todo capricho e cuidado, não desanimando, nem achando que é rebaixar-se por causa da pouca importância desses trabalhos*» (**10504**).

EXERCÍCIO ESPIRITUAL

«*Vou mandar para aí alguns livros de espiritualidade*» (**10318**)

Encontramos pela primeira vez nos Escritos zaccarianos a palavra «*exercício*» folheando o caderninho de seus apontamentos filosóficos, em ordem alfabética. Para este caderninho foi transcrito, ao pé da letra, um pensamento de Averróis que comenta o De phisico auditu, de Aristóteles (4, 7,22): « O exercício oferece à natureza uma capacidade que antes ela não tinha; analogamente esta capacidade é também produzida pela virtude moral, sobretudo pela castidade». A estreita conexão entre exercício intelectual e moral é novamente ilustrada na carta enviada aos paulinos em missão, no outono de 1538: «*... da mesma maneira que ir à escola, acaba com a ignorância ou tal como o uso do ferro o torna mais brilhante, assim também acontece na prática da vida cristã*» (**10603**).

O exercício assume, nesta mesma perspectiva, um duplo valor, conforme se aplique à oração ou à ascese. A oração se oruenta para as «*mentes que querem exercitar-se*» na contemplação dos mistérios divinos (**31011**). De fato, a mente «se exercita» com os pensamentos que nela introduzirmos, à semelhança do moinho que só tritura o que se coloca dentro dele (**cf. 20218**). Na carta a Carlos Magni, Zaccaria aproxima o «exercício» próprio da profissão do amigo e o da oração. De fato, devemos nos «exercitar» na oração, e é claro que também neste caso fica evidente que o nosso esforço já é o fruto de uma grande graça.

Em outros termos, o exercício interior é um dom de Deus, que devemos transformar em obrigação para nós (**cf. 10312**).

Merece igual consideração o exercício sob o aspecto ascético. Precisamos dele, tanto os leigos quanto os religiosos e será útil para ambos se puderem dispor de um guia espiritual. «*Quem deve ajudá-lo a arrancar raízes tão prejudiciais?*» - pergunta o Santo -. «*Ninguém, a não ser outro homem*» (**20422**). Analogamente, quem pede para fazer-se religioso deverá ser testado com «*exercícios semelhantes, durante muito tempo, não de modo diferente do que faziam os filósofos ou mesmo os antigos Santos Padres*» (**31111**). Exemplo concreto de semelhante atitude aparece na carta do Zaccaria endereçada à «*Minha querida filha em Cristo*», madre mestra, e às suas noviças, quando ele afirma que a Madre Paula Antônia «*até quando parece falar distraída, na realidade, ela repara tudo em vocês e as trabalha interiormente*» (**10910**).

Antônio Maria se refere às duas características quando relembra às irmãs seus «exercícios» e «ofícios» ou, quando escrevendo às Angélicas, fala de «*gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais*» (**10504**), que é a finalidade a que se destinam os livros recomendados pelo Santo aos Amigos de Cremona (**cf. 10317-18**).

A doutrina do exercício espiritual era comum no tempo de Zaccaria e foi pela Devotio moderna, - que fizera desta doutrina uma de suas molas mestras -, que ela se difundiu por todo o mundo cristão. Dentre seus herdeiros mais representativos, destaca=se Santo Inácio de Loyola. A ele se deve a síntese que alcançou a maior notoriedade e difusão.

EXPERIÊNCIA

«*Não existe nada de mais certo e que mais faça aumentar a segurança, do que a experiência*» (**10601**)

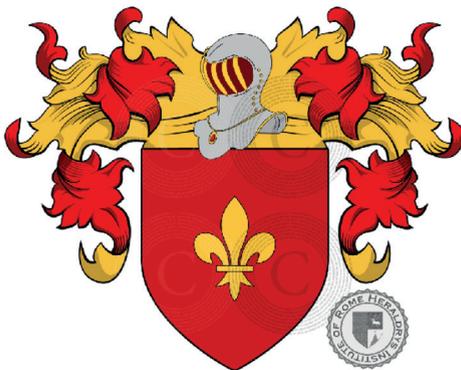
A experiência é um conceito-chave na espiritualidade zaccariana, espiritualidade prática, que evita a abstração. Nas demonstrações, a prova principal nunca se dá por um arrazoado abstrato; sempre pelo recurso à experiência. Sendo assim, vejamos:

«*Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa: é a voz da experiência, eu nem preciso falar*» (**10204**). «*Não digo mais nada, pois só a experiência será suficiente*» (**10306**). «*Isso não parece muito difícil, porque, para Deus, tudo é possível e nós sabemos, pela experiência de todos os dias, que é assim mesmo*» (**10401**). «*Meus santos filhos em Cristo, de que vocês estão duvidando? Ainda não perceberam que, nesta missão, nunca lhes faltaram recursos para dar aos que estão precisando? Não existe nada de mais certo e que mais faça aumentar a segurança, do que a experiência*» (**10601**). «*Por que você está tão tímido e medroso? Ainda não sabe que não vamos abandoná-lo? Você já deveria saber, por experiência, da ajuda que lhe damos sempre*» (**10801**)

«*Por que você fica admirado que um mal tão grande venha de um órgão tão pequeno? A experiência mostra que quem não pode fazer as coisas mais fáceis, muito menos conseguirá fazer as mais difíceis*» (**20214**). «*A experiência de todos os dias mostra que as paixões e as tendências naturais (tristeza, alegria, ira, amor,...) estão em todas as pessoas*» (**20501**). «*Coitados! Não enxergam em que perigo se acham. Não observando o que é aconselhado, arriscam-se a não observar nem os mandamentos. Veja a experiência: aqueles que se confessam e que comungam uma vez por ano e dizem: "para que confessar-me várias vezes? Basta uma vez por ano!" Repare e você o verá cair em blasfêmia e em outros pecados graves*» (**20620**).

«*... vocês poderão chegar àquela situação de oração que é resultado da intenção, da devoção e da experiência. E essa situação consiste em dar sempre graças a Deus*» (**31006**). «*É preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará ...(***31822***). Por isso, o reformador deve ser de Deus e santo*

e, tendo avaliado muitas vezes, por experiência própria, reconheça que Deus jamais lhe faltou nas suas necessidades e nos momentos de sua boa vontade» (**31823**).

A experiência aperfeiçoa o conhecimento, fazendo com que passe de abstrato a concreto, o qual, por sua vez, se torna critério de discernimento e instrumento de ação, o que se deduz de algumas passagens dos Escritos: «*Se você usar este método, eu lhe garanto que conseguirá grande progresso e sentirá nascer em si maior união com o Cristo e maior amor por Ele*» (**10306**). «*Enquanto o homem ficar indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa: é a voz da experiência*» (**10204**). O estado de oração depende não só da intenção e da devoção, mas também da experiência (**cf. 31006**). O mestre dos noviços deve ser «*bom conhecedor dos enganos e das batalhas diabólicas*» (**31205**).

"O Espírito Santo chega logo ao mais profundo das pessoas, não fica na superfície" **(10206)**

F

FARISEUS

“... se a tibieza tomar conta de vocês, ..., vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais» (**11101**)

Para Zaccaria fariseu é sinônimo de tíbio (Tibieza). Tal ideia já se encontra nos *Ditos Notáveis*: «*O tíbio, na sua confusão, se gloria nas vitóriasas dos seus predecessores e quando morrem os justos, enfeita os sepulcros deles, se gloria de ter sido discípulo dos justos e goza indignamente dos bens deles. Dessa forma, assume o lugar dos escribas e fariseus, que por causa dessas atitudes,foram repreendidos por Cristo*» (**Tibieza 12**).

Zaccaria faz a comparação entre tíbio e fariseu na Carta 11 e no Sermão 4.

Na carta ao casal Omodei, o Santo afirma: «*... se a tibieza tomar conta de vocês, a vida mar-cada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal ou, usando o termo mais adequado, vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais*» (**11101**). Ele acompanha tais palavras com duas longas exemplificações, esboçando nelas a figura do «*tíbio, ou seja, do fariseu*», ou do «*fariseu, isto é, do tíbio*».

Na primeira parte do Sermão 4 Antônio Maria comenta o hino à caridade, de São Paulo (1Cor 13). Para ilustrar cada ponto (Eloqüência, Conhecimento, Fé, Esmola e Martírio), Zaccaria escolhe, como exemplo dentre os que possuem tais virtudes sem a caridade, os fariseus: (são) «*os que fazem orações compridas e cheias de “nove horas”*» (**20401**); «*aqueles que Cristo apontou como os que andam pelo mundo inteiro para conseguir um seguidor para eles*» (**20403**); «*o emprega-*

do que conhece a vontade do patrão e não a faz» (**20405**); «*muitos chegarão no dia do julgamento final e, de modo especial, no dia de sua morte, afirmando que fizeram milagres em nome dele* [de Cristo]» (**20406**); «*Cristo dizia àqueles fariseus que davam esmola e para que todos o soubessem, tocavam a trombeta!*» (**20408**); « *Ah! Quantos santos, aliás, quantos "macacos" imitadores de santos ... Esses grandes fingidos, do mesmo jeito que os fariseus ...*» (**20409**). Encontramos esta identificação entre tíbios e fariseus também nas Constituições: «[Os tíbios], *que parecem bons por fora, interiormente estão cheios de ossos dos mortos semelhantes aos sepulcros caiados*» (**31807**).

Fala-se também sobre os fariseus no Sermão 1 e no Sermão 5: «*Os fariseus eram condena-dos por Cristo, porque, quando davam esmolas, queriam aparecer; faziam cara feia, para mos-trar que jejuavam (Mt.6,16); faziam longas orações nas esquinas e nas praças para serem vistos (Mt.6,5), e até pior, nas orações diante de Deus, elogiavam a si mesmos, como aquele fariseu que dizia: "Senhor, eu te agradeço... eu jejuo duas vezes na semana, pago o dízimo... eu não sou como os outros...*» (**20124**); «*Quem não aprova o gesto de Cristo, quando Ele fez um chicote de cordas para expulsar os escribas e os fariseus do templo? Assim fala o evangelista: "Os discípulos lembraram-se do profeta (Sl.68,10), quando ele se refere a Cristo e escreve: "o cuidado pela tua casa me consome". E quem não louvaria o Autor da nossa salvação, quando repreendeu severamente os mesmos escribas e fariseus?*» (**20506**).

FÉ

«*Aquele ... ajude a todos, orientados por vocês, vendo a fé que vocês têm e a deles também*» (**10601**)

Nunca nos Escritos zaccarianos encontramos a fé entendida como virtude teologal. Nas poucas vezes em que aparece, assume sig-

nificados totalmente diferentes.

Fé é, antes de mais nada, sinônimo de confiança: «*Que eu encontre ... gente que conseguiu uma fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil, mas certas de que esta confiança nunca será abalada por presunção ou vanglória*» (**10504**); «*Não existe nada de mais certo* [digno de fé] *e que mais faça aumentar a segurança, do que a experiência*» (**10601**).

Noutro passo, fé é sinônimo de fidelidade: «*Ele se comporta como aquele Senhor que, saindo para a guerra, entregou o governo da cidade aos seus auxiliares, recomendando-lhes que praticassem a justiça e que fossem fiéis*» (**20303**); clara referência à parábola dos talentos (Lc 19,12-27).

A fé pode ser, enfim, uma *gratia gratis data* (Graça concedida "de graça"), carisma de que fala s. Paulo na Primeira Carta aos Coríntios 12-13: «I*sso vale também para os que possuíssem o conhecimento das coisas que só Deus conhece e tivesse tamanha fé que fizesse milagres*» (**20406**); «*... a fé não serve porque, sem as obras, está morta*» (**20411**).

FERVOR

«*Que eu encontre: gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento; pelo contrário, que conserve um fervor constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor*» (**10504**)

Fervor, derivado do verbo latino fervere (= ferver), significa originariamente "calor". Em sentido figurado assumiu o significado de «ardor de um sentimento». Santo Tomás o considera um dos quatro efeitos diretos do amor (junto com a *liquefactio*, a *fruitio* e o *languor*, e o define como: «Intenso desejo de encontrar o amado» (Summa theo-

logiae, I.II, 28,5). Na linguagem religiosa, o fervor indica a intensidade do amor de Deus. Os *Ditos Notáveis* dedicam-lhe um artigo inteiro e o colocam em relação com a própriaa Trindade: «*O bom e santo fervor é fogo do Pai, explendor do Filho, chama do Espírito Santo*» (**Fervor 1**).

O fervor ocupa um posto-chave na espiritualidade zaccariana, sendo considerado uma característica fundamental da vida cristã. No Sermão 6, após demonstrar que a vocação do homem é «ir para Deus» (Via de Deus), percorrendo o caminho da separação ou remoção, Antônio Maria acrescenta: «*Caríssimo, ... é necessário que você pegue aquele caminho que le-va ao conhecimento de Deus (isto é, o caminho da remoção e da separação) e assim, seguindo esse caminho, você será perfeito, separando-se de todas as criaturas, de você mesmo e de todo defeito*» (**20611**). A vida dos santos distingue-se pelo fervor: «*Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos: sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor*» (**10211**).

O fervor ocupa um posto-chave na espiritualidade zaccariana, sendo considerado uma característica fundamental da vida cristã. No Sermão 6, após demonstrar que a vocação do homem é «ir para Deus» (Via de Deus), percorrendo o caminho da separação ou remoção, Antônio Maria acrescenta: «*Caríssimo, ... é necessário que você pegue aquele caminho que le-va ao conhecimento de Deus (isto é, o caminho da remoção e da separação) e assim, seguindo esse caminho, você será perfeito, separando-se de todas as criaturas, de você mesmo e de todo defeito*» (**20611**). A vida dos santos distingue-se pelo fervor: «*Quanto ao zelo, não sejam pre-guiçosos: sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor*» (**10211**).

O fervor é também requisito essencial para a oração: «*Ensine-lhes* [o Mestre aos Noviços] *a orarem com fervor, porque o demônio costuma emporcalhar as orações sonolentas, tal como fazem as moscas com a comida fria, razão pela qual tais orações cheiram mal diante de Deus*» (**31215**). Idéia semelhante se encontra nos Ditos Notáveis: «*Da mesma forma que a mosca não tem coragem de se aproximar da água*

fervente, mas polui a água morna, assim também o demônio teme a oração dos fervorosos e mancha a dos tíbios. Assim como o sacrifício dos maus é abominável diante da face de Deus, da mesma forma a oração dos tíbios provoca náuseas em Deus» (**Tibieza 45-46**).

Os Barnabitas foram fundados para serem «*plantas e colunas de renovação do fervor cristão*» (**10711**). Eles devem, em suas reuniões, identificar «*quais as causas do fervor ou da tibieza, quais as suas características e o grau a que chegam*» (**30902**).

O fervor é, além disso, um dos pressupostos da reforma. Só os fervorosos podem e devem fazer a reforma da Congregação: «*Mas vocês, que se dizem fervorosos, pelo amor de Deus, não cometam tal injustiça: enriquecer os inimigos de Deus com o patrimônio de Cristo!*» (**31704**); «*Mas vocês, que são fervorosos, não participem da corrupção e da tibieza dos outros*» (**31716**). Os melhores auxiliares do reformador serão os irmãos mais antigos, contanto que «*verdadeiramente fervorosos e discretos*» (**31816**).

O fervor opõe-se à tibieza: entre as duas realidades existe total incompatibilidade. A oposição entre tíbios e fervorosos se manifesta sobretudo na ocasião da reforma: «*E, como o relaxamento e a tibieza têm aversão ao fervor, as leis e os costumes dos tíbios nunca quiseram permitir que alguns fervorosos se separassem deles, afirmando que a união é boa e a desunião é má. Mas, nesse caso, dá-se o contrário: a união é má e a desunião é boa ... Por isso, os tíbios não deixam os fervorosos separar-se deles, sob pretexto de boa união, achando vergonhoso que outros pareçam melhores do que eles*» (**31703**) ... «*Saibam ainda que os tíbios proíbem tais separações para encobrir seu mau cheiro com o perfume dos fervorosos*» (**31704**).

Devemos distinguir cuidadosamente dois tipos de fervor: um "fervor exterior", sensível, que afeta a emotividade, e um "fervor verdadeiro" ou "divino", espiritual, que pode existir mesmo na ausência do fervor exterior. Zaccaria desenvolve essa distinção nas Constitui-ções, capítulo 12: «*uma coisa é fervor e devoção exterior e outra é o*

fervor e a verdadeira devoção» (**31237**).

Antônio Maria expõe os motivos pelos quais «*muitas vezes, Deus costuma providencialmente fazer sumir o fervor e a devoção exterior*» (**31238**), provocando na alma um estado de aridez. O importante é não se bloquear, continuar o próprio caminho espiritual, mesmo na ausên--cia do fervor, perante o qual é preciso mostrar total indiferença: «*... se vocês se dedicarem à verdadeira devoção ... se vocês atenderem a Ele e não à doçura exterior, vocês se tornarão, finalmente, tão fervorosos, que não se limitarão às coisas da bondade de Deus*» (**31240**). Sinal do verdadeiro fervor é a presença em nós da «*semente da boa vontade*» (**31241**), como já ensinaram os *Ditos Notáveis*: «*Enquanto tiveres boa vontade e firme propósito, não te entristeças, mesmo que pareça que o fervor se apagou, porque ele não pode se extinguir, ainda que o fervor exterior [sensível] não exista mais*» (**Fervor 17**). A isto Zaccaria acrescenta: «*Deus está com vocês de um modo muito mais verdadeiro e amoroso do que com tantos outros de coração cheios de consolações*» (**31241**).

Quem cumpre a vontade de Deus dá prova de grande generosidade mesmo sem a gratificação do fervor sensível, pois «*é dever dos corações magnânimos querer servir sem recompensa*» (**31242**) e também dá provas deperseverança no cumprimento do próprio dever, e mesmo os períodos de aridez, favorecem o aumento do verdadeiro fervor: «*... perseverando desta maneira, vocês ficarão mais abertos ao Espírito e aumentarão o verdadeiro fervor*» (**31243**).

O fervor pode ser aumentado não só com a perseverança mas também «*com propósitos renovados, firmes e frequentes e, mais ainda, com esforços violentos ou corporais*» (**31243**). Os *Ditos Notáveis* já haviam escrito a propósito: «*O fervor começa como dom de Deus e é confirmado com firmes propósitos e nunca se acabará durante esta vida*» (**Fervor 18**).

O crescimento é exigência intrínseca do fervor: «[O Mestre] *ensine aos Noviços não só o modo de conversar, mas também o de*

aumentar seu fervor de noviços, fazendo-os saber que, não progredir é recuar» (**31237,** Avançar). Nos *Ditos Notáveis* está escrito: «*O verdadeiro fervor sempre cresce, tanto nos momentos de prosperidade, como nos de austeridade, quer nos momentos de consolação, quer nos de desolação*» (**Fervor 9**). Também não se exclui que, no fervor, os discípulos possam superar os mestres: «*Por acaso os discípulos que são mais fervorosos do que os seus mestres destroem o que eles plantaram? Pelo contrário, em vez de destruir, não estariam acrescentando mais perfeição e firmeza às suas realizações?*» (**10704**). Se não crescermos continuamente no fervor, corremos o risco de perdê-lo totalmente: «*... pouco a pouco eu perdi o meu primeiro fervor de ganhar o próximo para Cristo*» (**11203**; Luz e Fogo).

Lendo atentamente as Constituições, capítulo 12, deduzimos facilmente que os termos fervor, devoção, compunção, e doçura são praticamente sinônimos.

O «*verdadeiro fervor*» ou «*fervor divino*» se identifica com a «*verdadeira devoção*», com o «*crescimento espiritual*» e com o «*verdadeiro espírito*». Deduzimos então que o fervor é um sinal da presença do Espírito Santo na alma.

Por outro lado, o «*fervor exterior*» identifica-se com a devoção, com a compunção e com a doçura exteriores. Antônio Maria o considera também «*espírito inconstante*» (Espíritos, variedades de), e por isso muito semelhante ao que os *Ditos Notáveis* chamam de *furor*: «*O furor espiritual é [fruto de] um espírito instável, que aparentemente deseja fazer muitas coisas, mas acaba estragando em pouco tempo o que é bem feito. Este furor, por se aproximar muito do espírito nobilíssimo, é considerado fervor por muitos, mas é perigosíssimo* (**Furor 6-7**).

À variedade de espíritos opõe-se a estabilidade do fervor: «*Que eu encontre: gente firme, perse-verante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento; pelo contrário, que conserve um fervor constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor*»

(**10504**). Poderia parecer uma característica do fervor o fato de nunca variar: «*... se os outros considerarem vocês como pessoas simples, fervorosas, preocupadas com o crescimento do próximo, não assustadas com a violência das paixões ou das tentações, mas conservando sempre uma firme vivência dos valores, nos momentos difíceis e nos tranquilos e consoladores...*» (**11004**); e, dirigindo-se ao Soresina, ele diz «*Isso mostra que há, em você, grandes valores e que você os vive por causa de uma obediência consciente, mantendo sempre o mesmo fervor, quer eu esteja presente ou não*» (**11003**).

FILHOS LEGÍTIMOS / BASTARDOS

«*Ainda bem que Deus fechou os nossos olhos, para que vocês enxerguem melhor e possam tor-nar-se filhos legítimos, já que seus pais os geraram bastardos*» (**10705**)

O tema da «legitimidade» dos seguidores é recorrente nas cartas de Zaccaria.

Na Carta 5, embora o Santo transborde de alegria, reconhecimento e orgulho por «*filhas tão generosas*», Antônio Maria alerta as Angélicas contra a mediocridade: «*Lembrem-se do seguinte: São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados*» (**10505**).

Na Carta 7, aos Barnabitas, o clima é totalmente diferente: Zaccaria, por causa da confu-são de nossa casa, onde em tudo reinava a desordem (**cf. 10701**), chega a dizer com ironia: «*Ainda bem que Deus fechou os nossos olhos, para que vocês enxerguem melhor e possam tornar-se filhos legítimos, já que seus pais os geraram bastardos*. *Se*

seus olhos forem cegos e adúlteros, imagina só como será o resto do corpo!» (**10705**). Ao final da carta, porém, em tom mais sereno, incentiva os filhos, dizendo: «*Se vocês quiserem, serão, desde já herdeiros e filhos legítimos do nosso santo pai e dos grandes santos*» (**10712**).

Na Carta 10, volta o desconforto por causa da conduta pouco correta do Soresina, que «*eu o considero como aquele cujas atitudes devem trazer-me grande alegria!*» (**10706**). Aqui também Antônio Maria deixa claro seu desconsolo: «*Pobre de mim, se todos os meus filhos têm tão pouca preocupação em alegrar-me; teria sido melhor nunca tê-los gerado, para depois se desviarem!*» (**10706**). E para convencer o Soresina a mudar de atitude, conclui: «*Se, daqui pra frente, eu não perceber mudanças em você ... fará com que eu acredite em tudo o que se passou e ... terei que pensar que Jesus Cristo quer que eu morra, tendo filhos tão degenerados e pouco legítimos!*» (**11011**).

Também a fala de Zaccaria do dia 4 de outubro de 1534 termina com uma referência à degradação dos filhos de Paulo: «*Não convém que nas fileiras de tão grande chefe, haja soldados covardes e desertores e que os filhos de um pai tão glorioso sejam degenerados!*» (**20717**; Gabuzio, História, p. 56).

FILOSOFIA

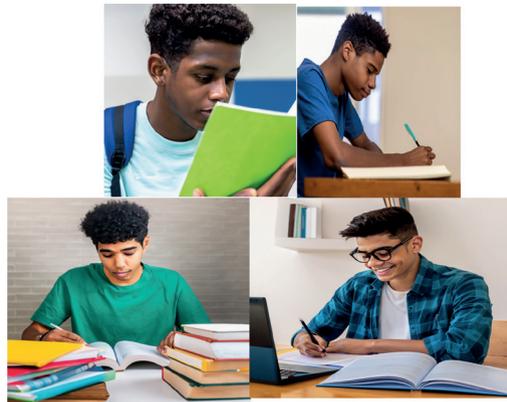
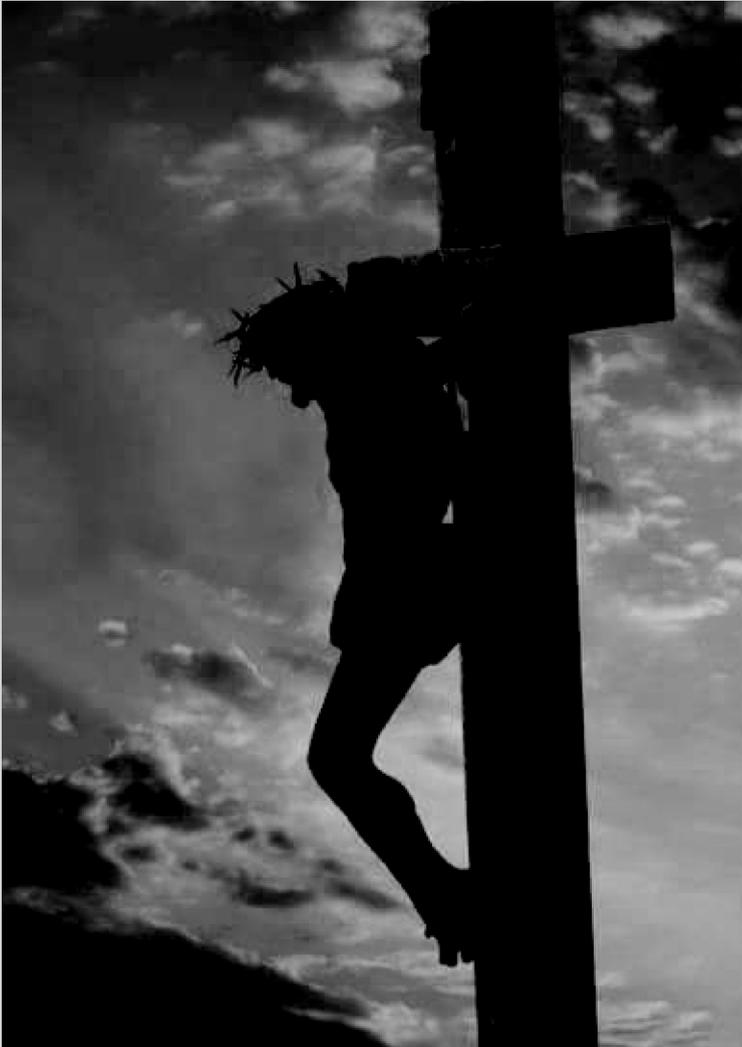
«*... nem se dediquem às artes liberais e à poesia e filosofia de muitas palavras*» (**30801**)

Quando jovem, Zaccaria se inscreveu na faculdade das artes, de Pádua, para ser médico. Naquela época, o estudo da medicina baseava-se muito na filosofia. Do tempo dos estudos em Pádua, restaram alguns apontamentos do Santo: trata-se de um conjunto de sentenças coletadas em geral das obras de Averróis. Conservam-se três sentenças para a letra A, sete para a letra C e uma para as letras D e E, respectivamente. Para o nosso intento, revestem-se de importância as definições

de castidade e de exercício. A coleta das sentenças aparece em ordem alfabética num caderno que, mais tarde, Zaccaria utilizou para redigir seus *Sermões*.

Embora revelando mente filosófica bem formada, Zaccaria exprime nas Constituições severo juízo acerca da filosofia: «*Não é lícito ler livros de hereges e cismáticos, nem se dediquem às artes liberais e à poesia e filosofia de muitas palavras*» (**30801**). No capítulo sobre as Conferências, ele rejeita categoricamente o método escolástico: «*Não deixem, de modo algum, que as reuniões caiam em sutilezas, considerando os costumes de forma genérica, mas se atenham ao estudo dos costumes em particular e não deixem que a conversação descambe para um estilo acadêmico, inconsistente. Antes, que ela tenha um tom de palestras persuasivas, segundo o método dos Santos Padres, evitando toda superficialidade e palavras rebuscadas*» (**30904**; Padres, santos).

A exemplo de Paulo, Zaccaria rejeita a «sabedoria deste mundo» em favor da «sabedoria que não é deste mundo» (1Cor,1,20; 2,6): «*Paulo, o verdadeiro amigo de Deus, disse de si mesmo e de outros fiéis ministros de Deus: "Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo... Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria...*» (**20314**). A clara superioridade da sabedoria divina em relação à humana é sublinhada ao final do capítulo das Constituições dedicado ao estudo: «*Vocês conseguirão isso na verdadeira imitação de Jesus Crucificado, com a vitória total sobre si mesmos e com o domínio de suas paixões. Deste modo, vocês conseguirão uma ciência tal que conseguirão até convencer filósofos*» (**30805**). Tais convicções haviam amadurecido na mente do Santo também sob a guia de Frei Batista, que apontava o Crucificado como o «único mestre verdadeiro» que, da cátedra da Cruz, ensina a «Filosofia Divina» (este é o título de uma obra de Batista). «A Paixão de Cristo é de fato, em certo sentido, um epílogo de toda a sabedoria moral, racional, natural e divina» (Filosofia Divina, p. 106v).

Os *Ditos Notáveis* dedicam um capítulo à «Ciência espiritual», do qual tiramos algumas sentenças com que ilustram a superioridade da ciência espiritual sobre a filosofia: «*Esta ciência supera todas as outras ciências e confunde os filósofos, e os teólogos tolos e arrogantes, mesmo não tendo a força exterior da literatura, pela qual não tem muito apreço*» (**Ciência espiritual 12**); «*A ciência espiritual descarta a curiosidade e a filosofia inútil (que não dá frutos), ao passo que é abraçada com fortes desejos pela ciência carnal*» (**Ciência espiritual 27**).

"Fiquem sabendo que é melhor ler poucoe mastigar bem o que lemos, que ler superficialmente e às pressas muitas coisas e muitos autores pois isso é antes satisfazer a própria curiosidade que estudar". **(30804)**

G

GANHO / UTILIDADE

«... não cuide só do seu progresso espiritual - o que seria muito pouco - mas que se comprometa para que as outras aproveitem do mesmo jeito que ela» (**10612**)

Ganho no Novo Testamento

A idéia de ganho, lucro, já está presente no Novo Testamento. Nós a encontramos nos Evangelhos, quer em sentido próprio, quer em sentido figurado. No sentido literal, encontramos o verbo ganhar, lucrar, na parábola dos talentos (Mt 25,16-22); no sentido figura-do, é usado negativamente na expressão «ganhar o mundo inteiro» (Mt 16, 26; Mc 8,36; Lc 9,25) e usado positivamente no discurso eclesial (Mt 18,15: «Terás ganho teu irmão». Uso semelhante o achamos em 1Pd 3,1: «Assim [os maridos] serão ganhos, não pelas pala-vras, mas pela conduta das esposas».

São Paulo usa a terminologia do ganho, do lucro, em diversas perspectivas: referindo-se a si, quer negativamente (Fl 3,7: «Mas o que era para mim lucro, eu o tive como perda, por amor de Cristo»), quer positivamente (Fl 1,21: «Para mim o viver é Cristo e o morrer, lucro»; seja referindo-se a Cristo (Fl 3,8: «Por ele perdi tudo e tudo tenho por esterco, para ganhar a Cristo»), seja referindo-se ao próximo (1Cor 9,19-22, em cujo paralelismo transparece claramente que ganhar é sinônimo de "salvar").

Ganho nos escritos zaccarianos

Antônio Maria faz referência ao uso neotestamentário do verbo ganhar: «*Paulo nunca quis dizer uma mentira, mesmo que fosse para ganhar o mundo inteiro: ganhá-lo para Cristo!*» (**20225**). Zaccaria faz

seu esse uso e se serve do vocábulo ganho com vários significados.
Em sentido literal. Aspirar ao ganho pode ser perigoso: «*... aquele que não se limita a viver com seus lucros honestos, mas quer ganhar mais e enriquecer, ou pelo menos tem medo que lhe venha a faltar o necessário, repare que, não querendo ter os bens dos outros, acaba por tê-los*» (**20620**). Os religiosos devem renunciar a todo e qualquer ganho: «*... exigimos que as vanta-gens e os lucros fiquem nas mãos das pessoas que foram encarregadas de administrá-los*» (**30105**). O pensamento do lucro pode ser exemplo útil para convencer a rezar durante a execução de outras ocupações: «*... quando ainda vivíamos no mundo , comendo ou trabalhando com as mãos, alguma vez a nossa mente pensava em algum negócio lucrativo*» (**31014**). É sinal de ruína dos costumes «*frequentarem os sacramentos fora do nosso costume, só para agradar ou até para lucrar alguma coisa*» (**31715**).
Em sentido figurado. Poder-se-ia resumir o uso que Zaccaria faz dessa terminologia na expressão: «*Lucrem em vocês e nas outras*» (isto é, «*não cuide só do seu progresso espiritual - o que seria muito pouco - mas que se comprometa para que as outras aproveitem do mesmo jeito que ela*») (**10612**).
a) Lucrar 'em si. Cada qual deve tender ao próprio lucro: «*... eu peço a vocês que procurem trazer-me alegria, de tal modo que, quando eu chegar aí, consiga ver o progresso de vocês*» (**10504**); «*... suas coisas terão um final feliz*» (**10607**). O lucro pessoal, assim, praticamente se identificava com o proveito espiritual.
b) Lucrar 'nos outros. Não basta progredir pessoalmente: «*Digam a ela* [D. Lucrécia]: *desejaria que ela ficasse parecida comigo: quer dizer, que não cuide só do seu progresso espiritual - o que seria muito pouco - mas que se comprometa para que as outras aproveitem do mesmo jeito que ela*» (**10612**).

A preocupação com o próximo está antes da que tenho comigo : «*Que eu encontre ... gente que se esqueça totalmente de si, para olhar só para o próximo; que não veja seu próprio interesse e não pense em*

si, mas consiga o bem dos outros, comportando-se de maneira discreta e madura na ação» (**10504**).

Ao Soresina Antônio Maria recomenda que os irmãos se preocupem «*com o crescimento do próximo*» (**11004**). Ele e seus irmãos devem manifestar «*gestos concretos praticados em favor dos outros*» (**11002**). O desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total » estão entre os ideais propostos às Angélicas por São Paulo e Frei Batista (**cf. 10505**). Daí se deduz que o ganho do próximo coincide com a nossa própria perfeição.

A angélica Negri, segundo Zaccaria, conciliava perfeitamente as duas tendências do zelo por si e pelos outros: «*... reparem que ela nunca para por motivo de descanso, mas está sempre adquirindo alguma coisa nova para si e para os outros*» (**10910**). Mas a certa altura, a Negri entra em crise: «*... compreendi a verdade: debaixo das aparências de uma falsa humildade e por não que-rer mostrar as graças que recebi, fui diminuindo e até recusei ao próximo a ajuda de que precisava ... porque, em muitas ocasiões, mesmo depois de grande esforço para ajudar o próximo, eu nada tinha conseguido. Foi desse modo que eu enterrei o talento de me tornar útil ao próximo. E, assim, pouco a pouco eu perdi o meu primeiro fervor de ganhar o próximo para Cristo*» (**11201.02.03**). Graças, porém, à intervenção providencial de um amigo, readquiriu confiança: «*E agora, animada por suas palavras, tomei a decisão de esquecer-me de mim mesma e de dedicar-me ao bem espiritual do meu próximo. E assim, espero que, gastando-me pelo próximo, o Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor que me animavam*» (**11204**).

Utilidade

Na Carta 12, acima citada, aparece claramente o paralelismo entre ganho e o ser útil (os dois termos são sinônimos também na linguagem econômica: **cf. 30105; 30401**). Mais claro ainda é o paralelismo que aparece em **11010**: «*O que você vai ganhar fazendo-me sofrer? Que vantagem vai levar, prejudicando a si mesmo e causando-me tris-*

teza? O que ganhará, atrasando seu caminho para a perfeição?». Algo semelhante se encontra em **11109**: «*Não lhes escrevi palavra alguma que não tenha em si algo de especial. Se o encontrarem, penso que lhes será ex-tremamente útil e de grande proveito*».

Também no caso da utilidade, pode-se distinguir entre utilidade de si mesmo e utilidade do próximo: «*...você pode fazer uma lista das ações de Cristo e dos santos, que você vai encontrar muitos momentos dignos de elogios, nos quais as paixões foram vividas para louvor e glória de Deus e para a utilidade dos outros ou de si mesmo*» (**20507**). Utilidade de si mesmo. Podem ser úteis aos homens e às mulheres: as palavras de um amigo (**cf. 11201**), os livros (**cf.10318**), as conferências (**cf. 30901-02**), esconder seus projetos dos tíbios (**cf. 31825**); são úteis, sobretudo, a oração (**cf. 10301**) e as virtudes: a ca-ridade (**cf. 20401-24**), a humildade (**cf. 20518 e 31905**), a paciência e a castidade (**cf. 31907**). As virtudes, porém, sem a caridade, serão de pouca serventia, se não mesmo inúteis (**cf. 20401-10**).

No plano da Providência divina até o mal pode ser útil ao homem: «*O homem tem tanto poder que, com a liberdade, pode fazer que o mal se torne um bem para si mesmo*» (**20517**); «*... o poder do homem é tão grande, que ele pode tirar proveito até do ma*l» (**20520**), podemos entender que «*o mal se transformou em bem*» (**10609**).

Deus faz tudo para proveito do homem: «*... as paixões são de grande utilidade para o homem ... Deus age em relação às paixões: colocou-as no homem para a própria utilidade dele*" (**20510.11**). Também o mistério da Redenção tem por fim o bem do homem: «[Cristo] deu o exemplo, renunciando a todos os bens terrenos, abraçando as «*desonras, renunciando às consolações espirituais e temporais e aceitando toda desolação e abandono não somente por parte dos homens, mas também do Pai e isso só para a nossa utilidade!*» (**20615**).
Utilidade do próximo. Como se viu, é preciso estar dispostos a renunciar à própria utilidade a fim de buscar o proveito do próximo (**cf. 20504**); «*não devo enterrar «o talento de me tornar útil ao próximo*» (**11203**); é

preciso «*dedicar-me ao bem espiritual do meu próximo*» (**11204**).

Um dos aspectos do verdadeiro fim da Reforma é «*a mera utilidade do próximo*» (**31608**). É a utilidade do próximo que torna «*grande e reta*» a intenção do reformador (**cf. 31816-17**).

GENEROSIDADE

«*... é dever dos corações magnânimos querer servir sem recompensa e querer combater sem re-muneração*» (**31242**)

A generosidade é a grandeza de ânimo (= magnanimidade) que se demonstra em dar, aju-dar, perdoar, sacrificar-se por um ideal.

Generosas são as Angélicas: «*Minhas queridas filhas, eu considero vocês o meu único motivo de alegria e consolo, só de pensar que brevemente estarei de volta à convivência com vocês»; «Graças sem fim sejam dadas ao meu Senhor, por filhas tão generosas que Ele me deu»; «... principalmente por causa da grande vontade que vocês têm de amar Cristo e de agradar a mim, um pai que tanto lhes quer bem, que sempre pensa em vocês e não vê a hora de voltar, só para estar com vocês*» (**10502.04.05**). Generosa é a «amável prioresa» das Angélicas, em Vicência: «*Você, que traz em si a imagem Daquele que é a nossa vida e se alimenta da sua carne, lembre-se de que deve ser generosa e que Jesus Crucificado sempre foi generoso com todos vocês*» (**10608**). Generosas são também as Irmãs Silvestrinas, de Vicência: «*Jesus Crucificado nos obriga a dedicar-lhes todo o nosso afeto, porque elas são muito generosas!*» (**10612**).

O Fundador recomenda a generosidade aos Barnabitas: «*Se vocês forem generosos, aprende-rão a se governar por si mesmos, sem leis exteriores, mas com elas nos corações*» (**10706**).

Aos noviços Zaccaria relembra que é preciso continuar apesar dos momentos de aridez: «*Saibam, pois, ó noviços que é dever dos co-*

rações magnânimos querer servir sem recompensa e querer combater sem remuneração» (**31242**).

Também o reformador não pode deixar de ser generoso: «*É preciso que você tenha um cora-ção grande e ânimo generoso, porque costumam levantar-se tantas contrariedades e tantas difi-culdades internas e externas contra tal empreendimento, que abatem e sufocam os que têm ânimofraco*» (**31806**).

Modelos de generosidade são o apóstolo Paulo e Frei Batista: «*São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados*» (**10505**).

GOSTAR / SABOREAR

«Gustato semel spiritu, desipit omnis caro – *O homem inteligente ..., uma vez que experimenta as coisas espirituais, as coisas carnais perdem o sabor*» (**20202**)

O gosto é um dos cinco sentidos externos, graças ao qual se tem a sensação dos sabores: «*... quem pode ser condenado só porque fica com água na boca diante de um prato de comida gostosa?*» (**20503**); «*Os doentes podem comer carne ... quando não tiverem apetite para outros alimentos ... Mas, quando o apetite voltar ... excluam a carne completamente*» (**30602**).

Existe, além deste, também o gosto espiritual, um dos sentidos internos, graças ao qual se pode fazer a experiência sensível do Espírito, segundo uma afirmação tomada da Bíblia: «Provai e vede como o Senhor é bom» (Sl 34,9; cf. 1Pd 2,3).

Mais de uma vez Zaccaria repete a frase de São Bernardo: «Gustato semel spiritu, desipit omnis caro: Uma vez saboreadas as realidades d o espírito, toda realidade carnal perde o gosto» (**cf. 20202**; Gabuzio, História, p. 77). O Doutor melífluo (São Bernardo) repete a tradição de sempre. E Cassiano escreve que a alma deve ter, «como único alimento, o conhecimento de Deus e o gosto de sua beleza» (Colações, 1,8). E enquanto a «leitura assídua e a contínua meditação da Sagrada Escritura», juntamente com a salmodia, fazem «desabrochar na nossa mente santos pensamentos» e em nossos corações «nascer a compunção», «as vigílias e os jejuns tendem a conseguir que nossa alma perca o gosto das coisas terrenas e queira contemplar somente as celestes» (ibid., 1,17).

A prática espiritual, por sua vez, nos afasta de tudo o que é puramente terreno. São Gregório Magno afirma: («Se já começamos a saborear as coisas eternas, rejeitemos a cupidez das terrenas»: Homiliae in Ezechielem, 1,10,43) e, depois dele, João Clímaco («Quem prova [da glória de Deus] de nada mais quer saber neste mundo»: Escada do Céu, 22,124).

Antes de tudo, deve-se saborear Deus: «*... são poucos os que saborearam o amor de Deus e depois se afastaram dele*» (**20205**); «*Ele só dá o bem da perfeição, o seu gosto e o conhecimen-to dos seus segredos a seus amigos e discípulos fiéis*» (**20313**); «*Deus deu ao homem ... um desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição*» (**20607**).

É preciso além disso saborear a vida espiritual: «*... a vida espiritual exige que você não volte atrás e que não pare. Mas, tendo saboreado aquela doçura divina, cresça a cada dia ... é uma bebida que quem experimentou, quer bebê-la de novo: de uma certa maneira, mata a sede, mas a provoca também! Quem não saboreia esta delícia, não a entende*» (**20206**).

É preciso também gostar da alegria interior que disso deriva: «*Que Deus lhes conceda experimentar de uma vez por todas, esta verdadeira alegria interior*» (**20510**).

Também a oração vocal suscita prazer em quem a pratica: «*... a oração externa ou vocal foi feita para o seguinte: animados pelo prazer e pelo sentido que ela traz possamos chegar, pelo menos no fim, a aprender a oração interior*» (**31003**).

Por último, devem ser saboreadas também as humilhações, segundo o espírito das bem-aventuranças: «*Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas*» (**31010**); «*Quem não considera os insultos como um doce alimento, ..., não se meta a ser reformador de costumes*» (**31811**).

GRAÇA

«*... seria inútil pretender reformar os costumes sem o socorro da graça divina, a qual, porém, foi garantida que permanecerá conosco até o fim dos séculos*» (**31803**)

Encontramos em Zaccaria a distinção tomista entre gratia gratum faciens e gratia gratis data.

Gratia gratum faciens. É a graça santificante, que nos faz participar da vida divina. Identifica-se praticamente com a caridade, «*que é o amor de Deus; é por ele que você é agradável a Deus*» (**20411**). «*... fazer milagres não nos torna tão agradáveis a Deus assim*» (**20416**)

Deus nos dá provas de sua bondade infinita ao fazer «*o homem à sua imagem e semelhança, para conservar a sua graça e ser o sujeito das bem-aventuranças*» (**20105**).

Antônio Maria descreve também o modo como Deus concede a graça: «*Caríssimo, saiba que Deus tem um comportamento contrário ao do homem. Deus, em primeiro lugar, traz graça e luz para a sua alma e, depois, a introduz no corpo*» (**20215**).

Graça e livre arbítrio trabalham em «sinergia», isto é, em mútua interação, como emerge de não poucos passos dos Escritos do Fundador; deles se deduz o quanto Antônio Maria fosse equilibrado e práti-

co ao enfrentar um dos mais complexos problemas teológicos: «*Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós*» (**10308**); «*... esforcemo-nos em observar, antes de mais nada os Mandamentos de Deus e, depois, chegaremos à liberdade de espírito, que pedimos que Deus nos dê, por causa de sua bondade*» (**20128**); «*Eu quero ser, sempre e em tudo, autêntico, simples e abero.. Dessa forma, terei sempre meu coração preparado para Deus. Que Deus, por sua graça, se digne permanecer em mim e fazer em mim o seu templo*» (**20226**); «*Se você fizer assim ... será verdadeiro amigo e ministro de Deus. Então, onde Ele estiver, você também estar E que Deus nos dê tudo isso pela sua misericórdia*» (**20327**); «*... quero ter para mim este amor, o que vou conseguir, se viver o quarto mandamento ... para que Deus, na sua bondade, me aqueça o coração*» (**20437**); «*Veja bem: a liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar*» (**20515**); «*E não se esqueça de que seria inútil pretender reformar os costumes sem o socorro da graça divina, a qual, porém, foi garantida que permanecerá conosco até o fim dos séculos (Mt.28,20). Essa Graça está tão disposta a nos ajudar, que prefere acusar-nos e culpar-nos de falta de coragem e de infidelidade diante das coisas grandes, em vez de nós podermos culpá-la de nos ter faltado*» (**31803**).

A oração é muito útil para alcançar a Graça de Deus: «[O] *que o ajudará a viver ... e trará para você mais e mais graças de Deus, é a frequente elevação da mente*» (**10307**); «*É preciso que você confie sempre na ajuda divina ... Por isso, o reformador ... reconheça que Deus jamais lhe faltou nas suas necessidades e nos momentos de sua boa vontade. Deus, que tantas vezes demora em nos dar o que pedimos, para que apareça mais bondoso quando solicitado, no fim, costuma ouvir-nos*» (**31822.23**).

Gratia gratis data. Trata-se dos carismas, das graças que o Espírito Santo dá a todos ou suscita livremente em cada um, para o bem dos

irmãos. Zaccaria nos fala a esse respeito na carta ao casal Omodei: «*Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele ... eu conheço a grandeza da perfeição e a abundância das graças e eu conheço os frutos que o Crucificado quer produzir em vocês e sei muito bem a que grau de perfeição Ele quer levar vocês dois*» (**11106.07**). Por outro lado, deve ser censurado o comportamento de quem deixasse de ser útil ao próximo, «*sob as aparências de falsa humildade e por não querer mostrar as graças recebidas*» (cf. **31246**). Zaccaria reconhece, enfim, em São João Batista o modelo de uma feliz junção dessa dupla graça, quando o define como «*aquele que ensinava as verdadeiras atitudes e atraía as graças de Deus*» (**20221**).

GRADUALIDADE

«*O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro para o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante*» (**20114**)

Iniciando a catequese ao grupo da Amizade, Antônio Maria enuncia com clareza o princípio da gradualidade. Na vida espiritual não há só degraus, de modo a comportar etapas progressivas; exige-se também que seja percorrida com pequenos passos oportunamente programados. Na verdade, não só as pernas do homem «*são curtas demais e seus passos muito pequenos*» (**20114**). O Fundador reforça tal exigência no segundo encontro com os leigos de Cremona, aos quais manifesta o receio de que «*não começamos pelo primeiro degrau, para depois subir ordenadamente*» (**20211**; <u>Ordem da vida espiritual</u>). Antes de deixar os *Amigos*, isto é, os membros do cenáculo a quem se dirigem os Sermões, Zaccaria voltará ainda ao tema, atribuindo aos <u>Santos</u> o ensinamento da gradualidade, de tal forma que os homens, encorajados, «*ficavam sempre animados para a ação; e, em seguida, quase que estabilizados, pudessem subir, pouco a pouco, até a perfeição*» (**20619**).

Tal persuasão é retomada várias vezes na correspondência de Zaccaria. Reflete-se «nas coisas espirituais» a mesma pedagogia que preside o desenvolvimento humano, pelo que, «*... se fica bem a uma criança dizer mãe ou mãezinha, papai ou papaizinho, isso já não seria próprio de um homem adulto*» (**10708**). Nem sequer os Santos se subtraíram a essa lei: «*Paulo não foi, no começo, o que foi mais tarde e nem os outros!*» (**10603**). Enfim, ao casal Omodei exprime o desejo de que progrida «*sempre*» (**11101**), em que se percebe com facilidade uma influência de Santa Catarina: «A coroa da glória não se dá a quem apenas começa, mas a quem persevera até o fim ... crescendo continuamente» (Cartas, 290).

«Ninguém se admire - escreve Gregório Magno - que haja degraus no caminho da virtude: é subindo-os que cresce cada virtude; e, com o aumento dos méritos, se alcança seu cume. Uma coisa é o início, outra o progresso, outra, enfim, a perfeição» (Homiliae in Ezechie-lem, 2, 3, 4). A imagem da escada é tirada de Cassiano: «Subiremos assim, qual por esca-da, à perfeição da caridade» (Colações, 1,7).

GULA

«*.. vício que está sempre acompanhado de muitos outros e nós temos horror e repugnância de tudo isso, tanto nos outros, como nos nossos confrades*» (**30706**)

Parece que, na escala dos pecados, Antônio Maria considere o «vício da gula» (**cf. 10904)**, ou o «incentivo da gula» (**cf. 20510**), ou a «sensualidade da gula» (**cf. 20621**), em segundo lugar. Logo depois da soberba. Isto poderíamos deduzir de quanto ele afirma ao tratar da formação dos noviços, convidando-os a extirparem a soberba «*com a profunda humildade*» e a arrancar pela raiz «*Vocês arrancarão o vício da gula com aquela pobreza voluntária, que a grande custo consegue as coisas necessárias*» (**31224**; **cf. 20506.07**). A lista dos vícios que o

Santo oferece aos leigos do Grupo da *Amizade* começa pela gula, que «*é um vício corporal, por isso, precisa de remédio corporal*» (**20422**).

Quanto a este tema, Zaccaria acompanha a ordem seguida pelas Instituições Cenobíticas de Cassiano e pelo Conhecimento e Vitória de Si Mesmo de Frei Batista, cuja apaixonada análise das conseqüências fisiológicas ligadas à gula nos ajuda a compreender por que Zaccaria fale de «horror e repugnância». Além disso, Cassiano dedica a quinta conferência aos oito vícios capitais, começando pela gula e a luxúria. (Cf. especialmente o capítulo 14 do qual Zaccaria tira termos e conceitos.)

Embora Zaccaria reconheça nos sermões aos leigos a positividade do gosto («*... quem pode ser condenado só porque fica com água na boca diante de um prato de comida gostosa?*», **20503**), nas determinações sobre «*o jejum e a alimentação*» estabelecidas para os religiosos, considera, como «ponto» a alcançar, o «*de comer sem sentir prazer*» ou, pelo menos, não comer «*só por prazer*», sublinhando logo a seguir que «*quem souber dominar a gula com discrição* - note-se o convite ao equilíbrio - *vencerá a soberba* [de novo lado a lado os dois vícios] *e, sem dúvida alguma, fará progressos*» (**30506**). À disciplina da gula comporta a distinção entre necessário e supérfluo, distinção em que se detém Gregório Magno em seus Moralia (30, 39, 61-62), como também nas Expositiones in Primum Regum (5, 1,2). Se é verdade que, se você «*quer evitar o pecado da gula, que, talvez seja um pecado leve*» (**20621**), também na comida devemos praticar o princípio de receber, em qualquer realidade, «*o fruto e o uso delas, mas deixando de lado todo o afeto para com elas*» (**20616**).

Depois da «*ruína*» dos três votos, o vício da gula é mencionado como o quarto dos cinco «*sinais*» da crise que mina a vida religiosa. O parágrafo em questão termina afirmando que é assim que «*o demônio está controlando os gulosos*» (**31713**), como se vê em Frei Batista, quando fala do demônio como do «prelado da gula e dos gulosos» (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 39v) e afirma que é ele que mantém os homens «amarrados pela gula» (ibid., p. 41r).

Um último esclarecimento é digno de nota. Zaccaria asssocia à gula a loquacidade (sintoma de crise no voto de castidade, ou seja, como se diria hoje, de regressão à fase oral-sensorial; **cf. 31713**). Tal intuição está presente também na carta aos Omodei, quando escreve que o tíbio «*não fala mal do próximo, mas não acha que é um grande pecado gastar o dia inteiro em conversas fiadas*». E logo a seguir acrescenta: «*não come demais, nem se enche de vinho, como fazem os bêbados, mas gosta de estar sempre beliscando alguma coisa gostosa, mesmo sem precisar*» (**11102**). A gula é portanto uma realidade que deve ser disciplinada na entrada (comida) e na saída (palavras); trata-se das duas faces da mesma moeda. Esta é uma das razões para a leitura à mesa e do silêncio que a acompanha.

***"... gosta de estar sempre beliscando alguma coisa gostosa, mesmo sem precisar"* (11102)**

A gula traz consigo a sensualidade e abre as ourtas para ela.

Sto. Alexandre Sauli jovem

"Que
eu encontre
gente que ..."

(cf. 10504)

H

HERESIA

«*... você não deve seguir opiniões e invenções meramente humanas, tais como as novas heresias e ideologias. Pra resumir: você não está querendo agir de acordo com a orientação comum da Igreja!*» (**20120**)

Antônio Maria enfoca «*as opimiões e as invenções humanas*», e também as «*heresias*», no âmbito da idolatria e estabelece uma ligação direta entre heresia e cisma, quando se refere ao não querermos «*agir conforme a orientação comum da Igreja*» (**20120**). Ele foi contemporâneo de dois flagelos que, nos albores da era moderna, agitaram a cristandade. A própriaa Renascença é a expressão, em certos aspectos, daquelas «ideologias» que marcariam não só uma mudança de época, mas uma verdadeira reviravolta cultural e religiosa. Em segundo lugar, toda a Europa estava permeada por um movimento de afastamento com relação a Roma, sobre a qual já pesavam séculos de crise que hoje chamaríamos institucional (cativeiro de Avinhão, movimentos conciliatórios, cismas do Oriente e do Ocidente). Tal movimento nasce e rapidamente se transforma em heresia, entendida como doutrina que se opõe à verdade revelada por Deus e proposta como autêntica pela Igreja. Zaccaria tem experiência universitária e pertence à classe culta (dos médicos, em particular). Não pode, pois, deixar de ressentir-se de tal clima, em que anseios reformistas e ímpetos carismáticos se entrelaçam com o desmoronamento da tradição e a rejeição da autoridade. Como «o "herético" nos situa no coração do século 16» (A. Olivieri), compreendemos quão pertinentes sejam as recomendações feitas pelo Santo a seus discípulos: «*Depois da Sagrada Escritura, vocês poderão ler todo Doutor aprovado pela Igreja, os livros dos Santos Padres, desde que seus escritos não*

sejam contrários à Sagrada Escritura e aos Santos Doutores» (**30803**).

HOMEM INTERIOR / EXTERIOR

«*... o homem interior precisa igualmente do alimento espiritual e do alimento material*» (**31230**)

A distinção entre homem interior e exterior, de origem neoplatônica, encontra-se claramente formulada nas cartas de Sáo Paulo, de onde Antônio Maria a toma e à qual se refere com freqüência em seus escritos. Fala, por exemplo, de «*situação interior*» (**cf. 10904**) e afirma que o homem interior tanto quanto o exterior exige ser alimentado. Pede vigilância e disciplina dos sentidos, porque «*o interior vem do exterior*» (**20212**) e lembra que só deixando o exterior e entrando no interior é que se pode fazer a experiência de Deus (**cf. 20215**). Convida repetidamente a conhecer «*o bem espiritual*» do próximo (**11204**), ou seja, à tomada de consciência de como agimos interiormente. Os noviços, de modo especial, deverão aprender «*o conhecimento e a beleza do homem interior*» e mais especificamente deverão conhecer-lhe «*a saúde e a doença, a fraqueza e a fortaleza, a perfeição e a imperfeição*», de modo a cuidar de sua «*beleza*», isto é, a aquisição das virtudes que constituem a veste nupcial com que se há de «*entrar na casa do Senhor*» (**31231.33.32**). Nesta afirmação parece ecoar um pensamento expresso de forma lapidar na Filocalia (2,329): «Apressa-te: mostra o monge do homem interior, libertando-o das paixões».

Segundo Cassiano, toda a preparação monástica versa sobre «a reforma das disposições do homem exterior» de modo que, mediante oportuna «disciplina», se desenvolva o homem interior. Desta forma, «no exercício simultâneo das virtudes do corpo e do espírito», os monges receberão «ao mesmo tempo o proveito do homem exterior e os méritos do homem interior» (Instituições Cenobíticas, 2, 9 e 14). Também Frei Batista deseja que todos, «relendo em seu livro interior»,

apreendam as causas que motivam o próprio comportamento. De fato, quando se conhecem «com exatidão os movimentos do homem interior», torna-se mais fácil corrigir a própria conduta (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, pp. 36v e 170r).

HUMILDADE

«*... dessa pequena estima de si mesmo, nasce uma profunda humildade; quem tem essa virtude sabe muito bem o quanto ela é útil e necessária!*» (**20518**)

A humildade é distintivo da vida cristã («*tanta humilhação ....*», **cf. 20620**) e constitui objetivo do homem espiritual: «*... vou considerar-me devedor de todos, eu me submeterei a todos e me humilharei e procurarei viver de acordo com todos, para que Deus, na sua bondade, me aqueça o coração*» (**20437**). A doutrina sobre a humildade, «*mãe e guarda de todas virtudes*», está, portanto, na base da vida religiosa. Assim, pois, o noviço deve enraizá-la no próprio coração (**cf. 31218**; cf. Gregório Magno, Moralia, 23,23-24: «Humilitas ... magistra est et omnium materque virtutum»), lembrando que «*a perfeição desta virtude não pode ser compreendida a não ser por aqueles que a possuem*» (assim se lê nos *Ditos Notáveis*, **Humildade 21**, que Antônio Maria assume, como se viu no Sermão 5). A prática da humildade anda passo a passo com a aceitação, ou nelhor, com a busca, das humilhações. O Santo convida repetidamente a «procurar os insultos, as humilhações e deleitar-se nelas» (**cf. 10504, 31111, 31218.24.46, 31812, 31903**); exorta quem tem dificuldades para fazer oração mentala: «*Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas; alegrem-se com as coisas ruins*» (**31010**), ensina aos Noviços a terem «*sede de desprezo e sente fome das injúrias*» (**31224**), a quem quer reformar os costumes a desejar ardentemente as «*humilhações*» (**31812**). E desde que se deve «*incluir a prática da verdadeira humil-*

dade para fortalecer toda perfeição» (**31246**), Zaccaria pede a qiem é seu discípulo que pratique «*a humilhação voluntária de si mesmo*» (**31903**), seja «*submisso a todos*» (**11013**), não desanime nas dificuldades (**cf. 10602-03**), de tal forma que nenhuma adversidade os entristeça, antes, os «alegre» (**cf. 31218.24.46**). É o desprezo de si (**cf. 10504**) que faz passar do □amor de si ao «*santo desprezo de si mesmo*» (*Ditos Notáveis*, **Humildade 43**).

Ficaram proverbiais algumas expressões como «risbassarsi di umiltà risbassata», isto é: *viver uma profunda humildade* (**30303**), ou o alerta que faz aos noviços para que, aceitando «*após longo tempo, com grande esforço e com profundo desejo*» cheguem a saborear «*todas as perseguições, desprezo e humilhações*» (**31218**), ou a ordem categórica dada ao reformador: «*É preciso que você tenha* "una grandemente bassa umiltà", isto é, ... "*uma humildade muto profunda*"» (**31811**).

A doutrina da humildade é totalmente tradicional. Basta lembrar os doze graus de São Bento (Regra, 8) ou o De gradibus humilitatis de São Bernardo e, dos tempos contemporâneos aos de Zaccaria, as três formas de humildade dos Exercícios inacianos (nn. 165-168) e a conhecida frase de São Filipe Néri: «Spernere seipsum, spernere mundum, spernere neminem, spernere se sperni - Desprezar-se a si mesmo, desprezar o mundo, não desprezar a ninguém, desprezar o ser desprezado».

I

IDOLATRIA

«*... acabar com a idolatria*» (**10502**)

A idolatria é condenada pelo primeiro mandamento e, por isso, Antônio Maria começa, na exposição do Decálogo, pela denúncia de tudo o que se opõe a Deus no coração humano ou O substitui e se volta para o culto de si mesmo (Soberba), do outro e das coisas (**cf. 20120-23**). A atitude que, com linguagem bíblica, considera a idolatria como «adultério espiritual», consiste em depositar o próprio amor em «coisas ou parentes ou em si mesmo» (**cf. 31229**). À luz desta reprimenda, que não perdoa nem mesmo às almas do claustro (**cf. 20121-25**), fica claro o motivo pelo qual Zaccaria apresenta a idolatria como alvo prioritário da ação apostólica dos seus discípulos, chamados para «*acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pessoas*» (**10502**). A idolatria, enfim, compensa o desconhecimento do verdadeiro Deus com práticas demoníacas, mágicas, astrológicas e supersticiosas (**cf. 20129-30**), que sempre afetaram e continuam afetando a genuinidade da fé cristã (Artes mágicas).

IMITAÇÃO

«... o Espírito Santo Paráclito ... não as deixará carentes, dando-lhes todo o necessário, de modo especial, uma serenidade permanente ... Ele as ajudará a viverem uma vida de acordo com a de Cristo,

imitando os grandes santos» (**10504**)

Zaccaria era considerado «*verdadeiro imitador do Crucificado e de São Paulo*» (Angélica Anônima, Memórias, p. 15). Por sua vez, ele recomendava aos discípulos a imitação de Cristo, de Paulo e dos Santos.

Imitação de Cristo. Zaccaria faz o propósito de imitar Cristo na solicitude: «*Coragem! Levantem-se de uma vez por todas e juntem-se a mim ... para eu poder imitar Jesus Cristo, que assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até à morte e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer. E, se agora vo-cês não têm outros meios para me ajudar, venham em meu socorro, pelo menos com suas orações*» (**10214**).

Zaccaria deseja que seus filhos espirituais, leigos e religiosos, também façam o mesmo: «*Imite Cristo, imite Deus, seja misericordioso*» (**20326**). Quem se dedica à vida espiritual deve ser «*um exemplar vivo de Cristo*» (**20201**). Às Angélicas deseja que o Espírito lhes conceda «*viverem uma vida de acordo com a de Cristo*» (**10504**).

No Sermão 4, Antônio Maria propõe a seus discípulos o exemplo de Cristo: «*... com seu pró-prio exemplo, viveu extrema pobreza! ... Cristo escolheu as humilhações ... Ele mesmo padeceu continuamente frio e calor, fome e sede ... foi odiado pela maioria dos homens*» (**20413**).

No Sermão 6, Cristo é proposto como exemplo de desprendimento (Via da separação): «*para você ficar livre de todo e qualquer peso ...: renunciando a todos os bens terrenos, abraçando as desonras, renunciando às consolações espirituais e temporais e aceitando toda desolação e abandono não somente por parte dos homens, mas também do Pai (Mt.27,46) e isso só para a nossa utilidade!*» (**20615**).

Na alocução de 4 de outubro de 1534, o Fundador apresenta Cristo como exemplo de fortaleza nas perseguições: «*Jesus mesmo nos preveniu que estas e outras coisas parecidas* [as perseguições] *iriam*

acontecer, para que não ficássemos admirados, achando que eram situações novas e inesperadas; e Ele ainda nos fortaleceu com o seu exemplo, para que não tivéssemos medo de enfrentar tais situações e de suportá-las, pois não seriam mais fortes do que nós» (**20705**).

Nas Constituições ele recomenda a leitura «*de livros que tratem de assuntos de instrução e formação de bons costumes, da perfeição da vida, da verdadeira imitação de Cristo*» (**30803**). A «*verdadeira imitação de Cristo*», ao invés de «*só conseguir a ciência tirada do livro dos outros*», é uma das condições para adquirir a capacidade de escrever livros (**cf. 30805**).

A Angélica Anônima atesta: «*O outro fundamento que se esforçava por enraizar nessas filinhas ... era o desprezo do mundo, o amor pelas violências e humilhações; e estes eram os vocábulos que se difundiam em casa: "O amor do Crucificado", "Para imitar o Crucifi--cado"; de graça abracemos os opróbrios", vocábulos que aprendiam com seu Padre*» (*Memórias*, p.15). Podemos afirmar que a imitação foi o método adotado por Antônio Maria : «Foi na mortificação, no desprezo do mundo, na vitória sobre si mesmos e sobre as próprias paixões, que o santo padre mirou ao fundar esta Congregação, para imitar o Cristo Crucificado, cuja imagem, justamente pela imitação, ele tentava esculpir em si e também no coração de seus filhos e filhas espirituais.

Imitação de Paulo. Zaccaria cita duas vezes em seus Escritos (**cf. 10505 e 10211.12**) a conhecida e difundida frase paulina: «Imitatores mei estote, sicut et nos Christi» (1Cor 11,1; cf. 4,16), isto é: Paulo deve ser imitado justamente porque iimitador de Cristo: imitando Paulo, imitamos Cristo. O Apóstolo «queria ser, efetivamente e também na estima de todos, «*um exemplo vivo do Cristo Crucificado*» (**10901**). Pode-se aplicar a ele o quanto se deveria dizer de todo homem espiritual: « *Querem ver um exemplo concreto de Cristo? Olhem para nós*» (**20201**).
Paulo se apresenta a si e aos demais apóstolos como exemplo, quando diz: «*"nós somos loucos por causa de Cristo" (1Cor.4,10), "somos amaldiçoados e abençoamos; perseguidos e suportamos, caluniados*

e consolamos...”» (**20709**). Os Barnabitas devem, por isso, esforçar-se «*por praticar sua doutrina e seus exemplos*» (**20717**)
Imitação dos santos. Os Santos do Antigo Testamento devem ser imitados pelos leigos reunidos no Cenáculo da *Amizade*: «*... lemos, na Bíblia, a respeito dos grandes valores dos patriarcas, dos profetas e de muitos homens santos que existiram desde o começo do mundo até chegarmos a Cristo, para que os imitássemos*» (**20605**).

O Espírito concederá às Angélicas «*uma vida de acordo com a de Cristo, imitando os grandes santos*» (**10504**).

Na alocução de 4 de outubro de 1534 aos Barnabitas, dia em que se celebra a festa litúrgica de São Francisco, Zaccaria propõe aos companheiros o exemplo do santo, «*não nos pese imitar o que queremos celebrar*» (Agostinho, Sermones suppositi, 225,1): «*Em Francisco, reflete-se um grande exemplo de piedade cristã, de profunda humildade e, acima de tudo, de intensa caridade ... Irmãos caríssimos, imitemos este santo e não seja peso para nós segui-lo na nossa vida e nos nossos costumes; não o honremos só com nossas celebrações e louvores!*» (**20714**).

IMPOSSÍVEL

«*que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil*» (**10504**)

O impossível (Mc 10,27) e o extraordinário (Mt 6,47) são os dois critérios de verdade do sentir e do operar cristão. Escrevendo a Carlos Magni, Zaccaria afirma: «*Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colabora-ção e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós*» (**10308**). Por isso, Antônio Maria espera que seus seguidores mostrem uma «*fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil* » (**10504**). Este pensamento é análogo àquele sobre o ‘extraordinário’, inserido por Zaccaria nos «conselhos» evangélicos,

cuja observância resulta de fato indispensável para a observância dos Mandamentos de Deus (**cf. 20618-19**).

INDECISÃO

«*Coragem, irmãos! Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência*» (**10216**)

A Carta 2 é dedicada à indecisão, que Zaccaria chama de falta de firmeza.

A indecisão é sinônimo de instabilidade, que caracteriza o homem, o qual - diferentemente de Deus, estável por natureza - foi feito instável «*É uma grande verdade que Deus fez o homem ins-tável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda*» (**10202**). Infelizmente, «*a firmeza e a decisão que devemos ter para fugir do mal, não as estamos usando para fazer o bem*» (**10203**), continua o Fundador.

Zaccaria faz a lista de alguns efeitos da indecisão:

- imobilismo espiritual: «*A falta de firmeza, antes de mais nada, atrapalha o homem: ele não progride*» (**10204**);
- instabilidade: «*E tem mais: a falta de firmeza deixa o homem instável como as fases da lua*» (**10205**);
- dúvida ou indecisão: «*... se o mal fosse só esse, já seria até demais, porque, enquanto o homem fica duvidando, não consegue fazer nada*» (**10208**);
- negligência: «*Meus caros amigos, se não tomarmos providências contra essa erva daninha, ela vai provocar em nós um péssimo efeito: a negligência, que é totalmente contrária aos caminhos de Deus*» (**10210**).

Depois de ter descoberto a causa mais remota da indecisão («*Na verdade, esta erva daninha vem da falta de luz divina*» **10206**), Antônio

Maria esclarece a relação entre a indecisão e a □tibieza. Esta última constitui-lhe ao mesmo tempo a causa e o efeito. Zaccaria indica também os remédios para “curar”a indecisão: «*Para fugir desse defeito, temos duas saídas que o próprio Deus nos indica*» (**10209**): a primeira é a elevação da mente pelo dom do conselho (Instinto natural/espiritual); a segunda é aconselhar-se com o próprio pai espiritual.

As virtudes contrárias à indecisão e à negligência são a prontidão ou solicitude e a diligência: «*... nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação*» (**10210**); «*Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos: sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor (Rm.12,11)*» (**10211**).

O exemplo a imitar (Imitação) é Cristo, «*que assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até à morte (Fl.2,8) e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer (Hb.12,2)*» (**10214**).

INICIATIVA (ESFORÇO)

«*Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não negue-mos a nossa colaboração*» (**10308**)

Esforço faz referência a criatividade, a empenho, a iniciativa que o homem é chamado a expressar na vida espiritual. (Outras vezes Zaccaria se serve do binômio «*arte e esforço*», como em **31014**).

O termo «esforço» com freqüência aparece junto â palavra graça. Os autores espirituais falam de graça e esforço, como de dois elementos da vida interior, insistindo que «*os dons gratuitos não são dados aos ingratos*» (*Ditos Notáveis*, **Vida mista 10**).

Apelar para a iniciativa humana não está em contraste com a ação divina, a qual precede, acompanha e eleva toda a inclinação positiva da vontade (Adaptar-se). A Bíblia fala de «boas obras que Deus já

antes tinha preparado para que nos ocupássemos com elas» (Ef 2,10); o próprio Deus que «suscita em nós o querer e o operar» (Fl 2,13), cumpre em nós e por meio de nós tudo quanto nos pede. Afirma São Tomás que a todos os que estão na graça é dado o esforço suficiente para conseguir a salvação (Summa theologiae, II.II, 47,14). São Boaventura, por sua vez, ao se referir ao esforço natural, sustenta que a graça «não pode nem deve ser absolutamente ingrata» (Commentarium in quattuor libros Sententiarum, 2, 29,1,1,6) ou, em outras palavras: «A graça do Espírito Santo só se encontra em pessoa grata» (Expositio in Hexaemeron, 14), de forma que nos devemos perguntar como «possa haver abundância de graça em coração ingrato» (Sermones de tempore. In Pentec., 9,1,3).

INSENSIBILIDADE

«*Agradeço muito a Deus, porque Ele me abençoa mais do que eu mereço e me castiga só um pouquinho. Nem sempre me dou conta dessa situação, por causa da minha falta de sensibilidade*» (**10101**)

Existe uma insensibilidade boa, que nos torna santamente indiferentes diante das assim chamadas realidades «penúltimas», como êxito-fracasso, saúde-doença, ... Zaccaria desenvolve este tema fundamental das doutrinas espirituais ao falar da «via do meio» (**cf. 20517-20**). E existe uma insensibilidade não boa, que nos torna culpavelmente indiferentes perante os dons e os castigos divinos (estes últimos são sempre mais leves do que realmente merecimentos, porque Deus é misericordioso). Este pensamento pode ser iluminado por um trecho paralelo da carta de 22 de dezembro de 1543, enviada pela Angélica Paula Antônia Negri a um sacerdote: «Quando não somos castigados, ficamos maravilhados com a grande bondade de Deus que nos tolera na sua presença, sem entregar-nos às mãos dos juízes que nos mandem para a prisão ... até que se pague toda a dívida ... não segundo a medida

de nossa falta de merecimento, mas de sua misericórdia».

INSTINTO NATURAL/ESPIRITUAL

«*Sob a inspiração do do Espírito, não vamos errar*» (**10209**)

Zaccaria distingue o instinto natural do instinto espiritual.
Instinto natural. Segundo São Tomás, o instinto natural é o que impele necessariamente animais e pessoas para alguma coisa: contrapõe-se ao livre-arbítrio. Pelo instinto natural o homem busca a felicidade (Summa theologiae, I, 19,10). Da mesma forma São Boaventura afirma que «possuímos o instinto natural para desejar a felicidade» (Sent., 2,39,1,2,4).

Zaccaria trata disso no Sermão 6, em que sustenta que a tibieza é contrária ao instinto natural do homem: «*Você deve evitar de forma absoluta este modo de falar: ““não tenho a intenção de fazer muito bem”, porque dizendo assim, está sempre em perigo e também abate e enfraquece o instinto natural ... Não fale mais isso! Pois, além de deturpar o instinto natural que Deus lhe deu, ...*» (**20622.23**). Fica evidente, com tais palavras que o instinto natural é dom de Deus, um impulso que Ele inseriu na natureza humana e que impele o homem à perfeição. A melhor descrição de tal instinto talvez esteja no mesmo Semãor 6: «*Deus deu ao homem uma capacidade intelectual que não tem fim e que nem pode acabar neste mundo; deu-lhe um desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição; deu-lhe uma insatisfação permanente em relação às coisas desse mundo e um desejo contínuo das coisas do céu*» (**20607**).
Instinto espiritual. Santo Tomás sustenta que, além do instinctus ou motio rationis, que impele o homem ao seu fim natural, existe um instinctus divinus ou instinctus (ou motio) Spiritus sancti, que impele o homem para o seu fim sobrenatural. Como as potências humanas dispõem o homem para seguir o instinto da razão, assim os dons do Es-

pírito Santo dispõem o homem para seguir o instinto divino (Summa theologiae, I.II, 68,1.2.4). O instinto espiritual é, pois, um impulso interior sobrenatural, superior à razão, que impele o homem para a sua felicidade. Os dons permitem ao homem seguir tal instinto. São Gregório Magno escreve, a propósito dos dons, que «o Espírito Santo concede a sabedoria contra a estultícia, a inteligência contra a limitação da mente, o conselho contra a precipitação, a fortaleza contra o medo, a ciência contra a ignorância, a piedade contra a dureza de coração, o temor de Deus contra a soberba» (Moralia, 2,49,77).

Na Carta 2, referindo-se ao dom do conselho, Zaccaria fala do instinto espiritual: «*... a primeira nos ajuda, quando somos obrigados a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa ali na hora: qual a saída? É elevar nossa mente, pedindo o dom do conselho; em outras palavras, quando acontece uma coisa repentina e imprevista, que exige providências rápidas, aí é que elevamos a mente a Deus, pedindo que nos inspire o que temos que fazer: desse modo, sob a inspiração do Espírito Santo, não vamos errar*» (**10209**). O dom do conselho permite, portanto, ao homem saber instintivamente (isto é, sem muitos raciocínios, por pura graça) o que deve fazer, a cada vez, para alcançar o seu fim sobrenatural (cf. Summa theologiae, I.II, 68,4; II.II, 52,1).

INTENÇÃO

«*... que o homem tenha esteja sempre voltado para Deus*» (**20201**)

Entendemos por intenção a força ordenadora da mente humana em vista de um determina-do fim a conseguir ou ao qual tender. Na vida espiritual, a intenção ocupa lugar de grande relevância, porque exprime a orientação profunda da nossa liberdade. Henrique Herp, de quem Zaccaria conheceu o Espelho da perfeição humana (**cf. 30803**), afirma que a bondade de nossas ações depende da intenção com que as realizamos.

Este autor divide as intenções em três graus: antes de tudo, a «reta intenção», que «tudo ordena para Deus» e cuja origem «é o fogo abrasador do amor divino». Esta intenção é a que ordena a vida ativa. E um de seus sinais preclaros é constituído pelo «gáudio espiritual nas adversidades».

O segundo grau é constituído pela «intenção simples», que tem, diretamente, como ponto de referência, Deus e «procede do afetuoso deleite» das realidades celestes. É a intenção própria da vida contemplativa.

O terceiro grau chama-se «intenção deiforme» e é característico da vida beatífica. Pode ser experimentado também nos estágios místicos mais elevados da vida presente (cf. capítulo 10: «Da verdadeira intenção para Deus»).

Antônio Maria define a verdadeira vida espiritual como a polarização de «todo entender, querer, lembrar, sentir e fazer» (a totalidade do ser humano) em Deus. É o pensamento que ele retoma no Sermão 4 (**cf. 20424**), quando escreve que o homem reorienta «todo o seu querer, entender, falar e agir, para Deus». Ter «a reta intenção é, pois, um requisito básico da vida cristã» (**cf. 20326-27**). É da intenção - definida «*grande e reta*» (**31816**), «*fiel*» (**cf.20310-11**), «*reta* [purificada]a» (**31608**), «*sumamente boa e reta*» (**31818**), «*boa* [santa]» (**10602**) - que Antônio Maria afirma, procede a oração em sua expressão máxima, isto é, a ação de graças (**cf. 31006**; Oração). É também porque a autenticidade da intenção depende da intensidade do amor de Deus, para o que os ascetas o convidam a despojar-se do amor de si. Por isso, «*purifique as suas intenções*» (*Ditos Notáveis*, **Amor 30**).

IRA

«*A ira... tira da pessoa todas as virtudes, a escraviza a todos os vícios e faz de você o lugar das perturbações*» (**20511**)

A ira é uma das paixões que Zaccaria enumera, no início do Sermão 5, junto com a tristeza, a alegria e o amor. Aliás, boa parte deste sermão é dedicada à ira. Fiel ao princípio de que não se pode ficar apenas nos atos, mas é preciso descer à raiz, devendo fazer a introdução ao quinto mandamento, Zaccaria não acha nada melhor do que tratar das paixões e, em particular, da ira, que está na origem de toda forma de violência.

Como todas as paixões, nem a ira é má em si mesma, pois é uma inclinação natural, posta no homem por Deus. Sua bondade ou maldade depende do próprio homem, que dela pode servir-se para uma finalidade boa ou ruim.

Para demonstrar que a ira pode às vezes ser aprovada, Zaccaria cita o exemplo de Jesus que expulsou os vendilhões do templo, o de Finéias que matou ao mesmo tempo o hebreu e a madianita, o de Moisés que eliminou o egípcio, o de Saul que à espada fez em pedaços uma junta de bois, o de Davi que se indignou contra Abisaí que o queria vingar (**cf. 20506-07**).

Mas dessa mesma paixão da ira podem vir muitos males: «*O que diz respeito à paixão da ira, deixo à sua reflexão, porque os males que ela provoca são intermináveis. Por enquanto, só digo o seguinte: a ira o afasta da contemplação de Deus, estraga, ao mesmo tempo, a sua vida corporal e espiritual, faz você ficar imprudente ... porque "a ira do homem não realiza a justiça de Deus", diz o apóstolo Tiago (Tg.1,20). E o que mais? A ira não deixa o homem ter um comportamento gentil e uma conversa educada, porque o "homem irado age sem critério". Em poucas palavras, a ira tira da pessoa todas as virtudes, a escraviza a todos os vícios e faz de você o lugar das perturbações*» (**20511**). O que Antônio Maria diz é apenas o eco da doutrina de seus mestres, desde

Cassiano (Instituições Cenobíticas, 8) até Clímaco (Escada do Céu, 8) a Tomás de Aquino (Summa theologiae, I.II, 46-48). A ira impede a oração, diz Frei Batista de Crema: «Perturba a razão, de modo que não se pode orar» (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p.114r).

Além do que está dito no Sermão 5, podemos acrescentar o que o Fundador diz a Carlos Magni, apontando o defeito principal do amigo: «*... a ira e a perda da tranqüilidade, que vem da soberba, porque você sabe e conhece muita coisa, já que estudou e tem competência, por causa de suas qualidades e pela prática da vida*» (**10314**); e no Sermão 4: «*a ira é tão corporal que, às vezes, tira a visão do homem: quem está irado não enxerga mais!*» (**20422**). Os pais devem esforçar-se para que os filhos não os vejam «*dominados pelas paixões, principalmente a ira*»; nem devem irritá-los para que vivam irados (**20426**). Se é verdade que os homens ficam parecidos com «*demônios, quando são mentirosos, "puxa-sacos", raivosos, soberbos e vingadores*» (**20131**), da mesma forma é verdade que também as religiosas podem ser irascíveis: assim, o tempo que Deus concede para a misericórdia e a penitência, podem usá-lo para a iracúndia e o pecado, e para a provocação da vingança de Deus. Os religiosos que por motivo de saúde não estão em condições de observar a austera disciplina regular, podem entretanto abster-se e controlar-se nas coisas que estão a seu alcance: «*a murmuração, a ira, o orgulho, a ironia e coisas parecidas, que não exigem esforço físico*» (**30604**). O mestre de noviços não pode ser irascível: «*Não pensem que poderá instruir na paciência os seus discípulos, se ele for escravo da ira*» (**31206**).

Existe também uma ira de Deus, da qual freqüentemente se fala nas parábolas do Evangelho, como a das moedas (Cf. Lc 19, 12-27) e a do servo mau (cf. Mt 18,23-32), ambas citadas no Sermão 3 (**cf. 20303 e 20311**). Os perseguidores da nascente família zaccariana a beneficiaram ao «*provocarem a ira de Deus contra eles*» (**20706**). É preferível, porém, a ira de Deus à ira do pai espiritual: «*Os santos monges costumavam citar uma frase traduzida por São João Clímaco e que deve ser*

entendida no bom sentido: "Mais vale ter Deus com ira, que o próprio orientador espiritual; porque, se Deus está com ira, o orientador espiritual reza por você; mas, se o orientador espiritual estiver irado, quem rezará por você?» (**20420**; cf. Escada do Céu, 26,197).

À ira é dedicado o **capítulo 15** dos *Ditos Notáveis***, pp.58-59**.

Algumas idolatrias dos tempos atuais

Amarás o Senhor teu Deus e somenete a Ele adorarás

“Coragem! Levantem-se de uma vez por todas e juntem-se a mim, porque eu quero que arranquemos juntos esta erva daninha, se é que ela também está em vocês. Mas, se ela não pegou em vocês, venham ajudar-me, pois em mim, ela está plantada no coração” **10214**

J

JEJUM

«Você acredita mesmo que seus jejuns e penitências - se é que os pratica - que os seus retiros e suas tarefas valem alguma coisa?» (**20132**)

«*... fazer penitência corporal*» (**20133**) é um aspecto característico da vida religiosa ou, até antes, da própria vida cristã (em **20325**, Santo Antônio Maria trata dos «*sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus*»; em **20618** ele retorna a expressão «*fazer muita peni-tência*»). Fazer sacrifícios do próprio corpo exprime-se especialmente pelo exercício do jejum. Antônio Maria alerta a respeito de um exercício farisaico (em **20124**: «*Os fariseus eram condenados por Cristo, porque ... faziam cara feia, para mostrar que jejuavam*»; em **20409**: «*Esses grandes fingidos, do mesmo jeito que os fariseus, por acaso não se martirizam diariamente torturando o corpo ...*») e também a respeito de uma supervalorização do jejum, que coloca ox meiox acima do fim, cujos instrumentos necessários são a «*a humilhação voluntária de si mesmo, o propósito de querer suportar sofrimentos e dores semelhantes às dores de Cristo e de seus santos, a renúncia a seus próprios gostos e a seu próprio parecer*» (**31903**).

Nas Constituições Zaccaria estabelece a natureza e os ritmos dos jejuns que a tradição chama «*jejum moderado*» (cf. *Ditos Notáveis*, **Penitência 38**) ou, na versão de Frei Batista, «jejuns discretos» (Via de aperta Verità, p. 14r). Os tempos de jejum vão da festa de Todos os Santos até a Páscoa, com particular intensidade no Advento e na Quaresma. Se-guem-se as Vigílias de preceito (nesta ordem: Circuncisão, Epifania, Pentecostes, São Pedro e São Paulo, Assunção, Imaculada, Todos os Santos, Natal) e todas as quartas e sextas-feiras do ano, em

memória da traição de Judas e da morte de Jesus na Cruz respectivamente. No tempo de Antônio Maria, o jejum constava de uma única refeição (sem carne, se ao jejum se acrescentasse a abstinência), a qual se fazia pela «*hora nona*». Ao findar o dia permitia-se uma «serotina coenula» (como se lê nas Regras dos Teatinos, contemporâneos dos nossos primeiros), uma ceia leve, que Antônio Maria faz voltar ao rigor tradicional, permitindo apenas pão e água (esta forma, segundo São Tomás, não quebra o jejum: Summa theologiae, II.II, 147,6).

Uma forma mais rigorosa, nos tempos de Advento e Quaresma, constava apenas do consumo de frutas, mas parece que Zaccaria excluía até o *frustulum* ou leve café da ma-nhã. A dieta dos religiosos ao longo de todo o ano era vegetariana, permitindo-se carne somente em dez dias durante o ano inteiro e, como complemento, manteiga, queijo, gordura, óleo, ovos e «*sardinhas*» (**cf. 30507**). Não se esqueça que «pão, ervas e de vez em quando sardinhas» era o menu que já Sáo Jerônimo indicava aos ascetas: «Olera, legumina; interdum pisciculos pro summis ducas deliciis - Verduras, legumes; raramente sardinhas que considerarás as coisas mais deliciosas» (Epístola, 58,6).

O rigor que Antônio Maria demonstra ao tratar do tema comida inspira-se nas páginas severas da Escada do Céu (Grau 14) de João Clímaco, que exaltam o «atleta do espírito», capaz de dominar a gula e, por conseguinte, a própria «sensualidade».

E, por fim, Zaccaria deseja que os hóspedes sejam tratados «*como irmãos da mesma família*»; não tenham, porém, obrigação de observar os mesmos jejuns (**30705**). De fato, vigorava antigamente, o costume de não consumir todo o alimento ao meio dia, reservando-se parte para a noite: era «o pão da amizade» que se consumia na companhia de eventuais visitantes (Cassiano, Colações, 2,26: «A discrição»; cfr. 21,13ss: «Da interrupção que vai da Páscoa a Pentecostes», em que, entre outras coisas, se sublinha o caráter «instrumental» do jejum). A respeito do jejum os *Ditos Notáveis* afirmam: «*Alguns conseguem jejuar por dois ou três dias; já para outros não é suficiente uma boa*

refeição quotidiana. Por isso, é necessário adequar-se à idade, à compleição física e aos costumes e respeitar sua natureza, pois, desgastá-la seria indiscrição [falta de juízo]» (**Penitência 46**).

Sobre penas e punições **(cf. p. 244)**

"*Por acaso, você conhece apenas leis punitivas? Com essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar***"** **(31820)**

Quem nunca se deparou com algum ou alguma adolescente "emburradoarquitetando a próxima travessura, chorosa, chateada, preparando uma vingança, furioso e com outras atitudes negativas por causa de um castigo ou punição? Será que ele ou ela melhoraram só por que fora, castigados?

***“Ainda: você já viu leis que não visam a coisas sempre mais perfeitas? Estas também falham, porque “não progredir é falhar”. Portanto, se você se orientar de acordo com alguma dessas leis e desses modos de vida, imediatamente encontrará a tibieza diante da sua porta”* (31820)**

Não há nada pior para um adolescente quando alguém lhe diz: “Você não vai”!

A alegria por ter sido corrigido com amor e perdoado.
Santo Antônio Maria Zaccaria aforma que é ´reciso ser tolerante com os erros de quem quer realmente se corrigir e tem profunda humildade (cf. 30302)

Para o nosso Fundador, as leis devem estar gravadas no coração para terem valor efetivo (cf. 10703). Por sua vez, a obediência deve ser voluntária e não imposta (cf. 30202).

L

LEI

«De modo especial, para nós cristãos, Deus nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão» (**20110**)

Ao explicar o decálogo, Zaccaria estabelece uma relação precisa entre a lei antiga e a nova. Ele reconhece na primeira uma «*luz sobrenatural*» (**20208**), mas é luz que não passa de «*sombra*» se comparada aos fulgores que irradiam da segunda. A primeira foi escrita em tábuas de pedra, a segunda está «*gravada em nossos corações (Rm.2,15) e que qualquer homem pode conhecer por si mesmo*» (**20110**). A primeira é lei de temor, a segunda de amor. Tal conceito está claramente formulado em São Tomás: «Diz-se de temor a lei antiga [= velha], porque induzia à observância dos preceitos por meio de sanções» (Summa theologiae, I.II, 100,7). A lei nova, prossegue o santo doutor, é lei de amor e o é de tal sorte que se pode afirmar ser «a lei do Novo Testamento o próprio Espírito Santo» (Summa Theologiae, 106,1 e 2). Zaccaria retoma esta afirmação quando escreve que Deus «*nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão, uma lei gravada em nossos corações*» (**20110**) (cf. Summa theologiae, I.II,107,1: lex caritatis; I.II,100,7: lex timoris; I.II,107,1: lex libertatis), e reforça: «*a lei de Deus é lei de amor, a lei de Deus é um peso suave, a lei de Deus é o alívio de seu coração, seu descanso e sua vida*» (**20111**). Nas Colações do abade Cassiano, tão conhecidas de Zaccaria e cuja leitura ele recomenda aos seus religiosos (**cf. 30803**), se faz uma comparação aprofundada entre «os preceitos da graça e os preceitos da lei» (21,32).

Quer falando aos leigos, quer às suas religiosas, Antônio Maria afirma que a observância da lei antiga é indispensável para se observar a lei nova. Aos leigos relembra que «*a observância dos Mandamentos deve vir antes do seguimento de Cristo*» (**20116**) (Ordem da vida espiritual); e às religiosas: «*... você*[s] *não observa*[m] *a regra, porque ainda não começou*[aram] *a observar a lei antiga*» (**20138**). E conclui: «*... se não se esforçarem para observar os mandamentos, fiquem certos de que nunca farão qualquer progresso!*» (**20117**). Tal convicção, porém, reaparece de forma inversa, no sermão sobre a tibieza: «*Não enxergam em que perigo se acham. Não observando o que é aconselhado, arriscam-se a não observar nem os mandamentos*» (**20620**).

Zaccaria, como legislador de seus institutos, diz assim: «*... não pretendemos dar-lhes leis de temor, mas de puro amor*» (**31401**). Ele afirma que «*Saibam que a observância regular não pretende sobrecarregar, mas suavizar e levar à observância da lei, não com força, mas pelo amor*» (**31706**). Zaccaria desconfia das «*leis punitivas*» (Penas), porque «C*om essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar*» (**31826**). Zaccaria deseja, como realça na Catra 7, que seus discípulos tenham leis «*gravadas em nossos corações*» (**10703**), de modo a não precisarem de leis que venham de fora.

LEITURA À MESA

«*Estando à mesa, leiam ...*» (**30806**)

Antônio Maria apropria-se da tradição monástica já presente em Cassiano (Instituições Cenobíticas, 6,17) e em Bento (Regra, 38,1: «Não falte à mesa a leitura para os irmãos»). E prescreve a leitura, indicando como textos os mesmos autores que recomenda para o estudo.

Ele acrescenta que, além da leitura propriamente dita, «*de acordo com a oportunidade do tempo, vocês podem ler e expor aos irmãos algum livro prático de bons costumes ou então, livros do Direito Canônico*» (**30806**). Por livros práticos de costumes entendem-se obviamente textos atinentes aos vários aspectos da disciplina religiosa.

Trata-se de assegurar, junto com o alimento do corpo, um «*alimento espiritual para a mente*» (**cf. 31001**). Além disso, Zaccaria via no costume monástico da leitura, um meio de sacralizar o puro e simples consumo dos alimentos e escreve assim: «*... considere-se indigno da conversação com os anjos, com os santos e com os que ainda estão neste mundo* - e prossegue, certamente com mais força: - *Compare-se aos animais, que têm a sua máxima felicidade na sensualidade corporal*» (**30506**; Gula).

Enfim, não se esqueça, que tanto o falar quanto o comer são aspectos interdependentes e complementares da verbalizaaação. Deixá-los fluir implica em disciplinar a ambos.

LEITURA/ 'LECTIO' DA SAGRADA ESCRITURA

«*Caríssimo, a meditação não é suficiente; é necessário unir-se a eus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, contemplar*» (**20324**)

Com estas palavras acima, ditas quase "en passant", Antônio Maria propõe aos leigos, a *lectio divina* da tradição monástica; ele aprendeu esta prática com o célebre Cassiano em suas Colações. Além disso, Zaccaria se refere oportunamente às «*lições* [do latim lectio] *das Sagra-das Escrituras*» ao se dirigir aos noviços. "*quem não sentir fome deste alimento, ou melhor, quem não o procurar (nas lições da Sagrada Escritura ...*" (**31231**) A *lectio divina* faz parte, pois, dos ensinamentos de iniciação à vida espiritual, quer dos leigos, quer dos religiosos.

A Meditação, a oração e a contemplação supõem a «lição» ou leitura dita divina, porque tem por objeto a palavra revelada e porque

é uma leitura que nos põe em contato imediato com Deus. Isto explica porque Zaccaria recomenda que não se pare na «*meditação*», ou seja, na reflexão mental, mas se «*eleve a mente*», de tal forma que o próprio objetivo se desloque de você para Deus, fazendo oração, isto é, «*conversando*» com Deus: é o que ele recomenda ao responsável pelo Grupo da Amizade, em Cremona, o cenáculo a que se dirigem os Sermões (**cf. 10306-07**). Isto leva a «*unir-se a Deus*» (**União**), segredo da contemplação, ponto de chegada da oração interior a que todo batizado deve tender.

Sobre a meditação, a oração e a contemplação os *Ditos Notáveis* se detêm nos respectivos artigos, dispondo em degraus esses três momentos. Falam a propósito da «*oração mental permanente*» (*Ditos Notáveis*, **Lágrimas 27**). Os *Ditos notáveis* afirmam que devemos substituir a oração pela qual rezamos a Deus por aquela pela qual Deus reza em nós com *gemidos inenarráveus* (**cf. Oração 5**), e reivindicam o caráter unitivo da contemplação: «*A verdadeira contemplação cristã está sempre no coração de seus amados*» (**Contemplação 10**).

LEMBRANÇA DE DEUS

«*... o Espírito sempre lhe sugere a lembrança de Deus* » (**20207**)

A lembrança de Deus é a atitude de comunhão interior e constante com Ele. Sobre este as-pecto fundamental da vida espiritual, Antônio Maria chama a atenção desde o início do Sermão 2, no qual expõe em que consista «*a verdadeira vida espiritual*» (**cf. 20201**). A fim de podermos «*nos lembrar Dele com maior freqüência*» (**20604**), Deus nos oferece uma grande variedade de meios. São duas as condições para que a lembrança de Deus habite no nossso coração: o gosto pelas realidades espirituais, que inclui o não gostar radicalmente das coisas materiais («*uma vez que experimenta as coisas espirituais, as coisas carnais perdem o sabor para ele e disto jamais se esquece*», **20202**) e a

perseverança na oração («*rezar sempre*», **cf; 10310-11**).

Santo Agostinho, após ter lembrado o preceito bíblico de não nos esquecermos do Senhor nosso Deus (cf. Dt 8,14), mostra como nosso espírito age e existe em Deus (cf. At 17,28), «podendo, por isso, lembrar-se Dele» (De Trinitate, 14,15,21). O próprio Santo Agostinho reforça esta atitude com termos lapidares quando se reporta ao tempo de sua conversão: «Mecum erat memoria tui - Comigo estava a lembrança de ti» (Confissões, 7,17,23). Os Santos Padres que viveram depois de Agostinho também não escreveram de forma diferente. Cassiano fala a respeito do monge como de alguém que está ansioso por viver «na constante memória de Deus» (Colações, 10,10). E ainda: «O monge deve manter sua atenção sempre fixa numa única finalidade: a lembrança de Deus. A essa finalidade fará convergir todos os pensamentos que nascem e se agitam em seu coração» (ibid., 24,6). Clímaco fala da «lembrança de Deus», destacando que «a vigília a torna límpida», ao passo que «o sono, prolongado, favorece-lhe a perda» (Escada do Céu, 20,119); e acrescenta: é preciso «prestar atenção à oração dos lábios, sem, na medida do possível, cuidar, no próprio íntimo, da contínua lembrança de Deus». Será, antes, «a oração ininterrupta do coração» a dispor o monge «à oração perene dos lábios» (ibid., 28,191).

A «memória de Deus» é a nota característica da atitude contemplativa: «*A verdadeira contemplação cristã está sempre no coração de seu amado*» (*Ditos Notáveis*, **Contemplação 10**).

LITURGIA

«*Todas as horas sejam rezadas de maneira lenta e cuidadosa, sem canto e sem órgão, mas façam esforço para que seja com toda devoção*» (**30101**)

Não podemos ter a pretensão de encontrar em Zaccaria o aprofundamento teológico que só tivemos com o movimento litúrgico de nossos dias. Antônio Maria trata da Oração da Igreja no primeiro capí-

tulo das Constituições, estabelecendo uma celebração de tipo canônico ou monástico: os religiosos estão obrigados à celebração comunitária de todo o Ofício divino. «A ora*ção da manhã deve ser recitada logo de manhãzinha. Em seguida, recite-se a Hora Prima. Depois da Hora Terça, celebre-se a Missa e, logo em seguida, reze-se a Hora Sexta; durante o inverno, recite-se, também a Hora Nona. No verão, esta Hora será rezada após a refeição. Vésperas e Completas serão rezadas mais tarde*» (**30101**).

O Ofício não se canta; só se recita *recto tono*: «*Todas as horas sejam rezadas de maneira lenta e cuidadosa, sem canto e sem órgão, mas façam esforço para que seja com toda devoção*» (**30101**).

Encontramos tal norma nas Constituições de 1552 («Sem instrumento musical, mas com vozes uníssonas, devota e diligentemente segundo a graça que Deus concede»), retomada nas de 1579 («Recitem-se as Horas canônicas segundo o costume de nossa Congregação, com voz uníssona, sem inflexões, com pronúncia clara e pausa no asterisco, sem prolongamento de voz no ponto e no final do versículo, e com a devoção que Deus concede. Não se admitam canto, nem mesmo gregoriano, ou instrumentos»), norma que foi explicada por Gabuzio (História, pp. 187-191), que relembra também a frase com que Zaccaria costumava inculcar o cuidado e a devoção na recitação do Ofício Divino: «*Maldito o que faz as coisas de Deus com negligência*» (Jr 48,10; *História*, p. 76). É bom lembrar que a dispensa da obrigação do Coro só foi concedida aos Barnabitas com o indulto de Pio IX em 13 de janeiro de 1848 (Litterae et Constitutiones Summorum Pontificum pro Congregatione CC. RR. Sancti Pauli Apostoli, Romae 1853, p. 142).

Além da Missa conventual, eram admittdas apenas mais duas ou três Missas. A Comunhão (Eucaristia) só era recomendada aos domingos e nas festas de preceito. A Confissão era prescrita ao menos uma vez por semana (**cf. 30102**)..

Zaccaria, que fundou o seu Instituto em Milão, onde vigora o Rito Ambrosiano, estabele-ceu para os seus religiosos a observância do

Rito Romano: «*Em todos os ofícios religiosos e em todas as Missas, sigam o Rito Romano*» (**30106**).

LIVRE ARBÍTRIO

«*Veja bem: a liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar!*» (**20515**)

Os reformadores protestantes do final da Idade Média e do início dos tempos modernos transformaram a questão do livre arbítrio em verdadeiro "cavalo de batalha" das suas doutrinas, que falavam de «servo arbítrio» para indicar a natureza irremedavelmente corrompida da liberdade humana. Zaccaria, porém, defende a profunda lucidez do livre arbítrio, que a doutrina escolástica apresentava como faculdade da inteligência e da vontade humana, naturalmente voltada para a consecução do bem. Por isso, ele afirma a grande importância do livre arbítrio; mas não ignora a ferida provocada pelo pecado; é por isso que o exercício concreto da liberdade de escolha exige a intervenção da «*graça de Deus*»., a fim de que a pessoa humana se oriente resolutamente para o bem,

Os *Ditos Notáveis* também exaltam a onipotência do homem que decide vencer-se a si mesmo e por isso é «*quase um deus*», mas afirmam resolutamente que há autêntica liberdade onde está o Espirito de Deus, pelo qual «*os homens não espirituais são todos escravos*» (**Liberdade 1**). E ainda: «*O nosso arbítrio jamais se sujeitará à razão, se a razão não estiver perfeitamente sujeita a Deus*» (**Liberdade 7**).

Zaccaria apresenta a «*liberdade de espírito*»como característica da nova economia salvífica que ele considera como objetivo da vida cristã (a expressão ocorre duas vezes no Sermão 1 / **cf. 20103 e 20106**).

Ao guiar seus filhos, Zaccaria se inspira no critério da «*mais ampla liberdade*», como condição de «*um final feliz*», tanto inte-

rior quanto apostólico (**10606**).

LIVRO

«... cada um - porquanto possível - se esforce para desenvolver uma reflexão pessoal ..., até que seja para escrever um livro. Isso vale mais do que só conseguir a ciência tirada do livro dos outros» (**30805**)

Zaccaria usa o termo livro, quer em sentido próprio, quer em sentido metafórico.

Em sentido próprio

Além da Sagrada Escritura devem ser lidos os livros dos Santos Padres e dos autores espirituais, de modo particular os «*que tratem de assuntos de instrução e formação de bons costumes, da perfeição da vida, da verdadeira imitação de Cristo*» (**30803**). Ao contrário, não devem ser lidos os livros dos hereges e cismáticos (**cf. 30803**).

A capacidade de «*escrever um livro*» é mais importante do que «*só conseguir a ciência tirada do livro dos outros ..., porque o intelecto e a boa e perfeita capacidade do homem - mesmo sem o livro dos outros - já escreveu livros*» (**30805**).

Em sentido metafórico

Os dois livros. Zaccaria retoma da tradição a imagem dos dois livros: o da criação e o da Escritura. São Boaventura fala assim deles, por exemplo: «Este livro, isto é, o mundo, estava quase morto e apagado (mortuus et deletus); precisava-se de outro livro que o iluminasse...: o livro das Escrituras» (Expositio in Hexaemeron, 13; cf. Tomás de Aquino, Sermo V in dominica II de Adventu).

a) *Liber creaturae*. A criação é «*o livro que o homem devia ler para chegar ao seu Senhor* ¨**20602**). Como se pode observar, à metáfora do livro sobrepõe-se a figura do caminho («*... para chegar ao* [caminhar para o] *seu Senhor*»; Via das criaturas). Antes do pecado original, as letras desse livro eram claras e legíveis (= o homem podia tranqüila-

mente conhecer a Deus por meio das criaturas); depois do pecado, as letras não se apagaram, mas só se puderam ler com esforço (= com dificuldade os homens conseguem agora enxergarr a Deus em suas obras) (**cf. 20602**).
b) *Liber Scripturae*. A Sagrada Escritura é o livro escrito por Deus para fazer-se conhecido do homem, o qual já se tornara incapaz de ler o livro da criação. Deus «*... fez outro livro: o livro da Escritura, no qual não só corrigiu o primeiro, como colocou nele tudo de bom que havia nas criaturas; ensinou o caminho da perfeição a partir da imperfeição*» (**20603**. Na metáfora do caminho, a via da separação corresponde ao liber Scripturae.
O livro da doce memória da Cruz de Cristo. Zaccaria fala desra memória na Carta 11, ao casal Omodei. A Cruz é o livro que devemos ler (ou melhor, deve ser «*posto em prática*» **11109**), se quisermos chegar «*a uma grande perfeição*». A «*Compaixão da Morte ou da Paixão de Cristo*» é um dos temas em que a mente deve inspirar-se na hora da oração (**cf. 31009**).
O livro da Suprema Providência. Zaccaria chama assim a História nas Constituições (**cf. 31819**). Ele pergunta porque Deus permite a ruína dos costumes, e convida todos a ver no «*livro da Suprema Providência*» ao menos isto: «*Deus dispõe, em vários momentos históricos e em tempos tempestuosos, de meios para "coroar muitos comandantes*» (**31819**).

LUZ E FOGO

«*Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor que me animavam*» (**11204**)

Foi Catarina de Sena que tornou célebre a expressão '*luz e fogo*', ilustrando-a amplamente em seus escritos. Só uma citação vale por todas: «Em sua luz vemos a luz; e ao seu calor se queima toda... a tibieza

do coração» (Cartas, 315). Luz e fogo se referem respectivamente à mente e ao coração, ao intelecto e à vontade, que constituem os dois polos da pessoa, quando atingidos pela graça. Catarina acentua a dimensão sobrenatural de ambos, pelo que luz é sinônimo de fé viva, e fogo significa caridade ardente. Da carta do Santo, assinada pela Angélica Paula Antônia Negri, deduz-se que a luz consiste na «*consciência do meu comportamento interior*» do qual ela é a fonte e o fogo indica o fervor... com que se «*ganha o próximo*» (**cf. 11203**).

Antônio Maria considera este aspecto da vida espiritual ao falar aos candidatos às famílias religiosas que ele fundou. «*... se aparecerem uns não muito inteligentes, mas de muito boa vontade e pedirem para ser acolhidos, admitam-nos e os aceitem ... Irmãos, de fato, vocês verificarão que aquele que incita murmuração, a tibieza e os cismas nas comunidades ou nas Congregações, este impede que a luz chegue aos que têm pouca capacidade e apaga o fogo do entusiasmo dos fervorosos*» (**31103.04**). Segue-se o convite aos que hoje chamaríamos formadores para que estudem e compreendam «*com cuidado*» a índole dos postulantes: [que vejam se têm ou não] «*luz e fogo*». Aceitem apenas os «*dotados de boas qualidades, de fogo e de luz*» (**cf. 31105.06**).
Serão, na verdade - escreve Zaccaria em nome da Angélica Negri -, a luz e o fogo, conseguidos na contemplação de Jesus Crucificado, a manter espiritualmenter vivos (**cf. 11204**) todos os que Deus chamar «*para anunciarem, por toda parte, a vivacidade espiritual e o Espírito que dá vida a tudo*» (**10503**).

É supérfluo destacar a presença da luz e do fogo nos escritos de Frei Batista: «Iluminada e incendiada a alma pelos raios supernos e o calor divino, ela ilumina e acalenta, com tal luz e tal fogo, o próximo...» (Via di aperta Verità, p. 130r). Por isso, o homem deve, para se aperfeiçoar a si e aos outros, ter «luz clara» e « fogo ardente de virtude» (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 131r).

M

MANDAMENTOS

« *A lei antiga, de fato, tem três formas de preceitos: os morais, os legais e os rituais*» (**20115**)

O ensinamento a que Antônio Maria faz referência é ampla e exemplarmente exposto na Summa theologiae de Tomás de Aquino, o qual desenvolve a tríplice distinção dos mandamentos ou preceitos da lei antiga. Os preceitos morais apontam o caminho da virtude, os rituais disciplinam o culto sagrado e os rituais regulam a convivência humana (Summa theologiae, I.II, 99-105).

O objetivo a que Zaccaria se propõe é levar os fiéis ào «*seguimento de Cristo*», a aceitar a «nova lei». É indispensável, porém, que se parta da «*lei antiga*», da «*observância dos mandamentos*» (**cf. 20117**), principalmente dos morais, sem dúvida, gravados na natureza humana, e que, portanto, têm caráter universal (Ordem da vida espiritual). Por outro lado, o cristão vive e age segundo os princípios da nova lei do Espírito, que, além de estar inata no coração, é «*lei de amor*». Ao contrário, a lei antiga é «*lei de temor*», «enquanto induz à observância dos preceitos que ameaçam punir» os transgressores (Summa theologiae, I.II, 100,7). São Tomás escreve sobre a lei nova, que é «fundamentalmente a mesma graça do Espírito Santo escrita no coração dos fiéis» (Summa theologiae, I.II, 106, 1).

MANIFESTAÇÃO/ABERTURA DE CONSCIÊNCIA

«*Mas, para arrancar a sua raiz, só manifestando as mesmas para os que sabem cuidar das feridas com ferro e óleo*» (**31301**)

Na tradição. É uma das instituições mais antigas da vida religiosa. Os Santos Padres a chamavam de exagoreusis. Consistia na abertura da própria alma feita ao hegúmeno (abade das igrejas orientais católicas e ortodoxas) - abade ou pai espiritual -, fora da confissão sacramental, assumindo, ao longo dos tempos, nomes diversos: "colóquio", "percepção (de sua pessoa)", etc.

Cassiano recomenda aos aspirantes que «não escondam de modo algum, por falso pudor, qualquer pensamento ... e o manifestem ao próprio superior», de modo que o demônio não se aproveite da inexperiência de quem está dando os primeiros passos no caminho de Deus. «Se afastares a vergonha de tudo revelar ao teu diretor espiritual, aprenderás a combater desde o início suas (do demônio) perversas insinuações» (Instituições Cenobíticas, 4, 9, 37). O mesmo assunto é retomado nas Colações (2,11): sustenta-se aí que os pensamentos se tornam particularmente «violentos enquanto se mantêm escondidos». É que, se «a picada da serpente silenciosa é a mais terrível», pelo efeito da «confissão ... é imediata a tua libertação». É necessário, pois, manifestar aos mais velhos tudo o que brota do nosso coração, desprezando as sugestões do falso pudor».

É nesta linha que se situa uma ininterrupta tradição, que, de Basílio no Oriente e de Bento no Ocidente, chega até Inácio de Loyola. É conhecida a extraordinária importância que este último atribui à abertura da consciência ao superior: «Após considerarmos a questão no Senhor, na presença da divina majestade, pareceu-nos de excepcional importância que os súditos sejam perfeitamente conhecidos pelos superiores, para que estes melhor os guiem, governem e dirijam no caminho do Senhor» (Examen, 4, 34; veja-se também a 13a. regra para se reconhecer os espíritos nos Exercícios Espirituais, n. 326). Sobre este assunto retorna com ampla exposição o clássico Exercício da Perfeição do jesuíta Afonso Rodriguez (parte III, tr. 7).

Frei Batista de Crema aponta com clareza três "raízes" que constituem a ruína dos "principiantes", ou seja, de quantos se empenham na

vida religiosa: a dissipação, o apego e o não revelar todas as tentações, «máxime indecorosas» (Via de aperta Verità, p. 31r). Fala em outro texto de «capitão fecha-boca», indicando-o, porém, como um dos aspectos da ira (Conhecimento e Vitória de si mesmo, p. 116v).

Os Ditos Notáveis tratam da manifestação da consciência no capítulo dedicado ao «*Mestre*»: «*Aproxima-se da salvação quem descobrir as feridas do coração ao seu mestre junto com o semeador [das feridas], o demônio*» (**Mestre 15**); «*Aquêle que esconde do mestre o seu interior, nutre em si o mal que o envenena, porque esta atitude é o principal engano do discípulo*» (**Mestre 16**); «*É melhor para você abrir o seu coração confiantemente para o seu mestre do que ser orientado sem o conselho dele; isto porque a obediência de Cristo quer que o benefício para um seja levado pelo outro*» (**Mestre 17**).

Nas Constituições zaccarianas. Estão previstos dois tipos de manifestação da consciência: a dos noviços a seu mestre e a dos religiosos aos mais velhos (ou 'primeiros').

a) Noviços. A manifestação da consciência é um dos pontos fundamentais sobre o qual o mestre deve insistir em sua ação formadora. Antônio Maria fala disso logo após tratar dos votos, da oração e da confissão, a qual se distingue da manifestação da consciência: «*Ensine aos Noviços a abrirem todo o seu coração ao Mestre, fazendo-lhes saber que aquele que não confia no Mestre, fica marcado pela infidelidade e pela soberba. A soberba é que os leva a crer que se bastam a si mesmos e que podem reger-se sem a ajuda de ninguém. Noviços! Considerem bem o seguinte: em nenhuma outra situação vocês são mais sutilmente enganados pelo domônio por causa da habilidade que ele tem de fechar-lhes os lábios e a boca (este demônio, por causa dos efeitos que provoca, é conhecido como demônio "fecha a boca"). E, por isso, o demônio lhes mostra algumas imperfeições dos Mestres, para que vocês não acreditam neles e não lhes contem o seu íntimo: e, como vocês são inexperiente nas batalhas espirituais, ele os engana*» (**31225**).

Esta disciplina será retomada depois pela Regra dos Noviços:

«Revelem com ingênua confiança e filial liberdade os segredos da alma ... Duas vezes por semana manifestarão, assim, tanto o mal quanto o bem do seu interior, as tentações, os pensamentos, todo o seu estado, enfim, ao pai que os guia; de tal modo que o seu coração esteja de certa forma mais aberto a ele que a si próprios» capítulo 2).

Clemente VIII, com a constituição Cum ad regularem de 19 de março de 1603, estabeleceu para os noviços «a manifestação cotidiana dos movimentos do coração e das tentações».

b) Religiosos. Zaccaria distingue «dois tipos de culpas: as ocultas e as públicas. As primeiras « *se lavam com a confissão sacramental e com a contrição interna do coração*» (**31301**). Mas se desejarmos extirpá-las pela a raiz, será necessário recorrer à manifestação da cons-ciência: «*Mas, para arrancar a sua raiz, só manifestando as mesmas para os que sabem cuidar das feridas com ferro e óleo*» (**31301**). Mais adiante, tais "médicos" são idebtificados como os "mais velhos ou 'primeiros'"(Oficiais). Eles, quais médicos valentes, não devem limitar-se apenas a diagnosticar a doença (descobrir o mal mediante a escuta do relato dos sintomas da doente); devem também indicar a terapia necessária para a cura, o que pode comportar cortes radicais (o ferro) além do alívio da dor (o óleo). A manifestação da consciência é um remédio indispensável, se quisermos sarar do próprio mal: «*Por isso, irmãos, saiba cada um de vocês, que aquele que deixar de manifestar a sua doença, por vergonha ou porque duvida muito de que os médicos sejam idôneos, ou porque espera confessar-se mais tarde, saiba que, certamente cairá naquela culpa, em outras mais graves e mais evidentes ainda*» (**31302**).

As culpas públicas devem ser punidas, mas também neste caso é oportuno que o culpado «*abertamente, acuse-se da mesma maneira e aceite a penitência; digo mais: ele mesmo a escolha para si*» (**31304**

Provavelmente (o texto aqui não é muito claro) Zaccaria se refere à prática do «capítulo das culpas» (Culpas) no qual cada um era obrigado a acusar-se publicamente das próprias faltas exteriores (cf. Constituições de 1579, 2,10).

Trata-se em ambos os casos de manifestar as próprias culpas: «*Vocês poderão concluir que é mais conveniente para os pecadores acusados das duas espécies de culpas, confessarem publicamente seus defeitos, para que, por meio dos mais velhos, sua saúde possa ser completamente restituída com misericórdia*» (**31306**).

Pelos textos cifadosdos aparece claramente que os maiores obstáculos à manifestação da consciência são trazidos pela vergonha, pela falta de confiança no mestre e nos mais velhos, pela presunção de ser auto-suficiente, pela ilusória tendência ao "deixar para depois".

Disciplina atual.

Por causa dos inumerosos abusos com que se deparou em não poucos institutos no decorrer dos séculos, a Igreja se viu obrigada a intervir com normas precisas a fim de regular a prática da manifestação da consciência. A este respeito, o Direito Canônico prescreve atualmente: «Dirijam-se os membros com confiança aos Superiores, podendo livre e espontaneamente abrir-lhes o próprio ânimo. Os superiores, entretanto, são proibidos de induzi-los, de qualquer modo que seja, a manifestar-lhes a própria consciência» (cân. 630, § 5).

MARIA VIRGEM

«*... através da mulher, isto é, da Virgem Mãe Imaculada, Nossa Senhora a Virgem Maria, Deus quis libertar o mundo*» **(20421)**

Embora curtas e ocasionais nos Escritos zaccarianos, as referências à Virgem Maria não deixam de revelar profundidade teológica e ímpeto devocional. Em **20101**, com ousada aproximação, o Santo põe no mesmo plano o parto virginal e a morte de Jesus: «*Foi Ele que ... fez a Virgem Maria dar à luz e fez Jesus, seu Filho, morrer*». Ele se refere novamente a Maria para demonstrar que «*o homem deve ser curado pelo mesmo meio que o fez adoecer*»**:** «*Caríssimo, através de quem o homem (Adão) pecou? Através de Eva, sua mulher! Do mesmo modo,*

através da mulher, isto é, da Virgem Mãe Imaculada, Nossa Senhora a Virgem Maria, Deus quis libertar o mundo» (**20421**). Note-se a sucessão de títulos marianos, o que mostra uma grande devoção.

Outros indícios fazem intuir os sentimentos que o Santo nutria por Nossa Senhora: os Sermões se abrem com *Iesus + Maria* no cabeçalho, enquanto que as Constituições terminam com um *Deo gratias, Iesu, Mariae*. A Assunção e a Natividade de Nossa Senhora são duas festas nas quais é lícito comer carne (**cf. 30501**). As Dores de Nossa Senhora são um dos «pensamentos de compunção» sobre os quais a mente deve se exercitar na oração (**cf. 31009**). A Ave-Maria é tomada como uma medida de tempo para a □elevação da mente a Deus (**cf. 10310**).

MARTÍRIO

«*Examine as atitudes humanas que dependem mais diretamente do amor. Quais são elas? Caríssimo, são a esmola e o martírio!*» (**20408**)

É provável que Antônio Maria considere a esmola e o martírio no mesmo patamar, porque uma e outro implicam respectivamente no dom dos próprios bens e no dom da própria vida, sendo esta o maior de todos os bens. Há, porém, um «*martírio diário*», que não procede da caridade mas da busca da «*honra*» e que, por isso, «*de nada serve*» (**cf. 20409**).

A experiência cristã conhece três tipos de martírio. O de sangue, que caracterizou os primeiros séculos do cristianismo, quando «o inflamado desejo da morte nos mártires» escreveu páginas gloriosas nos anais da fé. Ao de sangue sucedeu, após a paz constantiniana, o martírio do coração, que é a virgindade por causa do Reino. Por último, podemos também definir como martírio a doação total a Deus na observância perfeita de sua vontade.

De tal modo se cumprem no martírio as premissas da consagração batismal que o martírio de sangue é considerado superior ao de

água (Summa theologiae, III, 66,12).

No Sermão 4, Zaccaria afirma repetidamente que o martírio, cume da experiência cristã, «*de nada adiantaria*» (**cf. 20410**) se não fosse motivado pela caridade. Se é isso que se deve dizer do martírio, o mesmo deveríamos aplicar a qualquer outro aspecto da vida cristã.

MATRIMÔNIO

«*É claro que eu não condeno o matrimônio, mas você deve respeitá-lo, e comportar-se com dignidade, porque é um grande sacramento*» (**20126**)

Zaccaria fala do matrimônio no Sermão 1 no contexto da idolatria. A mulher também poderia tornar-se «*esculturas ou imagens*» que afastam de Deus: «*Caríssimo, você faz esculturas e imagens. Pôs o seu coração na esposa mais do que deveria. É claro que eu não condeno o matrimônio, mas você deve respeitá-lo, e comportar-se com dignidade, porque é um grande sacramento*» (**20126**). Esta última recomendação pode ser encontrada em Catarina de Sena, quando escreve que o homem «deve dirigir-se a esse sacramento com temor de Deus» (Cartas, 197).

A fim de resgatar o matrimônio da coisificação do sexo - e é interessante relevar como nisto Antônio Maria entreveja uma forma de idolatria, contrária à santidade de Deus e por isso mesmo é perniciosa para o homem - existe a castidade. De fato, o Santo acrescenta logo a seguir: «*Lembre-se de que a castidade e o bom comportamento são vontade de Deus: "A vontade de Deus é que vocês sejam santos...:*» (**20126**).

Conseqüentemente, quem «*deseja tornar-se espiritual*» deverá incluir a continência em seu projeto de vida: «*... deixa de lado relações sexuais sem amor e corta tudo que é feito só por sensualidade, para dar dignidade à castidade conjugal*» (**11104**).

A castidade é, portanto uma virtude para se cultivar positivamente: entrevê-se nela a salvaguarda do sacramento, não só da insídia do adultério (relembre-se a estreita relação que estabelece a Bíblia entre idolatria e adultério) mas também da insídia mais sutil da sensualidade só pela sensualidade.

MEDIAÇÃO HUMANA

«*Deus não age nas criaturas por meio das criaturas?*» (**20420**)

Para justificar a necessidade da caridade, Antônio Maria Zaccaria desenvolve no Sermão 4 a doutrina da mediação, apresentando três aspectos fundamentais.
De Deus para o homem. Como a ação de Deus é «espiritual», quando entende «agir nas criaturas», Ele a realiza «mediante as criaturas». Aqui Zaccaria apresenta uma série de exemplos tirados da Bíblia, começando por Moisés. Trata-se de um ponto de referência clássico, assim expresso por João Clímaco: «Temos necessidade absoluta de um Moisés mediador diante de Deus e seu servo fiel, que interceda por nós» (Escada do Céu, 1,3). A série das exemplificações do nosso Santo culmina obviamente com Maria Santíssima. (**cf. 20419-21**).
Do homem para Deus. Se Deus não se comunica com o homem senão pelo homem, vale também o contrário: «*Deus é espírito e o homem matéria: por isso só podemos chegar a Deus por meio de outro homem*» (**20423**). A necessidade de passar pela mediação humana fundamenta a prática da direção espiritual, que Zaccaria relembra citando um dito de João Clímaco: «*Mais vale ter Deus com ira, que o próprio orientador espiritual; porque, se Deus está com ira, o orientador espiritual reza por você; mas, se o orientador espiritual estiver irado, quem rezará por você?* (cf. Escada do Céu, 4,44 e **20420**). A mediação do homem é indispensável para outro homem, porque «*Se o homem deve chegar a Deus e conse-guir o seu amor, é necessário que se liberte de todas as*

paixões». Mas como elas «*na sua maioria têm origem no corpo e, por isso, precisam de remédio corporal*», exigem intervenções concretas e eficazes que só nos podem vir de um nosso semelhante. «*Quem deve ajudá-lo a arrancar raízes tão prejudiciais?*», se pergunta Zaccaria. «*Ninguém, a não ser outro homem*» (**cf. 20422**).

Sobre a importância da mediação humana, sobretudo em ordem ao crescimento interior, os *Ditos Notáveis* se detêm no artigo «*Mestre». Afirma-se aí que a «... obediência de Cristo quer que o benefício para um seja levado pelo outro*» (**Mestre 17**).

Por meio do próximo. O homem, enfim, não é só o instrumento que aplaina o caminho para Deus mas também o meio para chegar a Ele. Em outras palavras, ele é o destinatário visível daquele amor que somos chamados a cultivar para com Deus invisível: «*Só uma coisa faz você adquirir e aumentar o amor de Deus e crescer neste amor ... É o amor ao próximo!*» (**20418**) ou, como se lê na Carta 2, «*... é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus*» (**10216**). Podemos encontrar uma formulação clara desta doutrina nas obras da mística de Sena, Catarina, tão recomendadas por nosso Santo. No Dialogo lê-se: «Não podendo vós trazer-me nenhuma utilidade, esforçai-vos por levá-la ao próximo», pois «é amando a mim que o homem pratica o amor ao próximo» (Diálogo, 7). E mais: «Não podendo dar-me o amor que vos peço, dei-vos por isso o meio do vosso próximo...» (ibid., 64; cf. 89). Trata-se de um pensamento que aparece freqüente também nas Cartas (veja-se, por todas, a 122), e que, além disso, se encontra na Oração 21: «Este amor, que a ti [o homem] não pode dar, convém que o dispense a seu próximo».

MEDITAÇÃO

«*É preciso que você ame muito a Meditação e a Oração*» (**31814**)

Não é fácil reconstruir a concepção zaccariana de meditação,

pelo fato de que, em seus Escritos, Antônio Maria nunca fala dela explicitamente: há apenas algumas alusões. Ele trata freqüentemente da meditação, mas conjuntamente com a oração. Recorrendo, todavia, à tradição, na qual Zaccaria se baseia, e de modo particular aos *Ditos Notáveis*, é possível formar uma idéia do que a meditação fosse para ele.

Natureza. A meditação, segundo a concepção tradicional (cf. Guigo Cartuxo, *Scala claustralium*; Hugo de São Vítor, *Allegoriae in Novum Testamentum*), é um dos quatro graus da oração: precedida pela leitura (Lectio Divina), ela prepara para a oração e a contemplação. A este respeito são bastante explícitos os *Ditos Notáveis*: «*Meditar sobre as virtuces é o meio para se chegar à oração e à contemplação ...*» (**Meditação 5**).

A meditação é uma espécie de reflexão. É a aplicação da mente a determinado proposto (eventualmente mediante a leitura) à nossa atenção. Santo Tomás a considera um «*processus rationis ex principiis aliquibus pertingentibus ad veritatis alicuius contemplationem* - arrazoado a partir de alguns princípios que conduzem à contemplação de alguma verdade» (Summa theologiae, II.II, 180,3,1), um *estudo* com o qual o homem chega ao conhecimento da verdade (ibid., 4). Guiado pela tradição, Zaccaria descreve o exercício meditativo nos termos da ruminatio (Ruminar): «*... leiam coisas devotas, pensem nelas e, em suas mentes, sintam prazer em ruminar coisas boas*» (**31011**).

Pela meditação o homem permanece ainda fechado em si mesmo; é, por isso, é necessário que ele passe da meditação à oração e à contemplação: «*Caríssimo, a meditação não é sufici-ente; é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, contemplar*» (**20324**). A meditação, todavia, é pressuposto indispensável para se chegar à oração e à contemplação: «*Se você não faz isso* [meditar], *eu não me admiro que ainda não entenda o que seja oração e nem o que seja contemplação*» (**20324**). Também os *Ditos Notáveis* apontam a meditação como uma das condições prévias para orar: «*Se você quer orar bem, deve antes afastar-se das coisas do mundo e purificar-se de*

suas ptóptias paixões ... por-que você só fica pronto para orar com a meditação» (**Oração 4**).

Requisitos. Antôanio Maria considera que para meditar não se requerem da pessoa capacidades especiais. Todos podem nela exercitar-se: «[Quem está doente] *trabalhe, também, no que não exigir muita saúde do corpo. Por exemplo: humilhar-se, compadecer-se, meditar, ensinar e outras coisas que não exigem força física para serem executadas*» (**30604**).

Objeto. Segundo os *Ditos Notáveis*, as *virtudes* constituem o objeto da meditação (**Meditação 5**) e «*... a vontade de amar a Deus, a memória da vida de Cristo e dos Santos, a memória da presença de Deus ..., a memória da morte e de tudo o que vem depois dela*» (**Meditação 9**). Todo o restante do capítulo (**cf. 10-20**) é dedicado à meditação sobre os novíssimos e principalmente sobre a morte.

Segundo Antônio Maria, objeto de meditação podem ser os próprios pecados e os benefícios de Deus (**cf. 20324**; **cf. 10313**, onde se fala da meditação com a finalidade de descobrir os próprios defeitos: (Exame de consciência); a Paixão e a Morte de Cristo, as Dores de Nossa Senhora (**cf. 31009**); a «*admirável grandeza das criaturas*»; «*sua beleza de muitas e variadas formas*»; a «*grande providência de Deus*»; a «*doce Paixão de Cristo*» (**31011**).

Efeitos. São os mesmos da oração, que sempre deve acompanhar a meditação. A tudo isto pode-se acrescentar quanto afirmam os *Ditos Notáveis*: «*A meditação é o princípio do saborear interior e da mudança de vida para melhor; abre caminho para o conhecimento pessoal, para e a vitória sobre si mesmo e ilumina a mente para discernir os próprios pensamentos*» (**Meditação 7**).

MESTRE

«*O Mestre... seja santo em tudo*» (**31205**)

Podemos falar do *mestre* com dupla acepção: de *mestre de noviços* e de *mestre de es-piritualidade*.

O itinerário que devem seguir os que desejam abraçar a vida religiosa já foi formulado por Cassiano. Depois de um ano de postulado, tempo necessário para um primeiro contato com o aspirante, este passa ao noviciado, guiado sempre por um monge de idade, dotado de capacidades pedagógicas, capaz de discernir os espíritos e hábil no indicar os caminhos que traduzam uma busca sincera de Deus: "si re vera quaerit Deum", dirá São Bento no início de sua Regra (Prólogo). O noviço deverá depositar inteira confiança no mestre, o qual por isso mesmo é também seu confessor. A constituição apostólica de Clemente VIII Cum ad regularem, de 19 de março de 1603, sancionou tal disciplina: «Somente ao mestre se confie o encargo de receber a confissão dos noviços».

Zaccaria trata do mestre de noviços no capítulo 12 das Constituições, afirmando antes de tudo que não é fácil encontrar um bom mestre: «*... são pouquíssimos e raríssimos os dotados de tal perfeição, que possam conduzir outros à mais alta e total perfeição*» (**31203**). Dotes requeridos: «*... seja de uma vida íntegra e irrepreensível, que esteja cheio de discrição prática, que seja bom conhecedor dos enganos e das batalhas diabólicas, que saiba investigar, de modo autêntico e sutil, as caraterísticas dos vícios e das virtudes, que seja santo em tudo, que tenha grande capacidade natural*» (**31205**). As mesmas qualidades devem estar no reformador (Reforma; **cf. Constituições 18**). É permitido ao mestre escolher um ou mais colaboradores que sintonizem com ele (**cf. 31204**).

Compete ao mestre formar os noviços quanto aos votos, à oração (Oração) e à humilda-de; deverá educá-los na Confissão e na transparência para consigo (Manifestação/abertura de consciência) (**cf. 31208-30**); deverá ensinar-lhes «*o conhecimento* [= discernimento], *o adorno* [= virtude] *do homem interior*» (**31231-32**) e o recolhimento (**cf. 31236**); deverá, além disso, ensinar-lhes a não só conservar mas

também a «*aumentar seu fervor de Noviços*» (**31237**); deverá transmitir-lhes «*o verdadeiro Amor e o desejo da total e completa perfeição*» (**31244**); deverá, enfim, instruí-los sobre o «*silêncio e outros comportamentos exteriores*» (**31247**) (Observâncias).

O *Mestre* assume também a função de guia espiritual, sobre o que se delongam os *Ditos Notáveis*, no capítulo sobre o Mestre (Pai espiritual).

MORTIFICAÇÃO

«*É claro que mereceria elogios, se fosse tão controlado ...*» (**20503**)

A mortificação da carne - isto é, das paixões humanas negativas, encontradas em suas raízes psicológicas - é um dos temas preferidos da espiritualidade, tirado diretamente das Escrituras.

O primeiro historiador da Ordem, Gabuzio, conta sobre Antônio Maria que «se exercitava na maceração da carne» com «severas mortificações», citando o texto paulino: «Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e desejos: Gl 5,24» (*História*, pp. 79-80). «Macerar» o corpo é experiência imprescindível para o homem espiritual, quer seja leigo (**20618**: «*... muita penitência...*»), quer seja religioso (**20132**: «*Você acredita mesmo que seus jejuns e penitências - se é que os pratica ...?*»

A conversão a Deus, nos seus aspectos extrínsecos, isto é, concernentes aos meios externos de que nos devemos valer, comporta, logo após a leitura e a celebração da Palavra de Deus, a oferta dos «*sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus*» (**20326**). A «*maceração do corpo*» retamente entendida, isto é, inspirada no amor, constitui, portanto, um martírio quotidiano (**cf. 20409-10**). Zaccaria afirma: «*É claro que mereceria elogios, se* [o homem] *fosse tão controlado, que nunca, ou apenas em algumas vezes, se deixasse levar por essas reações!* [impulsos, instintos]» (**20503**). Se, porém, estas primeiras

reações se transformarem em defeitos ou, pior ainda, em vícios, será necessário «*acabar com eles*» (**cf. 10313**). Para conseguir este fim, é de ajuda não apenas a ação orientada para arrancar pela raiz as tendências negativas da «*carne*» - ou seja, de nosso próprio eu - mas também o aumento no fervor. Isto, porém, tem um preço «físico», como sustenta e repete o Santo ao falar de «*esforços violentos ou corporais*» (**31243**): é que « *as paixões que, na sua maioria têm origem no corpo e, por isso, precisam de remédio corporal, de orientação e de estímulos corporais*» (**20422**).

Às religiosas Antônio Maria relembra que a vida religiosa «é uma cruz contínua e pouco a pouco ...». E cita, em apoio, os apóstolos ... [são] «condenados à morte todos os dias» por causa de Cristo (Rm, 8,36); invoca o próprio Cristo, antes, a Deus, que «nos manda carre--gar todos os dias nossa cruz» (**cf. 20135**). Aliás, não só «carregar», mas também «continuamente aceitar», para «dar» frutos (**cf. 10711**), que é o que «o Crucificado quer produzir» em nós (**cf. 11107**). Parece ecoar, neste último passo, uma expressão, menos vigorosa de Catarina de Sena, quando se refere à «mesa da santíssima Cruz» (Cartas, 282; cf. Cartas, 215), constituindo ousado paralelo entre o Crucificado e a Eucaristia.

É, enfim, um ensinamento constante de Frei Batista diz que a penitência exterior seja discreta, isto é, que se cumpra com discernimento (Via di aperta Verità, p. 159v). É preciso, pois, na mortificação usar de discrição madura » (ibid. p. 135v; o assunto é amplamente tratado nas pp. 134v-139v), porque «*a verdadeira penitência, largamente aceita por Deus e frutuosa para os homens, é a mortificação da vontade e das próprias paixões*» (*Ditos Notáveis*, **Penitência 29**; veja-se todo o texto). O dominicano já tomha escrito em outra obra que «não é a penitência, mas o amor a Cristo» o que permite ao homem não temer o encontro com Deus na hora da morte (Via di aperta Verità, p. 160r).

MURMURAÇÃO

«*A tibieza ... costuma levar à murmuração*» (**31828**)

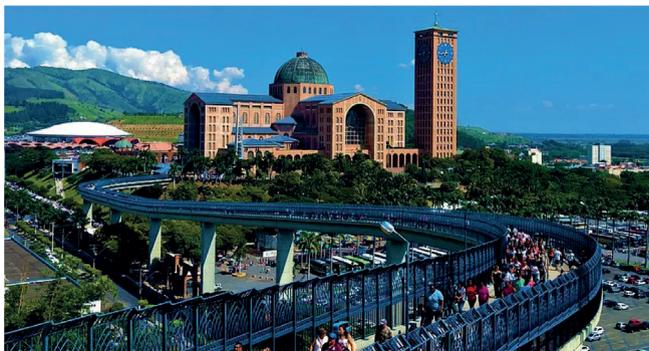
Antônio Maria não podia deixar de alertar contra a que foi definida como a peste dos conventos, arma três vezes mortífera, no dizer de São Bernardo, porque o caluniador mata a si mesmo, mata a quem o ouve e mata a pessoa a quem difama (cf. Sermo 17 de diversis, 4,5).

Não estão isentos os leigos, sobretudo por aquele seu despudorado «falatório» a respeito das pessoas «consagradas e religiosas». Eles são convidados a medir as consequências da murmuração, pensando em Maria, irmã de Moisés, e «*Deus lhe mandou a lepra*», porque «*murmurara contra o seu próprio irmão*» (**20432**).

Mas sãoi as religiosas que ficam mais expostas à murmuração («*você tem raiva, fala mal dos superiores*», **20132**) e os religiosos, porque «*lhes falta alguma coisa*» ou por se queixa-rem «*por causa dos alimentos e dos vinhos*» (**31710.13**). Isto é um sinal da «ruína dos costumes» e nasce da <u>tibieza</u> (**cf. 31801**) e pede medidas precisas da parte do visitador (<u>Oficiais</u>), o qual não deverá enfrentar o problema limitando-se apenas a punir os culpados; indagará, antes, «se não houve causa razoável de tal murmuração» e fará com que «não se repita». Advirta sempre, porém, que se «ela aparece é porque há certamente algum defeito, ou no resultado ou na causa», ou seja, ou em quem a provocou ou em quem dela se tornou culpado (**cf. 31902**).

Quanto a isso, se exerça especial vigilância sobre os postulantes: «*Irmãos, de fato, vocês verificarão que aquele que incita murmuração, a tibieza e os cismas nas comunidades ou nas Congregações, este impede que a luz chegue aos que têm pouca capacidade e apaga o fogo do entusiasmo do fervorosos*» (**31104**).

Não menor vigilância se deverá exercer sobre os hóspedes que «talvez murmurem» por causa do tratamento que lhes é dispensado, especialmente à mesa. «*Mas, se mesmo com tudo isso, eles não se sentissem satisfeitos e até começassem a reclamar do nosso tratamento ...*

se *eles não estiverem satisfeitos com o nosso tratamento, convidem-nos delicadamente a sair, porque não podemos tolerar que nossas casas se tornem albergues*» (**30705**). Que isso valha também para os doentes, que são convidados a compensar as atenções físicas mais intensas com o exercício interior, refreando seus instintos e abstendo-se: «*... que pelo menos:- faça, antes de mais nada, o que estiver a seu alcance, como deixar de lado a murmuração, a ira, o orgulho, a ironia e coisas parecidas, que não exigem esforço físico*» (**30604**).

Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás.
Contigo pelo caminho, Santa Naria vai.

Santa Mãe, Maria, nesta travessia,
Cubra-nos teu manto cor de anil

N

NATUREZA

«*Para nós, amar é coisa natural*» (**20112**)

A natureza é obra de Deus: ela é, por isso, um dos meios oferecidos ao homem para «*chegar atéDeus*» (**20601**; Via das criaturas). Ao homem a natureza serve especialmente para que conheça a Deus, pois foi Ele quem a criou: «*As criaturas materiais ... são de maior u-tilidade ainda para a inteligência do homem do que qualquer outro uso que se faça delas, confirmando as palavras de Paulo: "... as perfeições invisíveis de Deus,... podem ser con-templadas, através da inteligência, nas obras que Ele realizou...*» (**20602**); «*... você co-nhece a Deus naturalmente através das criaturas e as coisas invisíveis através das visíveis*» (**20208**).

O que é natural vem de Deus, é bom em si mesmo e é universal. É o caso das paixões: «*A experiência de todos os dias mostra que as paixões e as tendências naturais (tristeza, alegria, ira, amor,...) estão em todas as pessoas. Elas são naturais, porque tudo o que vemos normalmente nas pessoas de todas as gerações, vem da natureza. Por isso, quem dissesse que essas tendências e paixões são más, seria mau e ignorante ele mesmo! Partindo da natureza e, por conseguinte, de Deus, dariam a culpa ao próprio Autor de tudo* (**20501**). Também a lei natural é universal e obrigatória para todos: «*Mas os preceitos morais continuam, porque são preceitos da natureza: por isso, os Dez Mandamentos são obrigatórios também para nós*» (**20115**); «*Não queremos que nenhum dos nossos irmãos seja obrigado - sob pena de pecado grave ou até mesmo leve, - à observância de coisa alguma aqui escrita, a não ser que alguém transgrida os três votos e os preceitos de Deus,*

da lei natural ou canônica» (**30001**).

A natureza indica ao homem o caminho a seguir: Zaccaria fala a este respeito de um ins-tinto natural, que impulsiona o homem para Deus (**cf. 20607**). A lei do amor é natural para o homem: «*Para nós, amar é coisa natural*» (**20112**).

Mesmo quando parece que a natureza impede a união do homem com Deus, se pensarmos bem, nos daremos conta de que também isto tem seu significado. «*O homem, por natureza, acha difícil ficar concentrado numa coisa só e, para o homem que tem o mau hábito de ficar distraído, unir-se a Deus é mais difícil ainda*» (**10308**). E explica na Carta 2 o motivo de tal instabilidade: «*É uma grande verdade que Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal*» (**10202**) . O que é natural não tem em si mesmo nenhuma validade moral: «*Caríssimo, repara no amor natural das mães!*» (**20203**). A natureza é um pressuposto necessário: o mestre dos noviços deve ser pessoa de «*grande capacidade natural*» (**31205**). Mas não basta: «*Quem não tiver boa vontade e reta intenção, será incapaz de reformar os bons costumes. E quem tiver apenas bondade natural e reta intenção, não poderia reformar os costumes; nem que tivesse bondade gratuita e reta intenção*» (**31816**). O que qualifica o homem moralmente é a vontade. Os dons naturais podem e devem ser aperfeiçoados pela experiência: «*... por causa de suas qualidades e pela prática da vida*» (**10314**)

A natureza, enfim, é a melhor medida de nossas necessidades: «*... é próprio da pobreza ter pouco e é próprio da natureza contentar-se com poucas e pequenas coisas*» (**30403**); «*Isso porque, do mesmo modo que a natureza contenta-se com pouco, da mesma forma a avidez é insaciável até tendo muita abundância supérflua*» (**31211**).

NEGLIGÊNCIA / CUIDADO

«*A negligência ... é totalmente contrária aos caminhos de Deus*» (**10210**)

Negligência pode ter, em Zaccaria, antes de mais nada, o seu significado original de falta de cuidado no desempenho do próprio cargo; aquele que corrige (Oficiais) é eleito «*para corrigir os erros ou as negligências praticadas pelos Superiores e discretos a respeito das advertências e da expulsão dos irmãos que falharem*» (**31603**); quem deve corrigir pode reunir o capítulo «*para ver se algum dos discretos ou até mesmo o próprio superior foram negligentes ou injustos em relação aos merecedores de expulsão*» (**31408**); «*Vocês atendam e assistam os doentes com todo cuidado. Nisso, o superior evite a negligência*» (**30601**).

Podemos ser negligentes não só no cargo mas também na observância regular: na castidade (**30303**), na pobreza (**30404**), no ofício divino (Gabuzio, História, pp. 76-77; Liturgia), na oração mental» (**31002**).

A negligência voluntária (Vontade) torna-se um dos critérios fundamentais para a expulsão (Penas) da Congregação: «*... e isso para qualquer defeito, mesmo que ele seja a negligência voluntária de quem não se preocupa em crescer*» (**31403**). «*...não estabeleçam grande diferença entre os defeitos, se são grandes ou pequenos ... Considerem se esses defeitos são claramente voluntários ou então, resultado de negligência proposital*» (**31405**).

Ainda que não gravemente culpável, a negligência não deve ser deixada impune: «*Se alguém errar por simples negligência ou por fragilidade, castiguem-no*» (**31405**).

A negligência é também um impedimento para a reforma: «*E para que os que corrigem os outros, os Superiores, ou mesmo os irmãos não façam tais "sequestros", queremos que, de maneira alguma, se separem, caso antes tenham sido considerados, na Congregação,*

como revoltosos, possessivos, ambiciosos, manchados com algum defeito escandaloso e com alguma negligência grave» (**31609**).

Na Carta 2, a negligência é sinônimo de lentidão, preguiça. É considerada uma conseqüência da indecisão e dita «*totalmente contrária aos caminhos de Deus*» (**10210**). O próprio Zaccaria reconhece em si «*uma negligência tão grave e uma demora tão grande na hora de agir, que eu nunca me decido a começar uma coisa ou então, se eu começo, vou me arrastando tanto, que nunca chego ao fim*» (**10212**). Já na Carta 1, Antônio Maria constata: «*Meus negócios caminham devagar e a minha negligência atrasa tudo ainda mais; mesmo assim, vou em frente*» (**10106**). Ao contrário, «*os que amaram Cristo, foram sempre fervorosos e aplicados, nunca preguiçosos. Que vergonha a nossa!*» (**10213**). Também o Frei Batista não gosta dos que «*não querem caminhar sozinhos*» (**10401**). Cristo «*assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até à morte (Fl.2,8) e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz*» (**10214**). Por isso: «*Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo*» (**10216**).

No Sermão 6, a negligência é praticamente considerada como sinônimo de tibieza. Várias vezes, a começar pelo título do sermão, os dois termos «negligência e tibieza» vêm juntos em evidente paralelismo sinonímico. A negligência/tibieza é o maior obstáculo no caminho de Deus; quem quiser, pois, andar por este caminho, precisa afastar-se da negligência. A segunda parte do sermão trata de uma das causas que dá origem à negligência/tibieza: a distinção entre preceitos e conselhos (Conselhos/preceitos): «*Esta distinção ... foi feita com a finalidade de afastar a tibieza e a negligência do caminho de Deus, mas agora é, para muitos, causa de tibieza e negligência*» (**20620**).

À negligência é o oposto do cuidado, definido por São Tomás como «uma escolha oportuna de meios que conduzem ao fim» (Summa theologiae, II.II, 54,2). Êle faz parte dos muitos dons que Deus nos deu:

não podemos deixar de usá-los quando nos forem pedidas coisas que nos pareçam “impossíveis”, pois com a ajuda de Deus se tornam “muito fáceis.”. Este é, aliás, o caso em que devemos ter «*aquele cuidado e esforço*» (**10308**). É que «a vida cristã», por sua natureza, exige «*fazer quanto pode*» (**20622**), a começar pela observância dos mandamentos, que deve ser levada «com iodo o cuidado» (**cf. 20437**). Analogamente, implica que a vida religiosa siga «*com ... cuidado ... o que é prescrito*», isto é, a Regra (**31908**).

Podemos também deduzir a importância do cuidado pelo fato de que ele figura como o primeiro das sete armas com que nos dedicamos ao combate espiritual. Quem fala assim é Santa Catarina de Bolonha, no tratado sobre *As armas necessárias para as batalhas espirituais*, publicado no ano de 1475 e muito difundido na Itália na época do nosso Santo.

Todos sabem que as primeiras reações (impulsos, instintos, paixões) não são controladas pelo homem; ... Se essas primeiras reações fossem más, o homem não mereceria nem pena, nem elogios, nem prêmio **(20503)**

Caríssimo, será que o homem não tem o poder de dominar as paixões do jeito que ele quiser? Por que não? Ele pode, de fato, dominá-las depois das primeiras reações e, se quiser, pode diminuí-las e até apagá-las, de tal forma que não causem muitos prejuízos aos sábios e aos prudentes.

(20514)

Dessa forma, ensine-lhes que é seu próprio e conveniente dever não acreditar de jeito nenhum no mal (referido por quem quer que seja), mas pelo contrário, isso sim, acreditar sempre no bem **(31227)**

O

OBEDIÊNCIA

«*Fiquem sabendo, queridos filhos, que é coisa muito boa ter regras de vida por escrito ... Mas estas coisas não valeriam nada se não estivessem gravadas em nossos corações*» (**10703**)

Zaccaria achava que «*a observância regular não pretende sobrecarregar, mas suavizar e levar à observância da lei, não com força, mas pelo amor*» (**31706**). Não é que menospre-zasse a forma escrita, mas desejava que estivesse «*em nossos corações*» (**10703**), que nas-cesse de uma adesão íntima. Ele prescreve, por isso, que a obediência seja «*voluntária e não forçada*», e que sempre se inspire na mente de quem guia e governa (**30202**). Este assentimento, que parte da intenção dos superiores e que neles reconhece «*o Cristo Jesus Pastor de sua alma em pessoa*», se define como «obediência nobre» (**11011**). Ela é, portanto, sinônimo de liberdade interior, liberdade crucificada («*Agarre-se à obediência*», **20135**, às religiosas), fruto do total despojamento de si e da generosa dedicação à causa do Reino.

É nesta luz que deve ser considerada a aversão de Zaccaria ao «*preceito*», isto é, a uma imposição formal, da parte do superior e dos dois discretos na qualidade de testemunhas, que comporte o agravante de um «*pecado grave*» se o preceito não for obedecido. Isso só deverá acontecer «*raríssimas» vezes*». «*Será um mau, - digo mais, - um péssimo sinal, quando os superiores forem obrigados a se comportar de tal maneira*» (**30201**). «*Por esses preceitos, ou melhor, abismos* - acrescenta Antônio Maria, falando do «*primeiro sinal*» da ruína dos costumes - *vocês conhecerão que a obediência foi relaxada, logo ela, que é o primeiro voto solene da vida religiosa*» (**31706**). O jogo de palavras *preceito/abismo* é eloqüente e faz compreender a seguinte observação

do Santo: «*Seria um mal menor expulsar da Congregação essas pessoas*», porque, ao invés de estar sempre prontos e dispostos a obedecer à intenção do Superior, ficam esperando pelo «*preceito da Obediência*» (**30201.02**).

Os Historiadores transmitiram-nos este princípio de Zaccaria : «A obediência é o sinal principal da humildade. Prefiro praticá-la com os outros, porque é a mãe de todas as virtu-des e o fundamento seguro da Congregação» (Gabuzio, *História*, p. 74).

Os *Ditos Notáveis* falam sobre a obediência no artigo "**Mestre**

OBSERVÂNCIA

«*Ensine aos Noviços o silêncio e outros comportamentos exteriores*» (**31247**)

Nas orientações para o visitador (Oficiais), Zaccaria fala de «*coisas exteriores*» relativas a *jejuns, vigílias, silêncio* (**cf. 31903**), práticas a que se deve acrescentar a «*penitência*», ou seja, uma espécie de flagelação voluntária, a que ele faz alusão no sermão do Primeiro Mandamento para as Religiosas: «*... seus jejuns e penitências - se é que os pratica*» (**20132**).

Sob o nome mais genérico de observâncias indica
mos tanto as normas disciplinares características dos institutos religiosos quanto o conjunto de ritos que as acompanha. Aludindo sobretudo a esta segunda série de observâncias, Cassiano lembra que se trata de práticas «que têm tempo e modo determinados para seu exercício ... e devem ser executadas nos devidos termos», doutra forma se tornam «inoportunas e nocivas» (*Colações*, 21,14). Catarina de Sena diz o

mesmo: tais coisas devem ser tomadas como «instrumento», não como «fim» (*Diálogo*, 11), evitando descuidar-se da observância da Regra para cuidar do cumprimento das «cerimônias» (*ibid*., 162).

Antônio Maria reforça estas indicações e convida, antes de tudo, a buscar a razão do rito em vigor no instituto. É preciso acostumar-se a «*refletir e a considerar bem as razões pelas quais estes comportamentos são pedidos, em vez de considerá-los como um fim em si mesmos*» (**31247**: note-se a expressão «*em si mesmos*» que aponta a relatividade de tais comportamentos). E lemos ainda: «*O visitador estude o modo de introduzir estas coisas e outras parecidas e orientar as mentes neste sentido», ou seja, o modo de orientá-las para sua reta compreensão e prática*» (**31904**). Isto vale sobretudo quando se trata de «multiplicar» jejuns, vigílias, silêncio e outras coisas «rituais», exteriores, visando a uma «maior observância» dos «preceitos divinos ou da Igreja». Para este fim, Zaccaria afirma que estas práticas são apenas instrumento relativo, não absoluto. «Instrumentos necessários» são, ao contrário, as disposições interiores, que o Santo assim resume: «*o homem deve ser mais paciente porque merece sofrer mais do que sofre, já que foi causa da morte de Cristo e porque ele, por si mesmo, jamais teria podido satisfazer-se pela culpa cometida*» (**31905**). Estamos no ápice da interiorização ascética (ascese), cond**ição para dar sentido e eficácia à observância de ritos e regras.**

OFICIAIS

«*Cuide, pois, de introduzir muito mais, as razões do porque devemos plantar os bons costumes, do que dizer apenas: "É preciso adquirir tal virtude", só porque isso compete ao próprio superior, ao discreto e ao visitador*» **(31905)**

Prelado [***Superior***]. Com este nome [conforme o texto original], as *Constituições* zaccarianas indicam o superior da casa. O prelado, segundo o costume dominicano, é eleito pelos vogais da comunidade com maioria absoluta de votos (**cf. 31501**).

O superior [prelado] tem autoridade sobre os outros membros da comunidade (**cf. 20432**), mas não pode mandar com preceito, isto é, em virtude 'da santa obediência', sem o consentimento dos discretos (**cf. 30201**), nem pode mudar as Constituições sem o consentimento de todos os vogais da Congregação (**cf. 31601**). Junto com os professos da Comunidade, elege os discretos e os que corrigem (**31407**); junto com os discretos nomeia os outros oficiais (**31503**). Deverá cuidar dos enfermos, visitando-os possivelmente todos os dias (**30601**); sua tarefa principal é a de infundir nos irmãos o porque dos bons costumes; e de não se limitar a exortar genericamente para a vivência das virtudes (**31905**). Vela, por seu comportamento, os discretos (**cf. 31406 e 31503**). São sinais de ruína dos costumes: a incapacidade dos superiores de atribuir encargos; o desculpar-se pelos próprios defeitos e o rigor para com os dos outros; a fraqueza com os irmãos; o relativismo espiritual; a intervenção nos atos viciosos e não nas raízes dos vícios; o medo de desagradar aos de fora; afastar dos sacramentos; as exortações infrutuosas, com muitas palavras, genéricas (**31714.15**).

Discretos**.** Os discretos são os conselheiros do superior. Podem ser dois ou quatro, dependendo do número dos sócios. Eles também são eleitos pela comunidade, por maioria absoluta de votos (**cf. 31407 e 31502**).

Seu consentimento é necessário para o preceito (**30201**), mas

insuficiente para mudanças nas Constituições (**31601**). Junto com o superior nomeiam os outros oficiais (**31503**). Um deles pode ser eleito corregedor (**31408**). Seu encargo é o de velar pela observância regular, e providenciar a expulsão das «*pessoas sem boa disposição*». Se forem julgados negligentes nos seus encargos os discretos devem ser punidos (**31408**) Vale também para eles a norma de infundir as razões dos bons costumes e de não limitar-se às exortações superficiais (**31906**).

Corregedores. Zaccaria fala deles no Capítulo 14 de suas *Constituições*. O corregedor (pode haver mais de um) é eleito pelo superior e pelos religiosos da comunidade, (menos os discretos), dentre todos os irmãos, também os discretos. Ele deve ser diante de todos «*zeloso para com as coisas da Congregação*»; sua única função é a de zelar pelo comportamento do superior e dos discretos; seu único poder é o de reunir o capítulo «*para ver se algum dos discretos ou até mesmo o próprio superior foram negligentes ou injustos*» (**31408**). Junto com o «*Superior maior*», o corregedor é «*definidor*» do que se deve tratar nos capítulos de revisão das Constituições, com a tarefa específica que «*de modo algum, consintam em algum relaxamento*» (**31603**). No caso em que se decida pela atenuação da disciplina, serão colocadas à disposição do corregedor, ou dos corregedores, uma ou duas casas para os religiosos que eventualmente não concordassem com o relaxamento (**cf. 31604**; Reforma).

Nas Constituições dos Barnabitas de 1552, o corregedor tomou o nome de prefeito. Nas Constituições seguintes, de 1579, sua tarefa foi atribuída ao discreto ou conselheiro mais velho.

Seniores (mais velhos). A figura dos seniores é tirada da Regra de São Bento (cap. 46). Não está bem claro a quem Zaccaria se refere quando por duas vezes fala deles nas Constituições: tratando das conferências, ordena que «*tudo o que for concluído e estabelecido pelos mais velhos, não em idade, mas em vida santa, escrevam-no num livro*» (**30906**); referindo-se noutro lugar à manifestação da consciência, ele afirna que é útil manifestar as próprias culpas «*para que, por meio dos mais ve-*

lhos, sua saúde possa ser completamente restituída com misericórdia» (**31306**). Por si só, o termo seniores estaria a indicar os 'mais velhos', 'os anciãos', mas Antônio Maria declara expressamente que os seniores são os mais velhos «*não em idade, mas em vida santa*» (**30906**).

Visitadores. A eles é dedicado o capítulo 19 das Constituições. Sua tarefa é ajudar os reli-giosos a alcançarem o fim da Congregação. Não podem limitar-se a constatar os problemas; devem procurar suas causas e nelas intervir. São obrigados a «*arrancar não só os vícios, mas também as suas raízes*» (**31904**); devem, também esforçar-se «*não só em plantar e inserir os bons costumes, mas em inserir, introduzir e incrementar as raízes desses mes-mos bons costumes*» (**31905**), isto é, «*deve introduzir, na pessoa, as razões e as causas pelas quais devemos inserir em nós mesmos tais virtudes*» (**31905**). Os Visitadores não po--dem fazer visitas rápidas e superficiais; e sim longas e minuciosas. Sua tarefa é, com discrição, afabilidade e paciência, interrogar os irmãos, especialmente sobre o que se refere ao progresso na vida espiritual.

Quanto ao relacionamento que deve haver entre oficiais e irmãos, valham estas reflexões finais de Antônio Maria: «*... como convém aos Superiores procurar a caridade em provei-to dos irmãos, assim também é necessário que os irmãos ajudem os Superiores na correta observância, sabendo ao certo que, segundo a Escritura, "a injustiça brotou... vinda dos velhos juízes que passam por guias do povo" (Dn.13,5) e, em outro lugar: "Foi pelos erros dos profetas e pelos crimes dos sacerdotes que derramaram sangue inocente dentro da cidade" (Lm.4,13)»* (**31406**).

É máxima preocupação de Antônio Maria - e, portanto, é dever próprio dos oficiais e não menor compromisso dos irmáos - esconjurar a presença na Congregação de «*pessoas sem boa disposição e que não sejam muito zelosos com a Congregação e com a honra de Deus. Ai de nós, se alguém puder afirmar como verdade: "Senhor, aumentaste o povo, mas não aumentaste a alegria" (Is.9,3)*» (**31408**; cf. Gabuzio, História, p. 137).

OLHAR INTERIOR

«*... o jeito é elevar, muitas vezes, os olhos de nossa mente a Deus*» (**10309**)

Antônio Maria tira da tradição espiritual, o conceito e a expressão relativos aos «*olhos da mente e do espírito*» que, segundo ele, «*na maioria dos homens, esses olhos são cegos e em todos os homens, esses olhos estão desacostumados e indecisos para ver*» (**20419**). Em outra parte dos Escritos ele fala também de «olhar interior e exterior» (**cf. 10904**). A expressão é atestada no Oriente e no Ocidente e se encontra na mística neoplatônica e nos Padres gregos e latinos. Conforme a tríplice visão do homem, eles falam de olho do corpo, olho da psiqué, ou da alma, e olho do espírito, dito também terceiro olho ou olho da con-templação. Afirmam ainda que as capacidades intuitivas, introspectivas e contemplativas, definharam e, por vezes, se apagaram, devido ao pecado. Dentre os livros dos autores manuseados por Zaccaria, citamos João Clímaco, que fala do «olho da alma, olho espiritual e sumamente belo» (*Escada do Céu*, 26, 161); e destaca o seguinte: «O corpo vê com os olhos sensíveis, mas é pelos olhos do coração que o discernimento entre espírito e matéria se ilumina» (*ibid*., Apêndice, 171).

OPRÓBRIO / HUMILHAÇÃO

«*Jesus Cristo ... correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz*» (**10214**)

O «opróbrio, ou humilhação, de Cristo» é uma expressão tirada da Carta aos Hebreus (11,26 e 13,13) e se refere simultaneamente ao destino de Jesus e ao conjunto de tribulações para as quais se encaminham os cristãos. E se encaminham por causa de sua fé e são chamados a suportá-las por serem discípulos e testemunhas do Deus Crucificado. Tal como Jesus que, «*renunciando a todos os bens terrenos, abraçan-*

do as desonras, renunciando às consolações» (**20615**), «*correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz*» (**10214**) da mesma forma, seus seguidores devem colocar «*a cruz acima da tibieza com coragem*» (**31802**) e alcançar de fato a harmonia interior, a serenidade permanente, desejando ardentemente «*sofrer por Cristo*» (**10502**). É, portanto, insistente em Zaccaria o convite para «buscar» e «abraçar de boa vontade» «os opróbrios de si mesmos» (**cf. 10502.04** e **31608**) nos quais revive o caminho do despojamento-humilhação percorrido pelo Mestre.

ORAÇÃO

«A oração mental é tão necessária para o nosso crescimento espiritual, qu*e, sem dúvida, cada um de vocês pode concluir - e isso eu digo com toda certeza - que, quem não se dedicar a ela e não se deleitar interiormente nela, jamais progredirá, mesmo que mastigasse externamente, o dia inteiro, muitos salmos e outras orações*» (**31001**).

Zaccaria distingue dois tipos de oração: a vocal e a mental.

Oração vocal - Chamada também oração externa, orienta-se para a oração mental: «*... a oração externa ou vocal foi feita para o seguinte: animados pelo prazer e pelo sentido que ela traz possamos chegar, pelo menos no fim, a aprender a oração interior*» (**31003**). Se ela for feita corretamente, isto é, se sentirmos seu gosto (dimensão afetiva; gostar) e o sentido (dimensão intelectiva), a oração vocal não tem finalidade em si, mas depende da oração interior: «*A simples oração externa, principalmente, se não conduzir à oração mental ou não participar dela, é apenas uma satisfação exterior e uma camuflagem da verdadeira oração e do verdadeiro alimento espiritual*» (**31002**). Sobre a relação entre oração vocal e oração mental, devemos lembrar o magistério de Catarina de Sena: é preciso começar pela primeira para chegarnos à

segunda. Elas estão juntas «como a vida ativa e a vida contemplativa»; a primeira é imperfeita, a segunda perfeita, e deve ser deixada quando o Senhor «visita a alma». Trata-se de dois «meios» que se devem «temperar um pelo outros» e têm como finalidade fazer-nos entrar em plena comunhão com Deus (*Diálogo*, 66).

Sabemos que Zaccaria dava grande importância à recitação do Ofício Divino (Liturgia), a tal ponto de repetir frequentemente: «Maledictus qui facii opus Dei negligenter – Maldito seja quem realiza as obras de Deus com negligência» (Gabuzio, *Historia* pp. 76-77), mas recomenda aos noviços «*que cuidem mais do sentido do que da letra dos Salmos*» (**31214**). Quem não transforma a oração vocal em mental «*jamais progredirá, mesmo que mastigasse externamente, o dia inteiro, muitos salmos e outras orações*» (**31001**).

Oração mental - Antônio Maria tambpem chama a oração mental de oração interior e verdadeira oração. Reconstruir o quadro completo da oração segundo Zaccaria não é fácil, pois ele só trata do assunto assistematicamente, dando por sabidas muitas coisas atinentes ao tema. Mas se o relacionarmos com os Ditos Notáveis, é possível ordenar-lhe os dados disponíveis segundo uma visão mais ampla e orgânica.

Natureza. Com freqüência oração e meditação aparecem juntas em Zaccaria (**cf. 10310-11.13, 31212, 31814-15**). A oração, pois, é precedida pela meditação e conduz à contemplação: «*Caríssimo, a meditação não é suficiente; é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, contemplar. Se você não faz isso, eu não me admiro que ainda não entenda o que seja oração e nem o que seja contemplação*» (**20324**). Do texto, pois, aparece claro que os graus da oração são três: meditação, oração e contemplação e constituem os clássicos momentos da lectio divina. Especifica-se, ao mesmo tempo, em que consiste a oração: «unir-se a Deus, elevar a mente». Também os *Ditos Notáveis*, retomando a definição de Damasceno (De fide ortodoxa, 3, 24) e de São.Tomás (Summa theologiae, II.II, 83,17), pois consideram a oração como «*uma elevação da mente a Deus*» (**Oração 1**), «*um elo*

pelo qual a alma querida se une a Cristo, o querido» (**Oração 3**). As Constituições, de 1552, dos Barnabitas definem a oração assim: «*Suavis ratiocinatio animae ad Deum*».

Enquanto a contemplação é intuitiva, a meditação e a oração são discursivas. Por outro lado, se a meditação é reflexiva, a oração é dialogal («falar com Deus»: **31003-04**), afetiva («a oração afetuosa: **31212**), unitiva («unir-se a Deus»: **20324**).

Zaccaria afirma que «*a oração mental é a comida, é o alimento dos que querem progredir*» (**31001**), pressupondo com isto que a meditação seja o alimento dos incipientes e a contemplação a nutrição dos perfeitos (Vida espiritual).

Sendo alimento, significa que é necessária para progredir na vida espiritual. «*A oração mental é tão necessária para o nosso crescimento espiritual, que, sem dúvida, cada um de vocês pode concluir - e isso eu digo com toda certeza - que, quem não se dedicar a ela e não se deleitar interiormente nela, jamais progredirá ... Por isso, se vocês não se nutrirem dela, certamente sentirão faltar-lhes as forças*» (**31001**).

Zaccaria insiste muito na necessidade de deleitar-se na oração: «*Ensine, ainda, aos Noviços a se deleitarem na Oração e no exercício mental da Meditação, ... e lhes assegure de que não farão nenhum progresso se não sentirem um grande prazer nessa forma de Oração. Pois, como alguém poderá arrancar e desenraizar todos os outros afetos, se a oração não impregnar o coração de afetos?*» (**31212**).

Divisão. Existem «*quatro formas de oração e de alimento espiritual da mente*» (**31012**): a ora-ção propriamente dita, a petição, o pedido de perdão e a ação de graças (**cf. 31003-05**). Encontramos tal distinção em São Paulo: «*Não vos inquieteis com nada, mas apresentai ao Senhor todas as vossas necessidades*» (Fl 4,6); «*Não vos perturbeis nem por palavra profpetica, nem por carta que se diga vir de nós, como se o dia do Senhor já estivesse próximo*» (1Tm 2,1). Cassiano se serviu desta divisão (*Colações*, 9, 11,13) e São Tomás também (*Summa theologiae*, II.II, 83,17) e, por certo, a encontramos em Frei Batista. Zaccaria refor-

mula os quatro aspectos, seguindo a ordem da Summa theologiae.
a) Oração. Consiste praticamente num diálogo com Deus: «*Cada um procure, portanto, embora conserve os lábios fechados, orar a Deus e, interiormente, expor-lhe seus pensamentos, do mesmo modo que um amigo faz com o outro amigo*» (**31003**). Zaccaria recomendou anteriormente esta prática a Carlos Magni: «*Rezando, você procure dialogar com Cristo a respeito de tudo o que acontecer, até sobre as dúvidas e dificuldades, especial-mente nos momentos das maiores incertezas, dizendo para Ele o que está a favor e o que atrapalha as suas decisões ... Experimente, então, meu caro amigo, dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado, por um espaço de tempo curto ou longo, conforme a oportunidade, como você faria comigo - e converse com Ele sobre suas coisas e também Lhe peça conselhos, sejam quais forem os assuntos: pessoais, materiais, seus ou dos outros*» (**10303.06**). Trata-se da confabulatio spiritualis de que falam os antigos Padres. Na verdade, o conceito de oração como um colóquio com um amigo já se encontra em Clímaco (*Escada do Céu*, 28,188) e em Frei Batista de Crema (*Via de aperta Verità*, p. 112v; *Espelho Interior*, pp. 57r; 58r; 60r; 77r).
b) Petição. Uma das definições tradicionais da oração reza assim: «petitio decentium a Deo - um pedido a Deus de coisas convenientes» (João Damasceno, De fide orthodoxa, 3, 24; cf. Summa theologiae, II-.II, 83,1.5.17). O pedido é essencial para a oração: «*Vocês, portanto, em suas mentes, mostrem e peçam a Deus: o de que precisam e o que querem ter em abundância; o que Ele julga ser mais útil aos amigos queridos e à Igreja do mundo inteiro*» (**31004**). Os *Ditos Notáveis* dedicam à «*petição*» as sentenças de 8 a 12 do capítulo sobre a oração.
c) Pedido de perdão. Corresponde à obsecratio da Vulgata. São Tomás a define assim: «per sacra contestatio - súplica pelo que há de mais sagrado» (Summa theologiae, I-I.II,83,17). Os *Ditos Notáveis*, que lhe dedicam as sentenças de 14 a 18, a descrevem nestes termos: «*A súplica é quando a alma orante parece querer fazer violência contra Deus, como fez Moisés ...*» (**Oração 14**). A este mesmo propósito, Zaccaria

diz assim: «*Para serem mais facilmente ouvidos, peçam perdão por intermédio do Sangue de Cristo e pela intercessão de todos os santos, lembrando, ainda o amor que Ele tem por todo o gênero humano*» (**31005**).

d) Ação de graças. É o ápice da oração. Os *Ditos Notáveis* consideram o agradecimento, de que tratam nas sentenças de 20 a 30, «*estágio perfeito de oração*» (**cf. Oração 28**; sobre a oração perfeita cf. Cassiano, *Colações*, 10,5) e afirmam: «*A única coisa que interessa é que a pessoa supere todas as formas de rezar e permaneça apenas em um contínuo agradecimento*» (**Oração 20**). Destas palavras concluímos que o agradecimento, mais que ato é estado, como Zaccaria afirma explicitamente: «*Deste modo, finalmente, vocês poderão chegar àquela situação de oração que é resultado da intenção, da devoção e da experiência. E essa situação consiste em dar sempre graças a Deus*» (**31006**; Perpetuidade da oração).

Pressupostos. A este propósito, os *Ditos Notáveis* afirmam: «*Se você quer orar bem, deve antes afastar-se das coisas do mundo e purificar-se de suas próprias paixões, as quais tiram da alma a confiança na oração, porque você só fica pronto para orar com a meditação*» (**Oração 4**).

Antônio Maria considera o silêncio como prineira condição para a oração: «*Querem aprender? Freiem a língua para evitarem falar o supérfluo ou até o necessário e, assim, vocês começarão a falar com Deus aquilo que diriam a um dos seus amigos*» (**31008**). A segunda condição é a leitura da Sagrada Escritura e a meditação de coisas devotas: «*Esforce-se por criar, na sua mente, pensamentos de compunção, como por exem-plo, da Compaixão da Morte ou da Paixão de Cristo, das Dores de Nossa Senhora e sentimentos semelhantes*» (**31009**); «*Irmãos, prestem atenção, porém: se vocês querem chegar com facilidade à Oração mental, leiam coisas devotas, pensem nelas e, em suas mentes, sintam prazer em ruminar coisas boas*» (**31011**). Exemplos de tais coisas boas são: a «admirável grandeza das criaturas? na sua beleza

de muitas e variadas formas? na grande providência de Deus? na doce paixão de Cristo» (31011).

Tempo. Zaccaria indica também o tempo que seus filhos deverão dedicar à oração.
a) Aos leigos. Dirigindo-se a Carlos Magni, ele dá as seguintes indicações: «*... faça suas orações pela manhã, à tarde, em qualquer hora, preparando-se antes, ou de acordo com a ocasião ... principalmente antes de começar as atividades do dia; que essas orações não tenham formas já estabelecidas, e durem um pequeno espaço de tempo, ou longo, confor-me Deus permitir. Rezando, você procure dialogar com Cristo ...*» (**10303**). De tal modo de rezar, brotará durante a semana, «*a freqüente elevação da mente*» (**10307** Elevação da mente).
b) Aos religiosos Zaccaria dá indicações muito precisas: «*... queremos e estabelecemos que, pelo menos por duas horas, entre o dia e a noite, nos dediquemos à Oração, sem nos dedicarmos a nenhuma outra boa obra nesse intervalo de tempo. E lhes pedimos que, depois, comendo ou fazendo outras coisas, vocês estejam sempre com a mente elevada ...*» (**31013-14**).

As Constituições dos barnabitas de 1579 estabeleceram uma meia hora matutina, com a possibilidade de alongá-la até uma hora; meia hora vespertina; e mais 15 minutos de oração «para o exame de consciência, antes do descanso da noite» (2,6).
Frutos. Zaccaria os indica no capítulo 18 das suas *Constituições*, dirigindo-se ao reformador. O efeito fundamental da oração é a iluminação interior daquele que a pratica: «*A oração e a meditação trazem a luz*» (**31815**). Ser iluminado é a condição essencial de quem quer tornar-se mestre e guia de outros: «*... ninguém assuma a responsabilidade de guiar os outros, se lhe faltarem essas luzes ... Ninguém pense que pode guiar os outros se for cego*» (**31815**).

Antes de tudo, a oração mental indica ao homem o que deve fazer: «*A oração e a meditação mantêm o homem forte diante de Deus e,*

por isso, ele sabe o que convém fazer ou deixar de fazer». Em segundo lugar, a oração ensina ao homem como fazer o que antes lhe indicou: «*A Meditação e a Oração frequentes ensinam a empreender o trabalho de conduzir os outros pelo seu caminho. A oração impede de errar a quem quer andar e conduz com grande facilidade quem quer progredir*» (**31814**).

No Sermão 2, surge outro efeito da oração: a divinização do homem: «*... você pode falar e conversar com Ele e pode chamá-lo realmente de um Deus na terra*» (**20208**).

ORDEM DA VIDA ESPIRITUAL

«A causa do nosso pequeno crescimento ... [é] o não observarmos a ordem estabelecida ...» (**20128**)

Há na vida espiritual uma ordem que deve ser respeitada por quem deseja progredir espiritualmente [proveito]. Esta é a doutrina que está na base dos Sermões zaccarianos. Segundo Antônio Maria, dois são, fundamentalmente, os momentos, ou aspectos, que sublinham o viver espiritual, momentos que devem ser vividos na «*ordem estabelecida*» (**20128**).

Os dois momentos são assim caracterizados, no Sermão 1:

- pela lei antiga e pela lei de Cristo: «*Caríssimos, se vocês quiserem conservar a lei de Cristo, observem antes a lei antiga!*» (**20115**);
- pela observância dos mandamentos e pela seqüela de Cristo: «*Que a observância dos mandamentos deva preceder o seguimento de Cristo, ele próprio o demonstrou quando aquele adolescente, interrogando-o, lhe disse: "Senhor, que devo fazer para obter a vida eterna?". Respondeu-lhe o nosso Salvador: "Observa os mandamentos". E ele: "Sempre os observei desde a minha infância". Disse-lhe, então, o Cristo: Si vis perfectus, etc."*» (**20116**);
- pelo ser discípulo e pelo tornar-se mestre: «*Queremos ser mestres an*

tes de ser discípulos»;
- pela observância dos mandamentos e pela liberdade do espírito: «*... esforcemo-nos em observar, antes de mais nada os Mandamentos de Deus e, depois, chegaremos à liberdade de espírito*» (**20128**).

No Sermão 2, o primeiro momento é indicado pelo cuidado com os sentidos, particularmente da língua; e o segundo, é dado pela estabilidade da mente. No fim do sermão, Antônio Maria emprega a lindíssima metáfora da *praeparatio cordis*: «*Eu qiero ser sempre e em tudo, autêntico, simples e aberto. Dessa forma, terei sempre meu coração preparado para Deus. Que Deus, por sua graça, se digne permanecer em mim e fazer em mim o seu templo*» (**20220**). Como se vê, o segundo momento da vida espiritual consiste, neste caso, na habitação divina na alma.

No Sermão 3, o primeiro momento da vida espiritual coincide com o reconhecimento (Reconhecimento). É neste sermão que encontramos a formulação, talvez mais explícita, da doutrina zaccariana sobre a ordem da vida espiritual: «*Se você não quiser reconhecer, se não quiser dar a Deus o fruto prometido, se não quiser pagar a sua dívida, quer dizer: santificar o domingo e observar o terceiro mandamento da lei, então Ele não lhe fará aquilo que havia prometido. Não lhe dará a perfeição, nem a manifestação particular da sua bondade por causa da sua miséria e nem a graça de viver os conselhos. Sabe por que? Porque, mesmo que a bondade de Deus nos encha de muitos bens, a nós - empregados infiéis e mentirosos - Ele só dá o bem da perfeição, o seu gosto e o conhecimento dos seus segredos a seus amigos e discípulos fiéis*» (**20312-13**). No texto que acabamos de citar, o segundo momento da vida espiritual é visto na perfeição, que Deus concede somente a quem a merece, isto é, aos que lhe agradecem pelos benefícios, observando os mandamentos. Encontramos o mesmo ensinamento nos *Ditos Notáveis*: «*... os dons gratuitos não são dados aos ingratos, porque apenas os fervorosos os podem ter*» (**Vida mista 10**; esforço).

Esta doutrina em nada contradiz o dogma da absoluta gratuidade da Graça, pois esta, embora não pressuponha no homem nenhum mérito para a sua justificação, ao mesmo tempo o habilita a merecer ulteriores graças, que acompanham a vida espiritual. Mas a obtenção destas graças exige do homem a observância dos mandamentos.

Zaccaria ilustra a doutrina referente à devida ordem da vida espiritual utilizando algumas imagens, como a da porta, a da escada e a dos alicerces (fundamento): «*Por que aqueles sodomitas não entraram na casa de Lot? Porque não encontraram a porta. Por que você não sobe até o sótão? Porque você não achou a escada. O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro para o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante. Ele não pode começar pelo segundo, deixando de lado o primeiro, pois as suas pernas são curtas demais e seus passos muito pequenos. É por isso que não poderá construir: você não fez os alicerces!*» (**20113-14**). Encontramos as mesmas imagens no Sermão 2: «*E eu acredito que também nós sejamos daqueles que não vão entrar, pois como já disse outra vez, não entramos pela porta, porque não começamos pelo primeiro degrau, para depois subir ordenadamente*» (**20211**) (Gradualidade;Vida espiritual, graus). Faz-se alusão aos alicerces no mesmo sermão, quando se diz que «*a mentira destrói todo o fundamento da vida espiritual*» (**20225**), fundamento que nos remete novamente à observância dos preceitos do Decálogo.

P

PACIÊNCIA

«*... vivendo na paciência, consigamos frutos abundantes de caridade*» (**20707**)

Zaccaria considera a paciência uma das virtudes que urge suscitar no coração do homem, sobretudo do religioso. O prineiro a possuí--la deve ser o mestre dos noviços. De fato, co-mo poderá «*instruir na paciência os seus discípulos, se ele for escravo da ira?*» (**31206**; Ira). O visitador (Oficiais), por sua vez, não se limitará a exortar à paciência; cuidará de «*introduzir, na pessoa, as razões e as causas ...: Por exemplo: o homem deve ser mais paciente porque merece sofrer mais do que sofre, já que foi causa da morte de Cristo*» (**31905**).

O caminho para alcançar a paciência, e também as demais virtudes, consiste em adaptar-se ao que se pede (Adaptar-se): «*Querem a paciência? Desejem tribulação e penas, porque não há paciência sem tribulação e pena*» (**31010**). Ter o dom da paciência é requisito para a admissão dos postulantes: «*... se os encontrarem vivendo na murmuração ou na tibieza, ficando impacientes, ou fazendo coisas semelhantes, não os recebam*» (**31112**).

A paciência, de fato, no duplo sentido de, nas inevitáveis provações, saber sofrer e de saber suportar, é virtude indispensável para o seguidor de Cristo. Além disso, é por meio dela que se alcançam «*frutos abundantes de caridade*» (**20707**).

Os *Ditos Notáveis* dedicamà *Paciência* um dos seus artigos mais longos (capítulo 22) com 54 sentenças.

PADRES (SANTOS PADRES)

«*Depois da Sagrada Escritura, vocês poderão ler ... os livros dos Santos Padres*» (**30803**)

Com a expressão Santos Padres, Zaccaria indica duas categorias de pessoas: os Padres da Igreja e os Padres do deserto.

Padres da Igreja. Devem ser objeto de estudo por parte dos Barnabitas: «*Depois da Sagra-da Escritura, vocês poderão ler todo Doutor aprovado pela Igreja, os livros dos Santos Padres, desde que seus escritos não sejam contrários à Sagrada Escritura e aos Santos Doutores*» (**30803**). Como se vê, os Padres não se identificam com os Doutores da Igreja: estes foram aprovados pela Igreja e por isso o seu ensinamento está isento de erro; entre os Padres da Igreja, ao invés, poderia haver algum que ensinasse uma doutrina errada.

Zaccaria cita em seus Escritos os seguintes Padres: João Crisóstomo (**20613; 312**); Jerônimo (**30803**); Agostinho (**20326**: trata-se na realidade de Genádio de Marselha); Gregório Magno (**31703**). Quanto aos Doutores da Igreja, Zaccaria cita Boaventura e Catarina de Sena (**30803**), mas conhece também Bernardo e Tomás de Aquino.

Padres do deserto. Em seus Escritos, Zaccaria se refere com mais frequência ainda aos Padres do deserto. Há até quem considere Zaccaria herdeiro da tradição monástica oriental (Cf. C. CAMPO, Detti e fatti dei padri del deserto, Milão 1975, p. 16).

Nas Constituições é recomendada a leitura das «*Histórias dos Santos Padres, principalmente das que foram escritas por São Jerônimo*» (**30803**).

Além disso, quando fala das reuniões, o Santo opta decididamente pelo método dos Padres do deserto em oposição ao escolástico: «*Não deixem, de modo algum, que as reuniões caiam em sutilezas, considerando os costumes de forma genérica, mas se atenham ao estudo dos costumes em particular e não deixem que a conversação descambe para um estilo a-cadêmico, inconsistente. Antes, que ela tenha um tom*

de palestras persuasivas, segundo o método dos Santos Padres, evitando toda superficialidade e palavras rebuscadas» (**30904**).

Podemos reler os passos em que Antônio Maria se refere a episódios e ensinamentos dos Padres do deserto, começando por aquele «*santo citado por São João Clímaco, que, tendo certeza de ter superado a gula, ofereceu ao demônio um cacho de uvas, para ver se ele era capaz de tentá-lo com isso*» (**10904**: cf. Escada do Céus, 26, Apêndice, 165).

Quanto ao <u>pai espiritual</u>, Zaccaria relembra como os santos monges costumavam citar certa sentença - que deve ser entendida em bom sentido - trazida por João Clímaco: «*Mais vale ter Deus com ira, que o próprio orientador espiritual; porque, se Deus está com ira, o orientador espiritual reza por você; mas, se o orientador espiritual estiver irado, quem re-zará por você? Isso quer dizer que você deve passar pelo homem*» (**20420**: ibid., 4,44).

Falando da <u>via do meio</u>, Zaccaria faz referência aos exemplos opostos de dois Santos Padres: «*Você acha que a amizade do mundo era conveniente a Antão, que era constantemente procurado por todos, por causa da grande fama de santidade de que gozava? Pelo contrário, ele fugiu para outros lugares com alguns monges e aí, ele e os companheiros fizeram grandes progressos. Por outros motivos, foi a inimizade e o ódio dos homens que fizeram Paulo fugir e tornar-se o primeiro eremita do deserto: foi isso que garantiu a salvação para ele e para muitos outros*» (**20519**: cf. Jerônimo, Vita sancti Pauli primi erimitae; PL 23,17-28).

Traçando os critérios para a aceitação dos postulantes na Ordem, Zaccaria adverte: «*Experimentem-nos com estes e outros exercícios semelhantes, durante muito tempo, não de modo diferente do que faziam os filósofos ou mesmo os antigos Santos Padres*» (**31111**).

Enfim, para reforçar a necessidade de fazer voluntariamente a acusação das próprias culpas, Zaccatia propõe mais uma vez o exemplo dos antigos Padres: «*Mas, reparem: os Santos Padres, algumas*

vezes, através de muito esforço e de prisão voluntária - em que não havia nem porta nem fechadura - curavam a doença dos que diziam sem desespero, mas com muita humildade: "A minha culpa não merece perdão". Outros diziam: "Não somente não merecemos perdão, mas vocês deviam mandar-nos embora da assembléia". Outros, além disso, penitenciavam-se dos pequenos defeitos mais do que muitos não fazem com os grandes; outros, enfim, julgavam-se companheiros dos demônios e dos que crucificaram o Cristo. E, com estes e com outros modos de agir, privavam-se até do que era lícito» (**31307**).

PAI ESPIRITUAL (DIRETOR / ORIENTADOR)

«*... vamos ao nosso orientador espiritual e, conforme o que ele disser, fazemos ou deixa-mos de fazer algum trabalho ou outra coisa qualquer*» (**10209**)

A vida espiritual requer por natureza a presença de guias, que, em certo sentido, suscitem e desenvolvam na alma a vida divina: os «*que procuram trazer-lhe vida em Cristo*» (**10608**). Antônio Maria afirma decididamente: «*... se o homem quiser chegar a Deus, é necessário que ele vá por meio de outro homem*» (**20420**). De fato, «*... Deus costuma agir no homem, por meio de outro homem*» (**20423**; cf. Meio do homem). Baseado neste princípio, Zaccaria destaca a necessidade do acompanhamento na via do espírito, sobretudo para evitar situações de dúvida e indecisão: «*... tendo tempo e oportunidade para pedirmos orientação, vamos ao nosso orientador espiritual e, conforme o que ele disser, fazemos ou deixamos de fazer algum trabalho ou outra coisa qualquer*» (**10209**).

Que qualidades o diretor deva ter, está dito sobretudo quando Zaccaria trata do mestre dos noviços (**cf. 31205**). Como o diretor deva exercer sua missão, está ilustrado magistralmente nas cartas a Carlos Magni e ao casal Omodei (Cartas 3 e 11 respectivamente). Integrando

os dados oferecidos por esses dois textos com outros espalhados pelos Escritos, podemos destacar os aspectos que sobressaem na doutrina e na praxis do Santo nos seguintes termos:
- o guia espiritual deve ser «*de uma vida íntegra e irrepreensível, que esteja cheio de discrição prática, que seja bom conhecedor dos enganos e das batalhas diabólicas, que saiba investigar, de modo autêntico e sutil, as caraterísticas dos vícios e das virtudes, que seja santo em tudo, que tenha grande capacidade natural*» (**31205**);
- deve viver o que pretende transmitir, porque «*fará discípulos semelhantes a ele*» (**31206**). De fato, «*como vocês podem admitir que alguém possa agir acima de suas forças? Portanto, se acontecer que vocês vejam um bom discípulo sair de um Mestre mau, digam a este Mestre que ele não tem razão para gloriar-se da perfeição dos discípulos, pois não foi a sua capacidade que cooperou para a devoção dos discípulos, mas a força do Espírito Santo*» (**31206**; cf. *Ditos Notáveis*, **Ciência espiritual 32**);
- estando «*sempre*» diante do Crucificado, terá oportunidade de «*aprender primeiro o que eu quero ensinar-lhe*» (**10301**). Será, pois, o Crucificado a preceder e a acompanhar as palavras, as intenções e as ações, de modo a permitir-lhe «*penetrar os corações até o mais profundo*» (**10602**);
- outra função do diretor consiste numa espécie de identificação com o dirigido («*Filho caríssimo , ... Nós nem poderíamos deixar de ficar juntos em todos os momentos, pois estamos aí sentindo tudo junto com você*»: **10606**) e em favor do qual intercede com a própria oração: «*Querido pai, não se esqueça de mim e seja meu intercessor junto a Deus, para que Ele me livre das minhas limitações, ...*» (**10108**);
- ao próprio discípulo ele oferece um quadro completo e fascinante («*Que situação feliz! ... Quem não a encontrou é louco e infeliz!*»: **20209**) da vida espiritual verdadeira, dos graus em que ela se desdobra e das modalidades com que vivenciá-la. O mestre deverá ensi-nar de modo especial aos Noviços «*o conhecimento e a beleza do homem*

interior» (**31231**), e também sua «*perfeição e imperfeição*» (**31233**);
- junto com o aspecto cognitivo, será tarefa do guia suscitar «*o verdadeiro Amor e o dese-jo da total e completa perfeição*» (**31244**), desejo que Antônio Maria pretende reavivar em todos os seus seguidores, disposto a «*derramar o sangue*» (**11108**) para que este desejo se realize;
- será necessário desenvolver uma adequada capacidade introspectiva naquele que é levado pelos caminhos do espírito. Zaccaria convida constantemente a «*interrogar a consciência*» (**cf. 20110; 10313; 31219-24**), a «*ter uma visão clara do próprio «interior*» (**10904**) e dos ensinamentos recebidos. De fato, só deixando o exterior e entrando em seu próprio íntimo, podemos ir ao «*conhecimento de Deus*» (**20215**);
- os discípulos devem ser educados a «*abrirem todo o seu coração*» (**31225**) ao pai espiritual, na absoluta sinceridade e confiança («*"Pai" é também uma maneira de chamar os amigos*», **20434**) e na plena docilidade, a ponto de pensar que «*Mais vale ter Deus com ira, que o próprio orientador espiritual; porque, se Deus está com ira, o orientador espiritual reza por você; mas, se o orientador espiritual estiver irado, quem rezará por você?*» (**20429**, que cita Clímaco, *Escada do Céu*, 26, 197);
- o discípulo deve, além disso, ser educado a «*abandonar o temor em tudo, em todas as coisas*» (**31228**: note-se a insistência sobre 'tudo' e 'em todas'), porque o único temor virtuoso é o que nos leva a amar a Deus (**cf. 31714**), fugir do Maligno («o qual além de matar-te, pode outrossim mandar-te para o inferno»: **204**) e desconfiar de nós mesmos: «Mas, se, contudo, eles querem ou devem ter algum temor, ensine-os a temer o maior inimigo, que está no íntimo, que está "dentro deles": por que, quem é nocivo para mim e para você, senão nós mesmos? (**cf. 31229**), em que se faz alusão a uma homilia de São João Crisóstomo, Quod nemo laeditur nisi a seipso). Por isso, será preciso vencer a «pusilanimidade» (**cf. 10106** (moleza, negligência) e **10801** (medo) e cultivar a magnanimidade (**cf. 31242**);
- a finalidade última a que tende a direção das consciências é levar o homem «*ao conheci-mento de Deus e à familiaridade com Ele*» (**31217**).

Esta é a condição que devemos «*desejar ardentemente dia e noite*» (**20209**).

Se quisermos, enfim, fazer uma idéia adequada de como Zaccaria exerceu sua paternidade espiritual na condução das almas, não nos resta senão analisar a sua limitadíssima corres-pondência. Ele une a doçura (**10502-06**, às Angélicas) com a firmeza (**10201-16**, aos co-fundadores Ferrari e Morigia) e a severidade (1**1002-13**, a Soresina). Zaccaria mostra fina introspecção, escrevendo a Carlos Magni («*apesar de você dar muita atenção à sensuali-dade, esse não é seu defeito principal e sim a ira e a perda da tranqüilidade, que vem da soberba*»: **10314**), e uma sinceridade direta: «*Não fiquem pensando que eu escrevo para dar broncas e para ser severo*» (**10701**, aos Barnabitas); «*Querida irmã, desejaria dizer algo mais; entretanto, não queria que você ficasse de mal comigo*» (**10915**, à Negri). Passa do lamento («... *isso teria sido, para mim, como uma facada no coração ...; isso, seria duro demais para mim!*»: **11002.08**) a verdadeiras censuras («*... teria sido melhor nunca tê-los gerado, para depois se desviarem*»; «*... terei que pensar que Jesus Cristo quer que eu morra, tendo filhos tão degenerados e pouco legítimos!*»: **11006.11**). Por fim, temos o clamor («... *considerem ... como anseio intensamente pela perfeição dos dois! ... Estou pronto a derramar o sangue por vocês, desde que façam isso que eu lhes disse!*»: **11108**) e a exortação: «*Não se deixem desanimar .. nós, que os amamos como a nós mesmos poderíamos deixar de ajudá-los?*» (**10603.08**).

PAIS / CHEFES, GUIAS

«*... uma obediência consciente, mantendo sempre o mesmo fervor, quer eu esteja presente ou não*» (**11003**)

«Pai é aquele que o gerou, educou e nutriu e lhe deixou os bens que você tem» (20426). A esta definição original de pai, no mesmo

Sermão 4 Zaccaria acrescenta outras por extensão: «*Caríssimo, uma pessoa de autoridade pode ser chamada de pai: é aquele que tem poder sobre você e que deve ser respeitado*» (**20431**); «*Pai é também uma maneira de chamar os amigos, por isso, você deve respeitar todos os homens*» (**20434**). Na maioria das vezes, porém, em seus Escritos, o Santo usa o termo pai para referir-se à paternidade espiritual.

a) Além de Deus, que se revelou a nós como Pai, que «*se mostra tão amoroso, como filho, pai e mãe e sempre está com você*» (**20205**) e que é «*muito mais do que uma babá ou que um professor, pai e mãe*» (**20304**; <u>Deus pai/mãe</u>), Zaccaria considera pai também o Cristo: «*Lembre-se do que Jesus Cristo que é seu guia ...*» (**20305**).

b) Para os filhos e filhas de Paulo, pai é antes de tudo o Apóstolo: «pai de vocês» (**cf. 10505 e 06**); «nosso divino pai», o «doce pai» (**cf. 10712**: aparece evidente pelo contexto que não se trata de Frei Batista, mas precisamente do Apóstolo Paulo); «*E já escolhemos como pai e guia tão grande apóstolo e nos gloriamos de ser seus discípulos, esforcemo-nos por praticar sua doutrina e seus exemplos. Não convém que nas fileiras de tão grande chefe, haja soldados covardes e desertores e que os filhos de um pai tão glorioso sejam dege-nerados!*» (**20717**: Gabuzio, *História*, p. 56).

c) «Nosso primeiro pai» (*Cronachetta A*) é para Antônio Maria e seus companheiros Frei Batista de Crema: «*nosso pai*», sem adjetivos (**10401**); «o outro nosso bem-aventurado pai» (**cf. 10505.06**).

d) Pai é, por conseguinte, o próprio Zaccaria, que em todas as cartas a seus filhos espiritu-ais assina assim (**ct 10510, 10621, 10714, 10804, 10916 e 11018**). As Angélicas são «*minhas e de Paulo apóstolo filhas em Cristo*» (**cf. 10501**) e, em tom de súplica, pede a elas que lhe tragam contentamento, ele que é seu «amado pai [*Minhas amáveis filhas*]» (**10502**; <u>agradar/contentar</u>). Os Barnabitas são os «*filhos de Paulo apóstolo e nossos*» (**10700**); sua infidelidade enche Antônio Maria de amargura a ponto de chamá-los filhos «*bastardos e degenerados*» (**10705 e 11011**) e de pensar: «*que Jesus Cristo quer que eu morra, tendo filhos*

tão degenerados e pouco legítimos!» (**11011**; Filhos legítimos/bastardos).

e) Pais são em geral os fundadores. A eles Zaccaria se refere nas *Constituições*, quando diz: «*irmãos, lembrem-se de novo de como as Congregações santas foram preparadas, no início, pelo Espírito Santo; mais tarde, porém, relaxaram-se, por causa de muitos acrésci-mos de leis e de estatutos promovidos pelos que não possuíam o Espírito Santo do mesmo modo que seus pais. E, por isso, introduziram leis e costumes relaxados, do jeito que eles mesmos eram*» (**31702**).

f) Pai são também os superiores; Morigia é considerado especialmente como «*pai comum, nosso superior*» (**10509**), o «*Pe.* [pai] *superior*» (**11016**).

g) Não nos esqueçamos da importância de que se reveste o pai (diretor) espiritual.

Cabeça [muitas vezes chefe, em português] é uma metáfora tirada da Sagrada Escritura; Paulo a emprega para indicar Cristo em relação à Igreja, seu corpo (1Cor 12,12-27; Rm 12,4-5; Cl 1,18; Ef 1,22-23; 4,15-16). Zaccaria também se serve da mesma imagem quando diz «*vocês conservarão sempre a união como os seus chefes*» (**10707**), ou quando fala de «*divisões ou conspirações por falta de chefe*» (**31407**). São chamados de Santos Chefes os fundadores e responsáveis pela comunidade (**cf. 10505.06.09**).

Guia é usado mais ou menos como sinônimo de pai e chefe. Guia - correspondente semântico do latino *dux* - é antes de tudo o apóstolo Paulo (**20717**: Gabuzio, História, pp. 53-56). Na alocução de 4 de outubro de 1534 que estamos citando, aparece claramente que o termo é tomado da linguagem militar: «*Não convém que nas fileiras de tão grande chefe* [guia], *haja soldados covardes e desertores e que os filhos de um pai tão glorioso sejam degenerados*!».

Guias são também Zaccaria e a (Angélica) Negri, como nos lembram alguns passos da Cata 7: «*Não fiquem pensando que esquecer ou relaxar as ordens dos nossos superiores [guias] seja uma coisa nor-*

mal» (**10704**); «*... desejaria que vocês tratassem os seus guias com a mesma fidelidade com que eles os tratam*» (**10706**).

A Angélica Negri, que assina com a sigla A[ngélica] P[aula] A[ntônia], quis subscrever a carta de 8 de outubro de 1538 que Antônio Maria enviou aos Paulinos que já trabalhavam por mais de um ano em Vicência (**10621**). Se Zaccaria era o pai, à Angélica, que já possuía o status de madre (= mãe) mestra, reconheceu-se logo o nominativo de mãe. De fato, na carta seguinte, de 3 de novembro de 1538, aos «filhos de Paulo apóstolo», Zaccaria e Negri apresentam-se como «*pais e guias*» (**10714**), enquanto no bilhete sem data ao Sr. Batista, empregado da casa Zaccaria, lemos a seguinte assinatura: «*Seu Pai em Cristo. Pe. Antônio Maria. Sua mãe Angélica Paula Antônia Negri*» (**10804**).

A estreita colaboração, o profundo conhecimento e a unidade de pensamento permitem à Angélica Negri dirigir-se a Zaccaria - como também fez depois com um de seus primeiros sucessores, o Pe. Giampietro Besozzi - para que escrevesse em seu nome (**cf. 11201-04**, em apêndice às cartas de Antônio Maria), certa de que o seu pensamento seria corretamente compreendido e transmitido.

PAIXÕES

«*... você pode fazer uma lista das ações de Cristo e dos santos, que você vai encontrar muitos momentos dignos de elogios, nos quais as paixões foram vividas para louvor e gló-ria de Deus e para a utilidade dos outros ou de si mesmo ... Mas agora, examine aquelas mesmas paixões, que você vai encontrar, também, os efeitos negativos e maus que elas provocam*» (**20507.09**)

Bondade radical das paixões

Antônio Maria introduz a explicação do quinto mandamento («não matar») com um ensinamento sobre as paixões, ensinamento que reafirna a doutrina tradicional. As paixões são inclinações naturais e,

portanto, queridas por Deus, louváveis ou reprováveis segundo o uso que fazemos delas. Neste sentido se pronunciaram Cassiano (*Instituições Cenobíticas*, 7,3) e Tomás de Aquino (*Summa theologiae*, I.II, 24,1). O próprio Tomás nos oferece uma lista de onze paixões: amor e ódio, desejo e fuga (ou aversão), alegria e tristeza; audácia e temor, esperança e desespero, cólera (*Summa theologiae*, I.II, 23,4), às quais dedica 23 «questões».

A tradição espiritual está de pleno acordo com a positividade das paixões. Escrevendo ao Bispo Castor sobre os oito pensamentos viciosos (Vícios capitais; cf. *Filicalia*, I, 135), Cassiano ensina que as paixões são naturais e em si não pecaminosas. Isaque de Nínive ensina o mesmo: «As paixões são parte do curso ordinário do mundo; se elas cessarem, também o mundo pára» (*Discorsi ascetici*, 2). E ainda: «As paixões do corpo foram colo-cadas por Deus para o seu auxílio e crescimento. Assim também, as paixões da alma, isto é, as potências psíquicas, [foram nela colocadas por Deus] para o seu auxílio e crescimento (*Discorsi ascetici*, 3). Antônio Maria estava persuadido dessas ideias quando convidou o reformador a não escolher «*aquela espécie de pessoas cuja bondade vale pouco*» (**31827**).

As paixões desordenadas

É diferente o que se diz das paixões desordenadas, cuja superação é condição indispensável para se levar uma vida autenticamente espiritual: «*Se o homem deve chegar a Deus e conseguir o seu amor, é necessário que se liberte de todas as paixões*» (**20422**). Por isso, a contemplação autêntica comporta a superação das próprias paixões: «*Querer contemplar sem ter vencido as paixões nada mais é do que enganar-se a si mesmo*» (*Ditos Notáveis*, **Contemplação 9**). Tratar-se-ia quando muito de «*contemplação filosófica*», mas nunca de «*contemplação cristã*» (*Ditos Notáveis*, **Contemplação 6**).

Outra conceituação está ligada às «*primeiras reações*», que «*não são controladas pelo homem*» (**20503**). Este sentir comum a todos não pode ser «*um escudo de proteção e de defesa para os que vivem no*

vício!»; lembra-nos, ao contrário, o dever de disciplinar as inclinações naturais, porque são «*provocadas por essas primeiras reações*». É por isso que o homem não merece «*nem pena, nem elogios, nem prêmio*». Frei Batista aponta uma estratégia precisa «contra as primeiras reações, ainda que sejam naturais».Trata-se de obter «quatro vitórias»: conseguir que «essas reações não surjam tão freqüentemente»; «que não venham com tanto ímpeto e veemência»; «que nos deixem o quanto antes»; «que algumas sejam completamente extirpadas» (Conhecimento e Vitória de Si Mesmo, p. 93,v).

Zaccaria retoma estas indicações quando recomenda «*abandonar* [matar]» (**10904**), «*libertar-se* [vencer]» (**cf. 20422**), «*dominar*» (**cf. 30805**) as próprias paixões e ter conseqüentemente «o olhar interior e exterior» para ver se uma paixão foi ou não extirpada (**cf. 10904**). A natureza corporal das paixões exige «*remédio corporal*» (**20422; 31306** , que fala de «esforços corporais») e a mediação humana: «*as paixões ..., na sua maioria têm origem no corpo e, por isso, precisam de remédio corporal, de orientação e de estímulos corporais*». Por isso, para o homem «*é necessário que se liberte de todas as paixões ... mas só pode ser, se é um homem ajudando outro homem*» (**20422**). Arte médica e estratégia ascética parecem dar-se as mãos!

PAULO APÓSTOLO

«*Fiquem, então, firmes e certos de que, sobre o alicerce de Paulo, vocês não construirão prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras preciosas*» (**10604**)

São inúmeras as referências a São. Paulo nos Escritos de Antônio Maria Zaccaria. Isto não nos deve causar surpresa, porque Antônio Maria o escolheu como Pai, Mestre e Guia, para si e para os seus.

Zaccaria diz de si mesmo que é «*padre de São Paulo Apóstolo*» (**10714**); chama as Angélicas de «*filhas de Paulo apóstolo*» (**10501**) e

aos Barnabitas «*filhos de São Paulo* [Paulo santo]» (**11010**), «*filhos e plantas de Paulo*» (**10712**). Paulo está na base do apostolado dos filhos de Zaccaria: «*... sobre o alicerce de Paulo, vocês não construirão prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras preciosas*» (**10604**). É seu ideal de vida: «*... o não mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas, as tornaria grosseiras e as afastaria totalmente dos ideais de São Paulo e de sua vida*» (**10913**). A Conversão e Morte de São Paulo estão entre as festas em que é lícito comer carne (**cf. 30501**).

Zaccaria atribui a Paulo os seguintes títulos, observando que o de divino lhe é reservado pela tradição oriental (cf., p. ex., II Concílio de Nicéia, passim): «[divino Paulo]*», «[pai]*» (**cf. 10505.06**); «[divino pai]*», «[doce pai]*», «*santo pai*» (**cf. 10712**); «[casto Paulo]*», «[douto Paulo]*» (**cf. 109****); «*verdadeiro amigo de Deus*» (**20314**); «[dux et patronus noster sanctissimus] *O Apóstolo Paulo, nosso chefe e padroeiro*», «[sapientissimus doctor gentium] *São Paulo, o sábio Doutor dos povos*», «[dux ac pater] *pai e guia* » (**20701.09.17**); «*Apóstolo*» por excelência (**20701.09.11.17**).

Paulo é considerado principalmente como o mestre que ensina. Nos Escritos zaccarianos, as *Concordâncias* contam 87 citações paulinas (se incluirmos também a carta aos Hebreus, são 93): depois dos Evangelhos, Paulo é certamente o autor mais citado. Transcrevemos em seguida só as citações iniciadas pela expressão «diz (dizia) Paulo» e outras semelhantes.

«[Dizia] *Paulo: "Sollicitudine non pigri etc. Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos ..."*» (**10211**); «*... podemos dizer com o apóstolo: "Sejam meus imitadores como eu sou de Cristo"*» (**20201**); «*Paulo dizia que chegaria até os limites que o Cristo marcasse*» (**10602**); «*Paulo diz que a ambição é causa e raiz de todo mal e sobre a avareza diz que " é própria dos idólatras*» (**20127**); «*Paulo diz que, nos tempos atuais, quem vai dominar são os homens soberbos, "metidos", desenfreados, avarentos e seguidores somente de suas opiniões*» (**20127**); «[As pessoas espirituais dizem] *com o apóstolo: "Sejam meus imitado-*

res como eu sou de Cristo" (1Cor.4,16), como se disséssemos: Querem ver um exemplo concreto de Cristo? Olhem para nós» (**20201**); «*Paulo, o verdadeiro amigo de Deus, disse de si mesmo e de outros fiéis ministros de Deus: "Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo*» (**20314**); « *Assim fala Paulo: "a vontade de Deus é que vivam consagrados a Ele*» (**20321**) «*É o que lhe mostra Paulo a respeito de Cristo, que é nosso Mediador e vive rezando por nós*» (**20420**); «*É o que Paulo dizia: "Pais, não dêem aos filhos motivo de revolta contra vocês..."*» (**20426**); «*... como diz Paulo aos hebreus: "Respeitem os dirigentes e sejam dóceis a eles, pois eles se dedicam pelo bem de vocês*» (**20432**); «*Dizia o apóstolo: "No amor fraterno, sejam carinhosos uns com os outros, rivalizando na mútua estima"*» (**20434**); «*Dizia Paulo: "Se alguém não cuida dos seus e principalmente dos que são de sua própria casa, esse renegou a fé e é pior do que um incrédulo"*» (**20435**); «*E a tristeza do mundo que, segundo o Apóstolo, produz a morte*» (**20509**); «*Paulo disse: "... todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus..." (Rm.8,28); o mesmo Paulo disse que devemos seguir o caminho do equilíbrio ... Paulo disse mais ainda: "... em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: ..*» (**20517**); «[As criaturas] *são de maior utilidade ainda para a inteligência do homem do que qualquer outro uso que se faça delas, confirmando as palavras de Paulo: "... as perfeições invisíveis de Deus,... podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que Ele realizou..."*» (**20601**); «*... precisamos rezar por eles e, como nos diz São Paulo: "Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem"*» (**20706**); «*Uso, mais uma vez, as palavras do Apóstolo: "Portanto irmãos, vocês que receberam o chamado de Deus, ...*» (**20711**) «*Por isso, vamos concluir junto com o Apóstolo: "... Corramos com perseverança na corrida, ..."*» (**20715**).

A primeira parte do Sermão 4, enfim, é toda um comentário ao hino à caridade de São Paulo.

Paulo é mestre não só com seu ensinamento mas também por

seu exemplo: «*Paulo nunca quis dizer uma mentira, mesmo que fosse para ganhar o mundo inteiro: ganhá-lo para Cristo!*» (**20225**); «*Paulo desejava ser separado de Cristo por causa de seus irmãos*» (**20423**); «*São Paulo, ..., se apresenta como exemplo de desprezo, a si e aos seus colegas apóstolos*» (**20709**).

São muitas as referências à vida do Apóstolo nos Escritos: a Carta 9, por exemplo, foi toda construída numa comparação com a apresentação de Saulo aos Apóstolos feita por Barnabé (At 9, 26-27); «*Que alegria para São Paulo quando afirmava que os cristãos de Corinto tinham visto que era tudo verdade o que ele dissera a Timóteo e a Tito*» (**11004**); «*Deus é causa de todos os bens; mesmo que Paulo plante e Apolo regue, é Deus quem faz crescer*» (**20307**); «[Deus] *instruiu Paulo por meio de Ananias, mesmo que Ele já o tivesse cegado*» (**20420**); «*Muitas vezes, os santos são chamados de deuses na carne, como aconteceu a Paulo, quando jogou a cobra no fogo*» (**20515**); «*Assim dizia Paulo a Festo, desejando que ele fosse cristão: "... mas sem essas correntes"!*» (**20619**). E Zaccaria prossegue num colóquio todo confidencial com o Apóstolo: «*Mas o que é isso, Paulo? Se as suas correntes são tão boas, por que você queria que Festo fosse cristão sem elas? E Paulo quase que responderia assim: "Deixa que ele comece e, mais tarde, não terá medo das correntes"!*» (**20619**) Colóquio semelhante encontra-se na Carta 7: «*Ó querido pai, você suou e sofreu e nós recebemos os frutos, você carregou a cruz e nós descansamos demais! Pois agora, nós faremos crescer os seus frutos e os nossos também, aceitando e carregando a cruz*» (**10711**).

Zaccaria faz com frequência comparações até ousadas entre a sua experiência e a de Paulo: «*Minhas amáveis filhas, estou orgulhoso de vocês e... sei que um dia serei invejado por São Paulo, porque vocês, tal qual as filhas do Apóstolo, desejam ardentemente sofrer por Cristo, renunciam a tudo e a si mesmas, procuram levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo e ao Cristo Crucificado; e, mais ainda, porque vocês - não uma só e sim todas - deixando de lado toda*

estima própria e consolação interior (as filhas de Paulo gostavam disso), tornaram-se apóstolas, ...» (**10502**). «*As pessoas que são confiadas a vocês, mesmo que os amem, não têm as riquezas espirituais nem de Paulo, nem de Madalena; mas esperam que Aquele, que enriqueceu os dois, ...*» (**10601**); «*Dionísio, o que você estava fazendo? E você, Timóteo, e você, Tito, qual era o seu comportamento em relação a Paulo? Vocês conservavam o amor e a presença de seu pai sempre em vocês e não tinham outra preocupação, a não ser fazê-lo feliz. Coitado de mim, pois isso não acontece comigo!*» (**11007**). Gabuzio (*História*, p. 80) atesta que, diante das dificuldades, «confiando no auxílio divino, o Santo costumava dizer com o Apóstolo: "Omnia possum in eo qui me confortat - Tudo posso naquele que me dá força" (Fl 4,13)».

Em alguns casos, pareceria que há uma relação direta entre Paulo e os filhos de Zaccaria : «*Lembrem-se do seguinte: São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos ...*» (**10505**); «*... vocês fugirão da rotina e satisfarão o desejo de Frei Batista (nosso santo pai) que, como vocês se lembram, queria que fôssemos plantas e colunas de renovação do fervor cristão*» (**10711**); «[Na frente das noviças, a Angélica Negri não] *quer parecer que já tem o consolo do Cristo Crucificado ou mesmo as instruções do apóstolo Paulo*» (**10911**); «*Diga-lhes, portanto, que o Apóstolo Paulo lhes apresenta um Cristo Crucificado em todos os sentidos, não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas*» (**10914**).

PECADO

«*Você anda dizendo: eu não tenho nada a ver com os pecados dos outros!*» (**20319**)

O pecado torna o homem «*inimigo*» de Deus (**cf. 20412**) e arrefece a mente e o coração a ponto de tornar-nos incapazes de «*chegar*» a Deus (**20602**; Livro). Pelos mandamentos, Deus nos alerta contra o pecado. Em seu significado moral, o preceito da santificação dos dias festivos «*proibindo todos os trabalhos, quer proibir todos os pecados*» (**20318**).

Pelo Cristo recebemos o «*grande dom da libertação dos pecados e do domínio do mal e, também, da salvação*» (**20119**). Isto explica por que Antônio Maria convidou os discípulos a julgarem o pecado à luz do Calvário (Cruz). Os próprios defeitos devem ser «*até aumenta-dos*», porque «*foram a causa da morte de Cristo*» (**31219**; **cf. 31901-02**). Por isso, o homem deverá comportar-se «*humildemente como pecador e rebelde e, por isso, muito mais pecador do que os outros*» (**20125**), como se fosse «*companheiros dos demônios e dos que crucificaram o Cristo*» (**31307**).

Para suscitar semelhantes convicções e para sentir «*a força*» dos defeitos (**31307**), o pecado deverá ser objeto de meditação, sobretudo nos dias festivos (**cf. 20324**; Exame de consciência): «*O homem pode tirar lições dos males cometidos ou dos bens que ele deixou de fazer: uma delas é um profundo conhecimento da sua pequenez e miséria, ...; dessa pequena estima de si mesmo, nasce uma profunda humildade*» (**20518**). «*... a soberba, que é a raiz de todo pecado só se arranca com a profunda humildade*» (**31224**). Por isso, o Santo convida a libertar-nos dos pecados, não apenas com a sua «*simples recitação*» na confissão, mas também buscando decididamente as suas origens (**cf. 31220**, Confissão).

Ao avaliar nossas faltas, nos daremos conta de sua dúplice natureza: algumas são leves ou veniais, outras são graves ou mortais (**cf. 11102; 20422; 20514; 30001**), quer se vejam em si, quer em suas diversas «*circunstâncias*» (**31303**). É notável a fórmula com que Zaccaria expressa a relação que liga as duas categorias de pecados: «*Quer evitar os pecados graves? Fuja dos leves. Quer até fugir dos pecados leves?*

Deixe de lado as coisas lícitas e permitidas» (**20621**). A aplicação deste princípio é desenvolvida na Carta 11.

Como o homem peca «*por meio de outro homem*» (**20422**), a solidariedade que se exprime na culpa deverá manifestar-se também na reparação. Está errado, portanto, dizer: «*eu não tenho nada a ver com os pecados dos outros!*» (**20319**); devemos empenhar-nos em corrigi-los. Aquele, portanto, que «*peca abertamente, acuse-se da mesma maneira e aceite a penitência*» (**31304**).

PENAS

«*... julgamos supérfluo punir, dentre nós, os que não se deixam violentar pelo amor da virtude e de Deus e pelo temor do juiz divino ...*» (**31401**)

As Constituições zaccarianas praticamente só prevêem uma pena: a da expulsão.

Exclusão de outras penas. Não se prevêem sanções específicas para os transgressores das Constituições. Estão abolídos em particular o cárcere e as torturas, ineficazes para fins de vivência das virtudes: «*... de forma alguma, passe pela cabeça de vocês obrigar alguém a praticar a virtude sob a ameaça de prisão ou de torturas corporais, pois a prática da virtude exige o ato voluntário do homem, enquanto o que é só aparência de virtude faz o homem tornar-se hipócrita: e isso, nós condenamos*» (**31303**). «*Irmãos, façam de tal modo que não haja prisões, nem qualquer outro tipo de torturas entre nós, porque julgamos supérfluo punir, dentre nós, os que não se deixam violentar pelo amor da virtude e de Deus e pelo temor do juiz divino ou humano; pois não pretendemos dar-lhes leis de temor, mas de puro amor*» (**31401**).

A legislação complementar, em conformidade com o direito eclesiástico, irá prever, em apêndice às Constituições, uma série de «Cânones penitenciais».

Expulsão. A única pena prevista nas Constituições, no capítulo 14, é a expulsão precedida por três admoestações: «*Quem, pois, não se corrigir depois da terceira admoestação, seja expulso da Congregação na quarta vez, para nunca mais voltar*» (**31402**).

Para sancionar a expulsão se requer o consentimento dos discretos (Oficiais): «*Ora, tudo isso deve ser entregue ao julgamento e ao parecer dos Discretos*» (**31403**). A expulsão seja cominada por qualquer defeito, ainda que tal defeito seja a negligência voluntária de quem não cuida de progredir: «*Irmãos, na hora da admoestação para expulsar alguém, não estabeleçam grande diferença entre os defeitos, se são grandes ou pequenos na opinião dos homens. Considerem se esses defeitos são claramente voluntários ou então, resultado de negligência propositai, porque Cristo morreu por causa de todos eles*» (**31405**).

Poderia parecer contraditório desconsiderar, primeiro, todos os tipo de pena e, depois, prever a expulsão de alguém por causa de mínimas culpas. Na verdade, não há contradição; ao contrário, profunda coerência entre as duas disposições. A Congregação é uma reunião de pessoas livres: não pode obrigar ninguém a ser virtuoso; tampouco pode alguém obrigar o Instituto a conservar quem não queira progredir espiritualmente. Os religiosos estão livres para buscar a perfeição e a Congregação também está livre para expulsar os que não querem crescer. Aliás, a expulsão não é só um direito da Congregação. É também um seu dever para os que permanecem nela: «*... a sua expulsão* [do faltoso] *não é feita por crueldade, mas por misericórdia, para que não estrague os outros com sua peste venenosa*» (**31403**). A expulsão não comporta nenhum juízo sobre a pessoa expulsa, muito menos pressupõe a sua condenação: «*Lembrem-se também disso: seríamos tachados de grande presunção, se acreditássemos que esses expulsos não se poderiam salvar fora da nossa Congregação ou até que provavelmente se perderiam. Irmãos, deixem os que saíram entregues à sua bondade ou malícia, porque não nos compete julgá-los, louvá-los ou injuriá-los, pois isso é função da autoridade, em cujas mãos os deixamos*» (**31404**).

Para com os expulsos, a Congregação não está obrigada a nenhum ressarcimento: «*Mas, mesmo em se tratando dos que forem considerados idôneos para a aceitação ou para Profissão, a Congregação não esteja obrigada a mantê-los, no caso que merecessem ser mandados embora*» (**31113**). «*Na Profissão, cada uma faz juramento de renunciar aos nossos privilégios, no caso de vir, um dia, a ser expulso ou fugir da Congregação. E expressará sua vontade de que a Congregação não será responsável por isso e nem obrigada a coisa alguma. Antes, manifestará o desejo de que, simplesmente, seja entregue à jurisdição do Ordinário*» (**31115**).

A expulsão está expressamente prevista pelas Constituições nos seguintes casos:

- **recusa da <u>obediência</u>**: «*Seria um mal menor expulsar da Congregação essas pessoas, do que obrigá-las sob preceito*» (**30201**);
- **pecados contra a <u>castidade</u>**: «*Quem for surpreendido uma vez só com palavras ou escritos, gestos ou atos - não digo ter-se envolvido em problemas sexuais - mas apenas comprovadamente ter tentado envolver-se nessas coisas - seja definitivamente expulso da "Companhia" E mais: se houver quem não queira crescer na virtude da Castidade (fugindo de tudo o que a ela se opõe), de tal modo que corpo e mente sejam manchados por tais males, este seja eliminado sem que tenhamos medo de errar*» (**30301-02**);
- **descumprimento da norma, da parte do ecônomo**, de utilizar, cada mês, todo o dinheiro [nas necessidades da casa ou em esmolas]: « *Mas, se cair no mesmo erro uma terceira vez, considerem-no como proprietário e o expulsem da Congregação*» (**30403**);
- **ocultação da própria situação de devedor no momento da admissão**: «*Mas, se descobrirmos tal mentira somente após a Profissão, queremos que a Congregação se desobrigue de pagar as suas dívidas e que tal pessoa seja excluída da Congregação, sem exceção e sem demora*» (**31110**);
- **ocultação das próprias culpas**: «*Entretanto, se alguém de vocês não*

se acusar espontaneamente, mas esconder a culpa com fingimento, dissimulação ou de qualquer outro modo, admoestem o pecador com ameaças de expulsão, que aplicarão de acordo com os nossos Estatutos» (**31305**);

- queixas dos discretos pela perda da função: «*... se eles se queixarem, (do jeito que for esta queixa), expulsem-nos da Congregação*» (**31406**).

Caso os discretos ou o superior (Oficiais) se descuidassem do dever de ameaçar ou de amedrontar com a possível expulsão dos «sujeitos indispostos», Antônio Maria estabelece que aquêle que corrige reúna todos os professos, de tal forma que se comunique aos interessados a providência tomada: «*Uma vez certificada a sua negligência ou injustiça - por meio de mais da metade dos votos - notifiquem aos interessados a sentença de expulsão*» (**31408** ou seja, comunique a eles a decisão tomada, embora os discretos e o superior não tenham cumprido a sua função. Antônio Maria se apressa em dar a razão de semelhante rigor, afirmando que não se devem conservar pessoas que «*não sejam muito zelosos com a Congregação e com a honra de Deus. Ai de nós, se alguém puder afirmar como verdade: "Senhor, aumentaste o povo, mas não aumentaste a alegria"*» (**31408**).

PERFEIÇÃO

«*... eu conheço a grandeza da perfeição e a abundância das graças e eu conheço os frutos que o Crucificado quer produzir em vocês e sei muito bem a que grau de perfeição Ele quer levar vocês dois*» (**11107**)

O imperativo evangélico: «Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48) e o convite: «Se queres ser perfeito...» (Mt 19,21) motivam em Zaccaria a convicção de que a via cristã é «caminho de perfeição»: «*... a vida cristã está sempre procurando a perfeição*» (**20619**; **cf. 20113-14**). Antônio Maria fala de «*santidade* [perfeição]

madura» (**10904**) e, de novo, «*madura*» (**10504**). E a visão que ele nos oferece é visão dinâmica, porque a capacidade de chegar à perfeição é praticamente ilimitada nas pessoas humanas. Isto explica por que Zac-caria aponta para o «*crescimento» na perfeição* (**cf. 11104**), para cujo «*máximo*» (**cf. 11108**) ou «*total e completa perfeição*» (**31244**) é preciso conduzir toda a busca espiritual, segundo o itinerário tríplice (principiantes, proficientes e perfeitos; cf. *Ditos Notáveis*, **Lágrimas 4, 9-11.22**). Antônio Maria fala repetidamente da «*total e completa perfeição*» (**31244**) que o homem aprende diretamente do Espírito Santo - definido como «*Aquele que ensina a justiça, a santidade, a perfeição*» (**10504**) - e que consegue com a colaboração ativa dos «*sentimentos*»: «*... a perfeição à qual vocês vão chegar, levados pelos seus bons sentimentos*» (**10606**).

O anseio pela perfeição dos próprios discípulos agita e dilacera o coração do pai. É com termos angustiados que ele interpela Soresina: «*O que ganhará, atrasando seu caminho para a perfeição* (proveito)*?*» (**11010**). E aponta a causa da perfeição do casal Omodei, último destinatário de seus ardentes convites: «*... eu conheço a grandeza da perfeição ..., e sei muito bem a que grau de perfeição Ele* [o Crucificado] *quer levar vocês dois*». «*... como anseio intensa-mente pela perfeição dos dois!*». «*Estou pronto a derramar o sangue por vocês, desde que façam isso que eu lhes disse!*» (**11107.08**).

PERPETUIDADE NA ORAÇÃO (ORAÇÃO CONTÍNUA)

«*... você se acostumará a fazer suas orações com facilidade, sem prejudicar seus afazeres nem sua saúde e rezará sempre, de modo que bebendo, comendo, trabalhando, falando, estudando, escrevendo..., você estará rezando*» (**10311**)

Para conseguir o que deseja quanto à oração, Antônio Maria recomenda «*a freqüente elevação da mente*» ou, em outras palavras, que

você «*eleve sua mente a Deus frequentemente*» (**10310**). Isto conduz «*àquela situação de oração*» (**31006**) que fixa o homem numa constante lembrança de Deus, também durante o sono: «*... se você dorme e seu coração está vigilante ...*» (**20207**). Tal estado deve ser alcançado por «*arte e esforço*», superando na vida espiritual tudo o que caracteriza o comportamento humano, comportamento que o Santo convida a olhar, antes, a tocar com as próprias mãos, isto é, a constatar da maneira mais direta: «*Porque, quando ainda vivíamos no mundo, comendo ou trabalhando com as mãos, alguma vez a nossa mente pensava em algum negócio lucrativo, ou em algum amigo, ou em alguma vingança, ou em qualquer outra coisa. Não lhes resta, pois, agora, senão fazer por arte e esforço, o que antigamente vocês faziam por mau hábito ou por negligência*» (**31014**).

João Cassiano ensinava, imitando os Padres do deserto, que a «oração contínua» consiste na repetição do versículo: «*Vinde, ó Deus, em meu auxílio; socorrei-me sem demora*» (*Colações*, 10,10). João Clímaco tambpen recomenda «interromper freqüentemente as próprias ocupações, para rezar», «com toda a simplicidade, com uma mesma expressão» (*Escada do Céu*, 19,118 e 28,188) e para «entreter-nos com Deus como com um amigo» (*ibid*., 28,188), coisa que Zaccaria resgata quando valoriza o «*dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado*» (**10306**). Cf. *Ditos Notáveis*, «**Oração**» e «**Vida mista**»

POBREZA

«*... é próprio da pobreza ter pouco e é próprio da natureza contentar-se com poucas e pequenas coisas*» (**30403**)

Dos três conselhos evangélicos, o que Zaccaria vê brilhar com mais insistência em Jesus Cristo é o da extrema pobreza: «[Cristo], *com seu próprio exemplo, viveu extrema pobreza!*», «*padeceu continuamente frio e calor, fome e sede*» (**20413**). Antônio disse isto aos leigos,

acrescentando que o Senhor nos convida com seu exemplo a segui-lo, porque renunciou a «*todos os bens terrenos*» e abraçou «a extrema pobreza ... Cristo escolheu as humilhações, "a afronta deles partiu-me o coração..."e "fugiu das honras". [desejou e aceitou os opróbrios, deixou as consolações tanto espirituais quanto temporais, e assumiu toda desolação e total abandono, não só das criaturas mas também de seu Pai Celeste]» (**cf. 20413**).

Como podemos observar, a pobreza de Cristo é, ao mesmo tempo, interior e exterior e é proposta, em primeiro lugar, aos leigos, considerados o mais das vezes como «[cheios] *de avareza*» (**20136**) e, depois, obviamente, aos religiosos. Antônio Maria dedica ao assunto um capítulo das *Constituições*, o 4º, no qual surge o ideal esmoler-mendicante que inspira ao Santo a primeira legislação da Ordem: nenhuma posse, «casas ... pobres», dotadas quando muito de horta; dinheiro e mantimentos só para as necessidades mensais; mobília, vestuário e alimento nos limites da mais absoluta «*necessidade*» e essencialidade, «*porque é próprio da pobreza ter pouco como é próprio da natureza co«ntentar-se com poucas e pequenas coisas*» (**30402**; **cf. 31211**). O fundador quer que seus seguidores estejam animados pelo «*desejo da pobreza*» (**30406**), de modo a amá-la «*ardentemente*», evitando de todos os modos que «*sob o pretexto da necessidade, os braços do supérfluo, muitas vezes, aumentam demais*» (***31211***).

Por outro lado, Zaccaria tem diante de si a visão de religiosos e religiosas que ele define sem mais como «*inimigos da pobreza de Cristo*» (**30406**). Esses, ao invés de amá-la, temem «*a pobreza do mosteiro*» (**20136**), tornando-se «*donos*» (**31710**), multiplicando bens e exigências (**cf, 31709-10**). Isto explica a radicalidade quase impossível das indicações práticas do santo. Não se esqueçam, porém, que a forma mais sutil de «propriedade» é fazer a vontade própria: «*... em todas as suas ações, você se comporta como dona da verdade, faz valer o que é seu*», recrimina Antônio Maria no comportamento das religiosas de seu tempo (**20133**).

POTÊNCIAS DA ALMA

«*Isso quer dizer: que o homem de vida espiritual confia sua inteligência, sua vontade, sua memória, seus sentimentos e sua ação à bondade divina*» (**20201**)

A reflexão sobre as potências ou faculdades da alma já tinha sido começada por Aristóteles e retomada por São Tomás na sua *Summa theologiae*.

As doutrinas filosóficas e espirituais tratam amplamente das «três potências»: intelecto, vontade e memória. Santo Agostinho já dizia que elas constituem «unus animus», isto é, são expressões da única alma (*De Trinitate*, 11,4,7). O mesmo santo relaciona as três po-tências com a Trindade, que lhes é a fonte originária. A «memória», quer dizer, nossa vida vivida e que, portanto, coincide com a nossa própria essência que no tempo se entretece e se explicita, relaciona-nos com o Pai; o intelecto com o Verbo; e a vontade com o Espírito. Tempos depois, Zaccaria ilustra a finalidade das três potências quando escreve que «*o homem esteja sempre voltado para Deus, não deseje coisa alguma, a não ser Deus, não se lembre de ninguém mais do que de Deus*» (**20201**).

Zaccaria conhecia perfeitamente uma passagem do Diálogo, de Santa. Catarina de Sena: «... o dote havido de mim, isto é, a memória recebida, para que se lembrasse dos meus benefícios; o intelecto para que visse e conhecesse a verdade; o afeto para que me amasse a mim, Verdade eterna, que ele conheceu com o intelecto».

Os autores espirituais estabelecem, além disso, uma estreita relação entre as três potências e as virtudes teologais: fé/inteligência, esperança/memória, caridade/vontade. O desenvolvimento mais elaborado desta doutrina encontra-se em São João da Cruz (*Subida ao Monte Carmelo*, 2,6,1-4), o qual afirma que estas virtudes «constituem uma ótima disposição para que a alma se una a Deus segundo as três potências» (*Noite Escura da Alma*, 2,21,11).

Antônio Maria acrescenta às três clássicas potências o «sentir» e

o «agir», dando assim um quadro completo da pessoa em todos os seus aspectos.

PRAZER

«*Qual seria aquele peregrino que poderia caminhar, rápido e prudente, por um caminho tão estreito e difícil, sem ter nenhuma satisfação?*» (**20414**)

É muito interessante a doutrina do prazer, que Zaccaria indica com os termos *deleite* e *satisfação*. O prazer é uma paixão, uma conseqüência natural de algumas ações humanas, como, por exemplo, o comer: «*... quem pode ser condenado só porque fica com água na boca diante de um prato de comida gostosa?*» (**20503**).

Em si mesmo, portanto, o prazer não é condenável. O importante, porém, é que não se torne o fim principal do agir humano, sobretudo em se tratando de religiosos. De fato, o Santo parece subentender, se aos leigos se concede poder deleitar-se na comida, isso não deveria, de certo modo, ser permitido aos que levam vida ascética, porque para estes, os «maiores e verdadeiros» presentes, tal como Frei Batista os qualifica, são os de ordem totalmente espiritual: «*Ninguém coma coisa alguma fora de hora, esteja onde estiver, qualquer que seja a época do ano e tenha a idade que tiver. Não coma, mesmo que seja uma coisa simples e em pequena quantidade, só porque lhe agrada e lhe é atraente, porque isso é o vício da gula*» (**30506**). Para evitar isto, pode-se em alguns casos desejar «*comer sem sentir prazer*» ou, como quer que seja, não fazê-lo por mero «*prazer*» (**30506**).

Em todo caso, Zaccaria é muito realista: sabe que o homem necessita do prazer. O prazer é mola mestra do agir humano: «*Qual seria aquele peregrino que poderia caminhar, rápido e prudente, por um caminho tão estreito e difícil, sem ter nenhuma satisfação?*» (**20414**). O

problema, pois, não é tanto o de extinguir o prazer, mas o de substituir um prazer por outro prazer: «[Os Noviçõs] *não farão nenhum progresso se não sentirem um grande prazer nessa forma de Oração* [mental]» (**31212**). Podemos dizer que a idéia de **oração** se liga, em Zaccaria, necessariamente, ao verbo deleitar-se: «*A oração mental é tão necessária para o nosso crescimento espiritual, que, sem dúvida, cada um de vocês pode concluir - e isso eu digo com toda certeza - que, quem não se dedicar a ela e não se deleitar interiormente nela, jamais progredirá*» (**31001**). «*Ensine, ainda, aos Noviços a se deleitarem na Oração e no exercício mental da Meditação, como já falamos antes e lhes assegure de que não farão nenhum progresso se não sentirem um grande prazer nessa forma de Oração*» (**31212**); «*Não sinto prazer quando começo minha oração mental*» (**31009**); « *... em suas mentes, sintam prazer em ruminar coisas boas*» (**31011**)

Não só na oração mas também no estudo podemos sentir prazer: «*Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la, de modo a sondar e revelar seu sentido mais oculto*» (**30802**); «*Mas, deleitem-se, de modo particular e especial, na leitura de livros que tratem de assuntos de instrução e formação de bons costumes, da perfeição da vida, da verdadeira imitação de Cristo*» (**30803**).

PRECEITO FESTIVO

«*.. levante-se e se esforce para pagar a sua dívida, pois Ele o receberá de novo ... Isso não vai ser difícil se, daqui em diante, você cumprir à risca o terceiro mandamento*» (**20316**)

A santificação do dia festivo nada mais é, para Antônio Maria, que pagar a Deus a dívida de reconhecimento por seus inúmeros benefícios, benefícios de que ele trata na primeira parte do Sermão 3, tal qual se paga «*até mesmo o mais simples dos operários,* [que não]

fica sem o seu salário» (**20301**). Para sermos exatos, os três primeiros mandamentos nos impelem a dar a Deus o tributo «do coração, da palavra e das ações» (**cf, 20316**), respectivamente. Quanto ao terceiro, Zaccaria apresenta seu aspecto moral, relativo à substância do preceito, o qual implica «*que você se santifique e se entregue a Deus*» (**20318**); e o aspecto ritual, concernente às modalidades que ele assume, isto é, o «repouso sabático». Trata-se de aspectos que o Santo retira cuidadosamente da Summa theologiae, II.II, 122,4.

A proibição das obras, para Antônio Maria, é o sinal de que renunciamos ao pecado, nosso e dos outros. Mas o aspecto sobre o qual ele insiste mais longamente é o da santificação do dia festivo. Esta santificação exige quatro esforços: purificação interior; passagem do homem velho para o homem novo, isto é, dos vícios para as virtudes; amor a Deus, que implica em amar os amigos nEle, e aos inimigos por Ele; conversão interior e exterior. Zaccaria trata deste ponto detidamente em seguida, destacando que a conversão «interior» se traduz na oração, isto é, naquele «culto interior que consiste na oração e na devoção» (Summa theologiae, cit.). O Santo explicita tais conceitos assim: «*... a meditação não é suficiente; é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, con-templar*» (**20323**).

A conversão «externa» exige o culto exterior, que se traduz na salmodia e no sacrifício. Antes, porém, de dizer que se trata da Eucaristia, Zaccaria fala de dois sacrifícios prévios, os quais dizem respeito ao homem na sua mortificação (do corpo) é uma prova de que levamos a sério a seqüela de Cristo (**cf. 20134** e **20621**) e se refere ao jejum, à vigília e ao trabalho apostólico.

O culto externo não se esgota, porém, na salmodia e na Eucaristia, cuja freqüência semanal é vigorosamente inculcada, baseando-se na autoridade de Agostinho, que depois se descobriu ser de Genádio de Marselha, *De Ecclesiae dogmatibus*, 53 (Agostinho teve, na verdade, uma posição fundamentada no que é possível: «Comporte-se cada qual segundo a própria fé e faça em espírito de piedade aquilo que achar

oportuno», Epístola 54, 3,4. A autoridade do bispo de Hipona é também invocada por Frei Batista, *Via di aperta Verità*, p. 51v). Culto externo é também praticar («fazer», escreve Zaccaria) os mandamentos, «aprender» o evangelho e «pregá-lo» aos outros; é praticar, além disso, as obras de misericórdia (onde o hospes [= hóspede] de Mt 25,35 se converte em «peregrino»)..., para concluir: «em tudo, te mova a caridade». De fato, «a nova lei» conhece um único preceito: o amor.

«... isso me trará serenidade de espírito, mesmo em meio às agitações [provações» ('11205)

Deve-se, por fim, destacar mais uma vez que todos que «*comungam com freqüência não estão neste perigo, porque não caem tantas vezes e se levantam mais depressa*» (**20620**).

PROFISSÃO

«*... se a Profissão for adiada, que ninguém se julgue facilmente professo*» (**31115**)

A profissão de obediência, castidade e pobreza (hoje os votos são apresentados de maneira diferente, ou seja: castidade, pobreza, obediência) encerrava o ano canônico do noviciado ou da «prova», e era perpétua e solene, própria das antigas ordens religiosas e segundo a natureza dos votos. A primeira especificação dos votos remonta ao fim de 1100. Supondo conhecidos tais aspectos, Antônio Maria transcreve elementos do Direito, dentre os quais a idade mínima de 25 anos (com que se atingia a maioridade) e a exclusão de toda reivindicação da parte dos professos que deixassem o Instituto ou dele fossem expulsos.
Pode ser interessante notar a norma: «*Ninguém se julgue tacitamente professo*». Acontecia, de fato, que indivíduos diferiam a profissão, não só por razões de idade ou pelo rigor nas aceitações mas também por motivo de indecisão, que se podia considerar plausível no caso de uma Ordem nova como a instituída por Antônio Maria. Canonicamente falando, existia o «propositum», mas faltava a «consecratio». Norma

tão sábia, que entendia tornar óbvias a situações pouco claras, não foi levada em consideração pela primeira geração paulina, ocasionando graves inconvenientes para a estabilidade dos dois primeiros colégios zaccarianos. O que, porém, interessa sublinhar é a insistência sobre as disposições dos indivíduos, «*... que sejam dotados de boas qualidades, de fogo e de luz*» (**31106**); e sobre a necessidade de experimentá-los e prová-los «*com todo tipo de injúrias e grandes humilhações ..., não de modo diferente do que faziam os ... antigos Santos Padres*» (**31111**), os quais queriam que no noviciado não faltasse o provocador dos noviços, com a exata finalidade de submetê-los a provas constantes. Caso fossem achados «*vivendo na murmuração ou na tibieza, ficando impacientes, ou fazendo coisas semelhantes*» (**31112**), não deviam ser aceitos.

PROVAS / PROVAÇÕES

«... isso me trará serenidade de espírito, mesmo em meio às agitações [provações]*»* (**11205**)

Esta frase parece náo corresponder ao estilo de Zaccaria. Ela foi, na verdade, pensada pela Angélica Paula Antônia Negri, que assina a carta; para ela, esta linguagem não era estranha. Significa que, se nós quisermos alcançar determinadas seguranças ou determinadas metas, só o conseguiremos com luta e provação. É positiva, portanto, a avaliação que Antônio Maria faz das provações, que também logo logo se abateriam sobre seus institutos. Esta situação é comprovada, sobretudo, pela exortação de 4 de outubro de 1534 dirigida aos discípulos (cf. Sermão 7) e o testemunho de um deles, o Pe. Soresina, que, em meio à fúria da perseguição, assim se expressou: «O Crucificado quer-nos muito bem; deseja servir-se de nós; ora de um modo, ora de outro; faz muitos anos que o Senhor nos castiga; deseja com isto que nos renovemos, e juntamente com nossa Madre [Negri] nos apresentemos na infâmia, segundo o que já predissera o nosso reverendo pai Antônio

Maria» (*Atti capitolari* de 15 de maio de 1551; cf. 1Cor 4,9 e 2Cor 6,8, a que se refere a expressão de Soresina).

Aos leigos, que temiam ser perseguidos por causa de sua integridade cristã, Antônio Maria exclamava: «*Aí eu digo: você é feliz! Porque "felizes os que são perseguidos por causa da justiça..." (Mt.5,10). E se você me dissesse: "quem quiser esse tipo de felicidade, que fique com ela!" Nesse caso, eu respondo: você não está falando nem como bom cristão e nem mesmo como um bom cidadão!*» (**20431**). De fato, «*é preciso que, todos os que desejam viver em Cristo sofram com tribulações e dificuldades, do mesmo jeito que o próprio Cristo, que é a verdadeira luz, mostrou com obras e palavras*» (**20416**).

Quanto aos religiosos, não só deveriam estar prontos para suportar as provas que viessem de fora, como também as que se desencadeassem na vida comunitária, sobretudo por obra dos tíbios, os quais «*levantam batalhas cruéis contra os fervorosos...*», muito embora isso seja «*pura permissão de Deus*», isto é, tudo pertença aos seus desígnios, a fim de que «*a virtude seja colocada à prova pelas contrariedades*» (**31807**), e se reconheça «*que o mal se transformou em bem*» (**10609**). Nesta perspectiva, reveste-se de grande importância «o ano de provação» a que se submetem os noviços em vista da profissão dos votos (**cf. 31110**), sem contudo esquecer que, muito além das provas postas em ação pelos homens, Deus não deixa de fazer a sua parte: o mestre deverá inteirar os noviços de «*que, todas as vezes que o Senhor quiser (queiram eles ou não), os fará cair em sofrimentos diferentes ou nas mãos do demônio, ou em outras infelicidades da alma e do corpo*» (**31228**).

PROVEITO / PROGRESSO ESPIRITUAL

«*Ah! Meu caro! De quem será a culpa do seu pequeno crescimento espiritual? ... Confesse a verdade: a culpa é sua!*» **(20112.13)**

A catequese zaccariana sobre os mandamentos começa por chamar a atenção para o proveito ou progresso espiritual: o que significa que aos olhos do Santo o assunto assume uma importância decisiva para todos os que desejam seguir pelos caminhos do espírito. O «pro-gresso espiritual» extrai seu próprio ímpeto do fervor, mas é ameaçado pela tibieza (**cf.31801**). Só podem progredir aqueles animados por «*muito boa vontade*» (**31103**) e se esforcem para superar os aspectos defeituosos do comportamento, dentre os quais se destacam a gula e a soberba: «*Quem souber dominar a gula com discrição, vencerá a so-berba e, sem dúvida alguma, fará progressos*» (**30506**). Permanecendo sempre na ótica do progresso espiritual, é decisiva a prática da oração, como se afirma constamtemente nas Constituições: «*... quem não se dedicar a ela e não se deleitar interiormente nela, jamais progredirá*» (**31001**); os noviços se deleitem «*na Oração e no exercício mental da Meditação, ... e* [o Mestre] l*hes assegure de que não farão nenhum progresso se não sentirem um grande prazer nessa forma de Oração*» (**31212**).

Os religiosos deverão dotar-se de leis que os ajudem a alcançar «*coisas cada vez mais perfeitas*», e não de «*leis meramente punitivas*» ... «*Com essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar*» (**31820**).

O convite às pessoas para que obtenham progresso espiritual perpassa os Escritos zaccarianos como um chamado insistente: Zaccaria trata do tema com os «co-fundadores» e os primeiros discípulos (**10201-16 / 10701-12**); a respeito do mesmo tema ele escreve quer às Angélicas (**10502-06**) quer aos casados: Carlos Magni (**10313-16**) e o casal Omodei (**11101-09**). Mais dois detalhes alertam para os perigos que ameaçam o progresso espiritual e se referem aos escrúpulos (**31222**) e aos relacionamentos interpessoais: Antônio Maria também desencoraja o trato com pessoas «*das quais não se espera nenhum proveito espiritual*» (**31909**).

PROVIDÊNCIA

«*Vocês dirão: Em que se pode expandir a mente com a oração? Eu respondo ... na gran-de providência de Deus ...*» (**31011**)

A providência é um dos principais atributos operantes de Deus (Atributos de Deus). Ela corresponde ao que Zaccaria chama de «*o benefício do governo*» e é uma manifestação da sabedoria divina: «*Deus constituiu as pessoas naquela harmonia maravilhosa que você mesmo pode ver. Repare como o homem, criado livre, é conduzido pela Providência, de tal modo que o obriga e o incentiva sem forçá-lo e sem nenhum constrangimento*» (**20103**).

A providência é objeto de reflexão comunitária e individual: durante a colação ou conferência se tratará do «*auxílio da Providência de Deus e dos anjos*» (**30901**); também «*na grande providência de Deus*» poderemos expandir nossa mente na oração (**31011**).

O «*Livro da suprema Providência*» é, enfim, a história, que nos ensina o motivo pelo qual Deus permite a dissolução dos costumes: «*Deus dispõe, em vários momentos históricos e em tempos tempestuosos, de meios para "coroar muitos comandantes*» (**31819**; Livro).

... o homem que está no mau caminho, não fica nada satisfeito, isto é, não encontrando prazer no mal, pode continuar nele: e assim, não parando no mal, irá para o bem **(10202)**

Q

QUARENTA HORAS

«*... ficarei certo de que as orações das Quarenta Horas e outras boas obras terão crescimento*» (**10615**)

De vigília de oração no Sepulcro do Senhor com a duração de 40 horas à contemplação da Eucaristia solenemente exposta por turno nas igrejas da cidade de Milão: esta é a origem das Quarenta Horas. Aliás, pensava-se ter sido de 40 horas o tempo de permanência de Cristo no seio da morte, segundo as considerações de Santo Agostinho (*De Trinitate* 4, 6,10). Parece que a apresentação do projeto, por parte de Frei Bono, amigo íntimo e colaborador de Zaccaria, tenha sido em 1534. Seja como for, está fora de dúvida que se realizou em 1537, por obra dos Paulinos, encontrando imediata acolhida na ordem dos Capuchinhos, que abraçou a causa com grande zelo (cf. C. CARGNONI, *Le Quarantore ieri e oggi*, Roma 1986).

Trata-se de uma das bem sucedidas estratégias apostólicas promovidas por Antônio Maria, peculiares do seu instituto, como se percebe na carta de 8 de outubro de 1538. Nela, Zaccaria faz votos de que também na missão a oração das Quarenta Horas vá para frente junto com outras obras (**cf. 10615**). O «desejo de ver a Hóstia», tão arraigado na piedade cristã da época, teve com as Quarenta Horas, expressão tão aperfeiçoada, que se traduz até hoje numa prática que conserva inalterada sua própria beleza e eficácia.

QUIETUDE / SERENIDADE / DESCANSO

«*... o Espírito Santo paráclito não as deixará carentes, dando-lhes ...*

uma serenidade permanente, mesmo não as livrando da humilhação da Cruz» (**10504**)

A quietude [tranqüilidade, serenidade] ou repouso é uma das necessidades e aspirações do homem. O próprio Deus descansou: «*... e no sétimo dia Ele descansou*» (Ex 20,11; **20317**). Por isso o homem também pode e deve descansar: a cada semana, no dia do Senhor: «*você não pode trabalhar nesse dia!*» (**20317**); no termo da vida, na morte («*o descanso de Cristo na sepultura*») e na bem-aventurança («*o descanso das almas no Paraíso*») (**20318**.; com referência implícita ao «descanso do Senhor» segundo Hebreus, 3,7 -- 4,11).

A inquietação [ou preocupação, intranqüilidade] é a conseqüência natural das provações da vida: «*Todas as contrariedades e trabalhos do mundo batem à sua porta e não deixam você descansar nem de dia, nem de noite, nem por um momento*!» (**20417**). Isto pode ser uma virtude: «*... reparem que ela* [Angélica Negri] *nunca para por motivo de descanso, mas está sempre adquirindo alguma coisa nova para si e para os outros*» (**10910**). Tam-bém é um defeito: «*O homem indeciso está sempre inquieto, nunca se sente satisfeito; mesmo quando está muito alegre ...*» (**10205**). Uma santa inquietação foi posta pelo pró-prio Deus no coração do homem: «*Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo degrau por degrau, chegue à perfeição. É por isso que se diz que o homem que está no mau caminho, não fica nada satisfeito, isto é, não encontrando prazer no mal, pode continuar nele: e assim, não parando no mal, irá para o bem*» (**10202**); «*... um desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição; deu-lhe uma insatisfação permanente em relação às coisas desse mundo e um desejo contínuo das coi-sas do céu*» (**20607**). Os *Ditos Notáveis* falam também de uma «*serenidade inquieta*» (**Ciúme espiritua l4**).

Há uma quietude que é sinônimo de tranqüilidade e de paz materiais, ou, no máximo, psicológicas: «*... a eloquência, que é realmente uma grande qualidade e muito importante, principalmente para manter o povo em paz*» (**20401**); «*... lendo as suas cartas, tenho a impressão de estar falando com o senhor e isso me trará serenidade de espírito, mesmo em meio às agitações*» (**11205**); «*... alguns se uniam aos reformadores para não viverem simplesmente como irmãos ... uns, para viverem na tranqüilidade com os companheiros*» (**31817**); «*... conservando sempre uma firme vivên-cia dos valores, nos momentos difíceis e nos tranquilos e consoladores ...*» (**11004**); «*Ó querido pai, você suou e sofreu e nós recebemos os frutos, você carregou a cruz e nós descansamos demais!*» (**10711**).

Existe, porém, uma quietude e um repouso que são sinônimos de profunda paz espiritual: «*... a lei de Deus é lei de amor, a lei de Deus é um peso suave, a lei de Deus é o alívio de seu coração, seu descanso e sua vida*» (**20111**); «*Quem fizer assim* [amar a Deus e ao próximo], *será puro, tranquilo e sem inquietação*» (**20323**); «*Deus habita nas pessoas de coração aberto para Ele. "Sua tenda está em Jerusalém e em Sion a sua morada"*» (**20437**; Zaccaria relê o paralelismo Jerusalém-Sião, mudando em paz o nome da cidade santa; «[O Espírito lhes dê] *todo o necessário, de modo especial, uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz*» (**10504**); «*Ah! Que abraços doces! Felizes os que neles se encontraram e neles descansam!*» (**20207**).

A principal conversão para Deus é se alimentar da Eucaristia
(20325)

R

RECOLHIMENTO

«*...ensine-lhes como ficar recolhidos, tanto interiormente como exteriormente*» (**31236**)

Zacaria estimula os noviços ao recolhimento interior e exterior (**cf. 31236**), tal como havia prescrito aos religiosos: «*Cada um, em casa ou fora dela, procure estar recolhido no "quarto" do seu coração e daí não sair*» (**30704**).

A expressão «secum habitare» [recolher-se] - é tomada por inteiro de Gregório Magno que trata do tema ao traçar o célebre perfil de São Bento: «... em tal solidão 'morava consigo'», para indicar a experiência de recolhimento do Santo. Quando, porém, o «arrebatava a contemplação», então sem dúvida «se sub se reliquit - deixava-se a si mesmo abaixo de si» (*Diálogos*, 2,3; texto paralelo lê-se no Ofício das Leituras da festa de São Bento).

O «secum habitare» comporta a fidelidade à cela na antiga praxe monástica. Disso trata João Cassiano (*Colações*, 6,15; são muito freqüentes as referências à cela nas Instituições Cenobíticas) e João Clímaco, que indica a cela como o segredo do hesicasta, ou seja, do que pratica a oração de quietude contemplativa, típica do Oriente cristão (*Escada do Céu*, 27, 179). Santa Catarina de Sena interpreta a cela em sentido estritamente espiritual, como «casa do conhecimento de si, onde [a alma] adquire todas as perfeições» (*Diálogo*, 64; Coração, cela do).

RECONHECIMENTO / GRATIDÃO

«*Deus merece o reconhecimento do homem*» (**20315**)

Gratidão para com Deus. É o tema central da primeira parte do Sermão 3. O reconhecimento (por um benefício) é o primeiro direito de Deus («*Deus merece o reconhecimento do homem porque o criou, porque o governa, porque o livra dos males, o conserva e o faz crescer no bem*» **20315**). A gratidão é também o primeiro dever do homem («... *você tem a obrigação de produzir frutos próprios, muito seus, além de agradecer a Deus*» **20309**). A ingratidão é uma profunda injustiça: «*Se você não quiser reconhecer, se não quiser dar a Deus o fruto prometido,* ...» (**20312**). A gratidão é o tributo próprio devido a Deus: «*Caríssimo, escute: Deus merece o reconhecimento do homem porque o criou, porque o governa, porque o livra dos males, o conserva e o faz crescer no bem*» (**20315**). Vivemos concretamente este reconhecimento pela observância do terceiro mandamento: «*Se você fizer assim, produzirá frutos para Deus, cumprirá sua promessa, será agradecido à bondade divina, fará sempre ação de graças*» (**20327**). Esra observância constitui o primeiro momento da vida espiritual, à qual corresponde como segunda etapa, a <u>perfeição</u> (<u>Ordem da vida espiritual</u>).
Para com o próximo. Antônio Maria trata disso no Sermão 4: «*Caríssimo, você desrespeita o quarto mandamento, quando não reconhece ...os seus benfeitores*» (**20429**); «*Você também desrespeita este mandamento, quando não agradece aos que o corrigem ... E aquele irmão chama a sua atenção e o repreende respeitosamente*» «*... você não o reconhece, não lhe agradece e até, muitas vezes, "joga pedras nele" por causa das boas obras que ele faz ...*» (**20430**) (<u>Correção fraterna</u>).

REFORMA

«*Mas vocês, que se dizem fervorosos, pelo amor de Deus, não cometam tal injustiça: enriquecer os inimigos de Deus com o patrimônio de Cristo! ... Por isso, olhem e levantem suas cabeças ... fujam, com Abraão, de Ur dos Caldeus, senão o fogo os queimará juntamente com seu irmão*» (**31704.05**).

«*E a vocês que, dessa forma, se separam dos outros, nós os cumulamos de bênçãos divinas e os advertimos para que não tenham medo... E a unção do Espírito Santo lhes ensinará tudo e tomará conta de vocês, porque foram do agrado de Deus, ó pequeno rebanho!*» (**31610**)

A reforma é um dos temas mais característicos da espiritualidade zaccariana. Não se trata nem da reforma da sociedade, nem da reforma da Igreja (embora Zaccaria seja contemporâneo de Lutero, promotor de reforma desse tipo). A reforma de Zaccaria é apenas a reforma da família religiosa por ele fundada. Isto aparece claramente se considerarmos os «*sinais da ruína dos costumes*» claramente apresentados no capítulo 17 das Constituições: todos estes sinais se referem à vida religiosa (Religião).

Alertado pela História, o Santo previu que, mais cedo ou mais tarde, aconteceria também com o seu Instituto o que já sucedera às demais ordens religiosas existentes na sua época: ao fervor inicial se seguiria uma situação de relaxamento. Que fazer? Como aconteceu no passado (vejam-se as reformas monásticas) e estava acontecendo no seu tempo (as reformas das ordens mendicantes) não pareceu a Zaccaria lhe restasse outra solução senão a de fazer uma reforma.

Objetivo da reforma. Foi apontado por Zaccaria no capítulo 16 das Constituições. «*Aliás, alguns dizem que têm vontade de mudar, mas na verdade desejariam não ficar submetidos a ninguém, ou fugir dos aborrecimentos, ou viver na abundância e na ociosidade, ou com bons companheiros, ou comodidades, ou para poder estudar ou por algum motivo semelhante, isto é, razões que não são a finalidade desta Reforma. Ora, a verdadeira finalidade da Reforma revela-se nisto: que procuremos tão somente a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos e só injúrias, para que os reformadores considerem agradável o ser desprezados*» (**31608**).

No capítulo sobre os visitadores, Zaccaria acrescenta: «*Ora, como o nosso fim principal é o conhecimento de nós mesmos e a vitória*

sobre nós mesmos, a imitação da bondade e da simplicidade cristãs, abraçar os insultos e querer amar a Cristo» (**31901**). E no capítulo sobre os noviços, o mestre afasta os «*comportamentos exteriores*» para não os indicar como fim da vida religiosa, ou seja, a observância puramente formal das Constituições: «*Ensine-lhes a refletir e a considerar bem as razões pelas quais estes comportamentos são pedidos, em vez de considerá-los como um fim em si mesmos*» (**31247**).

Modalidades da realização da reforma. No capítulo 16 sobre as MODIFICAÇÕES NAS CONSTITUIÇÕES, Zaccaria fornece indicações precisas a respeito das modalidades da realização da reforma: «*Ora, se por acaso for decidido algo que revele relaxamento da vida e do rigor desta disciplina, queremos que, antes, se tomem providências que favoreçam aqueles que não concordarem com este relaxamento e com tal decisão*» (**31603**). Ele reforça a ideia que se ponham à disposição dos que foram eleitos e nomeados «*para corrigir os erros ou as negligências praticadas pelos Superiores e discretos ...*» (**31603**) (Oficiais) uma ou duas casas, onde se possam livremente recolher (daí o nome «recoletos», recolhidos, assumiddo por alguns grupos de reformados) «*aqueles que não concordarem com este relaxamento*»; em tais casas serão superiores os dois professos mais velhos da Congregação; dali não poderão ser removidos nem os superiores nem os irmãos, e ninguém poderá intrometer-se nos negócios internos dessas comunidades (**cf. 31603**).

O reformador. Se no capítulo 16 das Constituições a possibilidade de reforma era quase «institucionalizada» e sua realização era confiada a determinados oficiais, no capítulo 18, com maior realismo, Zaccaria identifica na pessoa de um reformador, não necessariamente revestido de encargos especiais, o promotor de uma eventual reforma. Após inteirar-se do relaxamento da Congregação através dos sinais indicados no capítulo 17 das Constitui-ções, o reformador deverá levantar os olhos para «*a honra de Deus e o zelo pelo próximo*» (**31801**) e verificar se é idôneo para realizar a reforma. Para isto basta considerar se tem as

qualidades necessárias de um verdadeiro reformador: discrição (Discernimento), longanimidade, perseverança, humildade, oração, reta intenção, progresso contínuo (Avançar), confiança no auxílio de Deus. Se o reformador não achar em si todas as qualidades exigidas, porque acha que tem diante de si uma meta que lhe parece inatingível, nem por isso deverá imediatamente renunciar à responsabilidade de reformar. Deverá sim esforçar-se para tornar-se o que ainda não é: «*decida a tornar-se aquilo que você ainda não é*» (**31802**); se, porém, se julgar possuidor das condições requeridas, deverá, com coragem, exaltar a cruz tanto quanto puder acima da tibieza em favor dos bons costumes, mas não sem antescercar-se de alguns companheiros também refor-madores.
Os auxiliares do reformador. Eles devem ser escolhidos dentre aqueles pouquíssimos «*que querem realmente carregar a Cruz de Cristo e aceitar os insultos*» (**31826**). Não será fácil achá-los entre os antigos coirmãos: é que «*conservam o fermento da primeira farinha da tibieza*» (**31826**). Entretanto, se esses tais fossem encontrados, seriam os melhores. Mas não os encontrando, será necessário procurá-los fora, contanto «*que sejam inteligentes e, acima de tudo, de imensa boa vontade*» (**31826**), sem se preocupar com sua pobreza, idade ou saúde. Estes colaboradores serão atraídos «*através da seriedade de vida e da sã doutrina de quem os chamar*» (**31827**).

RELIGIÃO

«*A religião* [vida religiosa, Congregação] *é uma cruz contínua ... todos os dias*» (**20135**)

O termo *religião* assume em Zaccaria um tríplice significado: é antes de tudo uma virtude moral; pode ser sinônimo de vida religiosa; e por último, indica uma Ordem religiosa. As fronteiras entre as três acepções nem sempre estão bem delimitadas. Podemos, por isso, encontrar, aqui e ali, usos da palavra que se interpõem entre o primeiro e

o segundo sentido, ou mesmo entre a segunda e a terceira acepção.
Virtude moral. Por duas vezes Zaccaria cita a Carta de Tiago, 1,26, no Sermão 2, a propósito do cuidado com a língua: «*... se alguém diz que é religioso, mas não põe freios na sua língua, sua religião não serve pra nada*» (**20213**).
Vida religiosa. Zaccaria repete a citação de Tiago no apêndice ao Sermão 1, aplicando-o desta vez às religiosas: «*Não adianta nada ficar falando "somos religiosas, somos religiosas!" Você não é nem mesmo uma boa cristã!*» (**20132**). «*A Religião é controlar a própria língua (Tg.1,26); a religião é conservar o coração livre dos pensamentos maus e perversos e dos maus juízos; a Religião é fazer a vontade dos outros e não a própria*» (**20133**).

A vida religiosa é vista em oposição ao mundo: «*Tens na religião os perversos costumes dos seculares*» (**2013**). A vida religiosa é entendida como estar na presença de Deus: «Vo*cê dá prioridade aos ídolos, você tem, na vida religiosa, os costumes perversos das pesso-as do mundo* (**20131**). A vida religiosa é imersão no mistério pascal: «*A religião é uma cruz contínua ... todos os dias*» (**20135**). Ela tem em si um peso que só se carrega com o auxílio da oração: «*Portanto, se vocês quiserem compreender que não poderão carregar o peso da vida religiosa sem essas quatro formas de oração e de alimento espiritual da mente, reparem, então, como falham e se enchem de defeitos os que são negligentes na Oração Mental*» (**31012**).

Na vida religiosa deve-se dar o primeiro lugar à obediência, «*que é o primeiro voto solene da vida religiosa*» (**31706**).

Zaccaria põe a vida religiosa no mesmo plano da glória de Deus: «*... vocês não devem cuidar de pessoas sem boa disposição e que não sejam muito zelosos com a Congregação e com a honra de Deus*» (**31408**). Quem for eleito para corrigir (Oficiais) deverá ser o mais zeloso da Congregação e deverá zelar para que os discretos não deixem «*sujar com defeitos ou com grande negligência a beleza da vida religiosa*»; neste caso devem ser « considerado como indiscreto e

destruidor da vida religiosa (**cf. 31403**).
Ordem religiosa. O termo religião é, enfim, empregado para indicar, em geral, qualquer família religiosa e, em particular, a própria Ordem fundada por Zaccaria.
a) Em sentido genérico: «*Irmãos, vocês bem sabem que todo crescimento ou ruína espiritual das Congregações depende da boa ou má formação e instrução dos Noviços. Por isso, queremos e mandamos que vocês instruam os Noviços*» (**31201**); «*... irmãos, lembrem-se de novo de como as Congregações santas foram preparadas, no início, pelo Espírito Santo; mais tarde, porém, relaxaram-se, por causa de muitos acréscimos de leis e de estatutos promovidos pelos que não possuíam o Espírito Santo do mesmo modo que seus pais. E, por isso, introduziram leis e costumes relaxados, do jeito que eles mesmos eram*» (**31702**); «*Você já viu, por acaso, um frade ou uma freira (não digo religiosos) feitos de ovos podres e de manteiga rançosa?*» (**31817**); «*São Domingos, sendo de outra Congregação, separou-se deles e fundou uma nova*» (**31703**).
b) Em sentido específico [como sinônimo da Ordem zaccariana]. No capítulo 11 das Cons-tituições aparece várias vezes a expressão «*... queremos que a Congregação se desobrigue*» (**31110**); «*... a Congregação não esteja obrigada ...*» (**31113**); «*... ninguém se julgue facilmente professo, nem mesmo obrigado à vida religiosa ... a Congregação não será responsável por isso e nem obrigada a coisa alguma*» (**cf. 31115**). No mesmo capítulo encontramos a afirmação: «*... que tal pessoa seja excluída da Congregação ...* » (**cf. 31011**). O mestre deve ensinar aos noviços os comportamentos exteriores «*de acordo com a conveniência da Congregação*» (**31247**). Não podem unir-se aos reformadores os que «*tenham sido considerados, na Congregação, como revoltosos, possessivos, ambiciosos, manchados com algum defeito escandaloso e com alguma negligência grave*» (**31609**). Um dos sinais da ruína dos costumes é ouvir de muitos: «*A nossa Congregação está relaxada*» (**31715**); outro sinal: quando se devessem manter candidatos sem voca-

ção «*na Congregação por medo que ela acabe*» (**31715**).
‘Paralelamente ao termo religião, e sempre para indicar a Ordem zaccariana, fala-se, nos capítulos 2, 3, 4 e 7 das *Constituições* de Companhia (na tradução em Português vamos encontrar *“Companhia”* somente em **30301**. Nos outros capítulos citados usa-se Congre-gação); e, nos capítulos 14, 16 e 18, de Sociedade (em Português usa-se somente Congregação).

Ao termo «Religioso» se dedica o capítulo 25 (edição em Português) dos *Ditos Notáveis*.

ROTINA

«... *vocês fugirão da rotina*» (**10711**)

«*Vocês fugirão da rotina*» é o imperativo com que Antônio Maria se dirige aos irmãos que viviam «pertinho da Basílica de Santo Ambrósio» desde 1536, esperando que fechassem «*o negócio da igreja e da casa de São Barnabé*» (**10614**). A invenção da imprensa (stampa, em italiano) marcara também a linguagem da época, e a expressão que aparece sob a pena do Santo indica o hábito, a repetitividade mecânica e formal. Nas *Constituições*, Zaccaria alerta, por exemplo, para o confessar-se por rotina [mecanicamente] e «*por costume*» (**31219**); em todo caso, se o Pe. Gabuzio (*História*, p. 76) nos lembra como Antônio Maria «não tolerava que se fizesse o próprio dever por hábito ..., mas exortava a empenhar-se numa verdadeira competição visando o aperfeiçoamento», parece que ele voltava com freqüência a este tema. Costumava de fato repetir: «Não façam as coisas por rotina, como a novilha de Efraim, acostumada a se alimentar na eira (cf. Os 10,11). Zaccaria se retere ao fato de que, ao passar sempre pela colheita, as novilhas cumpriam de modo repetitivo seu trabalho, felizes apenas por comerem dos grãos que trituravam.

Frei Batista de Crema, de certa forma, também se mostra um

duro inimigo do agir por totina. Aliás, Zaccaria se serviu fartamente dos escritos do frei. Veja-se, além disso, a admoestação que dirige aos tíbios, os quais celebram por rotina
o culto divino, a oração. (*Ditos Notáveis*, **Compunção 5; Devoção 4; Tibieza** 13) e «*tudo o mais*» (**Fibieza 43**). Assim, «quem vive por rotima», mecanicamente, jamais alcançará a perfeição (**Penitêncua 4**).

RUMINAR

«*... em suas mentes, sintam prazer em ruminar coisas boas*» (**31011**)

Zaccaria recorre freqüentemente a este termo ou a termos análogos («*moer e remoer*», **10210**) para destacar a importância de que se reveste a íntima reelaboração do que nos é transmitido como alimento para a alma. Tanto os leigos («*Caríssimo, a meditação não é suficiente; é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, contemplar*» **20324**) como os religiosos («*Não lhes resta, pois, agora, senão fazer por arte e esforço, o que antigamente vocês faziam por mau hábito ou por negligência*» **31014**) são convidados pelo Santo a fazer esta reelaboração. «*Ora, minha irmã ...*» - parece tratar-se da Angélica Paula Antônia Negri – «*... interna e externamente vai acompanhando tudo ...*» (**10904**). Essas sáo algumas provocações que ele se arrisca a fazer («*não queria que você ficasse de mal comigo ....*», **10912**).

Ruminar e ruminação são termos técnicos da *lectio divina*. Comparada a um alimento, «quanto mais se rumina a palavra de Deus na boca, tanto mais docemente se saboreia no coração» (Ogerio de Locedio, *Sermones de verbis Domini in coena*, 4,1). Ou, segundo Bo-aventura, tão familiar ao nosso Santo: «Para podermos saborear com a ardente aplicação da mente as palavras da Sagrada Escritura, é preciso ruminá-las» (*Expositio in Hexaemeron*, 19). Portanto, não é por acaso que Antônio Maria exorta seus discípulos à «ruminação» no contexto dos

ensinamentos sobre a oração mental. Esta, de fato, se liga estritamente, quer como causa, quer como efeito, à ruminação de «*coisas devotas*». Isto não só prepara o caminho para o exercício meditativo («*... se vocês querem chegar com facilidade à Oração mental ...*» (**31011**) como também assegura-lhe a continuidade na vida: «*E lhes pedimos que, depois* [da oração mental] *... vocês estejam sempre com a mente elevada (1Cor.10,31), fazendo alguma coisa boa interiormente*» (**31014**). E à objeção de como se possam executar ações tão diferentes quais a do pensar e a do agir, Zaccaria responde referindo-se àquelas provocações, ou pior, susceptibilidades, que nos ocupam a mente apesar de todas as atividades que estejamos fazendo. E Zaccaria conclui: «*Não lhes resta, pois, agora, senão fazer por arte e esforço, o que antigamente vocês faziam por mau hábito ou por negligência*» (**31014**).

S

SACRIGÍCIO

«*Você se converterá a Deus, lendo a Bíblia, recitando ou cantando salmos e, mais ainda, oferecendo-lhe sacrifícios ...*» (**20325**)

A doutrina zaccariana sobre o sacrifício encontra-se no Sermão 3. Falando da santificação do dia festivo, Zaccaria diz a certa altura: «*Santificação quer dizer converter-se a Deus interna e externamente*» (**20324**). A propósito da conversão externa, ou seja, da conversão que se utiliza de meios externos, ele acrescenta: «*Você se converterá a Deus, lendo a Bíblia, recitando ou cantando salmos e, mais ainda, oferecendo-lhe sacrifícios*» (**20325**).

Aqui Zaccaria distingue três tipos de sacrifício: um sacrifício material, outro espiritual e outro sacramental. «*... oferecendo-lhe* [a Deus] *sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus, do seu interior: unindo-o a Deus; o maior de todos: a Santíssima Euca-ristia*» (**20325**). Como se pode ver, estão presentes todos os elementos essenciais do sacri-fício cristão: a forma exterior, que é dada pela imolação da vítima, que aqui se torna mortificação do corpo; sua essência interior, que é a oblação e que aqui se identifica com a união da alma com Deus; a condição que torna ainda possível os sacrifícios na economia da nova aliança, isto é, sua união com o único e perfeito sacrifício de Cristo, que se realiza mediante a Eucaristia.

SAGRADA ESCRITURA

«*Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la*» (**30802**)

A Bíblia nos escritos zaccarianos. Alguém computou nos breves Escritos de Zaccaria mais de mil referências e alusões à Sagrada Escritura (cf. G. RIZZI, *Il santo fondatore e la Bibbia*, in AV.VV., S. Antonio Maria Zaccaria nel 450o della morte, Roma 1989, pp. 95-119). Fica assim evidenciado que para ele a Bíblia é a *auctoritas* por excelência. Nas demonstrações, a prova mais autorizada é exatamente a escriturística, freqüentemente introduzida pelas expressões: «*... entende o que Deus diz; Moisés, falando do terceiro mandamento, disse: ...; Cristo disse; Assim fala o evangelista; = Diz a Escritura*» (**cf. 20129; 20317; várias vezes no Sermão 4; 20506. Indiretamente no Sermão 6**). A autoridade da Bíblia deriva do fato de ela ter o próprio Deus por autor: é o segundo livro (o primeiro é a criação) escrito por Deus, para que o homem pudesse ir até Ele (Via de Deus). Nela Deus «*Fez outro livro: o livro da Escritura, no qual não só corrigiu o primeiro, como colocou nele tudo de bom que havia nas criaturas; ensinou o caminho da perfeição a partir da imperfeição e, ao aceitar as coisas necessárias, eliminou as supérfluas*» (**20603**). Por ser exatamente *auctoritas* não discutida e indiscutível, a Escritura se torna a pedra de toque para julgar a ortodoxia de qualquer afirmação de fé, ainda que feita pelos Padres da Igreja (**cf. 30803**; Padres, Santos).

A interpretação zaccariana da Escritura. A Escritura não deve ser lida apenas superficialmente para conhecer-lhe o sentido histórico ou literário; deve ser penetrada a fundo de modo a captar-lhe o sentido espiritual: «*Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la, de modo a sondar e revelar seu sentido mais oculto, principalmente aquele que é útil para a formação pessoal*» (**30802**).

Dentre os sentidos ocultos reveste-se de particular importância o sentido típico, segundo o qual as palavras do Antigo Testamento antecipam e prefiguram o Novo Testamento. Nos Sermões, mediante a expressão técnica «figura», familiar à tradição patrística, como se pode, por exemplo, encontrar em São Gregório Magno, Zaccaria introduz di-

versos exemplos de tal leitura tipológica ou alegórica da Bíblia: a dupla entrega dos mandamentos a Moisés é figura da sua duradoura validade para os hebreus e para os cristãos (**cf. 20105.11-12**); o tributo dos egípcios ao faraó é figura da dívida do homem para com Deus (**cf. 20302**); o repouso de Deus no sétimo dia prefigura «*a morte e o descanso de Cristo na sepultura e o descanso das almas no Paraíso*» (**20318**); a libertação dos israelitas por Judite e Ester é figura da libertação dos homens tornada possível pela Virgem Maria (**cf. 2042**1); a separação entre Abraão e Ló é figura do livre arbítrio, graças ao qual o homem pode escolher entre o bem e o mal, podendo até fazer com que o mal se torne bem (**cf. 20514-16**); os inimigos que Israel teve de enfrentar na terra prometida são figura das paixões, dadas ao homem «para sua utilidade» (**cf. 20520**).

Por meio dessas figuras temos um conhecimento inicial de Deus: «*apenas através de fi-guras e de sombras pela luz sobrenatural do Antigo Testamento*» (**20208**). Completamos este conhecimento na Nova Aliança, onde se pode contemplar a Deus tace a face (**cf. 20208**). A nova economia supera e substitui a antiga: «*Destes preceitos, os rituais desaparecem, porque eram apenas figuras; quando veio a Luz, não há mais trevas. Em outras palavras: tendo vindo até nós o original, não precisamos mais da figura*» (**20115**).

A Escritura na vida. A Escritura deve instruir a vida do cristão e do religioso, quer por meio do estudo, quer por sua leitura piedosa.

a) Estudo. Dentre os livros sugeridos para o estudo dos Barnabitas, Zaccaria atribui o primeiro lugar à Sagrada Escritura.

b) Lectio divina. Zaccaria recomenda aos leigos a leitura dominical da Bíblia, como meio de conversão a Deus (**cf. 20325**). Aos noviços a leitura da Sagrada Escritura é proposta como alimento do homem interior (**cf. 31231**).

SANTIFICAÇÃO

«*Assim fala Paulo: "a vontade de Deus é que vivam consagrados a Ele*» (**20321**)

Zaccaria trata da santificação especialmente na segunda parte do Sermão 3, em que o termo é utilizado em sentido ritual («santificação do dia festivo») e em sentido moral («santificação pessoal»).

Santificação do dia festivo. É justamente o aspecto ritual do terceiro mandamento: «Lembra-te de santificar o sábado» (Ex 20,8). O motivo é que o próprio Deus «no sétimo dia descansou (Quietude), e abençoou aquele dia e o santificou» (Ex 20,11). Santificar significa literalmente «fazer santo», separar, reservar para Deus. Santificar a festa significa praticamente celebrá-la («... isto requer o verdadeiro celebrar e santificar a festa»).

Zaccaria explica o mandamento nos seguintes termos: «*Caríssimo, aqui Deus proíbe todos os pecados ... Deus proíbe também todos os trabalhos pesados. Deus manda que você respeite e santifique os dias de festa*» (Preceito festivo) (**20319.20**).

Santificação pessoal. A santificação da festa não pode ser um fato puramente formal: é necessário que à observância exterior corresponda a santificação interior. É o aspecto moral do mandamento: «*Este mandamento é moral, porque ele quer que você se santifique*» (**20318**). Destas palavras fica evidente que santificar-se equivale a oferecer-se a Deus. Logo em seguida Antônio Maria esclarece de maneira mais detalhada o conteúdo desta idéia: «*Santificação significa pureza de coração e purificação ... Santificação significa largar o homem velho - isto é, as coisas passadas, os vícios - e seguir o homem novo. ... Santificação significa amar a Deus sobre todas as coisas e, por amor dele, amar a todos* (Caridade) *... Santificação quer dizer converter-se a Deus interna e externamente*» (**20321.22.23.24**). A conversão, por sua vez, comporta o exame de consciência e a confissão dos próprios pecados; a leitura (lição) da Sagrada Escritura, a oração dos salmos e a oferta do sacrifí-

cio; a observância dos mandamentos, a catequese e as obras de misericórdia: «*Caríssimo, você quer mesmo santificar-se? Imite Cristo, imite Deus, seja misericordioso e dê de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, veste o nu, acolhe o peregrino e visita o doente, liberte o preso (Mt 25,35); cuide de seu trabalho, faça=o por amor de Deus, aja corretamente! Escolha o que for melhor, faça o bem e o amor seja em tudo a sua motivação*» (**20326**).

A santificação não é opcional: Deus quer que o homem se santifique. Por bem duas vezes Zaccaria traz para seus Escritos a frase de Paulo: «*"A vontade de Deus é que vocês sejam santos..."*» (1Ts 4,3; **20126 e cf.20321**). A santidade é um dever para o homem; mas é também, e antes de tudo, um dom divino: «*Cristo faça todos vocês serem santos*» (**10620**). O Espírito Santo é «*Aquele que ensina a justiça, a santidade, a perfeição*» (**10504**). É na Eucaristia que está a fonte da santidade: «*A sua principal conversão para Deus é se alimentar da Eucaristia. Caríssimo, não deixe de comungar: não existe mais nada que o possa santificar, pois aí está o Santo dos santos*» (**20325**).

É o tíbio que diz: «*... não me interessa uma santidade maior!*» (**20620**). Zaccaria, ao contrário, exige de seus filhos que subam «ao máximo da santificação» (**cf. 20325**); «*Não pensem que o amor que tenho pelos dois e que as boas qualidades que vocês têm me levem a desejar que sejam apenas santos comuns. De jeito nenhum! Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos*» **11106**; Perfeição).

SANTOS

«*Desse modo, você pode fazer uma lista das ações de Cristo e dos santos, que você vai encontrar muitos momentos dignos de elogios, ...*» (**20507**)

Santo é a princípio um atributo divino: «*Santo dos santos*» é o Senhor presente na Eucaristia (**cf. 20325**); «*santo Autor da nossa salvação*» é Jesus Salvador (**20506**); santo é o Espírito Paráclito (passim; Espírito Santo). Mas santos podem ser também os homens na medida em que participam da santidade de Deus. A eles podemos atribuir o termo santo com pequenas variantes: em sentido *amplo*, em sentido *estrito* e em sentido que, por conveniência, vamos chamar de *técnico*.

Em sentido amplo. Santos são os «*chefes*» (Pais / Chefes / Guias), isto é, os fundadores e os responsáveis pela comunidade (**cf. 10505**); santo é o padre superior Tiago Antônio Morigia (**cf. 10509**); «*filho santo*» é chamado o Pe. Bartolomeu Ferrari, que será seu sucessor (**cf. 10606**); santa é considerada a madre mestra, Paula Antônia Negri (**cf. 10909**). Santas, portanto, são as pessoas que embora vivas já percorreram um certo caminho pela senda da santidade.

A santidade permite-lhes também (como aos «*grandes santos*») terem certas liberdades que num incipiente seriam de todo inadmissíveis (**cf. 10912**) Os santos podem criar desordens, mas por motivo e estilo particulares: «*Os santos promovem sedições; porém, amando*» (Gregório Magno, *Homiliae in Evangelia*, 2,34,2); **31703**). Pode haver, infelizmente, os que de santo só têm a aparência («*"macacos" imitadores de santos*»), santos apenas no comportamento exterior, e não no coração, dispostos até a morrer de vanglória (**20409**). Sim, pode haver. Infelizmente.

Zaccaria chama santas também algumas pessoas de sua época, portadoras evidentemente de carismas particulares: «*Se vocês soubessem quantas promessas de renovação foram feitas a tantos santos e santas! E todas elas vão acontecer nos filhos e filhas de nosso pai*» (**10711**). Antônio Maria parece referir-se às profecias da venerável Arcângela Panigarola (+ 1525) e do bem-aventurado Amadeu (João da Silva y Menezes, + 1484).

Na Carta 1, Zaccaria convida Frei Batista para ser seu «[santo] *intercessor junto a Deus*» (**10108**), entendendo neste caso a palavra

santo como sinônimo de intercessor.

Em sentido estrito, são santos os que já completaram o caminho na terra e alcançaram a glória. Santos são os patriarcas e os profetas (**cf. 20105 e 20605**), os apóstolos e os mártires (**cf. 20711.13**), os Santos Padres e os doutores da Igreja (**cf. 30803**), os Padres do deserto (**cf. 30904, 31111, 31307**) e os monges (**20420**).

Os santos viveram durante a vida espiritualmente: «*Para ela se orientaram todos os santos e sempre lhes agradou permanecer nela*» (**20209**). Foram até por vezes considerados seres divinos: «*Muitas vezes, os santos são chamados de deuses na carne, como aconteceu a Paulo, quando jogou a cobra no fogo (At.28,5-6); como aconteceu a Judas e a Simão, quando, devido à presença deles, os demônios ficavam calados. O mesmo aconteceu a milhares de outros santos*» (**20515**; para a referência a Simão e Judas, cf. o apócrifo vétero-testamentário do Pseudo-Abdia, 6,7).

No mais das vezes, porém, foram rejeitados e perseguidos: «*Cristo foi odiado pela maioria dos homens, como, aliás, aconteceu a muitos santos*» (**20413**); «*Os mártires e todos os santos de Deus - homens e mulheres - passaram por este caminho, passaram por fogos e águas e chegaram ao céu. "E todos que quiserem viver unidos a Jesus Cristo serão perseguidos"*» (**20713**). Nas perseguições não faltou por vezes a intervenção extraordinária de Deus: «*... muitas e muitas vezes, amansou as feras diante de tantos santos e santas*» (**20101**).

Os religiosos devem fazer o propósito de «*querer suportar sofrimentos e dores semelhan-tes às dores de Cristo e de seus santos*» (**31903**). Os sofrimentos dos santos podem ser motivo de súplica (Oração): «*Para serem mais facilmente ouvidos, peçam perdão por in--termédio do Sangue de Cristo e pela intercessão de todos os santos*» (**31005**). A vida dos santos deve ser continuamente meditada pelo cristão: «*... você pode fazer uma lista das ações de Cristo e dos santos, que você vai encontrar muitos momentos dignos de elogios*» (**20507**); «*... ter visto os efeitos da Paixão de Cristo e da dos santos*» (**20608**).

O homem que peca «*nunca progredirá no caminho de Deus [e de seus santos]*» (**30506**). Devido a suas próprias exigências biológicas, como o comer e o beber, cada um «*considere-se indigno da conversação com os anjos, com os santos*» (**30506**). Todavia, os santos devem ser imitados (Imitação) também nas grandes coisas: «*Fiquem sabendo que seria para mim, uma dor profunda, se não tivesse a certeza de que vocês estão prontos a fazer isso e até coisas maiores do que as já feitas por qualquer outro santo ou santa!*» (**11108**). Os Barnabitas devem ser «*herdeiros e filhos legítimos do nosso santo pai e dos grandes santos*» (**10712**).

Em seus Escritos Zaccaria cita os seguintes santos: *Agostinho* (**20325**); *Antão abade* (**20519**); *Antônio de Pádua* (**31703**); *Barnabé* (**10901.03.05**); *Bento* (**30803**); *Boaventura* (**30803**); *Catarina de Sena* (**30803**) *Domingos* (**10100* / 31703**); *Francisco de Assis* (**20714**); *Gregório Magno* (**31703**); *João Batista*, definido como «*aquele que ensinava as verdadeiras atitudes e atraía as graças de Deus*» (**20221 / 30501**); *João Clímaco* (**10904 / 20420 / 30803**); *João Evangelista* (**10213**); *Jerônimo* (**30803**); *Judas Tadeu* (*20515*); *Maria Madalena* (**10601 / 20504 / 20619**); *Marta* (**20504**); *Paulo Apóstolo* (**inúmeras citações****) *Paulo Eremita* (**20519**); *Pedro* (**10211.13 / 20431 / 31307**); *Simão Zelota* (**20515**); *Tiago Maior* (**10213**); *Tiago Menor* (**20511**);*Timóteo e Tito* (**11004**).

Em sentido técnico. Em alguns casos Antônio Maria usa a expressão *os santos* para indicar grandes teólogos e autores espirituais: «*... são tantos os exemplos que os santos nos contam, condenando esses julgamentos negativos, que um dia só não seria suficiente, para citar apenas alguns*» (**20123**); «*É por isso que os santos dizem que, antes do pecado, o livro que o homem devia ler para chegar ao seu Senhor eram as criaturas...*» (**20602**); «*Os santos dizem que, se você quiser conhecer a Deus, só há um caminho, isto é, o "caminho da separação"!*» (**20610**) «*Foi por isso que muitos santos fizeram esta distinção entre coisas necessárias e aconselhadas: dessa forma ficavam sempre animados para*

a ação; e, em se-guida, quase que estabilizados, pudessem subir, pouco a pouco, até a perfeição» (**20619**).

Nem sempre fica fácil indicar a quais autores Zaccaria se esteja referindo; mas é também provável que ele mesmo tenha usado a expressão genérica *os santos* justamente porque não pensava em nenhum autor em particular.

---

* O nome *Domingos* não consta da tradução em Português da Carta 1. Mas está na versão em italiano: "*Al Reverendo Padre / Fra Battista da Crema / dell' Ordine dei Predicatori di San Domenico ...*". Por isso citamos também **10100**.

** Textos dos Escritos em que o Fundador cita o nome *Paulo* referindo-se ao Apóstolo:

Nas *Cartas*: **10501.02.05.06 / 10601.03 / 10712 / 10901.02.03.11.13.14 / 11004.07**

Nos *Sermões*: **20201.25 / 20307 / 20402.07.10 / 20619 / 20701.09.[11].[15]** /

Nas *Constituições*: **30000 / 30501**

SEGREDOS

«*Ele só dá ... o conhecimento dos seus segredos a seus amigos e discípulos fiéis*» (**20313**)

Segundo o ensinamento bíblico, os desígnios divinos só são acessíveis a quem foi oportunamente preparado para recebê-los. É nestes termos que Antônio Maria retoma a afirmação de Jesus: «Eu te dou graças, ó Pai, porque ocultaste os teus segredos aos sábios...» (cf. Mt, 11,25, que tem simplesmente o substantivo neutro [em Latim] «estas coisas»), e, para reforçar a citação anterior, cita também 1Cor 2,7-8, mas de modo inteiramente livre: «*Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria*» (**20314**). E o cristão não deve, ao ser iniciado nos mis-

térios de Deus ficar «ignorando os seus segredos» (**cf. 20315**); precisa, antes, adquirir o «*o conhecimento dos segredos de Deus*» (**20405**), isto é, ter «o espirito profético e conhecer as coisas sobrenaturais com esse mesmo espírito», onde profética indica a penetração e a atualização da mensagem revelada. Por outro lado, o Santo afirma que, conhecer «*todos os mistérios e segredos de Deus» não constitui em si nenhum título de salvação, como ensina São Paulo* (1Cor 13,2; **20405**).

Os segredos ou mistérios a que Zaccaria se refere estão contidos nas páginas bíblicas. «*A ciência espiritual* - sustentam os Ditos Notáveis (**Ciência espiritual 21**) - *está escondida de muitas maneiras nas Escrituras Sagradas*»: elas são portadoras de «sentidos ocultos» (**cf. 30802**), como se lê em Agostinho («... o verdadeiro sentido das Escrituras está escondido», *Discursos*, 46,13).

A razão de tal segredo, nos é dada por Cassiano numa passagem das *Colações* (14,17), onde ele cita a proibição de Cristo de «dar as coisas santas aos cães...» (Mt 7,6): «É preciso, pois, manter oculto a tal espécie de pessoas o mistério dos sentidos espirituais das Escrituras».

SENTIDOS (SENTIMENTOS) EXTERNOS

«*Caríssimo, cuide dos seus sentimentos...*» (**20213**)

O ensinamento tradicional considera os sentidos (vista, ouvido, olfato, gosto, tato) como portas e janelas que põem a alma em contato com a realidade externa. «Qualquer realidade penetra na alma por meio do corpo, através de cinco portas », escreve Santo Agostinho (In *Psalmum 147, 10*). Na esteira de Jeremias 9,20 («A morte entrou por nossas janelas»), os Padres afirmam que os sentidos do corpo são «as portas da morte» (cf. Agostinho, In *Psalmum 9, 14*).

Antônio Maria fala do «*veneno da sensualidade*» (**30506**); e denuncia «*tudo que é feito só por sensualidade*» (**11104**), que constituem, porém, o aspecto mais externo do mal que se agita no ser humano.

Como «a sensualidade é contrária ao espírito» (Catarina de Sena, *Diálogo*, 98), será conveniente prestar particular atenção para não agir exclusivamente ou principalmente sob seus impulsos. Antônio Maria oferece duas aplicações, relativas respectivamente aos dois instintos preponderantes da vida da pessoa: o da própria conservação e o da conservação da espécie.

Ao religioso ele recomenda: «*... se você ainda não chegou ao ponto de comer sem sentir prazer, pelo menos não coma só por prazer. Tenha cuidado, porque, atrás da desculpa da necessidade de comer, pode estar escondido o veneno da sensualidade*» (**30506**). Este pas-so deve ser bem compreendido, relacionando-o com outro texto dos *Sermões*: «*... quem po-de ser condenado só porque fica com água na boca diante de um prato de comida gosto-sa?*» (**20503**).

Aos casados, após distinguir «a sensualidade do ato», isto é, das ações, daquela mais própria dos sentidos entendidos como faculdades psíquicas, ele relembra: «*Ora, quem deseja tornar-se espiritual ... deixa de lado relações sexuais sem amor e corta tudo que é feito só por sensualidade, para dar dignidade à castidade conjugal*» (**11104**). Esta afirmação relembra uma das máximas de Egídio de Assis: a castidade consiste em «manter abertos os sentidos à graça». Se a «logicidade» de tais afirmações se tornasse árdua, tente-se pensar no que comportaria a sua negação. A ciência dos santos não teme os paradoxos; e a dureza da linguagem evangélica é proporcional ao seu poder libertador.

SENTIDOS (SENTIMENTOS) INTERNOS

«*Caríssimos, recebam antecipadamente os meus parabéns por causa da perfeição à qual vocês vão chegar, levados pelos seus bons sentimentos*» (**10604**)

Enquanto os sentidos externos garantem a perfeição psico-física do homem, os sentidos internos o ajudam a conseguir a perfeição espi-

ritual (**cf. 10604**).

Espalham-se, pelos Escritos de Zaccaria, as chamadas de atenção para os sentidos internos. Antônio Maria fala de «*visão clara da sua situação interior*» (*10904*), de «*olho da mente*», olho que ele deseja «*sutil e saudável*» («*com a sua inteligência, penetre mais profundamente em si mesmo*», **20121**). Fala de «*olhos da mente e do espírito*» que «*na maioria dos homens, esses olhos são cegos e em todos os homens, esses olhos estão desacostumados e indecisos para ver*» (**20419**).

Analogamente Zaccaria fala também: «*animados pelo prazer e pelo sentido que ela* [oração] *traz possamos chegar, pelo menos no fim, a aprender a oração interior*» (**31003**). Zaccaria afirma que o homem espiritual «*não se lembre de ninguém mais do que de Deus*» (**20201**) e alimenta um «*desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição*» (**20607**), esclarecendo, porém, que Deus «*só dá o bem da perfeição, o seu gosto e o conhecimento dos seus segredos a seus amigos e discípulos fiéis*» (**20313**).

A doutrina dos sentidos internos é clássica na espiritualidade e tem fundamento bíblico imediato; e, se as Escrituras falam de ver, sentir e saborear interiores, os Padres gregos e latinos aprofundaram o tema, oferecendo-nos uma detalhada fisiologia mística, da qual Zaccaria se serve de mão cheia. Ele se delonga em etapas sucessivas a sublinhar quais «deleites» estejam reservados aos sentidos internos e como ocorra paradoxalmente o deleite em plenitude mesmo quando somos objeto de «*humilhações*» («*desejadas ardentemente*» - acrescenta o Santo! -, **31812**) e quando se compartilha «*a Cruz de Cristo*» (**31826**).

SENTIDOS (SENTIMENTOS) OCULTOS

«*Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la, de modo a sondar e revelar seu sentido mais oculto, principalmente aquele que é útil para a formação pessoal*» (**30802**)

A busca do sentido oculto ou escondido sob «os veus da letra» (**cf. 30802**) inspirava, na concepção antiga, quer o estudo da Escritura, quer a oração que a ela se referiam. U nosso Santo dá testemunho dessa realidade quando relembra aos noviços «*que cuidem mais do sentido do que da letra dos Salmos*» (**31214**). Para limitar-nos à tradição ocidental, poderíamos citar Santo Agostinho com o seu «verus intellectus in Scripturis occultus est - Nas Escrituras o verdadeiro sentido está oculto» (*Discursos*, 46,13) ou Gregório Magno, quando afirma que a Bíblia «dum narrat gestum, prodit mysterium - enquanto descreve uma ação, manifesta um mistério» (*Moralia*, 20,1). O mesmo autor fala de «mystici sensus» [sentidos místicos] escondidos na Bíblia, de tal forma que é preciso compreender as realidades ocultas sob o véu das claras: «occulta de apertis intelligere» (*Homiliae in Ezechielem*, 2,10,1). É neste veio que se insere Santo Tomás quando escreve «intellectus mysticus» ou «ratio mystica», ou seja, sentido figurado e profundo, citando 1Cor 10,11 para corroborar sua afirmação(*Summa theologiae*, I.II, 102,2).

Cassiano diz da mesma forma: «Devemos decorar muitos passos das Sagradas Escrituras e a eles voltar constantemente... Quando em silêncio remeditarmos tais passos ..., sobretudo durante a noite, eles nos aparecerão em mais linda luz brilhante. É assim que os sentidos mais ocultos das Escrituras, esses dos quais nem sequer suspeitamos durante a vigília, se revelam à nossa mente [mais claros] durante o descanso, quando estamos mergulhados no sono» (*Colações*, 14,10).

Antônio Maria, por sua vez, oferece não poucos exemplos de quão bem ele conhece a doutrina dos sentidos ocultos (ou espirituais) elaborada na Idade Média, doutrina que, depois do sentido literal, que é o mais imediato e claro, indicava mais três: alegórico, moral (o Santo diz: «*o nascimento dos bons costumes*»! **30902**) e «anagógico» ou além do sentido, dirigido a colher a dimensão última e plena do dado bíblico, como teremos no reino celeste.

A expressão sentidos ocultos refere-se sobretudo à alegoria (ou sentido figurado, simbólico), isto é, ao caráter exemplar e alusivo que

reveste a mensagem bíblica, enquanto os acontecimentos que ela registra ultrapassam sua realidade imediata e se apresentam como modelo e chave interpretativa de outros acontecimentos semelhantes, ao longo da inteira história do homem e do mundo. Deixemos a exemplificação ao próprio Zaccaria. Aquele que «*parou o sol no tempo de Josué*», o que «*anulou o poder do fogo» para preservar a vida dos três jovens na fornalha ardente, aquele que «fez a Virgem Maria dar à luz e fez Jesus, seu Filho, morrer» ... você ainda acredita que Deus, o máximo da sabedoria, tem falhas que não o deixam conduzir o que Ele mesmo fez?*» (**cf. 20101 e 20104**). Quando a Bíblia fala da saída do Egito, «*se refere ao grande dom da libertação dos pecados e do domínio do mal e, também, da salvação*» (**20119** Feita a resenha dos muitos atos de libertação realizados por Deus no Antigo Testamento, Zaccaria conclui: «*... veja só de quantos perigos ele o salvou...*» (**20306**). O sábado «*significa a morte e o descanso de Cristo na sepultura e o descanso das almas no Paraíso*» (**20318**)...

Poderíamos multiplicar os exemplos, porque surgem em cada página dos Sermões. Basta destacar as muitas vezes em que o Santo usa a expressão «in figura di questo» = «Exemplo disso ...», enquanto o dado bíblico «representa», «mostra» (**cf. p. ex. Sermão 5**) esta ou aquela realidade da vida humana e da nossa aventura espiritual. Vejamos, apenas, mais esta passagem: As paixões «*são de grande utilidade para o homem; ... combatê-las e vencê-las é uma grande vantagem... Exemplo disso é o comportamento de Deus na terra da promissão: entregou nas mãos dos filhos de Israel aqueles inimigos que muitas vezes os venciam e que era necessário combater sempre*» (**20520.21**; Escritura Sagrada).

SEQÜELA

«*Caríssimos, se vocês quiserem conservar a lei de Cristo, observem*

antes a lei antiga!» (**20115**)

Antônio Maria introduz o conceito de seqüela onde se faz urgente a observância dos mandamentos ou preceitos como condição prévia à dos conselhos, nos quais ele vê compendiada a «nova lei». Por outro lado, fará observar mais tarde que a não observância dos conselhos põe em risco a própria fidelidade aos mandamentos: «*Não enxergam em que perigo se acham. Não observando o que é aconselhado, arriscam-se a não observar nem os mandamentos*» (**20620**).

Sobre a seqüela, o Santo escreve a seus dois primeiros companheiros. Convida-os a «olhar» para os não poucos exemplos de pronta («imediata») adesão ao Mestre, por causa do Evangelho: «*... vão ver que os que amaram Cristo, foram sempre fervorosos e aplicados, nunca preguiçosos. Que vergonha a nossa!*» (**10213**). De fato, «*nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação*» (**10210**).

O ideal da seqüela de Cristo formou as primeiras gerações de cristãos e se foi especificando na tradição monástica, narcada pelo corajoso gesto de Antão, que tomou ao pé da letra o episódio do jovem rico. Tempos depois aconteceu uma espécie de mudança da seqüela para imitação, que o magistério de Agostinho conheceu: «Que significa seguir senão imitar?» (*De sancta virginitate*, 27). E, dessa realidade, a *Imitação de Cristo* é o documento mais importante (séc. XIV), que começa com as significativas palavras «Qui sequitur me...». Foi assim que em âmbito católico prevaleceu a referência à imitação de Cristo, enquanto que os países da Reforma [protestante] continuaram a preferir o termo seqüela, título, entre outros, de uma bem conhecida obra de Dietrich Bonhoeffer. O Concílio Vaticano II tornou a desracar a "sequela", da qual deriva a imitação: o Concílio reconheceu nisto uma exigência para todos os cristãos e fez dela especial aplicação para a vida consagrada: «A seqüela de Cristo é a regra suprema da Vida Consagrada» (Perfectae caritatis, 2).

SILÊNCIO

«*Ensine ... o silêncio e outros comportamentos exteriores, ... a refletir e a considerar bem as ra-zões pelas quais estes comportamentos são pedidos, em vez de considerá-los como um fim em si mesmos*» (**31247**)

O silêncio é um dos requisitos obrigatórios da experiência espiritual. Por isso, o Santo deseja que seja «ensinado» aos noviços e exige das noviças Angélicas «sua rígida observância»: não lhes convém «*falar... sem um controle interior ou exterior*» (**10913**).

O silêncio pertence ao conjunto de costumes ou ritos, a que Zaccaria chama «*comportamentos exteriores*» (**31247**) ou «*coisas exteriores*» (**31902**), assim como define «*rituais*» os preceitos do Antigo Testamento relativos ao culto e à disciplina mais propriamente religiosa (**cf. 20115**). Entram na mesma categoria os <u>jejuns</u> e as <u>vigílias</u>: Antônio Maria realça o aspecto instrumental e relativo desses rituais, em comparação com os «*meios proporcionados*» para buscar o «*fim*», que é o «*conhecimento de nós mesmos e a vitória sobre nós mesmos*» e suas consequências (**31901**). Digno de nota é o esclarecimento que Zaccaria acrescenta quando se refere ao silêncio: «*Ensine-lhes a refletir e a considerar bem as razões pelas quais ...*» (**31247**), assim como o fará referindo-se aos «*bons costumes*», nas orientações aos visitadores (**cf. 31905**

A referência feita ao silêncio nas Regras dos noviços, enquanto não são expecificados os outros «rituais», assume [real] importância no contexto do magistério do Santo, para o qual o falar muito é grave defeito e um sinal de ruína dos costumes, isto é, do ordenamento da vida religiosa. Por isso, Zaccaria estigmatiza as conversas fiadas (**cf. 11102**), supérfluas (**cf. 31008**), presunçosas (**cf. 31802**); ele parece rejeitar instintivamente a quem «*fala alto*» (**cf. 10906**) ou é barulhemto [falando alto demais] (**cf. 20123**). O costume do falar demais, usando mais palavras do que o necessário, é uma situação apontada com frequência quando Zaccaria se dirige aos religiosos e religiosas. Ele fala

claramente não só aos leigos «tagarelas» (**cf. 20401**) mas também à vida consagrada, acusando quem «*fala demais e destrói as boas regras de vida*» (**20132**); ele diz o mesmo às Angélicas: «*não lhes convém a conversa fiada*» (**10913**), e, enfim, aos Barnabitas, alertados do risco de «*bisbilhotar com tagarelices*» (**31711**). Com um pormenor: o «bisbilhotar com tagarelices» começa a fazer parte significativa dos aspectos que denunciam «*que a primeira e imaculada* □*castidade começou a ofuscar-se e enegrecer*», (**31711**). Este pensamento retoma e especifica um axioma geral exposto por Zaccaria aos *Amigos*, de Cremona, a saber, «*o motivo de seu fracasso ... é que a sua língua não é correta e disciplinada*» (**20213**). Um dos sinais característicos contrário à «*vida cristã*» é «*fala com moderação*» (**20619; cf. 31206**), isto é, um saber falar só em tempo e lugar oportunos (cf. São Bento, *Regra*, 6: «De taciturnitate»). Sobre a relação entre eloquência e castidade, cf. Castidade.

SOBERBA

«*Qual é o primeiro inimigo de Deus? É o orgulho* [soberba]» (**20122**)

Ilustrando os mandamentos de Deus, Antônio Maria desmascara a soberba chamando-a de «*primeiro inimigo de Deus*», «*início de seu afastamento*», a ponto de, todas as vezes que fazemos obras marcadas pela soberba, viramos idólatras ou, na linguagem de Zaccaria, conservamos conosco, a começar pelo nosso ego, «deuses estrangeiros na Sua presença*» (**cf. 20122-23**). A soberba apresenta, além disso, uma ampla gama de manifestações: aparência pessoal, regime alimentar, mobília, modos de falar («falar alto, elogiar-se, gritar com os outros») e, sobretudo, julgar (**cf.10906-07 e 20123**). «*o começo da decadência da vida espiritual é a crítica negativa*» (**20123**). Trata-se de uma afirmação que se encontra, por exemplo, em João Clímaco (*Escada do Céu*, 10,85): «O julgamento pode por si mesmo perder-nos completamente». Há soberba ainda na prática da esmola, do jejum e da oração, à moda dos

fariseus (**cf. 20124**). Aos leigos, Antônio Maria relembra que a soberba, como a presunção (**cf. 10504, 10906-07 e 31802**), está intimamente ligada á vanglória (**cf. 20411**); e aos noviços recorda que a soberba, «*que é a raiz de todo pecado (1Tm.6,10) só se arranca com a profunda humildade*» (**31224**).
* Em Português: «*você dá preferência aos ídolos*» (**20123**).

SOLICITUDE (DEDICAÇÃO)

«*... nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação*» (**10210**)

A solicitude em si é uma realidade neutra. Adquire sua moralidade, positiva ou negativa, da causa que a produz, do fim a cujo serviço se destina, da intensidade da sua ação.
Solicitude negativa. Quando é causada pelas preocupações terrenas: «*Todas as contrariedades e trabalhos do mundo batem à sua porta e não deixam você descansar nem de dia, nem de noite, nem por um momento!*» (**20417**). Quando é motivada por uma curiosidade indevida a respeito do futuro: «*... mesmo que não seja nem da sua conta nem da minha, conhecer os resultados ...*» (**10402**). Quando supera a justa medida: «*... preocupar-se com hóspedes e com os de fora além da necessidade já considerada, é sinal que estamos relaxando em relação à gula ...*» (**30706**).
Solicitude positiva. No fazer o bem, requer-se, como elemento essencial, a solicitude: «*... o não mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas, as tornaria grosseiras e as afastaria totalmente dos ideais de São Paulo e de sua vida*» (**10913**); por isso, devenos buscar com toda a solicitude [as consolações espirituais] (**cf. 20504-06**).

A Carta 2 é um pequeno tratado sobre a necessidade da solicitude na vida espiritual: «*... nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação*» (**10210**).

Fica claro que aqui solicitude é sinônimo de rapidez, prontidão. Segue-se breve demonstração bíblica: «*Já dizia o profeta Miquéias: Ó homem, já foi explicado o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com seu Deus (Mq.6,8). E São Paulo: Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos: sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor (Rm.12,11). E também São Pedro: Por isso mesmo, irmãos, procurem com mais cuidado firmar o chamado que escolheu vocês. Agindo desse modo, nunca tropeçarão (2Pd.1,10). Ele diz: sejam dedicados. Em muitos outros trechos da Sagrada Escritura vamos ver que a prontidão é exigida e exaltada*» (**10211**), em que toda a força da argumentação se concentra no advérbio **logo**.

Os passos da Leitura orante da Bíblia

1- Ler o texto escolhido lenta e atentamente

«Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la» **(30802)**

Santônio Maria Zaccaria recomenda aos leigos a leitura dominical da Bíblia, como meio de conversão a Deus (cf. 20325). Aos noviços a leitura da Sagrada Escritura é proposta como alimento do homem interior (cf. 31231).

2- Meditar o texto lido escutando Deus que fala

Deus vai falar o que você precia ouvir

3- Orar: respondendo a Deus de acordo com o que Ele falou

Converse familiarmente com Deus (cf. 10303-06)

4- Contemplar: olhar a realidade com os olhos de Deus

Deus fala de acordo com a necessidade de cada um

T

TEMOR

«[O Mestre] *Ensine-lhe [aos Noviços], ainda, a abandonar o temor em tudo, em todas as coisas ... Mas, se, contudo, eles querem ou devem ter algum temor, ensine-os a temer o maior inimigo, que está no íntimo, que está "dentro deles": por que, quem é nocivo para mim e para você, senão nós mesmos?* (**31228.29**)

Fundamentado na reflexão bíblico-teológica, Antônio Maria enxerga uma nítida distinção entre a antiga e a nova economia da salvação: «*... devemos ser diferentes dos judeus nisto, porque eles eram guiados pelo medo e nós pelo amor*» (**20115**). Pouco antes, estando ainda na introdução à reflexão sobre o Decálogo, Zaccaria tinha dito que: «*De modo especial, para nós cristãos, Deus nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão, uma lei gravada em nossos corações*» (**20110**).

Este princípio se aplica especialmente aos religiosos, aos quais o Santo não quer dar «*leis de temor, mas de puro amor*» (**31401**): ele acha «*supérfluo punir, dentre nós, os que não se deixam violentar pelo amor da virtude e de Deus e pelo temor do juiz divino*» (**31401**). Esta última citação faz-nos compreender que existe um temor virtuoso, celebrado nas páginas da Bíblia, as quais o consideram como dom do Espírito Santo (cf. Is 11,2). O próprio Zaccaria destaca a positividade de quem é «*um homem bom e simples, correto e temente a Deus*» (**10105**) e julga um sinal de ruína dos costumes a perda, nos consagrados, do «*temor de Deus*» (**31714**). Trata-se portanto de cultivar o temor virtuoso e de extirpar o defeituoso.

Temor virtuoso. Levando em conta o que foi dito acima, Antônio Maria

deseja que se ensine aos noviços «*a abandonar o temor em tudo, em todas as coisas; temor, digo eu, que traz a dor*» e brota das aflições, sugestões do demônio ou de «*outras infelicidades da alma e do corpo*» (**31228**). «*Mas, se, contudo, eles querem ou devem ter algum temor, ensine-os a temer o maior inimigo, que está no íntimo, que está "dentro deles": por que, quem é nocivo para mim e para você, senão nós mesmos? Por isso, assegure-lhes que, enquanto eles temerem as outras coisas e não a si mesmos, considerem essa situação como um sinal irreversível de que ainda não chegaram a grande perfeição; pois, tendo um tal temor, eles pensam que podem chegar ao máximo da perfeição (o que é impossível), mas estão carregados com muitos pesos*» (**31229**).

Será, pois, necessário considerar corretamente a desconfiança pessoal e a segurança interior. O Santo observa, de fato, escrevendo em nome da Angélica Negri que «*dominada pelos escrúpulos*», isto é, pelas próprias mãs inclinações, dificilmente controláveis, ou «*tirando a minha capacidade de enxergar as coisas*», o que absolutamente, me fez perder «*o meu primeiro fervor ... e, em seguida, também as luzes e a consciência do meu comportamento interior*»; «*E assim, assustada com a minha própria sombra, fico na tibieza, porque perdi a minha luz interior*» (***cf. 11201.03***.).

Antônio Maria não quer que alimentemos um temor servil para com quem está investido de autoridade, porque a Escritura diz para honrá-los e não para temê-los (cf. Pd 2,18). «*Mas, ainda que seja preciso temer os senhores, tema o Senhor dos senhores, que, além de tirar a vida, pode mandar para o inferno*» (**20431**, com clara alusão ao demônio). Como o leigo não deve fazer-se condicionar por um temor que lhe impeça de dar claro testemunho, assim o reformador dos costumes não «*tenha medo da "peste que devasta ao meio-dia*» (**31808**).

Relacionado com o temor pelo Maligno está o convite para «temer a soberba»: não só nas más obras; também, e muito mais, nas obras boas» (**cf.20122.25**) onde principalmente se esconde a insídia farisaica.

O temor virtuoso deverá, por fim, acompanhar as grandes decisões da vida: como o matrimônio, do qual é preciso aproximar-se, «*respeitá-lo, e comportar-se com dignidade, porque é um grande sacramento*» (**20126**); como a vida consagrada: que os noviços nem pensem «*que poderão entrar na casa do Senhor sem a veste nupcial*» (**31232**).
Temor defeituoso. Existe, em segundo lugar, um temor «desordenado» (cf. *Summa theologiae*, II.II, 125,4) que deve ser expulso do coração e que se manifesta de múltiplas maneiras. Antes de tudo, está o já mencionado temor servil por parte dos filhos. Eles devem «*honrar*» os próprios pais e não «*temê-los como servos*» (**cf. 20426**). Assim também não se devem temer os riscos ligados à pública profissão de fé («*Ah! Mas isso é perseguição!*»), pensando na passagem do Evangelho (Lc 9,26): «*"Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na sua glória, na glória do Pai*» (**20431**). A seus seguidores Antônio Maria ensina a «*não ter medo das correntes"!*», como Paulo (**20619**), quando fossem perturbados pelas «*insídias*» do demônio ou «*por ataques diretos ... do mundo*», imaginando que seriam «*situações novas e inesperadas*» (**20702.05**), e a enfrentarem a reforma expulsando todo o medo que nascesse de limitações internas e de pouco apoio externo, «*porque assim acontecia com os apóstolos*» (**31610**).

Outras situações que exigem a superação do temor ocorreriam quando houvesse medo de «*não fazer progresso*» na vida espiritual (**cf. 10504**); de ser privados da «compunção exterior e devoção» (**cf. 31241**); de receber uma obediência «*forçada*» (**cf.30202**); de dever «*punir os defeitos dos seus irmãos*» (**31714**); de desagradar os de fora ou não agradá-los em seus pedidos inoportunos (**cf. 31715**); e, enfim, de afastar da Congregação «*irmãos que não têm vocação ... por medo que ela acabe*» (**31715**).

Concluindo, será preciso passar de temerosos para amorosos, considerando que o medo nasce da soberba, a qual nos faz passar por auto-suficientes e onipotentes. Não por nada Antônio Maria pede o

auxílio do □diretor espiritual, que o liberte das «*limitações, da mi--nha moleza e do orgulho*» (**10108**), e a «*abandonar o temor em tudo*» (**31228**) quando, na aceitação dos próprios limites, se sabe depositar a confiança em Deus e nos seus mediadores. «*Por que você está tão tímido e medroso? Ainda não sabe que não vamos abandoná-lo? Você já deveria saber, por experiência, da ajuda que lhe damos sempre ... Temos rezado ao Cristo Crucificado*», escrevendo a um tal Sr. Batista, que não sabemos bem quem realmente seja (**10801.02**); e a Ferrari, que estava na missão de Vicência: «*Meus santos filhos em Cristo, de que vocês estão duvidando? ... Cristo Crucificado tomará a iniciativa antes que vocês falem e estará ao seu lado em todas as palavras e boas intenções ... como é que nós, que os amamos como a nós mesmos poderíamos deixar de ajudá-los?*» (**10601.02.08**).

TIBIEZA

«*... destruir esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza*» (**10502**)

Definição. Tibieza – ser morno - é a característica daquilo que não é nem frio nem quente. Na vida espiritual, ser morno é a pior condição em que nos possamos encontrar: «Não és nem frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca» (Ap 3,15-16). Os *Ditos Notáveis* explicam a aplicação desta terminologia "térmica" à vida espiritual: «*Quente é aquele que persevera no serviço de Deus mantendo o fervor inicial; frio é aquele que nunca teve fervor e nem começou a servir a Deus; tíbio é aqiele que há tempo recebeu dons e graças de Deus, mas depois, por negligência e relaxamento da sua mente, regrediu e, tendo começado a servir a Deus, nunca mudou para um fervor que se pudesse notar*» (**Tibieza 1**).

A doutrina espiritual tradicional prefere falar de preguiça, um dos sete vícios capitais: assim, por exemplo, Cassiano (*Instituições cenobíticas*, 10) e Clímaco (*Escada do Céu*, 13), o qual define a tibieza como «paralisia da alma», que «enfraquece a mente, empobrece a ascese, entorpece a oração». Ao tratar da «senhora tibieza», Frei Batista se extende no mesmo tema em suas obras: «*Conhecimento e Vitória de Si Mesmo*, pp. 141v-142v; *Via de aperta Verità*, p. 43r; *Espelho Interior*, pp.1v-5r;19v; 81v-82r, etc.

Zaccaria considera a tibieza como «*esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado*» (**10502**). Nas Constituições Antônio Maria prescreve aos Barnabitas que nas reuniões tratem de saber «*quais as causas do fervor ou da tibieza, quais as suas características e o grau a que chegam*» (**30902**). A este respeito os *Ditos Notáveis* afirmam: «*A mãe da tibieza é não agradecer pelos benefícios divinos* [recebidos], *suas companheiras são a sensualidade, a curiosidade e as distrações. O que alimenta a tibieza é confiar na bondade de Deus junto com algumas boas obras* [que você pratica] *e estar persuadido de que é suficiente ter nojo dos pecados graves. A filha caríssima da tibiza é a dona hipocrisia, encoberta pela aparência da verdade e interiormente cheia de mau cheiro*» (**Tibieza 19**); «*A tibieza começa quando não me preocupo com as coisas pequenas* [mínimas]*; chega ao meio quando vivo com graves defeitos e atinge o auge quando desprezo a Deus*» (**Tibieza 28**); «*A tibieza começa com a falta de discernimento, persevera na* [com a] *obscuridade da mente e termina na cegueira do intelecto*» (**Tibieza 31**).

Vamos considerar as causas e os efeitos da tibieza, suas propriedades, sinais que a manifestam, ápice, nossa reação e, enfim, os remédios

Causas. Na Carta 2 Antônio Maria aponta uma das causas da tibieza: a indecisão. «*Esta falta de firmeza é resultado da mediocridade, mas também a provoca: ... O homem indeciso perde o entusiasmo e se torna medíocre (morno)*» (**10207**). O mesmo pensamento é retomado, com

pequena diferença, no Sermão 6: «*... a tibieza e a negligência o impedem de agir* [no caminho para Deus] *... É por isso que você deverá afastar-se da tibieza e da negligência no seu caminho para Deus!*» (**206**). Todo o Sermão 6 se propõe a indagar expressamente quais as causas «*da negligência e da tibieza*». A quem dissesse: «*Mas essa tibieza que está em mim!... Não sei de onde ela vem!*», o Santo responde: «*Quer descobrir a origem dela? Ela tem três causas que andam juntas*» (**20617**) (e prossegue desenvolvendo apenas uma; as outras duas deveriam ter sido tratadas em mais dois sermões que, entretanto, nunca se escreveram).

Tal causa está na distinção entre preceitos e conselhos (Conselhos / preceitos). «*Esta distinção*», na realidade, «*... foi feita com a finalidade de afastar a tibieza e a negligência do caminho de Deus: mas agora é, para muitos, é causa de tibieza e negligência*» (**20620**). Do Espelho Interior de Frei Batista de Crema, em que Antônio Maria se inspira neste sermão, podemos deduzir quais sejam as outras duas causas da tibieza: a distinção entre pecado mortal e venial (tema retomado por Zaccaria, na Carta 11) com a conseqüente presunção de merecer o perdão divino; a «desconfiança de poder perseverar» e o «desespero por não poder chegar ao máximo da virtude» (pp. 1v-5r).

Nas Constituições Zaccaria aponta qual seja a causa da tibieza nas comunidades religiosas: «*Irmãos, de fato, vocês verificarão que aquele que incita murmuração, a tibieza e os cismas nas comunidades ou nas Congregações, este impede que a luz chegue aos que têm pouca capacidade e apaga o fogo do entusiasmo do fervorosos*» (**31104**; Luz e fogo). Algo semelhante se encontra na Carta 12, na qual a Angélica Negri atribui a tibieza à perda de sua «*primeira luz*», isto é, do conhecimento do primeiro estágio espiritual: «*E assim, assustada com a minha própria sombra, fico na tibieza, porque perdi a minha luz interior*» (**11203**).

Efeitos. A indecisão, como foi dito, além de causa, é também efeito da tibieza: «*o homem indeciso, na hora de dar conselho a respeito de algum problema, é capaz de falar todas as razões que existem, mas não*

sabe decidir quais as certas. E então, nunca diz o que deve ser feito e o que deve ser deixado; por isso, se antes a dúvida era pequena, depois se torna grande e, assim, nós nunca nos decidimos. O homem indeciso perde o entusiasmo e se torna medíocre (morno)» (**10207**).

A tibieza é um impedimento para a vida espiritual: «*... desejo que vocês não se deixem levar pela tibieza, mas que cresçam sempre! O motivo é o seguinte: se a tibieza tomar conta de vocês, a vida marcada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal ou, usando o termo mais adequado, vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais*» (**11101**). Ela impede de correr no caminho (ou <u>via</u>) de Deus (**cf. 20617-23**).

A tibieza provoca o relaxamento nas comunidades religiosas (**cf. 31601-31716**). Ela «*... costuma levar à murmuração, criar divisões e induzir os irmãos a levantar-se contra os superiores; e, com esses e com outros meios, costuma atrapalhar o proveito espiritual*» (**31828**).

Propriedades . Na Carta 11, Antônio Maria descreve detalhadamente o comportamento dos tíbios, identificando-os como fariseus; e resume tal comportamento com os seguintes termos: «*...o fariseu, isto é, o tíbio, corta de si o que é grande e guarda o que é pequeno; deixa as coisas inconvenientes, mas quer todas as convenientes; controla a sensualidade de uma relação, mas gosta demais da sensualidade da visão. E assim, quer o bem, mas só em parte: controla-se em parte, mas não quer se controlar no todo*» (**11103**).

Por vezes a tibieza sabe camuflar-se maravilhosamente; aqueles mesmos que têm a pretensão de ser espirituais, são freqüentemente tíbios: «*Se vocês, que querem ser homens espiri-tuais, relaxam a guarda dos três votos, o que têm em si que não seja próprio dos tíbios?*» (**31712**).

Sinais. Zaccaria dedica um capítulo de suas Constituições aos «sinais da ruína dos costu-mes» (**cf. 31701-16**), «*Para que ninguém desconheça o quanto e quando crescem o relaxamento e a tibieza*» (**31701**) ... *Quando você perceber, pelos sinais expostos no capítulo anterior, que*

os bons costumes estão decaindo e a tibieza ganhando cada vez mais espaço...» (**31801**). A ruína dos costumes ou relaxamento, como se disse, é um dos efeitos da tibieza e praticamente se identifica com ela (também no capítulo 16 das Constituições encontramos o paralelismo relaxamento-tibieza). Os sinais da ruína dos costumes serão, por isso, também sinais de tibieza; tanto é verdade que podemos perceber muitas semelhanças entre os dois termos no artigo que os *Ditos Notáveis* dedicam à "Tibieza" (**Frases 41 a 44**).

Antônio Maria indica cinco sinais que se referem a outros tantos aspectos fundamentais da vida religiosa: obediência, pobreza, castidade, gula, justiça e temor de Deus.

Ápice. Parece-nos encontrar o máximo da tibieza no ódio dos tíbios contra os fervorosos. Não se contentam com permanecer em sua situação: não toleram que haja quem os supere em fervor e, por isso, não permitem aos fervorosos sequer se afastarem deles: «*E, como o relaxamento e a tibieza têm aversão ao fervor, as leis e os costumes dos tíbios nunca quiseram permitir que alguns fervorosos se separassem deles, afirmando que a união é boa e a desunião é má ... Por isso, os tíbios não deixam os fervorosos separar-se deles, sob pretexto de boa união, achando vergonhoso que outros pareçam melhores do que eles .... os tíbios proíbem tais separações para encobrir seu mau cheiro*» (**31703.04**).

Caso alguém tente a reforma, os tíbios desencadeiam uma luta sem quartel para impedi-la: «*Opõem-se a tais obras os demônios invisíveis, isto é, os tíbios, que são incontáveis. Com suas hipocrisias, eles subjugaram muitas autoridades temporais e espirituais ... Ajudados por tais autoridades, os tíbios levantam batalhas cruéis contra os fervorosos*» (**31807**; dos «diabos visíveis» e «invisíveis» fala João Clímaco, *Escada do Céu*, 4,20); «*Em primeiro lugar, você será combatido, como já dissemos antes. Os tíbios com quem você mora julgarão ser uma vergonha, para eles, haver outros melhores do que eles. Estas pessoas costumam considerar "excêntrico" quem quer conduzir as pesso-*

as para Cristo por um caminho diferente daquele seguido pelos tíbios. Esta batalha será a mais dura entre todas as outras» (**31825**).

Reações. Que os cristãos «*não se deixem levar pela tibieza*»(**11101**); «*... você deverá afastar-se da tibieza e da negligência no seu caminho para Deus!*» (**20616**).

As Angélicas são chamadas a ser «*apóstolas, não só para acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pessoas, mas também para destruir esta peste, a maior ini-miga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza*» (**10502**).

O convite aos fervorosos, em caso de relaxamento da vida religiosa, é ainda mais radical: «*Mas vocês, que são fervorosos, não participem da corrupção e da tibieza dos outros*» (**31716**).

Ao reformador Zaccaria deixa esta ordem: «*... coloque a cruz acima da tibieza com cora-gem, o quanto você puder, para favorecer a prática dos bons costumes. E o faça sem so-berba e presunção*» (**31802**). Para defender-se dos tíbios o reformador pode esconder deles suas próprias intenções, prosseguindo, entretanto, em seu caminho (**cf. 31825**).

Reações. Que os irmãos «*não se deixem levar pela tibieza*»(**11101**); «*... você deverá afastar-se da tibieza e da negligência no seu caminho para Deus!*» (**20616**).

As Angélicas são chamadas a ser «*apóstolas, não só para acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pessoas, mas também para destruir esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza*» (**10502**).

O convite aos fervorosos, em caso de relaxamento da vida religiosa, é ainda mais radical: «*Mas vocês, que são fervorosos, não participem da corrupção e da tibieza dos outros*» (**31716**).

Ao reformador Zaccaria deixa esta ordem: «*... coloque a cruz acima da tibieza com coragem, o quanto você puder, para favorecer a prática dos bons costumes. E o faça sem soberba e presunção*» (**31802**). Para defender-se dos tíbios o reformador pode esconder deles suas pró-

prias intenções, prosseguindo, entretanto, em seu caminho (**cf. 31825**). ***Remédios***. A tibieza é doença difícil de ser curada. Os *Ditos Notáveis* afirmam a respeito: Dentre todas as enfermidades espirituais, a tibieza é de cura difícil (**cf. Tibieza 28**). Zaccaria confirma esta convicção quando alerta o reformador que precisa escolher colaboradores dentre seus irmãos antigos, «*porque eles conservam o fermento da primeira farinha da tibieza*» (**31826**). Não deve, entretanto, desesperar-se: «*Embora seja impossóvel para o homem [afastar] a beatice dos ´tibios, para Deus não é difícil*» (*Ditos Notáveis*, **Tibieza 21**). Os mesmos Ditos indicam alguns remédios: «*O temor de Deus que se torna filial e o desconfiar de si mesmo excluem a tibieza; mas é um ótimo remédio fugir da conversa com os tíbios, e conversar com os fervorosos. -- Se você quiser começar a fugir da tibieza, manuseia o martelo contra uma confiança fraca; se você quiser ter sucesso para extirpá-la, deseje somente a virtude, sem outras promessas de ganhos; se quiser matá-la totalmente, deseje todos os opróbrios e males por amor de Cristo*» (**Tibieza 22-23**).

Por sua vez, Zaccaria na Carta 11 propõe ao casal Omodei "arrancar de si": «*... quem deseja tornar-se espiritual, faz exatamente o contrário, pois começa cortando alguma coisa: um dia, uma, outro dia, outra e assim, vai continuando, até eliminar a pelanca e tudo da carne que não serve mais*». ... «*Eu não digo que façam tudo num dia só e sim, que a cada dia façam um pouco mais, diminuindo alguma tendência à sensualidade, mesmo que seja permitida*» (**11104.05**).

No Sermão 6, indica-se como remédio contra a tibieza o que depois para alguns foi a causa dela, isto é, a distinção entre preceitos e conselhos: «*Você quer saber por que se faz esta distinção? Para arrancar a tibieza*» (**20619**). Isto para que alguns, que poderiam estar desanimados diante das exigências da vida cristã, ficassem «*sempre animados para a ação; e, em seguida, quase que estabilizados, pudessem subir, pouco a pouco, até a perfeição...*» (**20619**) «*... comece a fazer o bem que é necessário, pois, assim, você irá para frente e se tornará melhor*» (**20619**). E desde que a distinção entre preceitos e conselhos se tornou

para muitos pretexto para viver na tibieza, ela mesma deverá tornar-se antídoto: «*... quem quer fugir do perigo de pecar contra os mandamentos, precisa observar os conselhos*» (**20621**) (Conselhos / preceitos).

O capítulo 12 das Constituições indica como remédio para a tibieza a busca das humilha-ções: «*... quem procurar evitar as injúrias e sofrimentos, certamente permanecerá na tibie-za*» (**31218**).

A reforma descrita no capítulo 16 das Constituições está prevista «*... Para que ninguém, principalmente os tíbios, possa violar a presente Ordenação*» (**31603**).

No capítulo 18 das Constituições é dito ao reformador que não pode contentar-se apenas com leis punitivas, nem mesmo com leis propositivas, «*que não visam a coisas sempre mais perfeitas*» (**31820**): «*Portanto, se você se orientar de acordo com alguma dessas leis e desses modos de vida, imediatamente encontrará a tibieza diante da sua porta*» (**31820**). Portanto, «*Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros*» (**31821**).

A observância das Constituições é remédio utilíssimo contra a tibieza: «*Irmãos, temos procurado levar ao seu conhecimento essas poucas coisas. Se vocês as souberem observar e cumprir com as mãos, esperamos que os conduzam à perfeição, ensinando-lhes, acima de tudo, a fugir da tibieza*» (**31829**).

Conclusão. Costumeiramente somos levados a pensar que a tibieza é um defeito pequeno. Julgamos, conseqüentemente, que Zaccaria parece muito preocupado com um aspecto secundário e descartável da vida cristã. De tudo o que Antônio Maria afirma aparece claramente quanto a tibieza e o fervor sejam, ao contrário, um problema central: o cristão tíbio simplesmente não é cristão; o verdadeiro cristão deve ser necessariamente fervoroso.

A distinção entre tíbios e fervorosos faz-nos compreender a gravidade da tibieza. No Evangelho, a única classe contra a qual Jesus se opõe é justamente a dos fariseus, porque vê na atitude deles o maior obstáculo à obra da Redenção. O mesmo vale para a tibieza: ela impede

a ação de Deus no homem e, por isso, põe em risco a própria salvação. Podemos encontrar a mesma oposição na polêmica de Paulo contra o legalismo judaizante, que punha em perigo o dogma da absoluta gratuidade da graça.

TRIBUTO

«*... vivendo o primeiro mandamento, você paga a dívida do coração, vivendo o segundo, você paga a dívida da palavra, vivendo o terceiro, você paga a dívida das ações*» (**20316**)

Zaccaria usa o termo tributo. Usa-o na primeira parte do Sermão 3, junto com toda uma série de termos com significado semelhante: fruto, reconhecimento, prêmio, recompensa, tributo, salário, obrigação, dízimo, débito.

O homem deve (dever) prestar a Deus um tríplice tributo, correspondente a suas três dimensões fundamentais: a interior (coração) e as duas exteriores, isto é, a palavra (a boca) e a ação (a obra). A relação com Deus abarca dessa forma o homem todo. O Santo relaciona os três primeiros mandamentos (o «laço tríplice ») a cada uma das três dimensões do ser humano.

Encontramos novamente essas três dimensões no Sermão 4, em que, referindo-se ao capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios, ele fala de eloqüência (a palavra, a boca), do conhecimento, ciência e fé (o coração; Conhecimento), da esmola e do martírio (as obras).

Ao finalizar a primeira parte do mesmo sermão, Zaccaria retoma os mesmos conceitos expressos no Sermão 3: «*Com os três primeiros mandamentos da lei, o homem orienta toda a sua vontade, toda a sua intenção, toda a sua palavra e toda a sua ação para Deus*» (**20424**).

U

UNIÃO

«*As criaturas espirituais ... foram criadas para se unirem a Deus*» (**20601**)

«Unir a alma a Deus» (**cf. 20324-27**) é um dos aspectos qualificantes da conversão e da própria vocação humana, porque «*as criaturas espirituais também foram criadas para se unirem a Deus*» (**20601**).

Isto explica porque Zaccaria indica a Carlos Magni um caminho preciso para a união com Deus, que se realiza no duplo contexto da vida ativa e da vida contemplativa. Lemos nos *Ditos Notáveis* (**Vida mista 6**) que «*a vida ativa usa a distração e a contemplativa a u-nião*». A «distração», enquanto característica da vida ativa, não é de por si obstáculo à contemplação -- «*o trabalho, não impedirá a elevação da mente e a ocupação espiritual, nem essas atrapalharão o seu trabalho*» (**10311**) --. Mas, enquanto má inclinação, a distração nos tira o fervor, nos afasta de Deus, é fonte de relaxamento (**cf. 10910**), torna tíbia a ação (**cf. 11102**), devendo ser por todos os modos evitada (**cf. 30702, 31010, 31216**), «*... evitem a distração e a curiosidade, pois vocês sabem que o demônio costuma vencer os que se distraem*» (**30702**; os *Ditos Notáveis* dedicam um artigo inteiro à «*Distração*»).

A união é, enfim, recomendada por Gregório Magno em sua *Regra Pastoral*, em que, mais de uma vez, ele convida os pastores a estarem «elevados na contemplação» enquanto se dedicam à ação (cf. 1,4 e

Hoje em dia, são ,uitas as distrações que deixam a pessoa dividida entre o essencial e o acessório, quando não a fazem escrava do que não é essemcial. Recorde,os o que diz nosso Fundadpr em 1530, quando ensina seu amigo Carlos Magni a rezar bem: "*O homem, por natureza, acha difícil ficar concentrado numa coisa só e, para o homem que tem o mau hábito de ficar distraído, unir-se a Deus é mais difícil ainda. E é difícil demais ser obrigado a ocupar-se de atividades que nos separam de Deus e não ficar separado Dele de verdade: é a mesma coisa que entrar na chuva sem se molhar. Isso é claro! Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós*" (10308)

V

VERGONHA

«*Querem fugir do vexame? Procurem-no*» (**31218**)

Conhecedor perspicazda alma humana, Zaccaria sabia que a vergonha pode vir a ser um dos principais obstáculos na via da perfeição: «*... lembrem-se de que não haverá humildade sem injúrias e desprezo e que os que se envergonham dessas situações, ou também dos irmãos pobres, ou das roupas e das casas simples, percam as esperanças de conseguir a Perfeição, enquanto permanecer neles um tal sentimento de vexame*» (**31218**). Antônio Maria não se limita ao diagnóstico do mal; indica também a terapia para curá-lo: «*Querem fugir do vexame? Procurem-no e o "apertem com cordas e com os próprios braços", que ele desaparecerá de suas vidas, porque vocês venceram e receberam os louros dessa vitória*» (**31218** Podemos sentir vergonha ao professar a própria fé: «*"Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na sua glória, na glória do Pai e dos santos anjos"*» (**20431**; cf. Lc 9,26).

Uma situação particular em que a vergonha pode aparecer é a confissão sacramental. Nesse ponto, Zaccaria distingue uma vergonha interior, necessária para obter a remissão dos pecados, e uma vergonha exterior, que deve ser banida para obtermos a integridade da própria confissão: «*Ensine-lhes, ainda que se confessem com pudor, envergonhando-se diante de Deus e dentro de si mesmos, sem se preocuparem com os sinais externos. Por isso, avise-lhes que, desejando obter o perdão de tudo evitem esconder alguns pecados por vergonha, sugerindo-lhes que quem mostrar suas feridas mortais ao médico, escondendo uma só, por causa daquela chaga apenas, morrerá*» (**31223**; a compa-

ração da confissão com uma consulta médica é tirada de São Jerônimo, In *Ecclesiasten*, 10,11 e se encontra no decreto sobre o sacramento da Penitência do Concílio de Trento, capítulo 5). A vergonha exterior, além de aparecer na confissão individual, pode surgir também na manifestação da consciência, necessária para arrancar a raiz das «culpas ocultas»: «*... aquele que deixar de manifestar a sua doença, por vergonha ou porque duvida muito de que os médicos sejam idôneos, ou porque espera confessar-se mais tarde, saiba que, certamente cairá naquela culpa, em outras mais graves e mais evidentes ainda*» (**31302**).

Os tíbios consideram uma vergonha que haja alguém que seja melhor do que eles: «... os tíbios não deixam os fervorosos separar-se deles, sob pretexto *de boa união, achando vergonhoso que outros pareçam melhores do que eles*» (**31703**); «*Os tíbios com quem você mora julgarão ser uma vergonha, para eles, haver outros melhores do que eles*» (**31825**). Encontramos a mesma idéia nos *Ditos Notáveis*: «*O tíbio, apesar de ser um incentivo à prática do bem para quem é bom, na verdade é um carrasco dos justos, porque, aparentando para os outros ter fervor, na verdade é vergonha para eles e é sempre inimigo do verdadeiro fervoroso*» (**Tibieza 34**).

Para evitar a vergonha na denúncia dos defeitos dos irmãos, não se podem escolher os colegas de viagem; eles devem ser indicados pelos superiores: «*Não escolham vocês mesmos mas peçam os companheiros de viagem; para evitar que alguém se sinta envergonhado ou, por qualquer motivo, tenha medo de acusar o outro por causa de algum defeito cometido*» (**30703**).

VIA / CAMINHO DA CRUZ

«*Pessoalmente, você compreenderá tudo bem depressa, mesmo que não seja nem da sua conta nem da minha, conhecer os resultados da intervenção de Cristo. Pronto! É só andar pelo caminho da cruz*» (**10402**)

O homem foi feito para ir a Deus (**cf. 20601**). Mas não é fácil para o homem - adverte Zac-caria - seguir a própria vocação: «*... como é estreita a porta e apertado o caminho que levam para a vida ...*» (**20210**); «*Qual seria aquele peregrino que poderia caminhar, rápido e prudente, por um caminho tão estreito e difícil ...?*» (**20414**). A via de Deus é por sua natureza via da cruz.

Jesus Cristo também percorreu a via da cruz: sua vida foi um caminho para a cruz. Antônio Maria interpreta este caminho como uma corrida (Correr): «*... correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer*» (**10214**; cf. Hb 12,2). O cristão que se pôs na seqüela de Cristo, deve segui-Lo pela mesmo caminho que ele percorreu. A este respeito, Santa Catarina de Sena é muito explícita: «Acompanha-O pelo caminho da cruz; conforma-te a Cristo Crucificado; deleita-te com os opróbrios, sofrimentos, derrisões, tormentos, desprezos e humilhações por amor de Cristo Crucificado» (Cartas, 73).

Zaccaria em nada lhe fica a dever quando se trata de convidar os filhos a carregar a cruz (**cf. 20135**); a desejar, a agarrar, a procurar os opróbrios e a ter sede deles (**cf. 20135**); a gostar do sofrimento, desejá-lo (**cf. 10502, 11004, 31010**). Na Carta 4, entretanto, nos apresenta a via da cruz numa perspectiva diferente. Antônio Maria responde a João Tiago Piccinini que, preocupado com as conseqüências de algumas decisões a serem tomadas, estava um tanto quanto indeciso: «*Pessoalmente, você compreenderá tudo bem depressa, mesmo que não seja nem da sua conta nem da minha, conhecer os resultados da intervenção de Cristo. Pronto! É só andar pelo caminho da cruz, que nos ensina a distinguir entre qualidade e defeito, ou se devemos ou não fazer uma coisa. Ah! Quer saber? Chega de conversa e mãos à obra!*» (**10402**).

O arrazoado que Zaccaria faz a Piccinini praticamente é o seguinte: quando precisamos decidir se fazemos ou deixamos de fazer alguma coisa, devemos preocupar-nos apenas com um aspecto: se a coisa

é, em si, boa ou má. Se for boa, devemos fazê-la; se for má, deixaremos de fazê-la. Ainda que a coisa má nos traga vantagens, mesmo assim não devemos fazê-la; por outro lado, mesmo que a coisa boa comporte inconvenientes para nós, devemos fazê-la assim mesmo. O critério de escolha não são as conseqüências positivas ou negativas da opção, mas o valor intrínseco da coisa em si.

Este modo de proceder é chamado por Zaccaria via da cruz, exatamente porque é aqui que está o sentido mais profundo da cruz: ela não tem valor positivo em si; não pode ser desejada enquanto tal. O homem não foi criado para o sofrimento: o seu fim é a felicidade. O homem não deve aspirar à morte, mas à vida: a morte é mal, só a vida é bem. Zaccaria relembra que «A finalidade de tua vontade é o bem» (**cf. 20601**). O homem, portanto, não pode deixar de tender para o bem. Mas escolhendo o bem, o cristão sabe que esta sua escolha lhe trará inevitavelmente a oposição do Inimigo, que não quer o seu bem e que, por isso, fará de tudo para afastá-lo do seu caminho. O cristão, entretanto, que percorreu o caminho da cruz, prossegue sem medo, interessado somente na meta de seu caminho, sem se preocupar com as dificuldades que encontrar pela frente.

No fundo, a via da cruz se identifica com a <u>via do meio</u>, que consiste na indiferença dos meios com relação ao fim: o que importa é Deus; os meios para alcançá-lo são relativos: valem enquanto nos aproximam Dele, não valem enquanto nos afastam. O cristão não absolutiza nenhuma das realidades criadas: não lhe interessa se é uma realidade positiva a levá-lo a Deus ou uma realidade negativa. Exatamente por isso, está pronto para tudo, para o pior, até mesmo para a morte.

VIA/CAMINHO DAS CRIATURAS / DA SEPARAÇÃO / DO MEIO

«*Caríssimo, ... tudo foi feito para você e lhe foi dado para que você possa chegar a Deus e isso será pelo caminho da separação e do afas-*

tamento de todas as coisas, recebendo o fruto e o uso delas, mas deixando de lado todo o afeto para com elas» (**20616**)

A teologia tradicional indicou uma via tríplice para chegar ao conhecimento de Deus: a *via affirmationis* ou *causalitatis*, a *via negationis* ou *remotionis* e a *via analogiae* ou *eminentiae*. Dionísio Areopagita disse (VI séc.) que podemos conhecer a Deus enquanto causa, por excesso e por remoção (*De divinis nominibus*, 1,5). Santo Tomás, que assume o ensinamento de Dionísio (*Summa theologiae*, I, 84,7), acrescenta: «De Deus conhecemos a sua relação com as criaturas, ou seja, que Ele é causa de todas as coisas; e (conhecemos) a diferença das criaturas com relação a Ele, isto é, que Ele não é nada daquilo que Ele fez; e mais: que as criaturas não se distinguem de Deus por algum de seus defeitos, mas porque Ele as supera a todas (*ibid*., I, 12,12); «Deus é conhecido por nós a partir das criaturas, enquanto é a origem delas, e através da remoção e da excelência» (*ibid*., I, 13,1). Sobre estas três vias foram construídas outras tantas teologias, chamadas respectivamente: afirmativa ou catafática, negativa ou apofática, superlativa ou analógica.

Zaccaria retoma esta distinção. E a utiliza não somente no plano teológico ou cognitivo («conhecer a Deus») mas também e sobretudo no plano moral-espiritual («*chegar até Deus*»). No início do Sermão 6, Antônio Maria distingue entre conhecimento e uso: «[Algumas cria-tu-ras] *são de maior utilidade ainda para a inteligência do homem do que qualquer outro uso que se faça delas, confirmando as palavras de Paulo: "... as perfeições invisíveis de Deus,... podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que Ele reali-zou..."Será que a estrutura e a beleza das criaturas servem para alguma coisa? Elas aju--dam, porém, a entender a importância, grandeza e os outros valores que estão em Deus e a entender o próprio Deus*» (**20601**).

Para destacar o aspecto cognitivo Zaccaria se serve da metáfora do <u>livro</u>, distinguindo entre *liber creaturae* e *liber scripturae*. Para

destacar o aspecto moral-espiritual recorre à imagem bíblica da via ou caminho (Via de Deus) e distingue entre via das criaturas, via da separação e via do meio.

- Via das criaturas

Antônio Maria nunca usou esta expressão, mas pode ser facilmente deduzida de seus Escritos. Todo o sentido da primeira parte do Sermão 6 sugere a expressão e pode ser também inferida quando ele diz: «*Deus, que fez tudo para o homem e o homem para Deus, fez também, das criaturas, o caminho para o homem chegar a Deus*» (**20607**). As criaturas servem antes de mais nada para o homem conhecer a Deus. É a doutrina de São Paulo é lembrada por Zaccaria: «*"... as perfeições invisíveis de Deus,... podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que Ele realizou..."*» (Rm 1,20, **cf. 20601**). Também no Sermão 2 Antônio Maria se refere ao ensinamento paulino: «*... você conhece a Deus naturalmente através das criaturas e as coisas invisíveis através das visíveis*» (**20208**). Como dizíamos, o Santo busca na tradição a imagem do livro: «*...os santos dizem que, antes do pecado, o livro que o homem devia ler para chegar ao seu Senhor eram as criaturas e este livro tinha as letras bonitas, firmes, arredondadas e claras. Depois do pecado, as letras desse livro acabaram pegando alguma imperfeição e ficaram menos claras do que antes; é verdade que não se apagaram, mas envelheceram e se tornaram quase invisíveis*» (**20602**).

As criaturas podem tornar-se objeto de olhar contemplativo na oração: «*... Vocês dirão: Em que se pode expandir a mente com a oração? Eu respondo:? na admirável grandeza das criaturas, na sua beleza de muitas e variadas formas*» (**31011**).

As criaturas são, além disso, o instrumento de que o homem deve servir-se para chegar até Deus: «*...tudo foi feito para você e lhe foi dado para que você possa chegar a Deus*» (**20616**). As criaturas cumprem sua finalidade pondo-se à disposição do homem: «[As criaturas materiais] *servem ao homem: Umas para o seu uso e outras para o seu serviço e outras para que o homem esteja sempre bem disposto e tenha*

boa saúde corporal» (**20601**). Encontramos o mesmo ensinamento em Santa Catarina de Sena: «As criaturas foram ... feitas para servir» ao homem (*Orações*, 8).

Dentre as criaturas, o homem ocupa lugar especial: «*Deus não se contentou em ajudar o homem a caminho, só com as criaturas sensíveis; Ele quis que o homem fosse ajudado por outra criatura racional, sensível e inteligível: corporal e espiritual, quer dizer, que um homem fosse de auxílio para outro homem, de tal forma que todos, bons e maus, cooperassem para o bem dos escolhidos, como aliás, ainda fazem hoje, os de boa ou má tendência*» (**20605**). Zaccaria também fala da mediação do homem para chegarmos a Deus no Sermão 4 «*... se o homem quiser chegar a Deus, é necessário que ele vá por meio de outro homem*» (**20420**); «*Deus coloca o homem como meio para chegarmos a Ele*» (**20423**)(Meio do homem).

Via da separação

Para chegarmos a Deus não podemos percorrer somente a via das criaturas. As criaturas, que são um meio, podem também tornar-se um obstáculo no caminho para Deus: «*Carís-simo, cuidado para não tropeçar! A Escritura diz que Deus fez das criaturas "uma armadi-lha para os pés dos insensatos" (Sb.14,11). Fique com o que é bom e largue o que é mau! O que é bom nas criaturas? É a sua perfeição; má é a imperfeição. Por isso, agarre-se à perfeição das criaturas e afaste-se da imperfeição delas*» (**20609**).

Como se não bastasse, chegou o pecado e as coisas se complicaram: com ele as criaturas perderam a transparência. Como se viu, o liber creaturae tornou-se difícil de ler. «*Mas Deus, na sua bondade, não considera a nossa malícia! Ele viu que o homem não dava conta de ler direito o livro da natureza e que quase nunca chegava ao conhecimento verdadeiro de Deus, porque valorizava as criaturas de forma errada e muito diferente da maneira do próprio Deus, que as fez! Bem, vendo isso, o que Deus fez? Fez outro livro: o livro da Escritura, no qual não só corrigiu o primeiro, como colocou nele tudo de bom que havia nas*

criaturas; ensinou o caminho da perfeição a partir da imperfeição e, ao aceitar as coisas necessárias, eliminou as supérfluas» (**20603**). À intrínseca ambivalência das criaturas deve por isso corresponder uma dupla via. À via das criaturas deve acompanhar a via da separação.

A teologia negativa ou apofática, que se inspira em Dionísio Areopagita, afirma que Deus é mais aquilo que podemos negar do que aquilo que podemos afirmar. As últimas senten-ças dos *Ditos Notáveis* também se inspiram nesta corrente teológica: «*É verdade, Senhor, que se sabemos alguma coisa de Ti, podemos dizer que é mais ignorância que conhecimento, mas na verdade, sabemos mais o que Tu não és do que o que Tu és*» (**Visão de Deus 13)**.

Também Zaccaria faz seu este modo de ver: «*Caríssimo, preste atenção! Os santos dizem que, se você quiser conhecer a Deus, só há um caminho, isto é, o "caminho da separação"! É o seguinte: pegue cada criatura e a sua perfeição e separe Deus dela e de toda a sua imperfeição. E diga: "Deus não é isso nem aquilo, mas é algo mais excelente*» (**20610**).

No plano moral-espiritual, a via da separação comporta o desapego das criaturas: «*Caríssimo, ... tudo foi feito para você e lhe foi dado para que você possa chegar a Deus e isso será pelo caminho da separação e do afastamento de todas as coisas, recebendo o fruto e o uso delas, mas deixando de lado todo o afeto para com elas*» (**20616**) As criaturas podem e devem ser usadas pelo homem, porque são meio; não podemos, porém, apegar-nos a elas, porque não são fim: o afeto deve ser reservado somente ao fim, que é Deus. Antônio Maria explica: «*Você quer compreender isto? Fique sabendo que aquilo que acaba não tem comparação diante do infinito, as trevas diante da luz, a instabilidade diante da firmeza,... Como seria possível ao homem amar duas coisas opostas? É claro que é impossível! Por isso, é necessário que o homem chegue ao amor de Deus afastando-se de todas as criaturas*» (**20611**). Não cause surpresa a radicalidade da linguagem zaccariana, que se enraíza no Evangelho: «Ninguém pode servir a dois senhores:

ou odiará um e amará o outro ou se apegará a um e desprezará o outro» (Lc 16,13; Mt 6,24); «Se alguém vem a mim e não odeia o seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo» (Lc 14,26; **cf. 20413-14**).

À separação das criaturas se deve acrescentar a separação de si mesmos e dos defeitos: «*Se as coisas boas e espirituais, muitíssimas vezes o afastam de Deus, pense o que acontecerá no caso dos vícios e dos maus hábitos que você tem! Por isso, livre-se de tudo para possuir a Deus que é tudo! Vá livre para Deus e não se agarre e coisa alguma*» (**20614**).

A via das criaturas e a da separação, ainda que opostas entre si, são complementares. No plano teológico, a via affirmationis, que se fundamenta no princípio de causalidade, destaca a imanência de Deus no mundo, a continuidade entre Criador e criatura; a via negationis, ao contrário, destaca a transcendência de Deus, a sua radical diversidade em relação às criaturas. No plano moral-espiritual, as duas vias fundamentam a distinção entre ascetismo e misticismo: para citar Santo Inácio, «ver Deus em todas as coisas [= atitude mística], todas as coisas em Deus [= atitude ascética]» (*Autobiografia*); ou com a liturgia: amar a Deus «em tudo [= via das criaturas] e acima de tudo [= via da separação]» (Coleta do 20º Domingo do Tempo Comum). Ambas as vias são necessárias e devem ser percorridas contemporaneamente.

A distinção entre as duas vias já parece estar contida in nuce na afirmação programática posta no início do Sermão 6: «*Caríssimo, o homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus*» (**20601**). Na expressão "*só para*" ecoa a via das criaturas, em que Deus é considerado em sua relação de continuidade com o mundo e aparece como o fim principal do homem, o que não exclui a existência dos fins secundários e subordinados; o adv´rrbio *só* reflete a via da separação, a qual põe em evidência o abismo que separa Deus das criaturas: nesta via, na verdade, Deus aparece como o fim único do homem, diante do qual todas as outras realidade desaparecem. Sem excluir a primei-

ra perspectiva, Zaccaria, fiel à tradição negativa ou apofática com a qual se identifica, mostra a sua preferência pela via negationis; tanto é verdade que em algumas páginas à frente desaparece a expressão "*só para*": «*... como você ainda pode dizer que Deus não fez o homem para chegar até Ele?*» (**20606**).

Via do meio

Entre as duas vias paralelas, a das criaturas e a da separação, que ficam em contínua tensão entre si, existe uma terceira via, intermediária: a via do meio.

Em teologia, a via affirmationis e a via negationis se unem na via analogiae ou eminentiae. Antônio Maria dá um exemplo de teologia superlativa no texto já citado apenas parcialmente: «*"Deus não é isso nem aquilo, mas é algo mais excelente. Deus não é prudente, mas a própria prudência; Deus não é um bem particular que acaba, mas um bem universal e infinito; Deus não é uma única perfeição, mas a perfeição toda, sem nenhuma imperfeição. Nele, tudo é bom, tudo é sábio, tudo é onipotente, tudo é perfeito,..*» (**20610**). Encontramos a exposição da via do meio, a nível moral-espiritual no Seermão 5: «*Que maravilhosa a arte das coisas feitas por Deus! O homem tem tanto poder que, com a liberdade, pode fazer que o mal se torne um bem para si mesmo. É isso que Paulo disse: "... todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus..." (Rm.8,28); o mesmo Paulo disse que devemos seguir o caminho do equilíbrio e a sentença do Sábio diz que não nos devemos desviar nem para a direita, nem para a esquerda (Pr.4,27); Paulo disse mais ainda: "... em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: ... pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça" (2Cor.6,4-7)*» (**20517**).

Este texto paulino, que reaparece no discurso de 4 de outubro de 1534 (**cf. 20701-17**), pode ser-nos de utilidade para compreender o significado da via do meio. Na Segunda Carta aos Coríntios (6,8-10), Paulo parte de duas antíteses simples e breves («na glória e no desprezo, na boa e na má fama »), e apresenta sete contrastes mais elaborados,

que evidenciam a dramaticidade e a situação paradoxal da vida apostólica («tidos como impostores e, não obstante, verídicos, etc.»). Nestas situações contrastantes, o importante é estar armados «com as armas da justiça, ofensivas e defensivas» (2Cor 6,7). Paulo quer dizer que o apóstolo pode vir a se encontrar em situações contraditórias, mas isto não pode de modo algum influenciar o seu ministério, que deve prosseguir sem se preocupar com circunstâncias exteriores.

Antônio Maria fala da via do meio no contexto das paixões, quando afirma que, graças ao livre arbítrio, está em poder do homem fazer que o mal se torne um bem. Para demonstrar esta afirmação, lembra dois exemplos opostos, tirados da tradição dos padres d desertp: Antão abade fugiu para o deserto por causa da «*amizade do mundo*»; Paulo, primeiro ere-mita, fez a mesma coisa pelo motivo contrário, «*a inimizade e o ódio dos homens»*. Estes exenplos demonstramcomo «*o bem e o mal são proveitosos para os amigos de Deus*» (**20519**; cf. Rm 8,28).

Zaccaria retoma a doutrina da via do meio, tirando-a provavelmente de João Clímaco, o qual, após haver citado Provérbios 4,27 («Não te desvies nem para a direita e nem para a esquerda»), acrescenta: «Caminha pela via régia. Esta via do meio é aquela que se adapta a muitos» (*Escada do Céu*, 1,6). João Clímaco fala também de «fortaleza do exato, do justo meio» (ibid., 25,139). Entre as definições de oração, o ilustre monge acrescenta também a seguinte: «Espelho de progresso e revelação do exato meio» (*ibid*., 28,188).

Os *Ditos Notáveis* - retomando um ensinamento paulino (Fl 4,12: «[Aprendi a adaptar-me às necessidades;] sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado a toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade») - afirmam: «*O discreto sabe viver na penúria e na abundância; mas quem não souber viver em situações adversas não é discreto*» (**Discrição 32**). A via do meio não só caracteriza a discrição; mas também a humildade: «*O verdadeiro humilde não se importa se é*

honrado ou ofendido, poruqe já está alheio a estas situações extremas, como se estivesse morto» (**Humildade 16**).

Frei Batista de Crema indica a via do meio com o conceito de equanimidade, quando recomenda «deleitar-se com igualdade de ânimo, quer na adversidade quer na prosperidade» (*Espelho Interior*, p. 32v).

Os primeiros Barnabitas, no entanto, falavam de *neutralidade*. No Capítulo de 19 de janeiro de 1549, impôs-se ao Sr. Francisco Malipiero - assim se lê nos *Atos Capitulares* - «que além das necessidades inevitáveis, não deseje nada mais e, se apesar disso pedir, que seja neutro e dependa tão somente da obediência».

Santo Inácio de Loyola consagrou para esta doutrina o termo indiferença, tirado da tradição patrística, que chamara de impassividade e a distingue da insensibilidade: «É necessário tornar-nos indiferentes perante as coisas criadas ... de modo que não desejemos mais saúde que doença, mais riqueza que pobreza, mais honra que desonra, mais vida longa que breve, e assim por diante com tudo o mais, desejando e escolhendo somente o que nos leva ao fim para o qual fomos criados» (*Exercícios Espirituais*, 23).

A doutrina da via do meio tem derivação no Evangelho: a indiferença se identifica praticamente com a pobreza espiritual das bem-aventuranças (Mt 5,3), consiste no desapego absoluto de tudo: não só da riqueza mas até da própria pobreza. O fruto desta indiferença é uma total liberdade: o cristão é homem completamente livre, porque sabe que tudo é relativo e só Deus é absoluto. O cristão pode usar, com extrema liberdade, das criaturas, porque sabe que elas têm um papel meramente instrumental com relação ao fim que é só Deus. Quando o cristão descobre o seu único fim, só a ele tenderá com todas as forças e só com ele se preocupará; por mais nada, que exista ou não exista, se interessará: tudo serve, tudo é útil; nada, porém, é indispensável. Isto explica com maior profundidade o sentido da exortação de Zaccaria «*Vá livre para Deus, e não se agarre a coisa alguma*» (**20614**).

VIA / CAMINHO DE DEUS

«*Caríssimo, o homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus. Todas as outras coisas o ajudam para conseguir este fim*» (**20601**)

Origem bíblica. A expressão via de Deus tem orihem bíblica: no Antigo Testamento ela é sinônimo de "vontade de Deus", quer no sentido de projeto salvífico, quer no sentido de lei, que é manifestada ao homem para que este projeto se realize. Diz-se nos Evangelhos que Jesus ensinava com autoridade o *caminho de Deus* (Mc 12,14; Mt 22,16; Lc 20,21). Nos Atos dos Apóstolos a expressão "via de Deus" (18,26), "via do Senhor" (18,25) ou simplesmente a "via", o "caminho" (9,2; 19.23; 22,4; 24,14.22) são sinônimos de cristia-nismo. Queremos com isso destacar a dimensão moral da via de Deus: não se trata só de uma doutrina, mas também de uma vida.
Uso zaccariano. Frei Batista de Crema já se servira da expressão via de Deus: «avançar na via de Deus» (*Via de aperta verità*, p. 42v); «Crescer na via de Deus» (*Conhecimento e Vitória de Si Mesmo*, p. 165r); «proveito ... na via de Deus» (*Espelho Interior*, 19v; 24v). Também nos *Ditos Notáveis* se diz que «*o mestre deve verificar com discrição o quanto os discípulos crescem ou regridem no caminho de Deus*» (**Mestre 3**).
A mesma expressão aparece freqüentemente nos Escritos zaccarianos, nos quais ela é usada praticamente como sinônimo de "vida cristã", entendendo-a como caminho para Deus. Poderíamos facilmente enquadrar toda a espiritualidade zaccariana nesta metáfora da via de Deus.
Antônio Maria se serve também de outras expressões com significado semelhante: «via da perfeição» (**cf. 20101 e 20603**); «via que conduz ao céu» (**cf. 20202.05-06**); «via direta do céu» (**cf. 20413-15**); «via da caridade e do amor de Deus» (**cf. 20418-24**); «via dos mestres» (**cf. 31203-07.25-30**); «via espiritual» (**cf. 31908**).
Vocação do homem: ir a Deus. A exposição mais longa da via de Deus encontra-se na primeira parte do Sermão 6. No início deste sermão, nos

deparamos com o que se poderia considerar o “princípio e fundamento” da doutrina espiritual zaccariana: «*Caríssimo, o homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus. Todas as outras coi-sas o ajudam para conseguir este fim*» (**20601**). Prosseguindo o sermão, Antônio Maria procura provar esta afirmação demonstrando que as criaturas foram feitas para que o homem chegue a Deus (Via das criaturas), e que houve a Encarnação «*para reconduzir o homem a Deus*» (**20606**). A serem assim as coisas, «*como você ainda pode dizer que Deus não fez o homem para chegar até Ele? ... como é que você tem a coragem de dizer que o homem não foi criado só para Deus? Seria uma grande cegueira da sua parte se você não reconhecesse que foi criado para esta finalidade: para caminhar em direção a Deus*» (**20606.08**). Zaccaria conclui sua demonstração com a citação do Salmo 34,6 segundo a interpretação dos LXX: «*Olhem para Ele e ficarão felizes, o rosto de vocês não ficará envergonhado*» (**20615**).

Condições. Para se chegar a Deus é preciso respeitar algumas condições.

a) Solicitude. Zaccaria fala da solicitude na Carta 2: *«... nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação»*. Já dizia Miquéias: «*Ó homem, já foi explicado o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com seu Deus*» (**10210.11**, Solicitude).

b) Gradualidade. É a tese do Sermão 1, que em última análise está na base de todos os Sermões: «*O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro para o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante*» (**20114** Graduali-dade). Trata-se antes de tudo de avançar contínua e progressivamente na vida cristã, sem nunca se deter: «*... não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás*» (**20623**). Trata-se além disso e sobretudo de respeitar a devida ordem da vida espiritual (**cf. 20115-16**).

c) Pureza. Fiel ao aviso de Jesus (Mt 5,8: «Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus»), Antônio Maria lembra: «*Se o ho-*

mem deve chegar a Deus e conseguir o seu amor, é necessário que se liberte de todas as paixões» (**20422**).

d) Caridade. Só quem ama a Deus pode subir até Ele: «*O amor, de Deus é necessário para quem quiser ir a Deus*» (**20436**; Caridade).

e) Liberdade. Para ir a Deus é necessário, antes se libertar de todo apego às criaturas (Via da separação): «*... livre-se de tudo para possuir a Deus que é tudo!*» (**20614**).

Meios. O meio dado por Deus ao homem são fundamentalmente as criaturas (Via das criaturas): «*;;; o livro que o homem devia ler para chegar ao seu Senhor eram as criaturas ... tudo foi feito para você e lhe foi dado para que você possa chegar a Deus*» (**20602.16**).

É especialmente o homem o meio que se deve utilizar para ir a Deus (Meio do homem): «*... se o homem quiser chegar a Deus, é necessário que ele vá por meio de outro homem ... Caríssimo lendo toda a Escritura, você verá que Deus coloca o homem como meio para chegarmos a Ele*» (**20420.23**).

Obstáculos. Ao percorrer o caminho de Deus, é possível que se encontrem alguns obstáculos.

a) Criaturas. Se é verdade que as criaturas são o meio de ir a Deus, podem também tornar-se obstáculo, porque «*Deus fez das criaturas uma armadilha para os pés dos insensatos*» (**20608**). As criaturas são ambivalentes, têm aspecto positivo e negativo: «*Fique com o que é bom e largue o que é mau! ... Por isso, agarre-se à perfeição das criaturas e afaste-se da imperfeição delas*» (**20609**). Encontramos aqui o fundamento da via das criaturas e da via da separação. Trata-se praticamente de usar das criaturas (porque são um meio), sem se apegar a elas (não são o fim: este continua sendo Deus; a Ele devemos reservar o afeto; as criaturas, se pretenderem passar a ser o único fim do homem, se tornam obstáculo no caminho para irmos a Deus): «*Caríssimo, conclua, portanto, que tudo foi feito para você e lhe foi dado para que você possa chegar a Deus ... recebendo o fruto e o uso delas* [criaturas], *mas deixando de lado todo o afeto para com elas*» (**20616**)

b) Paixões e vícios. Se, como se viu, uma das condições para chegar a Deus é a purificação de todas as paixões (**cf. 20422**), quer dizer que as paixões são um obstáculo na via de Deus.

Dentre os vícios capitais, Antônio Maria insiste principalmente sobre o da gula: «*Quem é dominado por este vício, saiba que, certamente, nunca progredirá no caminho de Deus*» (**30506**).

c) Negligência e tibieza. Trata-se do maior dos obstáculos. Na Carta 2, Zaccaria alerta a respeito da negligência, dizendo que é «*totalmente contrária aos caminhos de Deus*» (**10210**). Nesse contexto, considerava-se a negligência como «*tristes consequências*» (**10208**) da indecisão, contra a qual é preciso reagir: «*Para evitar este vício encontraram-se na via de Deus dois caminhos e modos*», isto é, a elevação da mente *per donum consilii* (Instinto natural/espiritual) e o recurso ao pai (diretor) espiritual (**cf. 10209**).

O Sermão 6 foi escrito para apontar «*uma causa da negligência e tibieza na via de Deus*». A tibieza refreia o homem em seu caminho para Deus. «*... você deverá afastar-se da tibieza e da negligência no seu caminho para Deus!*» (**20616**). A distinção entre preceitos e conselhos que para muitos se tornou causa de tibieza, «*foi feita com a finalidade de afastar a tibieza e a negligência do caminho de Deus*» (**20620**).

A tibieza impede o progresso na vida espiritual: «*... além de deturpar o instinto natural que Deus lhe deu, ... você ainda prejudica a si mesmo, porque não progride no caminho de Deus. E não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás*» (**20623**).

VÍCIO (DEFEITO) PRINCIPAL

«*... esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral, chefia os outros que existem em você*» (**10313**)

A luta contra os vícios, a começar pelo «vício principal», liga-se

antes de mais nada e estritamente à «meditação» e à «oração», que permitem «conhecer» os próprios defeitos e garantir a vitória sobre eles. Sem esta vitória no âmbitoo do comportamento, a vida de oração e de ascese «*tem pouco valor*» (**10312 / cf. 10313**).

Em segundo lugar, a luta contra os vícios deve ser levada a termo com estratégia precisa, apontando para a «mãe dos vícios», isto é, para a origem de nossa vida cheia de defeitos. Os vícios devem ser «mortos» (**cf. 10313** ou, no caso de serem considerados como «*ervas daninhas*», devem ser «*arrancados*» (**cf. 10206**; esta última palavra aparece ao menos dez vezes nas *Constituições*).

A luta contra os vícios constitui a primeira tarefa do combate espiritual.

Quanto à «tática a ser adotada na guerra ... contra os vícios», Antônio Maria reporta-se às cuidadosas instruções oferecidas por Cassiano (*Colações*, 4,14), o qual, inspirando-se nos gladiadores, convida a agredir primeiro «as feras mais temíveis» para «aniquilár» depois «mais facilmente as demais». «*... quando vencemos o comandante* - lêmos nos *Ditos Notáveis*, **Tentação divina 17** - *os soldados se dispersam (PECADOS)*».

VÍCIOS (PECADOS) CAPITAIS

«*Quem souber dominar a gula com discrição, vencerá a soberba e, sem dúvida alguma, fará progressos*» (**30506**)

É óbvio que a referência ao vícios seja muito freqüente nos Escritos zaccarianos. Mas o nosso objetivo, o que interessa descobrir é o quadro de referências presente na doutrina de nosso Santo. De fato, no Sermão 4, ele dá exemplo dos vícios, passando-os em resenha nesta ordem: gula, luxúria, ira, avareza, tristeza, preguiça, vanglória e soberba. Trata-se, como se vê, dos chamados «pecados capitais» (**cf. 20422**).

A lista está presente nas obras de Cassiano, definido como «dis-

cípulo no Oriente e mestre no Ocidente». Ele, por sua vez, depende de Evágrio Pôntico, que enumera «oito espíritos maus»: gula, luxúria, avareza, ira, tristeza, preguiça, vanglória, soberba. (Como se vê, , em Zaccaria inverte-se a ira com a avareza). As *Colações* (ver lista em 5,2), as *Instituições Cenobíticas* e também a Escada do Céu (23,127), estão na base da tradição ascética latina, retomada por Gregório Magno, que enumera sete vícios capitais: vanglória, inveja, ira, tristeza, avareza, gula e luxúria. O *Catecismo* de Pio X mantém o número sete, com algumas modificações: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja, preguiça. Em nossos dias, o *Catecismo da Igreja Católica* reformula a lista nos seguintes termos: «orgulho, avareza, inveja, ira, impureza, gula, preguiça ou acídia» (n. 1866).

Antônio Maria assimilou a doutrina dos vícios capitais de Frei Batista, através das páginas do seu livro *Conhecimento e Vitória de Si mesmo*, onde se lêem: gula, luxúria, avareza, ira, tristeza, acídia, soberba (excluindo a vanglória). Ao nosso Santo, interessa muito insistir em três aspectos. Em primeiro lugar, a origem corporal dos vícios («*paixões que, na sua maioria têm origem no corpo*» **20422**): para arrancá-los pela raiz, é necessário um «*remédio corporal*» (**20422**). Em segundo lugar, devem ser combatidos praticando as virtudes opostas. Para vencer a soberba, «*abracem, de boa vontade, os insultos*» e, se alguém quiser fugir da ira, deverá desejar «*tribulação e penas*» (**31010**). Trata-se de um princípio já muito bem esclarecido por Cassiano, que recomendava assim: «para fugir da mordida do vício era preciso exercitar-se nos pensamentos contrários» (*Colações*, 19,15). Em terceiro lugar, a superação dos vícios exige ascese, exercício, e isto comporta a mediação de um guia: «*Deus costuma agir no homem, por meio de outro homem*» (**20423**; Meio do homem). Lemos nos *Ditos Notáveis*: «*Se você quer livrar-se desse veneno, escolha para si um mestre que seja rigoroso com você e quebre todas as suas vontades*» (**Ira 9**).

VIDA ESPIRITUAL VERDADEIRA

«*Caríssimos, se vocês pensarem naquelas palavras de Cristo: "Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade" (Jo.4,24) e ainda nessas palavras de São Paulo: "... aquele que se une ao Senhor, forma com Ele um só espírito" (1Cor.6,17), não fica difícil compreender que a vida espiritual consiste no seguinte: que o homem este-ja sempre voltado para Deus, não deseje coisa alguma, a não ser Deus, não se lembre de ninguém mais do que de Deus; que comece todas as suas ações invocando o nome do seu Senhor e a Ele se dirija (Cl.3,17). Isso quer dizer: que o homem de vida espiritual confia sua inteligência, sua vontade, sua memória, seus sentimentos e sua ação à bondade divina; toda a sua pessoa se alegra na presença do Deus vivo (Sl 83,2), todo seu ser é governado pelo Espírito de Deus, do mesmo jeito que a alma governa o corpo; e o Espírito Santo dá a todos o testemunho de que são filhos de Deus (Rm.8,16) e de que são um exemplo vivo de Cristo, tanto assim que podemos dizer com o apóstolo: "Sejam meus imitadores como eu sou de Cristo" (1Cor.4,16), como se disséssemos: Querem ver um exemplo concreto de Cristo? Olhem para nós*» (**20201**)

Como este parágrafo inicial do Sermão 2 talvez seja o mais elevada e ao mesmo tempo o mais elaboroda dos Escritos de Antônio Maria, pareceu-nos oportuno apresentá-lo por on-teiro. Será suficiente destacar os seus pontos chave.

A vida espiritual verdadeira, que torna clara a vocação contemplativa e adoradora de cada criatura, polariza o homem em Deus, homem visto na sua globalidade de «*intenções*» (mente), «*anseio*» (vontade) e «*lembrança*» (memória), que é aliás, a trípçicedivisão agostiniana da criatura humana à luz do mistério trinitário (Potências da alma).

- Esta polarização nos torna «um mesmo espírito» com Deus, conceito que o Santo exprime com a afirmção: «*... você o vê ... você pode falar e conversar com Ele e pode chamá-lo realmente de um Deus na terra*»

(**20208**).
- O homem é polarizado em Deus não só em seu ser, mas também em seu agir, porque dirige a Ele «todos os seus empreendimentos».
- Ao entender, querer e lembrar associamos, além da dimensão operativa, também a afetivo-emotiva: o «sentir».
- Neste ponto, Antônio Maria introduz outra aproximação com a pessoa humana, que é «carne», «coração» e «alma/espírito», e formula estes três dados pondo-os em referência a cada uma das pessoas da Trindade. De modo particular e necessariamente, ele põe em evidência a habitação divina, citando São Paulo («Cristo vive no homem», Gl 2,20), o que relembra também a conclusão do mesmo sermão: «*Que Deus, por sua graça,, se digne permanecer em mim e fazer em mim o seu templo*» (**20226 / cf. também 20437**).
- Enfim, o êxito da verdadeira vida espiritual, que só pode ser obra do Espírito Santo, leva conseqüentemente a encarnar Cristo, apresentando-nos como um seu «*exemplo vivo*» (**cf. 10213-14 e 10901**).

Só resta concluir com Zaccaria: «*Que situação feliz! Tão difícil e vivida por tão poucos! Esta é a vida para a qual eu o convido e que você deve desejar ardentemente dia e noite. Para ela se orientaram todos os santos e sempre lhes agradou permanecer nela. Quem não a encontrou é louco e infeliz!*» (**20209**).

VIDA ESPIRITUAL, GRAUS DA

«*... o homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conhecimento de Deus*» (**20215**)

A vida segundo o Espírito consiste num processo articulado de várias maneiras, cuja meta é o «conhecimento», ou seja, a experiência de Deus.

Antônio Maria recebeu em herança alguns dos grandes esquemas dentro dos quais doutores e mestres enquadraram a vida espiritual. É

de Gregório Magno que lhe chega o primeiro e mais clássico esquema. Eis o que São Gregório Magno escreveu: «O primeiro degrau consiste em entrar em si mesmos; o segundo em considerar a natureza íntima da alma, o terceiro em ir além de si mesmos e fixar o olhar contemplativo sobre o invisível criador» (*Homiliae in Ezechielem*, 2,5). A tradição mística resume este esquema numa frase muito densa: «ab exterioribus ad intima, ex intimis ad Deum - Do exterior ao interior, do interior a Deus», que é o que Zaccaria parafraseia no seu sermão. Podemos citar também outro texto do grande pontífice: O homem «não penetra na realidade interior, se não fugir dos desejos exteriores» (*Moralia*, 5,29,51). O segundo esquema, ao qual Antônio Maria se refere quase de passagem em seus Escritos, é a «tríplice via», esquema já presente na tradição mística contemporânea à chegada do cristianismo e retomado com muita profundidade por São Boaventura no seu *De triplici via* ou Incendium amoris, que o nosso Santo usava e recomdndava a seus irmãos (**cf. 30803**). Trata-se da via purgativa, própria dos principiantes («incipientes»); da via iluminativa, própria de quem progride já iluminado pela graça («proficientes») e da via unitiva, própria de quem já decididamente se uniu a Deus (os chamados «perfeitos» ou «prontos»). Sabemos também que Zaccaria se refere à relação existente entre os três momentos citados acima e a experiência de oração, oral, mental (chamada de «*o alimento dos que querem progredir*», **31001**) e contemplativa respectivamente. Referências mais diretas às três vias Antônio Maria achou nos escritos de Batista de Crema e nos *Ditos Notáveis*: “*A humildade dos principiantes tem olhos ainda desacostumados para ver, pois só conseguem ver coisas grandes. A humildade dos experientes tem olhos que enxergam claramente. Já a humildade dos perfeitos, como enxergam na escuridão, é como o sol, pois veem claramente todas as coisas feias [ruins] e belas [boas]*” (**Humildade 8**) (**cf. também Lágrimas 9-11**).

A idéia fundamental subjacente a este esquema é constituída pelo dinamismo da vida espiritual, isto é, pela exigência do progresso

e do avanço contínuo. Sobre este ponto Zaccaria chama a atenção dos *Amigos* do Cenáculo de Cremona, no início de suas catequeses: «*O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro pa-ra o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante ...*» (**20114**). E ainda: «*... a vida espiritual exige que você não volte atrás e que não pare*» (**20206**). Este é um pensamento que o Santo retoma no último dos Sermões dirigido ao grupo da Reforma, lá onde relembra, citando São Bernardo, que «*... não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás*» (Avançar; **20623**).

Esta é uma afirmação clássica. Podemos também citar este texto análogo de Gregório Magno: «Nossa alma é como uma barca que deve subir o rio, andando contra a corrente. Deixar de remar, de esforçar-se, é voltar para trás» (*Regra Pastoral*, 34).

VIGÍLIA

«*... permaneça sempre em oração*» (**20135**)

A atitude vigilante é consubstancial à oração e, antes ainda, à vida espiritual. É dela que nasce a prática da oração noturna, que Antônio Maria reconhecia sobretudo em Cristo, modelo do orante perfeito: «*... ficava, muitas vezes, em oração noites inteiras*» (**20413**). Aos próprios discípulos Zaccaria não deixava de realçar a importância de rezar «*... pela manhã, à tarde, em qualquer hora*» (**10303**) e, aos religiosos, impõe a seguinte obrigação: «*que, pelo menos por duas horas, entre o dia e a noite, nos dediquemos à Oração, sem nos dedicarmos a nenhuma outra boa obra nesse intervalo de tempo*» (**31013**, levando em consideração, porém, que a expressão "*entre o dia e a noite*"indica a «sera» italiana [= primeiras horas da noite em diante], porque o «dia» terminava às 18 horas). Nem se esqueça que, enquanto o corpo imerge no sono, «*o coração está vigilante*». É que o Espírito Santo, derramado em nossos corações, reaviva «sempre» em nós a lembrança de Deus **(cf.**

20207).

Nas regras para os visitadores, Antônio Maria prevê que possam acontecer situações em que «*os jejuns e as vigílias, ou ... o silêncio*» tenham que ser aumentados (note-seque o verbo *aumentar* supõe um dado de base inicial e permanente). Nesse caso, o visitador deverá ve--rificar se tais práticas são um fim em si mesmas ou se conduzem à ve rirdadeira finalidade da vida consagrada (**cf. 31903**).

Só nos falta descobrir a união entre vigília e jejum. Ela aparece quer nas recomendações às religiosas: «*Castigue o corpo com a fome, ... permaneça sempre em oração*» (**20135**), quer na exortação a seguir: o exemplo de Paulo, que se apresentava como «*ministro de Deus ... nas vigílias e jejuns ...*» (**20716**).

VIRTUDE

«*... passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo degrau por degrau, chegue à perfeição*» (**10202**)

A referência ao salmo 83,8, que em latim soa «de virtute in virtutem», aparece freqüentemente nos Escritos de Antônio Maria (Avançar). Ao casal Omodei ele recomenda: «*desejo que vocês não se deixem levar pela tibieza, mas que cresçam sempre!*» (**11101**), e aos leigos de Cremona lembra que a santificação deve inspirar-se no rei Davi (Sl 83,8): «*Disse Davi: "eles caminham de fortaleza em fortaleza até verem Deus em Sião*"» (**20322**; Avançar). De fato, «*o homem na vida espiritual: ou ele cresce pela virtude ou, se não crescer, permanece no vício*» (**20623**). Analogamente, os religiosos são chamados a passar «*de fortaleza em fortaleza*» (**20707**). Na verdade, eles mesmos se dão conta de que «*De vez em quando, a alma reclama que não lhe permitem crescer de virtude em virtude, como se Deus estivesse ausente*» (*Ditos Notáveis*, **Falar em excesso 6**). «*De que serviria a alguém* – assim Zaccaria se dirige aos noviços -, *ter muitas virtudes, se lhe faltasse uma?*

De que serviria ter todas as virtudes e não se esforçar para conseguir o máximo delas?» (**31244**), expressão esta última que, com pequenas variantes, encontramos freqüentemente repetida nos Escritos do Santo (**cf. 10202; 30901 e 31245.46**; Cume / ápice).

Falando de virtudes, Zaccaria as qualifica com os atributos de «*verdadeiras e reais*», contrapondo-as às «*fantásticas*» (**30901**). Tomás de Aquino ensina que nenhuma virtude é verdadeira se não se fundamentar na caridade (*Summa theologiae*, II.II,23,7). Catarina de Sena por sua vez escreve que a ponte que une Deus ao homem é feita com «as pedras das verdadeiras e reais virtudes» (*Diálogo*, 27), as quais «estão fundadas na pura caridade para com o próximo» (*ibid*. 6; cf. também *Cartas*, 151). «A coroa de glória - assim ensina Catarina - não se dá a quem começa, mas a quem persevera até o fim. Quero, portanto, que com toda a solicitude vos empenheis em correr pela via da verdade, interessando-vos sempre por crescer de virtude em virtude» (*Cartas*, 290). Em obediência a tais estímulos, Antônio Maria prescreve que as conferências tenham como objeto o modo de adquirir «*as virtudes verdadeiras e reais e não as fantásticas*» (**30901**). A respeito das virtudes, que ninguém se detenha de modo genérico (**cf. 31715**); é necessário conhecer e avaliar «*as caraterísticas dos vícios e das virtudes*» (**cf. 31205**).

A prática das virtudes pede livre e ativo consentimento. «a prática da virtude exige o ato voluntário do homem» (31303), pelo que - diz o Santo - « julgamos supérfluo punir, dentre nós, os que não se deixam violentar pelo amor da virtude e de Deus» (31401). (Note-se a aproximação entre a virtude e Deus, postos no mesmo plano.)

As virtudes são adquiridas, quer «*pelo desejo de viverem valores cada vez maiores*» (**11105**), quer porque nos esforçamos para evitar o que é contra elas. Assim fala Zaccaria: «*Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração. Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem*

nelas; alegrem-se com as coisas ruins. Querem a paciência? Desejem tribulação e penas, porque não há paciência sem tribulação e pena» (**31010**).

A vida virtuosa deve também consolidar-se com as contrariedades que a pessoa encontra no próprio caminho: «*Tenho a coragem de dizer que a virtude sem contrariedade tem pouca ou nenhuma consistência e, quanto maiores forem as contrariedades, mais preciosa se torna a virtude*» (**31807**). É o que nos recorda Catarina de Sena: «Uma virtude que não se saísse bem na prova da contrariedade não estaria fundamentada sobre a verdade» (*Diálogo*, 8).

VITÓRIA SOBRE SI MESMO

«*O livro, "A vitória sobre si mesmo", vou ter que escrevê-lo com a vida e não só no papel*» (**10110**)

Estamos na época em que o livro ainda se multiplicava manualmente: caneta e pena. Zaccaria estava nessa situação, com o texto mais importante do Frei Batista, publicado há pouco. Ele achou motivo para exclamar: «*O livro, "A vitória sobre si mesmo", vou ter que escrevê-lo com a vida e não só no papel*» (**10110**). De fato, Antônio Maria recebera o legado de seu pai espiritual: conseguir a vitória sobre si mesmo, e sabemos por suas cartas qual fosse «*... esta erva daninha, ..., ela está plantada no coração*» (**10214**). No programa apresentado às Angélicas, ele recomenda que não desanimem na luta por «vencer a si mesmas» (**cf. 10504**) e o mesmo repete aos Barnabitas, quando convida cada um a ser «*seu próprio mestre*» (**10710**) esforçando-se para «*governar-se*» a si mesmos (**10708**). Aos leigos ele já tinha dito anteriormente «*Quem seria tão louco a tal ponto de não acreditar que as paixões são de grande utilidade para o homem? E de não admitir que combatê-las e vencê-las é uma grande vantagem?*» (**20520**). A «vitória sobre si mesmo» aparece, pois, como objetivo da vida cristã comprometida (os membros

do Grupo da *Amizade* eram «*chamados ... a vencer-se a si mesmos*», **cf. 20622-23**) e da vida religiosa («o nosso fim principal é o conhecimento de nós mesmos e a vitória sobre nós mesmos», **31901**).

Para inspirar o pensamento de Zaccaria terá certamente contribuído o manuseio do magistério de Gregório Magno, que põe como finalidade da vida «ativa» - ou seja, ascético-apostólica - a vida contemplativa, e sustenta que o objetivo da primeira consiste em conseguir a vitória sobre si mesmo: «Vencem o que são porque aspiram a ir além de si mesmos» (*Moralia*, 6,37,59). A Imitação de Cristo também se exprime da mesma forma: (3,3): «E deverá ser este o nosso esforço: vencermo-nos a nós mesmos». Este é também o intento a que se propõem os Exercícios inacianos: «*Exercícios espirituais para vencer a si mesmo e ordenar a própria vida*» (n. 21).

VOCAÇÃO

«*Filhos e plantas de Paulo, alarguem os seus corações ... e não sejam inferiores à vocação para a qual foram chamados*» (**10712**)

Nos Escritos zaccarianos fala-se de vocação verdadeira diretamente aos leigos comprometidos, participantes do círculo da *Amizade* e também da vocação religiosa dos Barnabitas. Para todos, o chamado dos apóstolos continua sendo o protótipo de toda vocação: «*Pedro, Tiago e João, ao serem chamados, também deixaram tudo de lado e O seguiram*» (**10213**).

No Sermão 2 Zaccaria fala de um chamado à vida religiosa: «*E em relação a Deus, ainda mais, pois Ele se mostra tão amoroso, como filho, pai e mãe e sempre está com você; e se você se separa dele, Ele o procura, o chama e sempre o convida*» (**20205**).

No Sermão 6 Zaccaria torna clara a vocação específica dos leigos do Grupo da *Amizade*: «*... que você seja capaz de se afastar de tudo, de você mesmo e muito mais: afaste-se de tudo o que há de mais*

íntimo em você, ou seja, dos maus hábitos» (**20616**).

A um desses leigos - talvez o próprio responsável pelo grupo - Carlos Magni, Zaccaria relembra o dever de conciliar, em sua vida, a oração com a profissão. Doutra forma – ele escreve - «*você será um homem bom, não um bom cristão, tal como Cristo quer e como o chamou para ser .., se for isso que você quer - eu acho que sim - para que mais tarde não se arrependa, o que seria de grande tristeza para mim*» (**10311**).

Na Carta 7 Antônio Maria recomenda aos Barnabitas que correspondam à vocação recebida: «*Filhos e plantas de Paulo, ... não sejam inferiores à vocação para a qual foram chamados*» (**10712**). Podemos deduzir pelo contexto que esta vocação consiste em ser «*plantas e colunas da renovação do fervor cristão*». (**10711**)

Na fala de 4 de outubro de 1534, Zaccaria, citando as palavras do Apóstolo (1Cor 1,26-28), exorta seus filhos a considerarem a vocação; e acrescenta: «*A nossa vocação nos pede que não fujamos dos sofrimentos pelos quais eles passaram, suportando estas provações que vêm experimentar se somos fortes. E olha que o nosso sofrimento é muito menor que o deles*» (**20711**).

Para terminar, encontramos nos Escritos de Zaccaria, uma vocação (de caráter humano) dos ajudantes do Reformador, que os chama a colaborar na reforma : «*Ao escolher esses companheiros para a Reforma, embora fosse uma coisa boa atraí-los com algum presente ou, melhor, com sinais e milagres, melhor ainda será se o convite se fizer através da seriedade de vida e da sã doutrina de quem os chamar*» (**31827**), daí, fica evidente que a vocação divina se utiliza da mediação humana.

VONTADE

«*... o fim da sua vontade é o bem*» (**20622**)

Vontade de Deus

O homem deve antes de tudo procurar a vontade de Deus e depois conformar-se a ela: «Fi*que conformado com a vontade de Deus. Eu também quero conformar-me com ela, custe o que custar, mesmo contrariado*» (**10102**). Para «revestir-se de Cristo» é preciso fazer a sua vontade: «*Comprometam-se com atitudes de humildade e de simplicidade e não procurem a própria vontade, mas a de Cristo em vocês, pois assim se sentirão mais facilmente pertencentes a Ele*» (**10711**).

Não basta conhecer a vontade de Deus (Conhecimento), é preciso levá-la à prática. Aliás, quem a conhece está mais do que obrigado a pô-la em prática: «*Cristo disse: o empregado que conhece a vontade do patrão e não a faz, levará castigo muito maior*» (**20404**).

A Escritura nos revela qual seja a vontade de Deus a nosso respeito: «*Ó homem, já foi explicado o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com seu Deus*» (Mq 6,8: **10211**); «*Assim fala Paulo: "a vontade de Deus é que vivam consagrados a Ele*» (1Ts 4,3: **20321**; **cf. 20112**). Significativamente os mandamentos são expressão da suma vontade de Deus: «*Caríssimo, você entende bem o que Deus quer de você*» (**20121**).

A vontade de Deus pode até permitir o mal: «*Ensine-lhes* [aos Noviços], *ainda, a abandonar o temor em tudo, em todas as coisas ... Que eles saibam que, todas as vezes que o Senhor quiser (queiram eles ou não), os fará cair em sofrimentos diferentes ou nas mãos do demônio, ou em outras infelicidades da alma e do corpo*» (**31228**).

Vontade humana

A vontade é uma das faculdades da alma humana (Potências da alma) e uma das potências apetitivas (d0 desejo), e precisamente o apetite intelectivo, que se contrapõe ao sensitivo (ou dos sentidos).

Zaccaria dá uma pequena amostra de sua antropologia no início do Sermão 2, quando fala de «entender, querer, lembrar, sentir e agir». No Sermão 4 ele retoma esta referência com pequenas variações: «querer, entender, falar, agir». Destes textos resulta claramente que, para

Zaccaria, fiel à psicologia aristotélico-tomista, as duas faculdades humanas principais são a inteligência e a vontade.

Toda potência torna-se clara por seu objeto: assim como o objeto do intelecto é a verdade, assim também «*o fim da sua vontade é o bem*» (**20622**; cf. São Tomás, *Summa theologiae*, passim: Obiectum voluntatis est bonum»).

No homem, a vontade tem o primazia sobre as demais faculdades: «*Por que você fica admirado que um mal tão grande venha de um órgão tão pequeno? ... A sua mente está sujeita apenas à vontade e, por isso, está mais livre ... A língua, de vez em quando se cansa; a mente resiste mais e é mais firme*» (**20214**).

Atos da vontade. Na vontade humana podemos distinguir dois atos, um instintivo, que se pode chamar de vontade natural, e um reflexivo, que se pode chamar de vontade racional.

a) A vontade natural. É a vontade que Zaccaria freqüentemente indica com a palavra vontades. O homem não deve seguir suas vontades: «*E assim, o fato de não terem o controle de suas vontades, as levaria ao desleixo, pois elas ainda estão longe do ideal*» (**10913**). A primeira coisa é que o mestre deve ensinar aos noviços «a dominarem as suas vontades, de tal modo que fiquem tristes quando *tiverem de agir a seu modo e fiquem alegres e se sintam honrados tendo que fazer como os outros querem, desde que tais coisas não sejam expressamente más*» (**31208**). Da boca dos noviços deve ser banida a expressão: «*Quero desse jeito, não quero daquela maneira"*» (**31209** Um dos sinais da ruína dos costumes é justamente este: «*Quando vocês virem alguém fazer tudo o que quer, ou então dizer: "que-ro" e "não quero"*» (**31708**).

O domínio [ruptura] da vontade é uma das principais exigências da vida religiosa: «*... o não mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas, as tornaria grosseiras e as afastaria totalmente dos ideais de São Paulo e de sua vida*» (**10913**); o Mestre «*Convença os Noviços a pedirem a Deus a graça de querer vencer as suas vontades. E, perseverando nesta oração, Ele cumprirá perfeitamente neles, o que pedirem,*

desde que façam tudo para se tornarem de acordo com o seu pedido» (**31209**). A renúncia a si mesmo constitui quase a essência da vida religiosa: «*a Religião é fazer a vontade dos outros e não a própria*» (**20133**), o contrário de quanto acontece junto a quem é do mundo e «*se comporta como dona da verdade, faz valer o que é seu*» (**20133**) Um dos sinais da ruína dos costumes consiste nisso: Quando vocês virem «*os superiores e todos os irmãos com receio de desagradar as pessoas de fora; até pelo contrário, procurando satisfazer-lhes as vontades, ...*» (**31715**).

b) A vontade racional. É a que torna humano um ato da pessoa: o seu agir, para ser verdadeiramente humano, deve ser voluntário. Coincide praticamente com o livre arbítrio. Um ato instintivo ou um comportamento fruto de coerção, não são propriamente humanos: «*a prática da virtude exige o ato voluntário do homem*» (**31303**). Isto também explica a aversão de Zaccaria em aplicar penas. Tudo na vida religiosa deve ser voluntário: «*A obediência deve ser voluntária e não forçada*» (**30202**); «*Vocês arrancarão o vício da gula com aquela pobreza voluntária, que a grande custo consegue as coisas necessárias*» (**31224**); «*a humilhação voluntária de si mesmo» é um dos instrumentos necessários para alcançarmos a finalidade da vida religiosa*» (**31903**).

Voluntário também deve ser o arrependimento pelos próprios erros: o capítulo das Consti-tuições que trata disso chama-se «*As culpas e sua confissão voluntária*» (**31300-título**); «*Mas, reparem: os Santos Padres, algumas vezes, através de muito esforço e de prisão voluntária - em que não havia nem porta nem fechadura - curavam a doença dos que diziam sem desespero, mas com muita humildade*» (**31307**; «*Irmãos, abracem, de bom grado e alegremente estes penitentes voluntários*» (**31308**); «*Se alguém errar por simples negligência ou por fragilidade, castiguem-no, mas de tal modo que aceite mais o arrependimento voluntário do que a pena que foi dada*» (**31405**). Mas a negligência voluntária é que deve ser severamente punida com a expulsão (**cf. 30303** e **31408**).

Não basta só querer alguma coisa; é preciso desejá-la de bom grado, com prazer. Na verdade, não interessa apenas a coisa em si: vale muito também o modo como se faz. Fazer alguma coisa contra a vontade não corresponde ao espírito zaccariano, que dá importância até às sutilezas da vida cristã: «*Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos*» (**31010**). Nesta expressão de boa vontade pode-se dizer muito bem que se resume toda a existência de Zaccaria, se é verdade que ela foi a sua última palavra em vida: «Apareceu-lhe São Paulo, convidando-o a que fosse com ele, se quisesse; e o Pai lhe respondeu: "De boa vontade!"» (*Attestazioni* do Pe. Soresina).

Boa vontade. Freqüentemente Zaccaria caracteriza a vontade como boa. A boa vontade é a disposição que o homem tem de fazer o bem, e se identifica praticamente com a bondade. É dom de Deus (**cf. 20106**) e requisito essencial para ser admitido na Congregação: «*... se aparecerem uns não muito inteligentes, mas de muito boa vontade e pedirem para ser acolhidos, admitam-nos e os aceitem, não diretamente na comunidade e nem mesmo nas reuniões e capítulos. Se forem inteligentes, não os recebam se não tiverem uma grande boa vontade, porque estes, se forem bons, farão um grande progresso espiritual. Ao contrário, se forem maus, se estragarão a si mesmos e aos outros*» (**31103**; Luz e fogo).

A boa vontade é o sinal para julgar a respeito da verdadeira causa da aridez espiritual: «*No entanto, aprendam isso durante o tempo da aridez: olhem e reparem muito bem dentro de vocês, se ainda está viva a semente da boa vontade; sendo assim, não tenham medo, nem sejam relaxados, porque lhes falta um ardente desejo exterior e a devoção, porque Deus está com vocês de um modo muito mais verdadeiro e amoroso do que com tantos outros de coração cheios de consolações*» (**31241**).

A boa vontade é uma qualidade indispensável para o reformador (Reforma): «*Quem não tiver boa vontade e reta intenção, será incapaz de reformar os bons costumes. E quem tiver apenas bondade natural*

e reta intenção, não poderia reformar os costumes; nem que tivesse bondade gratuita e reta intenção, mas não tivesse intenção sumamente boa e perfeita» (**31816**).

Da mesma forma, a boa vontade é necessária para alguém poder ser escolhido como ajudante do reformador (Reforma): «.. *você deve procurar outras pessoas que sejam inteligentes e, acima de tudo, de imensa boa vontade, não se preocupando se elas são muito pobres, velhas e doentes*» (**31826**).

À boa vontade do homem corresponde o auxílio divino: «... *a intenção sumamente boa e reta merece a ajuda de Deus*» (**31818**); «*É preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará*» (**31822**).

Voluntarismo zaccariano. Chama a nossa atenção, mesmo se lermos superficialmente os *Escritos* de Antônio Maria, quantas e quantas vezes aparece o verbo querer e similares: cerca de 120 vezes! O uso tão freqüente deste verbo só nos pode sugerir uma concepção voluntarista da vida espiritual. O mestre de Zaccaria, Frei Batista de Crema, foi acusado de semipelagianismo (o erro de Cassiano, autor tão querido de Carioni e de Zaccaria), por sua exagerada insistência na vontade humana. Antônio Maria usa de modo mais equilibrado os dois termos: liberdade (Livre arbítrio) e graça; mas nos *Escritos* continua a tendência a acentuar o esforço que o homem deve dedicar à obra da própria santificação: «*Veja bem: a liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar!*» (**20515**).

Para ilustrar a insistência de Zaccaria sobre a importância da vontade, basta citar alguns textos nos quais aparece o verbo querer.
A conclusão do Sermão 2 é uma espécie de ladainha do querer: «*Sua conclusão, portanto, deve ser esta: quero viver como homem espiritual, quero tornar-me um mesmo espírito com Deus (1Cor.6,17), quero que a minha pátria seja o céu (Fl.3,20); quero ter Deus sempre no meu coração. Sei que posso, é difícil, mas eu posso! Eu quero por freios na*

minha língua! Não quero jurar e, quando isso for preciso, quero jurar só o que for verdadeiro e justo. Não quero mais adular, porque aqueles que elogiam demais o homem, estão enga-nados. Nunca mais serei fingido, porque Deus fala aos simples (Pr.3,32). Não quero nunca mais mentir; porque, desse jeito, eu seria filho do demônio, que é mentiroso, desde o começo não esteve do lado da verdade e é pai da mentira (Jo.8,44) e eu, por conseguinte, estaria vivendo no reino dele e seria sua herança» (**20226**).

Nos *Escritos* são muitas as perguntas que começam por você quer ou vocês querem: «*Você quer chegar à perfeição? Quer ser, pelo menos, um pouquinho espiritual? Quer amar a Deus, ser seu bom filho e ser amado por Ele?*» (**20424**); «*Se você não quer cair na água, não se aproxime dela. Se não quer desrespeitar os mandamentos, observe os conselhos. Quer evitar os pecados graves? Fuja dos leves. Quer até fugir dos pecados leves? Deixe de lado as coisas lícitas e permitidas...*» (**20621**); «*Vocês desejam a compunção?... Querem a humildade?... Querem a paciência?...*» (**31010**); «*evitem* [não queiram] *esconder alguns pecados por vergonha*» (**31223**).

Nas Cartas encontramos com freqüência a expressão «se quise rse quiserem»: «*Certamente que Ele não lhe negará sua opinião, se você* [quiser] *insistir; aliás, eu lhe garanto que Ele atenderá os seus pedidos*» (**10303**); «*Aviso-o sobre isso e lhe indico o modo de ser um bom Cristão, se for isso que você quer - eu acho que sim - ...*» (**10311**) «*Se vocês quiserem, serão, desde já herdeiros e filhos legítimos do nosso santo pai e dos grandes santos*» (**10712**); «*... se você quiser, pode fazer--me viver feliz, dando-me esta alegria ...*» (**11009**); «*Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos*» (**11106**).

O voluntarismo zaccariano tem seu ápice na belíssima expressão que resume todo o esforço do homem na vida do espírito: «*querer Cristo*» (**cf.10505**).

APÊNDICE

Santo Antònio Maria Zaccaria - Exame grafológico
Transcrito de MORETTI,G., I santi dalla loro scrittura, Paoline, Roma 1975, pp. 85-89
Para uma visão mais completa consulte:
CAGNI,G.M., Anyônio Maria Zaccaria Homem,Rio de Janeiro 2017, edição interna (disponível impresso e em pdf.

Inteligência: Quantitativamente superior, exata no julgar os resultados das inteligências dos outros, muito objetiva. Tem grande tendência e habilidade para a exegese de vários gêneros: histórica, bíblica, literária. Muito original e cuidadosa principalmente no que se refere à substância das coisas, sem desperdícios no que concerne aos detalhes. Tem habilidade e tendência à organização conceitual e executiva. Tem inclinação para as ciências. Poderia tanto dedicar-se à arte literária com alguns motivos líricos e à arte musi-cal, quanto a entregar-se à miniatura e à sua mecânica; ms a pessoa é levada principalmente para o científico, o que absorve quase inteiramente sua inteligência. Tem a tendência e a habilidade para a psicologia teórica e prática.
Caráter: fundamentado na solidez de propósitos com alguma pequena tendência para a fraqueza; tal fraqueza, porém, está bem escondida e quase anulada por uma adequada capacidade de decisão, por austeridade e principalmente pela reflexão. Tendência ao orgulho e à ambição de se destacar e; tem muita força para autocontrolar-se e para quebrar quaisquer pretensões do «eu». Facilidade oara enternecer-se sexualmente e inclinação a ceder ao sexo, mas dispõe de igual tendência à austeridade dos costumes. É inclinado à ira, mas ela é controlada pela reflexão.

Não é de modo nenhum levado a fingir ou a mentir; tampouco deixa transparecer seu âni-mo, nem é levado facilmente a admitir a sua falta de ânimo. Afetivamente, se se tivesse casado, teria sempre

mantido bem diferenciada sua personalidade da de sua mulher: jamais ter-lhe-ia permitido exprimir juízos sobre coisas concernentes à sua profissão, embora lhe fi-zesse todas aquelas confidências que servem para consolidar a afetividade entre os dois.

Não é do tipo de quem se deixe dominar pelos impulsos da natureza. Com freqüência suas tendências entram em confronto, mas a pessoa nunca perde o controle de si mesma. A facilidade para o enternecimento sexual poderia conduzi-la a fazer concessões ao favorecimento; mas tal facilidade, levada pela finura da inteligência e do sentimento, pela exatidão do juízo e pela força de caráter, pela austeridade e pela ponderação e finalmente pela arte da organização, poderia elevá-lo a um misticismo singular que o torna sereno. Sua se desracar de se destacar se tornaria inconscientemente satisfeita, isto é, já não teria motivo para atormentar a pessoa com seus argumentos ilusórios.

Devido à força intelectual que o distingue e à retidão de seu caráter, a pessoa poderia ele-var-se a tamanha altura moral que se tornaria imensurável pela psicologia ordinária. Não é vítima dos excessos, porque as suas tendências contrastantes se unem e se fundem para al-cançar, de modo admirável, um único objetivo. Tem o impulso para não admitir observa-ções sobre suas ações e um quê de vingança refinada. Mas tem sempre pronta, a adverti-lo e a orientá-lo, a reflexão.

ÍNDICE GERAL

A 015-047
B 049-051
C 053-091
D 093-109
E 111-129
F 131-141
G 143-155
H 157-160
I 161-173
J 175-177
L 179-188
M189-204
N 205-209
O 211-226
P 227-259
Q 261-263
R 265-274
S 275-293
T 295-306
U 307----
V 309-341

ÍNDICE TEMÁTICO

A (19 temas)
015 Ação
016 Adaptar-se
017 Adultério Espiritual
018 Agradar / Contentar
019 Alegria
022 Amizade com Deus
024 Amor
026 Amor Próprio
028 Anátema
029 Anjos
030 Apostolado
036Apóstolos
037 Aridez
038 Artes Mágicas
039 Ascender
040 Ascese
042 Atributos de Deus
044 Avançar
046 Avareza

B (2 temas)
049 Basta
050 Bem-aventurança

C (23 temas)
053 Cárcere/Prisão
054 Caridade
056 Castidade
058 Combate Espiritual

061 Compunção
062 Conferência
064 Confissão
067 Conhecimento
069 Conselhos / Preceitos
071 Consolação / Desolação
072 Constituições
075 Contemplação
077 Conversão
078 Coração, Cela do
079 Correção Fraterna
080 Correr
081 Costumes
082 Crescer
082 Crucificado
086 Cruz
087 Culpas
089 Cume / Ápice
091 Curiosidade

D (12 temas)
093 Demônio
095 Desejo
096 Deus Pai / Mãe
097 Dever
099 Devoções
100 Discrição / Discernimento
102 Distração / Dissipação
103 Divinização
104 Doçura
105 Domínio / Ruptura da vontade
105 Duplicidade / Simplicidade
107 Dúvida

E (12 temas)
111 Elevação da Mente
112 Eloqüência
113 Encarnação
114 Escrúpulo
115 Espírito Santo
117 Espíritos, Variedade de
118 Estabilidade da Mente
120 Estudo
122 Eucaristia
124 Exame de Consciência
126 Exercício Espiritual
127 Experiência

F (5 temas)
131 Fariseus
132 Fé
133 Fervor
138 Filhos Legítimos / Bastardos
139 Filosofia

G (6 temas)
143 Ganho / Utilidade
145 Generosidade
148 Gostar / Saborear
150 Graça
152 Gradualidade
153 Gula

H (3 temas)
157 Heresia
158 Homem Interior / Exterior
159 Humildade

I (9 temas)
161 Idolatria
161 Imitação
164 Impossível
165 Indecisão
166 Iniciat1iva
167 Insensibilidade
168 Instinto Natural / Espiritual
169 Intenção
171 Ira

J (1 tema) Idolatria
175 Jejum

L (9 temas)
179 Lei
180 Leitura à Mesa
180 Leitura/Lição da Sagrada Escritura
181 Lembrança de Deus
183 Liturgia
185 Livre-arbítrio
186 Livro
187 Luz e Fogo

M (10 temas)
189 Mandamentos
189 Manifestação / Abertura ...
193 Maria Virgem
194 Martírio
195 Matrimônio
196 Mediação humana
197 Meditação
199 Mestre
201 Mortificação
203 Murmuração

N (2 temas)
205 Natureza
207 Negligência / Diligência

O (7 temas)
211 Obediência
212 Observâncias
214 Oficiais
217 Olho Interior
217 Opróbrio/Humilhação
218 Oração
224 Ordem da Vida Espiritual

P (15 temas)
227 Paciência
228 Padres, Santos Padres
230 Pai / Diretor Espiritual
233 Pais / Chefes / Guias
236 Paixões
238 Paulo Apóstolo

242 Pecado
244 Penas
247 Perfeição
248 Perpetuidade da Oração / Oração Contínua
249 Pobreza
251 Potências da Alma
253 Prazer
253 Preceito Festivo
255 Profissão
256 Provas / Provações
257 Proveito/Progresso Espiritual
259 Providência

Q (2 temas)
261 Quarenta Horas
261 Quietude /Serenidade

R (6 temas)
265 Recolhimento
265 Reconhecimento / Gratidão
266 Reforma
269 Religião
272 Rotina
273 Ruminar

S (12 temas)
275 Sacrifício
275 Sagrada Escritura
278 Santificação
279 Santos
283 Segredos
284 Sentidos externos
285 Sentidos internos
286 Sentidos ocultos
288 Seqüela
290 Silêncio
291 Soberba
292 Solicitude

T (3 temas)
295 Temor
298 Tibieza
306 Tributo (do coração, ...)

U (1 tema)
307 União

V (12 temas)
309 Vergonha
310 Via/Caminho da cruz
312 Via/Caminho das Criaturas / da Separação / do Meio
321 Via/Caminho de Deus
324 Vício Predominante
325 Vícios Capitais
327 Vida Espiritual Verdadeira
328 Vida Espiritual, Graus
330 Vigília
331 Virtude
333 Vitória de si mesmo
335 Vocação

ÍNDICE DAS FOTOS E ILUSTRAÇÕES

001 Nossa capa = Santo Antònio Maria Zaccaria fala aos leigos - Reprodução da capa da edição original em italiano, por José Carlos da Silva Vieira, Rio de Janeiro 2022
048 Página com manuscrito do Fundador
051 Reprodução da capa
052 Logo da Congregação
092 O Fundador e o Crucificado
109 Jovens cheios de dúvidas (Kmagem de IA)
110 Estátua do Fundador
129 Brasão da família zaccaria
130 Jovem pulando na água
141 Jovens estudanres (Imagem de IA)
142 O Crisro Crucificado
155 Jovens gulosos (Imagens de IA)
156 Santo Alexandre Sauli
173 Algumas formas de idolatria (Imagens de IA)
174 Indecisão (imagem de IA)
177 Penas e punições (Imagens de IA)
178 Penas e punições (Imagens de IA)
204 Santuário Nacional de Aparecida
209 Reações naturais boas (Imagens de IA)
210 Reações naturais ruins (Imagens de IA)
260 Pêgo no erro, arrepemdodo, como corrigir, alegre pelo perdão (Imagem de IA)
264 Quarenta Horas de Adoração
293 Lectio Divina (Imagens de IA)
294 Lectio Divina (Imagens de IA)
308 A distração nos divide (Imagem de IA)

Considerações finais

Primeiramente, nossos agradcimentos ao padre Hilário Passero, salesiano de Sçao Paulo, que terminou a tradução que serviu de base para esse presente trabalho em março de 1997. Leiam o que ele escreveu, terminado o seu trabalho:

1. É sempre um privilégio conhecer, falar, pensar, conviver com Santos.
2. Cada Família Religiosa tem sua fisionomia. Não só espiritual; também vo-cabular. Muitas expressões precisarão ser retocadas, mesmo sob este aspec-to. As Filhas e Filhos deverão fazê-lo...
3. Para uniformidade, toda tradução de textos de s. Antônio Maria Zaccaria foi minuciosamente conferida com o original e com a tradução já existente. Unificou-se onde foi possível, não deixando de optar pela maior... clareza.
4. Nunca foi fácil conciliar linguagens diferentes: italiano de hoje, de ontem, de 1300-1500... Se tal se conseguiu, melhor. Sempre sobra muita coisa para a... segunda edição.
5. Glória à Família Paulina que possui tamanho Pai!

Sáo Paulo, 21 de março de 1997.
P. Hilário Passero, sdb

Nosso trabalho foi o de pegar a tradução do Pe. Hilário Passero e colocar a tradução num vocabulário mais acessível aos leitores de agora, além de colocar as citações do Fundador segundo a tradução dos Escritos de 2011 (2ª ed.), além de registrar cada citação indicando sua localização conforme a numeração dos parágrafos de cada Carta, Sermão e capítulo das Constituições. O Pe. Victor Baderacchi fez uma revisão desta tradução atual nos verbetes começados pelas letras de A a C.

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP
Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2023

É de se louvar o esforço dos nossos confrades Antonio M. Gentili e Giovanni M. Scalese quando, anos atrás, produziram esta jóia da Espiritualidade de Santo Antônio Maria Zaccaria.

Este livro é, portanto, um Dicionário de Espiritualidade, obra de consulta muito útil para quem deseja aprofundar seus conhecimentos sobre o Zaccaria e de suma importância para introduzir o Santo Fundador em todas as atividades pastorais que desenvolvemos, bem como nas homilias, pois sua espiritualidade "cabe" perfeitamente em tudo o que fazemos. Afinal, renovat o fervor cristão, os costumes é uma atividade que só acabará no final dos tempos.

PADRES E IRMÃOS BARNABITAS